

HERMINIO C. MIRANDA

COLEÇÃO  
HISTÓRIAS QUE OS  
**ESPÍRITOS**  
CONTARAM



as  
*Mãos* de minha *Irmã*

CORREIO FRATERNAL

© Herminio Corrêa de Miranda

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com a autorização por escrito da editora. (Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

1ª edição eletrônica: setembro de 2020

**Coordenação Editorial:** Cristian Fernandes

**Capa:** André Stenico

**Projeto gráfico de miolo:** Bruno Tonel

**Projeto eletrônico:** Joyce Ferreira

**Revisão:** Clarissa Penna

ISBN 978-65-86480-14-6

### **As mãos de minha irmã | Herminio Corrêa de Miranda**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização dos detentores dos direitos autorais.

Editora Espírita Correio Fraternal

Av. Humberto de Alencar Castelo Branco, 2955

CEP 09851-000 – São Bernardo do Campo – SP

Telefone: 11 4109-2939

correiofraternal@correiofraternal.com.br

www.correiofraternal.com.br

Vinculada ao  **LAR da CRIANÇA  
EMMANUEL** [www.laremmanuel.org.br](http://www.laremmanuel.org.br)

HERMINIO C. MIRANDA

COLEÇÃO  
HISTÓRIAS QUE OS  
**ESPÍRITOS**  
CONTARAM



as  
*Mãos* de minha *Irmã*

# Sumário

Como e por que este livro foi escrito

Prefácio

1. A filha de Ho-San

2. A escrava

3. La Dama del Vestido Rojo

4. O vinho

5. À procura de Lídia

6. O batismo

7. O milagre que não houve

8. O massacre

9. As mãos de minha irmã

10. O mercador da Samaria

11. Angélica e a fé

12. “Eu me servi do Cristo”

13. Golpe de misericórdia

14. “Quem sou eu?”

15. Domênica, Horatius e a ponte

16. Dolores

17. A promessa

18. A menina no fundo do barco

19. O espelho da alma

20. As três dracmas

# Como e por que este livro foi escrito

Herminio C. Miranda

No capítulo 23 de *O evangelho segundo o espiritismo* – ao qual deu o título de “Estranha moral” – Allan Kardec reuniu suas observações pessoais sobre certas passagens evangélicas consideradas por alguns como de difícil interpretação ou entendimento.

A primeira delas é aquela em que o Cristo parece proclamar ser necessário odiar toda a parentela humana para segui-lo, como se vê no texto de Lucas (14:25-27 e 33). Mateus, porém, redige a informação de maneira mais sucinta e afirmativa, como se lê no capítulo 10, versículo 37: “Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, de mim não é digno.”

É claro que o Mensageiro Supremo da doutrina do amor não poderia exigir de seus seguidores o ódio aos familiares. Se é que a palavra escrita por Lucas é mesmo odiar, então, como observa Kardec, é preciso despojá-la “da sua acepção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus”.

“O texto de Mateus, aliás – escreve Pezzani em nota de rodapé –, afasta toda a dificuldade.”

Em outra ocasião, ainda segundo Mateus e Lucas, Jesus anuncia as recompensas espirituais à espera dos que hajam deixado, para segui-Lo, a casa, a família e os bens terrenos. Lembrou, ainda (Lucas 9:61-62), que “aquele que pusesse a mão no arado e olhasse para trás não estava pronto para o reino de Deus”.

A outro que lhe pedira permissão para enterrar o pai antes de segui-lo, Jesus adverte que é mais importante “anunciar o reino de Deus”, pois os mortos cuidariam dos mortos. De fato, livre do corpo, que é apenas matéria,

o espírito receberá de outros desencarnados a assistência de que necessitar e à qual tenha feito jus pelo seu comportamento durante a jornada terrena.

Finalmente, há os textos em que, novamente, Mateus e Lucas reproduzem expressões nas quais o Cristo declarou não ter “vindo à Terra trazer a paz e sim a espada”. E prossegue no dizer de Mateus (10: 34-35): “Porquanto vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha, de sua sogra a nora; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa.”

Mais uma vez, é o comentário lúcido e objetivo de Kardec que situa o problema nos seus exatos contornos:

“Essas palavras de Jesus – escreve o codificador – devem, pois, entender-se com referência às cóleras que a sua doutrina provocaria aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como referentes a um desígnio seu assentado de semear a desordem e a confusão. *O mal viria dos homens e não dele*, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.” (Destques meus.)

Ao escrever este prefácio,<sup>1</sup> mais de vinte anos decorreram desde que li pela primeira vez o capítulo 23 de *O evangelho segundo o espiritismo*. Jamais tive dúvida alguma em aceitar as soluções que Kardec propõe para as aparentes dificuldades de interpretação dos textos citados. Não apenas são lógicas como se ajustam perfeitamente aos postulados da doutrina dos espíritos e ao que sabemos da personalidade de Jesus e de seus ensinamentos nos próprios Evangelhos e em inúmeros documentos de insuspeita origem mediúnica.

Voltei inúmeras vezes a *O evangelho segundo o espiritismo* e, certamente, ao capítulo 23, pois esse é o livro básico do culto doméstico que há longos anos realizo na intimidade do lar. Nunca imaginei, porém, que me estivessem reservados a oportunidade e o privilégio de testemunhar exemplos vivos de situações que atestariam a trágica precisão daquilo que tão enfaticamente proclamara Jesus.

É para partilhar com o leitor um pouco dessa experiência pessoal que decidi escrever este livro.

Antes de prosseguir nestas breves notas, não obstante, precisamos fazer um pequeno pacto, o leitor e eu. Explico-me.

As histórias que compõem esta coletânea são reais. Não existe nelas um traço de fantasia, retoque ou embelezamento para abrandar-lhes o impacto ou adoçar-lhes o conteúdo. É como se fossem recortadas, com todas as agonias que isso implica, do tecido vivo das lembranças, num momento em que, por maior que seja o seu esforço inicial em negacear e até em trapacear, o espírito é impelido compulsivamente a dizer a verdade, por mais desagradável e difícil que lhe seja. Essa hora da verdade, ponto em que termina a fuga e começa a longa caminhada de volta à sanidade espiritual, é alcançada pelo processo delicado da regressão de memória. Perdido nas sombras de seus desvarios, o espírito precisa descer ao porão tenebroso das suas memórias mais secretas para identificar a razão das suas angústias e enfrentar a realidade de seus fantasmas interiores, de seus remorsos, de seus crimes.

É um momento grave e solene que precisa ser vivido e presenciado com dignidade e respeito ao ser que ali está expondo suas feridas mais íntimas. É também um momento que exige incansável paciência, considerável tato, a dose certa de energia e, acima de tudo, uma comovida e terna capacidade de amar da parte daqueles que acompanham o doloroso processo de catarse.

É também, e finalmente, um momento de luminosas esperanças e, por tudo isso, da mais profunda religiosidade, porque ao entender-se com a sua consciência atormentada, o ser fala com o próprio Deus.

Não estranhe, pois, o querido leitor, certas reticências e o cuidado compreensível de fugir a identificações reveladoras, que talvez acrescentassem um tom maior de autenticidade ao relato, mas também lhe emprestariam indesejável conotação de sensacionalismo barato de novela de segunda classe. Optamos pelo anonimato deliberado, que a tudo e a todos deve proteger. O grupo mediúnicó é anônimo, tanto quanto são anônimos os seus participantes e os espíritos manifestantes, bem como anônimos devem ficar a natureza e os objetivos do trabalho desenvolvido. Não porque haja em tudo isso algo de extraordinário, diferente, maravilhoso, ou que sejam excepcionais os seres encarnados e

desencarnados que compõem o grupo; sem prejuízo, no entanto, das lições vivas que colhemos de tão dolorosos episódios, o respeito à dor alheia exige de todos a caridosa contribuição de sigilo e discrição.

Não há, pois, nomes neste livro, nem pretensões maiores senão a de transmitir a mensagem sempre nova, porque eterna, da valorização do amor, a força universal que cria e sustenta o Universo, essência de Deus, aquele “elemento primordial (em que) vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano”, no dizer tão belo de André Luiz, nas palavras iniciais de *Evolução em dois mundos*.

Não foi possível, obviamente, evitar que meu nome figurasse como autor de uma obra que, na realidade, não é minha, que apenas copiei da vida. Alguém precisa assinar um livro que sai para o mundo e somente por essa razão um nome nele aparece. Meu envolvimento pessoal nos dramas, cujos fragmentos são aqui relatados, explica-se pela razão muito simples de que participei, com todas as reconhecidas limitações que ainda me pesam, de um pequeno e anônimo grupo mediúnico, ao qual amigos espirituais muito amados traziam companheiros desatinados para dialogar conosco. Experimentamos a felicidade, certamente imerecida, de partilhar das alegrias infinitas de resgatar alguns daqueles irmãos atormentados. Não estivemos em busca de projeção, nem de sensações ou recompensas, porque o trabalho do amor em si mesmo remunera o servidor.

Não há, pois, nomes a citar. Por absoluta necessidade de clareza expositiva, tivemos que fixar alguns rótulos singelos: o espírito manifestante, os benfeitores espirituais, o médium, o doutrinador, os participantes, o grupo mediúnico. A não ser isso, e a conseqüente supressão de certas identificações geográficas ou históricas, bem como um mínimo possível de ajuste gramatical, o relato é a fiel reprodução dos diálogos gravados, da primeira à última palavra, em fitas magnéticas de longo curso, com aparelhos especializados. Resolvemos até mesmo sacrificar um pouco a correção gramatical das falas, em favor da espontaneidade do diálogo, todo ele desenvolvido ao calor do momento, sem enfeites literários, sem preocupações semânticas, sem nenhum artifício destinado a produzir efeito. É a conversa livre, às vezes enfática e até apaixonada, mas em toda a pureza

da sua autenticidade. O leitor há de relevar, portanto, umas tantas incorreções, as constantes repetições e a mistura de tratamento (o tu e o você) – coisas que os gramáticos encaram com mal disfarçado horror, mas que o povo consagra naquele seu jeito irresistível de modificar a língua que fala ao sabor da sua fantasia e do seu gosto.

Esta é, pois, uma coletânea de depoimentos pessoais. O leitor perceberá facilmente por que estas explicações introdutórias abrem-se com a apreciação do capítulo 23 de *O evangelho segundo o espiritismo*. Encontraremos em algumas dessas histórias aqueles que, por amarem mais ao pai, à mãe, à esposa, à filha ou ao filho do que ao Cristo, acharam que era preciso odiar o Mestre. Veremos aqueles que receberam as suas centuplicadas recompensas por terem tido a coragem extrema de romper com os seus, abandonando a casa, a família e os bens terrenos, para seguir os passos do Nazareno. Identificaremos aqueles que puseram as mãos no arado, mas olharam para trás e, com isso, verificaram que “não estavam prontos para o reino de Deus”. Ou melhor: ainda não estavam prontos... Conheceremos aqueles outros que abandonaram até os seus mortos para “anunciar o reino de Deus” e aqueles que, mais que literalmente, tomaram da espada de que falou Jesus e declararam guerra aberta, não apenas aos seus familiares – ao filho, à esposa, à mãe – que optaram pelo Cristo, mas, ainda, a todas as criaturas que trouxessem o ‘maldito’ estigma da cruz. “Cruzei a minha espada sobre o símbolo da águia – nos disse um deles –, e jurei combater a famigerada malta dos cristãos até que o solo de Roma estivesse limpo e na poeira não restasse a marca de um pé cristão!”

Testemunharemos, assim, arrependimentos dolorosos, remorsos aflitivos, a sensação do tempo perdido, das oportunidades desperdiçadas, a agoniada contemplação da distância que, ao longo dos séculos, cresceu entre os que foram com o Cristo e os que ficaram contra Ele. E as dores, as saudades, os amores que, inexplicavelmente para eles, resistiram a tudo em seus corações atormentados. Veremos devotamentos incansáveis, amores sublimados, reencontros emocionados que tiveram de aguardar milênios...

E testemunhando tudo isso, ali, ao nascedouro de fundas emoções,

partilhando com aqueles seres amados suas aflições e suas esperanças, quem há de pensar em outras recompensas senão a de servir mais? Quem vai pretender inscrever seu apagado nome para que os homens saibam que ele é bom e justo e melhor do que o irmão que sofre? Deus sabe que ele serviu. O Cristo sabe. Como sabe também que ele não é nem bom como pensa, nem justo como gostaria, nem melhor como supõe. Mas isso o Cristo não diz, primeiro por caridade; segundo, porque são precisamente os coxos que estão em condições de ajudar os cegos; terceiro, porque foi para todos esses – ou seja, para todos nós – que ele veio aqui, pessoalmente, trazer a sua mensagem imortal.

É por tudo isso que resolvi contar essas histórias que os espíritos nos contaram. São trágicas, “é certo; são extremamente dolorosas, mas é das sombras dessas tragédias e dessas dores superlativas que emergem renovadas esperanças e que se revela, em toda a sua beleza, a maravilhosa perfeição das leis universais do Amor.

---

<sup>1</sup> Essa obra foi publicada originalmente em 1980 pela editora LEAL, de Salvador, BA, com o título *Histórias que os espíritos contaram*. Na figura do médium Divaldo Pereira Franco e do seu presidente Nilson de Souza Pereira, a editora LEAL cedeu gentilmente os direitos de publicação para a editora Correio Fraternal. Dessa forma, a obra passa a integrar e completar a coleção “Histórias que os espíritos contaram”, em conjunto com os livros *O exilado*, *A dama da noite* e *A irmã do vizir*. (N. E.)

# Prefácio

Joanna de Ângelis

Caro leitor,

O presente volume traz-nos à meditação histórias que são vidas e que a morte do corpo não logrou consumir.

Fazem reviver os dramas que culminaram em tragédias, envolvendo suas personagens no cipoal de largas aflições, cujos efeitos repontaram em reencarnações que se sucederam dolorosas, aguardando a regularização dos erros, o enobrecimento desses espíritos equivocados.

Os atos são os juízes de todos nós.

Transferem-se de uma para outra existência as conquistas ditosas, como as infelizes, que assinalam profundamente os seus agentes.

Passam-se os anos, os séculos, e até os milênios, na Terra, estagiando-se no corpo ou fora dele, sem que a paz se agasalhe no espírito endividado, senão quando o amor luz como bênção e o arrependimento sincero lhe faculta o refazimento do caminho percorrido anteriormente com alucinação, agora conquistado através da realização do bem libertador e da caridade santificante.

Ninguém que transite pelo mundo em caráter de exceção... Todos possuímos débitos em relação à Vida.

A tarefa mediúnica com Jesus, de esclarecimento aos espíritos infelizes, é dos mais enobrecidos cometimentos com que a doutrina espírita ora nos honra o processo evolutivo.

Graças a esse intercâmbio lúcido, programado pelos benfeitores espirituais, incontáveis companheiros, desencarnados ou não, na retaguarda, vencidos pelo desespero e pela dor, encontram a psicoterapia desalienadora e a

diretriz de felicidade para superar as paixões dissolventes a que se entregam.

Após o diálogo abençoado, em que o desencarnado em sofrimento expressa pela psicofonia a sua angústia e recebe a palavra amiga do evangelizador, eis que amanhece esperança na noite tormentosa em que se debate, concitando-o ao serviço da própria redenção...

Todavia, não somente para ele, mas também para os enleados na trama em que se envolve, apesar de domiciliados no corpo somático.

Saudamos, portanto, neste livro, um brado oportuno de advertência, um convite à reflexão para todos nós, tanto de um como do outro plano da vida, a fim de que, não obstante todas as conquistas do humano conhecimento, nesta hora de graves responsabilidades para a humanidade, não nos esqueçamos que só Jesus prossegue sendo “o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na sessão mediúnica da noite de 30 de janeiro de 1980, no Centro Espírita Caminho da Redenção (Mansão do Caminho), Salvador, BA.

# 1. A filha de Ho-San

Observemos, neste caso, a relutância inicial, a verdadeira resistência que o espírito oferece ao esforço do doutrinador em levá-lo ao passado. O diálogo é reproduzido a partir do ponto em que ele começa a expressar sua recusa a encarar a dura realidade de seus compromissos.

– Não há problema algum. Eu quis assim. Foi uma escolha. Cansei dos homens, da vida, de tudo.

– Cansou até de você mesmo.

– Cansei. Mas aí, o que você vai fazer? Tem que continuar, ir para frente. Vivo num lugar onde não há dias, não há meses, não há anos; há uma eternidade terrível, uma monotonia que não passa e você não tem nem uma noite para ver que no outro dia vai o sol raiar e talvez seja diferente. Você sabe que não. É só aquilo.

– É claro, pois você não tem esperança... Quem pode viver sem esperança? Você diz que só existe o hoje, não tem passado.

– Aquilo não é uma esperança, meu amigo, é uma realidade. A realidade é essa que estou dizendo a você.

– Não, meu filho. Isso é uma ilusão total do seu espírito.

– É uma noite sem dia; nunca vai raiar o dia.

– Mas não somos obrigados a ficar na noite. Somos seres da luz.

– É uma eternidade, uma passividade, uma coisa terrível.

– E como é que você diz que não há futuro?

– Você não sabe como é terrível esse tempo sem tempo. É horrível isso.

– É claro, você foge do tempo, porque está fugindo do passado.

– Você não pode imaginar como um relógio na Terra é importante. Com um relógio você tem a sensação de que possui o tempo, que pode controlar o tempo, você é dono das horas.

– Eu compreendo, meu querido. Sei muito bem o que você quer dizer. E,

no entanto, vem me dizer que é tarde para recomeçar. Como é que isso faz sentido?

– Você não pode nem recomeçar porque aqui não existe tempo.

– Não existe tempo enquanto você estiver nesse contexto, meu querido irmão.

– Aí onde está você ainda pode dizer: amanhã, amanhã eu dou outro jeito. Amanhã eu faço. Aqui, você não tem amanhã.

– Você também tem futuro. Neste ponto, meu querido irmão, é que eu te pedi e repito aqui o apelo. Deixa-nos ajudá-lo a sair desse dilema, desse círculo vicioso. Há saídas.

– Meu amigo, estou numa esfera atemporal, onde não há nada e há tudo ao mesmo tempo.

– Isso não faz sentido algum. Você está fazendo jogo de palavras. Você não tem uma atividade?

– Tenho, tenho. Mas eu já disse: é um tempo sem tempo. Horrível!

– Mas, e o seu passado? O que ele te ensinou?

– Que importância tem esse passado que já passou?

– É do passado que viemos.

– Onde está esse passado? Se aqui não existe ontem como é que você quer passado? Aqui onde vivo, não existe.

– Meu querido, deixe-me lembrar mais uma vez. Você veio aqui hoje porque tem um pouco de esperança. Vamos nos agarrar nessa esperança que você traz para procurar te ajudar, te servir. Tenha a coragem de aceitar as coisas, meu querido irmão.

– É como procurar agulha num palheiro, meu amigo. Você não vai encontrar nada.

Refere-se à dificuldade em encontrar as verdadeiras causas das suas angústias.

– Escute. Somos filhos de Deus criados da mesma maneira, “simples e ignorantes”, como ensina a doutrina de Jesus. Somos livres, como você disse, pelo livre-arbítrio, para fazer as nossas escolhas; somos responsáveis pelos nossos atos. Então, meu querido irmão, a qualquer momento de nossas vidas, como neste momento em que você está aqui, neste presente,

– você pode tomar uma decisão para mudar a sua vida. Você não é obrigado a ficar prisioneiro do tempo.

– Todos nós somos prisioneiros do tempo. Vocês aí é que têm ilusão de que o possuem porque têm relógio, um dia, uma noite...

– Estamos lutando contra as nossas prisões do passado. Você, não; você entregou-se a elas, cruzou os braços. Você acha que não é capaz de realizar o bem, quando isso não é verdadeiro. Você é tão capaz de amar, de realizar o bem, de conseguir o amor, como eu, como qualquer um de nós. Isso depende das suas matrizes mentais. Agora, se você não se preocupa com o aspecto moral das suas ações, então vai continuar preso a esses esquemas por séculos e séculos. Há quanto tempo você está nessa organização?

– O que é o tempo, meu amigo? Pois não acabei de dizer que aqui não existe tempo e você quer que eu diga há quanto tempo?

– Eu sei, mas quando foi a sua última existência na carne? O que você fazia aqui entre nós, quando esteve na carne? Quem você era, onde viveu? Vamos à sua personalidade profunda, o verdadeiro ser que você é, não a essa alucinação em que você vive.

– É isso que eu sou, meu amigo: essa alucinação em que vivo.

– Certo. Isso você é agora, mas antes não era. Por que você foi conduzido a isso? Porque deixou de tomar algumas decisões em favor do seu espírito, deixou de lutar, cruzou os braços. E agora vem me dizer que é forte? Você está sendo fraco, quando tem todas as forças de Deus dentro de seu espírito. (Um esboço de sorriso.) É sim, meu filho. Me ajuda, para que eu possa te ajudar. Quero te servir; estou aqui como um companheiro que também tem as suas dificuldades, seus problemas, seus desenganos, suas aflições, suas angústias, mas podemos partilhar as experiências que entre nós existem. Você tem algo a me dar e eu talvez tenha algo a te dar.

– Meu amigo, você não tem nada melhor do que eu já experimentei para me oferecer.

– O que você já experimentou?

– Tudo.

– O que você chama tudo?

– Tudo o que você possa imaginar.

– Então você foi bom também.

Sem querer, o doutrinador toca no ponto crítico da sua problemática: a deformada convicção de que o bem não compensa. O espírito faz uma pausa, tem um sorriso sofrido, e retruca, confirmando:

– E o que eu ganhei com isso?

O doutrinador agarra-se à oportunidade, à deixa:

– Vamos ver: em que a bondade te traiu? O que foi que te traumatizou a esse ponto? Como é que foi essa história?

Pausa. Ele hesita ainda. Faz um muxoxo e depois responde:

– A bondade sempre provoca traumatismo. Os homens não estão preparados para a bondade, meu amigo. Pode ser que estejam agora... Nem agora, no seu tempo, estão; nunca estiveram. Nunca souberam entender a bondade.

– Você está?

– Todos aqueles que foram bons, foram crucificados, de uma maneira ou de outra.

Outra oportunidade:

– Então você acha que o Cristo foi bom. Isso está certo. Isso acho que é positivo, mas vamos ver onde a bondade te deixou em situação de desespero. Me diga. Como foi isso?

Longa pausa e, depois, uma pergunta:

– Por que você quer saber? Que interesse você tem?

– O interesse pelo irmão, o desejo de servir, de ajudar. Pedi a você, com toda a humildade, que me ajude a te ajudar. Você só pode me ajudar voltando a esse passado, para colocar tudo e um outro contexto, meu querido. Você não pode simplesmente ignorar o que fez, o que foi, por onde andou, o que está tentando obter. Você não pode ignorar isso. Você é um ser humano com experiências humanas, tem amigos espirituais, tem criaturas que te amam, que se interessam pelo seu destino.

– Sei, mas onde estão elas?

– Você foge delas! Você se trancou num universo em que esta... esta... “boredom”, como se diz em inglês... (A palavra exata foge ao doutrinador. O espírito diz logo:)

– Chatice!

– É... A palavra não é muito apropriada, mas descreve bem a situação. Você se conformou com ela. Para fugir dela você realiza toda essa atividade alucinada. Então isso é maneira de fugir à chatice, como você chama?

Agora vem a palavra exata, da parte do espírito:

– É tédio, não é o que você quis dizer?

– Exato, o tédio... O amor não é tédio.

– Mas a realidade é um tédio constante.

– Não, meu querido. Não. Está enganado. Essa criatura – (ele, anteriormente, se referira a alguém) – é uma mulher?

– É uma mulher.

– Onde foi que vocês se encontraram?

– Por que você quer tanto saber?

– Meu querido, me perdoa. Não é curiosidade malsã. Não é desejo de te submeter a nenhuma humilhação...

– Meu amigo, não foi a única vez. Você pensa que foi? Pensa que um homem toma uma decisão dessas só com base numa ilusão? Só com uma decepção? Não. São várias.

– Você está fugindo da sua própria realidade. Vamos enfrentá-la com coragem.

– Preciso de coragem para enfrentar o quê, meu amigo?

– Você não me disse ainda onde foi que a bondade te falhou.

– Em vários lugares.

– Me diga um deles. Que foi que você fez de bom cuja paga não foi boa?

Começa, afinal, a desenrolar-se a história:

– Está ligado a essa menina que pensei encontrar aqui.

– Conta, por favor. Confia em mim.

Pausa e suspiro, e em seguida:

– Foi uma história, meu amigo, dos muitos dramas que existem aí espalhados pelo universo. Foi numa cidade espanhola. Eu era um rico proprietário de terras, muito rico. *Un rico Señor...* (Dá um pequeno sorriso triste. E prossegue:) Eu tinha uma família. E uma filha que era quase uma menina. Um dia, acolhi na minha fazenda, nas minhas terras, um

personagem que havia sido perseguido em outra cidade por causa de uma pequena revolução em que se metera. Eu o acolhi, eu o ajudei, fiz dele um membro da minha família. Eu lhe dei tudo: *status* social; até um título consegui para ele. Pois é... E qual foi a paga que tive dessa criatura que comeu ao meu lado, na minha mesa, partilhou da minha família? É... (Suspira. Pausa. A lembrança é, evidentemente, muito penosa). Por causa dele eu perdi essa minha filha.

– Como perdeu? Vamos! Ela fugiu?

– O que ela fez, para mim, não tem a menor significação, porque era uma criança. Mas ele a seduziu... (Longa pausa, hesitações.) Ah! Horrores!... Tínhamos, naquela época, você sabe, cofres onde guardávamos os bens. Não existiam os bancos que existem hoje. Ele a fez roubar os bens da família. E fugiu com ela. Eu, naturalmente, fui procurá-la. Procurei-a como um louco. Era minha única filha. Nela eu depositava todas as minhas esperanças, todos os meus sonhos. Não. Eu não a achei. E passou-se muito tempo. Eu o denunciei às autoridades, mas nada adiantou. Passaram-se os anos... Minha mulher murchou que nem uma flor, à qual você tira a água, o sol, e foi secando, e foi secando... Até que já não restava mais nada senão entregar a alma a Deus.

– É, realmente, uma história muito triste. Lamentável...

– Não, mas aí não está ainda tudo. Anos depois, eu me dirigia a uma outra cidade, sozinho. Para que me interessavam as terras e os bens se eu nada tinha, se meus maiores bens me haviam roubado?

– Sim, partira a esposa e você estava sem a filha.

– Fui um dia a uma cidade e a encontrei num albergue.

– Você a reconheceu?

– Não. Não àquele anjo que deixou a minha casa, mas a reconheci... algo desfigurada...

– Estava sozinha? Abandonada?

– Sim. Ele a prostituiu e abandonou-a. E fugiu, porque o que ele queria era o dinheiro.

– Você a retomou para cuidar dela?

Longa hesitação. Depois:

- Não.
  - Meu filho, você não era o pai dela? Que você fez?
  - Eu precisava vingar-me. O que fiz, então, foi procurá-lo que nem um louco para matá-lo, para picá-lo, para fazê-lo sofrer.
  - Você o achou? Ainda naquela vida?
  - Não. Não achei. E eu o tenho procurado.
  - Mas você o achou agora?
  - Não quero encontrá-lo em posições diferentes, porque a minha vingança terá que ser muito grande. (Desejava, pois, uma situação semelhante àquela em que estiveram na Espanha).
  - Sei. E ela, você nunca mais viu?
  - Retornei, depois, a tal cidade, mas não a encontrei mais.
  - Então, meu querido, você teve oportunidade de ajudá-la, mas não quis. Era sua filha! Porque você estava com ódio dele ela não merecia a sua ajuda? Mas, a pergunta não é tão relevante. A pergunta mais importante... Você me perdoa... Você acha que todo esse drama doloroso, essa tragédia lamentável, você a sofreu inocentemente?
  - Eu a encontrei depois, porque continuei a procurá-la, mas era tarde. Só pude levá-la de volta para enterrá-la. Morreu em meus braços, tuberculosa, o organismo totalmente podre. E, com isso, você vê que secaram as fontes de sentimento dentro de mim. Tudo secou, meu amigo, e daí poder falar nisso com frieza. Já não sinto mais...
  - Sente sim, porque você teve esperança de encontrá-la aqui hoje.
  - Esta noite... Não, esta noite... Projetaram em minha mente uma imagem dela, menina, bela, nos tempos em que éramos só nós três: eu, ela e a mãe.
  - Um momentinho... Perdoa a insistência na pergunta. Você acha que esse sofrimento todo foi inocente? Você não devia nada à Lei de Deus? Nunca fez, anteriormente, nada que justificasse isso?
- Pausa.
- Acredito que não, meu amigo. Eu amava deveras.
  - Não é isso. Você sabe da nossa responsabilidade perante a Lei. A Lei nos cobra as faltas porque ela exige o reajuste do equilíbrio do universo ao qual você se referia há pouco...

– Inés... Era assim que se chamava ela.

– Ah! Sim. Mas suponhamos que numa vida anterior você tenha feito semelhante desatino com alguém? De outra forma, não se justifica uma coisa tão bárbara, não é? Você acha que Deus pune os inocentes? Primeiro, que Deus não pune ninguém; apenas as leis nos cobram as nossas faltas. Então, meu querido irmão, se você passou por essa amarga experiência é porque...

– Os padres me falavam muito em caridade... Os religiosos... A que me levou a bondade?

– Espera um momentinho, meu querido. No seu passado não houve nada que justificasse isso?

– Ora, meu amigo, que interessa o passado quando você tem uma dor no presente?

– A dor do presente é consequência do nosso erro passado. Você sabe disso tão bem quanto eu.

– Mas isso aí não justifica nada. Não adianta você querer levar-me ao passado para saber. Isso não vai modificar o que aconteceu. Mesmo que eu tenha passado pela pena de Talião, meu amigo, isso não vai tirar a dor que eu senti.

– Sim, meu amigo, como não tirou também a dor daqueles a quem você causou semelhante decepção. Ou tirou? Quem sabe esses, a quem você feriu, te perdoaram?

– Eu causei? Mas como eu causei, se fui a vítima?

– Não. Anteriormente, numa outra existência. Você não admite isso?

– Ora! Não poderiam ter-se vingado numa filha minha. Então, porque não se vingaram de mim? Por que não me mataram? Por que ele não me matou? E não saqueou a casa e não partiu com o dinheiro?

– Porque não era isso que estava nos seus compromissos.

Pausa.

– Maldito! Mil vezes maldito!

– Espera. Vamos ver agora o que aconteceu antes.

– Eu queria que Satanás existisse e o Inferno fosse uma realidade! Por favor! Não adianta. Eu não vou a passado nenhum!

– Vai, sim. Vai, porque é preciso...

– Não me interessa o passado. Para que você quer saber de passado?

– Não sou eu. É você que precisa saber.

– Em que isso vai alterar a minha realidade, meu amigo? Eu já entendi. Sofri uma dor.

– Por que você a sofreu?

– Não interessa saber o porquê. Diminui a dor você saber por quê? Se você se corta com uma faca ou um canivete, diminui a dor saber qual foi o instrumento que cortou?

– Você passou por essa aflição, mas está com desejo de vingança. Quer matá-lo.

– Matá-lo é pouco.

– Você quer torturá-lo.

– Quero enlouquecê-lo. Quero que ele tenha as visões do seu crime.

– Sei. E quando você teve as visões do seu crime, você as aceitou?

Longo silêncio. Em seguida, uma pergunta:

– Você está sendo advogado do diabo, não é?

– Não, meu filho. Advogado seu. Quero te ajudar.

Silêncio. O doutrinador levanta-se para ajudá-lo com passes magnéticos.

– Você agora entende porque eu vim aqui. Me decepcionei porque não encontrei ninguém...

– Escuta. Você quer a sua filha. É muito justo.

– Queria saber, pelo menos, se ela está bem.

– Mas você não está bem...

– Não me interessa como eu estou. Que ela esteja bem é o que importa. (A presença do amor, a despeito de tudo).

O doutrinador começa a insistir no processo da regressão de memória, tentando conduzi-lo ao passado, onde estão as matrizes do sofrimento e da revolta. O espírito insiste:

– Não, meu amigo. Não existe passado. É uma perda de nosso precioso tempo, porque nada existe lá a modificar o que aconteceu. Posso ter sido o maior criminoso... (E após longuíssima pausa:) Que você está querendo de mim?

– Vamos mais para trás no tempo. Vamos buscar a causa dessa dor tão grande, no passado, numa vida anterior. Onde estiver o problema, você vai encontrá-la. Vem comigo. Confia em mim, tenha paciência, tenha coragem.

Após longo silêncio, já regredido no tempo, o espírito volta a falar:

– Laos. Acho que é um lugar.

Trata-se do país asiático localizado ao sul da China, entre Burma e a Tailândia, de um lado, e o Vietnam, de outro, no Norte do Camboja.

– Você vive aí?

– Vivo.

– Que você faz?

– Colho arroz.

– Quem é que vive com você? Você é casado? Tem filhos?

– Não. Não tenho.

– Vamos ver, então, o que se está passando com você. Me conte.

– Vivo com o velho Ho-San e sua filha.

– Você não é filho dele, então?

– Não.

– Você é jovem?

– Sou.

– A filha é muito bonita?

– É.

– Você gosta dela?

– Gosto.

– E você pretende casar-se com ela?

– Ela não quer, porque seu pai só tem a ela.

– Ele tem muito dinheiro? Ele é rico? Longo silêncio.

– O que é ser rico?

– Ter muitas coisas, muitas propriedades, muito arroz.

– Ele tem.

– Você não? Você é empregado, trabalhador?

– Eu não (tenho).

– Vamos ver, então, o que aconteceu. O que você fez? Você pediu para casar-se com a moça?

– Eu... Um dia, lá no arroz, eu a forcei... Ela lutou, caiu, bateu com a cabeça numa pedra e morreu.

– E o que você fez, depois disso? Fugiu?

– Eu tive medo. Sabia onde ele guardava as suas riquezas e precisava fugir e... Mas ele, preocupado com ela, que não chegava, surpreendeu-me no momento em que eu retirava... E ele olhou para mim sem compreender e disse: “Meu filho!” Tomei de uma faca e o ataquei. Eu não queria fazer aquilo!

– Sei. É claro. E ele morreu ali?

– E eu fugi.

– Então, meu querido. Agora vamos voltar ao nosso presente, aqui. Vem comigo, guardando as lembranças desses dois episódios, para que possa confrontá-los e concluir você mesmo.

– Estou com frio, com muito frio. Meus pés estão frios, gelados...

– Escute uma coisa. Quero que você entenda, por favor, a razão das suas dificuldades, da sua dor, da sua agonia na Espanha, confrontando-a com o episódio do Laos. Confronte os dois, porque você mesmo precisa concluir, não eu. Para saber se há ou não justiça nas leis divinas. Aquilo que você sofreu é sempre exatamente a réplica do que fez a outrem sofrer. Está entendendo agora?

– A que isso me leva, então? À inatividade. Comparar...

– Não, meu filho. Leva à conclusão de que você não sofreu inocentemente; apenas repôs as coisas perante a Lei.

– Mas eu sofri. Não interessa se foi inocente ou não. Eu sofri uma dor terrível!

– Mas você acha que ele também não sofreu, e a moça também, lá no Laos, esse sofrimento todo causado por você? Você acha que eles não sofreram nada? Ele te criou, te alimentou e sustentou. Você era um verdadeiro filho para ele e, no entanto, você assassinou, praticamente, a filha única que ele tinha. Então, o episódio se repete e você acha que não tem...

– Não. Ela não foi minha filha.

– Não teria sido a mesma criatura, o mesmo espírito?

– Não seria justo que ela morresse duas vezes.

Nesse ponto ele lembra, ou admite, um pormenor importante e diz:

– Sim, ela foi a esposa (na Espanha)...

– E ele? Está entendido agora, meu querido? Que você acha disso tudo?

– Mas eu fui bom para ele.

– Ele foi bom para você também. Você o matou porque queria o dinheiro dele.

– Ele não me matou; matou minha filha.

– Você matou a filha dele também, não é? Está entendido?

– Por que ele tinha que me fazer isso?

– Por que você tinha que fazer aquilo a ele? Você não precisava matá-lo, não precisava forçar a filha que não queria você. Compreendeu a simetria perfeita?

– Estou confuso! Estou perdido!

– Qual a conclusão que você tira disso tudo?

– Minha mente está confusa! Estou muito confuso!

E por fim, penosamente:

– Sou um réu; não posso fazer justiça.

– Estou de acordo com você nisso. Esse é o primeiro pensamento positivo que você tira de toda essa tragédia. Se você continua a vingar-se, o drama prossegue no futuro. Você terá decepções e vai achar que foi por causa da sua bondade que você sofreu, o que não é verdade. Isso é um raciocínio inteiramente falso, como você acabou de verificar. Está entendido? Agora, me faça uma coisa. Eu pedi anteriormente que você me ajudasse a te servir. Essa oferta continua de pé. Queremos te estender a mão...

– Sinto uma dor profunda, aqui no coração.

– Sei. Mas creio que o espírito dessa moça não tem nenhum rancor por você e deseja realmente esse reencontro. Esteja preparado para ir ao encontro dela.

– E a esposa, a minha esposa? Ela me amava...

– Continua a te amar, da mesma maneira. O fato de ela ter morrido fisicamente não quer dizer que também tenha morrido em espírito. Em algum ponto ela deve estar à sua espera. Você gostava dela, não é? Era uma

boa esposa.

– Eu a amava. Éramos tão felizes!

– Vamos fazer uma coisa. Eu sei que isso tudo te causou uma grande confusão e uma grande perplexidade. Segue com os nossos companheiros aqui presentes...

– Eu sou culpado. Agora vejo claro. Eu não lhe disse tudo. Ele quis casar com a minha filha, mas... Ele não tinha, para mim, posição e qualidade. Talvez, se eu tivesse concordado, nada teria acontecido.

– Certamente. Mas deixa dizer-te uma coisa que é muito importante. Esse remorso...

– Ela lhe teria restituído os bens; ela era a minha única herdeira.

– Pois é. Você teria netos e uma felicidade total com sua esposa. Essa oportunidade você deixou escapar, mas...

– Tudo isso é uma loucura! Isso a que você chama de ética. E essa ética da Lei...

– Escuta, meu filho. Não vamos discutir filosofia agora. Estamos tratando aqui de emoções, de sentimentos; deixa a filosofia de lado. Vamos resolver o seu problema pessoal. Quero te fazer um pedido. Não deixe que esse remorso, esse arrependimento, essa agonia paralisem você. Você tem condições...

– Mas perdi tanto tempo!

– Sei, mas agora você vai recuperar. Você aceita vir conosco, então?

– Mas por que me deixaram errar?

– Meu filho, nós temos o livre-arbítrio para decidir aquilo que queremos fazer. Você não estava disposto a vingar-se mais uma vez? Poderia tê-lo feito; você sabe que não te convém. Nosso Paulo dizia que “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”. A Lei permite que você faça isso, mas não aprova.

– Um réu não pode fazer justiça.

– Você vai ter muito tempo para meditar sobre essas coisas, mas agora você vai repousar.

O doutrinador o adormece por meio de passes e o confia aos cuidados dos trabalhadores espirituais do grupo.

Pouco há, aqui, a comentar, a não ser insistir em chamar a atenção do leitor para a absoluta segurança das leis divinas que, a partir dos compromissos cármicos, armam com total fidelidade e simetria as situações de que precisamos para o reajuste. Pacientemente, vão sendo planejadas as posições de cada um, até que se torne possível reunir todos os elementos de que necessitamos para dar o testemunho de que aprendemos a lição do amor. E muitas vezes, depois de tudo caprichadamente reunido, falhamos novamente, desperdiçando mais uma excelente oportunidade de redenção. Nesse ponto, começa tudo de novo, até que um dia – séculos depois, milênios? – personagens e situações possam ser novamente confrontadas.

No caso que acabamos de relatar, um jovem é acolhido como filho de uma pequena família já mutilada pela partida da esposa, no Laos, há séculos. No descontrole de sua paixão pela jovem, filha única do velho Ho-San, em vez de procurar conquistá-la pouco a pouco pela sua dedicação e carinho, ou renunciar a ela, ele procura possuí-la à força e acaba, acidentalmente, por provocar a sua morte. Antes de fugir, sob a justificativa de que precisava de dinheiro para a fuga, assalta a casa que era o seu próprio lar e que, talvez, até viesse a herdar, casando-se com a moça. Surpreendido no ato pelo velho, assassina-o também.

Séculos depois, a antiga jovem assassinada é, afinal, a esposa querida da Espanha, a quem tanto ama. É rico e feliz, quando o ciclo do reajuste se abre: acolhe como filho aquele a quem roubou os haveres, a filha e a vida no Laos. É hora de restituir-lhe os bens materiais e a paz espiritual. O mecanismo estava armado para que, casando-se com a filha do nobre espanhol, o antigo Ho-San recuperasse os seus bens materiais normalmente, através da herança, pela ordem natural das coisas, sem violências e sem aflições. Até o relacionamento entre os dois jovens do Laos foi regulado com inteligência e amor, pois a paixão dele por ela, agora, na Espanha, adquirira as tonalidades do respeito e do amor legítimo do esposo, enquanto o velho Ho-San voltava como genro e pai eventual de seus netos.

Nisso tudo, porém, existiam os testemunhos. O rico senhor de terras e de títulos precisaria superar o orgulho irracional e aceitar como genro aquele a

quem lhe competia restituir os bens. Recusou a filha em matrimônio legítimo simplesmente porque não considerava de boa linhagem social o jovem pretendente. Quanto a este, teria que sublimar sua paixão e conter sua ambição e impaciência, e tentar persuadi-lo, o que, aliás, não seria impraticável, de vez que o poderoso nobre o acolhera como filho, tendo, portanto, por ele um mínimo de afeição e predisposição para aceitá-lo na família. Era preciso esperar com paciência ou estar preparado mesmo para uma recusa definitiva, pois também ele deveria ter seus problemas cármicos, alguns dos quais teria resgatado tão dolorosamente no Laos. Ao revoltar-se, partindo para a violência, a sedução, e o posterior abandono da jovem, reabriu o círculo vicioso que clama por reparações dolorosas, que, por sua vez, porão à prova nossa paciência, compreensão e humildade.

Quanto à moça, que no Laos recusara a paixão atormentada, agora aceitava o antigo agressor e assassino de seu pai como esposo, num relacionamento sublimado. Ao falhar o esquema pelo reaquecimento das paixões, ela consumiu-se, “murchou como uma flor sem sol e água”, na expressão dolorida de seu marido.

E, no futuro, o que espera estes seres? Novas tentativas de reajuste, novos testes, novos propósitos e esperanças. Competentes e devotados espíritos, que poderíamos talvez chamar de “engenheiros do amor”, um dia estudarão criteriosamente todas essas fichas cármicas e traçarão, com a participação dos interessados, novo programa de trabalho, tudo pensado, ajustado, certinho, nos seus mínimos detalhes. Daí em diante, só resta orar para que tudo dê certo e para que, uma vez encarnados, mantenham-se os bons propósitos e se cumpram os dolorosos testemunhos.

## 2. A escrava

Esse companheiro apresentou-se com uma técnica diferente. Não de todo desconhecida, mas não muito comum. Sua palavra era doce, suntuosa, tranquila. Saudou o grupo mediúnico com muito carinho e respeito, prevendo uma “noite de realizações em nome de Jesus, nosso bom e amado Mestre”. Elogiou as palavras iniciais do nosso orientador espiritual. Filosofou longamente e com excelente retórica, em frases bem torneadas e fluentes. Via logo que se tratava de um grupo “amoroso e dedicado ao bem servir com autenticidade e desprendimento”. Não estaria ali, porventura, uma oportunidade para ele servir modestamente, dentro de seus recursos? Como sabíamos, há companheiros cujo “verbo sai só da boca, não vem do coração”. Quanto aos trabalhadores como ele, eram quase sempre mal interpretados ou aceitos sem análise.

Viera, pois, atraído pela sinceridade do nosso grupo e pelo verdadeiro sentido cristão de servir, que seria o nosso. Não era ele, evidentemente, um espírito necessitado, como podíamos ver, mas um daqueles que tem o que dar em favor da humanidade sofredora.

Tratamo-lo com o nosso respeito habitual, dialogando serenamente com ele. No decorrer da palestra amistosa, não foi difícil descobrir onde, como e junto de quem atuava, com ajuda de uma brilhante inteligência, de muita cultura e experiência, a serviço de prodigiosas ambições. Como outros companheiros em tal situação, tentou convencer-nos, sem o mínimo êxito, de que, como espírito que era, não pretendia nada para si mesmo. Para quê? Trabalhava apenas pelo bem da humanidade, pela divulgação da verdade, do amor, da justiça.

Sempre muito hábil, maneiroso e inteligente, expôs com maior objetividade a sua filosofia de trabalho, no momento em que julgou oportuno. Até então, o doutrinador se limitara a ouvir pacientemente,

colocando uma ou outra observação respeitosa. Achava ele que em termos de Evangelho já tem o homem o suficiente. A mensagem do Cristo já teria chegado ao coração de todos. O doutrinador, por exemplo, era um modelo de virtudes cristãs. Era preciso, agora, desenvolver os aspectos científicos que serviriam como ponto de apoio à doutrina ensinada em *O livro dos espíritos*.

Quando as nossas divergências começaram a tomar vulto – pois nesses casos é preciso deixar o espírito falar para que tenhamos ideia do que o traz a nós e quais as suas motivações –, ele se tornou algo impaciente e daí foi à irritação e, finalmente, às ameaças.

Chegara, pois, o momento do debate mais vivo, em que a contestação começava a ser apresentada. Era preciso que ele compreendesse que o aceitávamos como irmão, com todo o afeto de nosso coração, mas que discordávamos fundamentalmente das suas ideias.

Mais adiante, alcançamos afinal a terceira etapa do trabalho: aquela que consiste em levar o espírito com doçura, mas também com firmeza, a olhar dentro de si mesmo.

Como era de prever-se, não foi fácil alcançar a regressão de memória. Ele era muito experimentado nos problemas da mente e estava em guarda contra os nossos métodos de indução magnética. Quando sentiu que estava afrouxando suas resistências, declarou que o doutrinador nada encontraria nas suas memórias passadas, porque... É aqui que começa a parte do diálogo reproduzida neste capítulo. Com a palavra, o espírito manifestante:

– Foram varridas... Nós nos preparamos para esta tarefa. (Dissera antes que essa preparação consistia no que chamou de “lavagem cerebral”).

– Para esquecer?

– Para não deixar que nos perturbemos com coisas desagradáveis.

O doutrinador lhe diz que não apenas as lembranças desagradáveis lá estão nos registros indelévels do ser, mas também as agradáveis, o bem, o benefício feito, o amor, as esperanças, os seres que amamos. Há uma pausa e ele diz um nome, provavelmente a palavra-código do seu arquivo que ele julgava “desintegrado” para sempre.

– Ruth...

- Quem é Ruth?
- É uma moça... Uma judia. Essa raça maldita!
- E você, quem é?
- Não sabe? Quem você acha que eu sou? Você olha para mim e me pergunta quem é você? Que falta de respeito é essa?
- Você diz que ela é da raça maldita. Então você não é judeu...
- Claro que não. Você não está vendo? Vê se eu cheiro mal como eles.
- De que raça você é então?
- Não me insulte com tal pergunta.
- Romano?
- Claro.
- E onde você vive?
- Onde eu vivo, senão na grande metrópole?
- E como você encontrou Ruth?
- Na casa do tetarca.
- Em Roma? – perguntou o doutrinador, surpreso.
- Não, claro.
- E você gostou dela...
- Não se gosta de uma judia, a gente a utiliza.
- Mas o amor não tem barreiras raciais, não é? Você a amou?
- Não se ama a uma judia.
- Ah! Você apenas se utilizou dela. Não a respeitou, então?
- Que é isso? Quem falou em respeito por um judeu?
- O judeu não precisa de respeito, então?
- Mas claro que não.
- E depois, o que aconteceu?
- Por que você está interessado em saber?
- Quero saber, meu caro, o que aconteceu com Ruth, que, para mim, não é uma judia, é um ser humano como você. Não importam as posições sociais que eventualmente ocupemos, somos filhos de Deus.
- Eu fui ferido. Esses judeus estão sempre armando confusões, não é?
- Foi ferido na rua? Você é um militar? Que judeus eram esses? Eram cristãos?

- Quem se interessa pelo que esses judeus sejam?
- Você é amigo do tetrarca?
- Claro.
- E de César também?
- Que perguntas absurdas você me faz! – grita ele impaciente. – Não me insulte! Com quem você pensa que está lidando?
- Quem é você, então? Se eu soubesse quem você é, poderia te chamar pelo nome. Estou te insultando?
- Claro que está. Claro... Com todas essas perguntas idiotas. Então você olha para mim e não vê?
- Você é um nobre, então?
- Mas olha que pergunta absurda! Se não sabe o meu nome, não interessa. Tira essa mão do meu braço! Tire essa mão! Incomoda. Não se toca num nobre!
- Insiste em dizer que nada mais existe, mas continua contando, relutantemente, a sua história e a de Ruth.
- Não há nada, meu caro. Simplesmente essa judia curou as minhas feridas com um misterioso remédio que não sei onde ela conseguiu. (Teria ela recolhido o orgulhoso patrício num conflito de rua para tratar dele?) Depois... Ora, o que você pensa que está querendo fazer?
- Que aconteceu com ela?
- Ora! O que acontece com todas essas judias: elas aparecem grávidas e nos acusam.
- E a criança? Nasceu?
- Eu a repudiei, é claro.
- Sim, mas nasceu a criança, não é? Era menino ou menina?
- Era uma idiota! Jurou vingar-se. Que diferença faz? Filha de um judeu...
- Sei, mas era um filho seu também, não é, meu querido? Ela era a mãe e você o pai.
- Assim ela dizia, mas quem pode confiar numa judia?
- Mas, então, você a amou, não é verdade? Não há nada de errado em amar uma judia. Você nunca foi judeu?
- Espero que não.

- O que aconteceu, então, com a criança?
- Eu a adotei e a levei para Roma.
- E Ruth?
- Ficou.
- Ficou na Palestina? Era um menino?
- Não. Era uma menina.
- E que nome você deu a ela?
- Não posso dizer, porque se eu disser você vai saber quem fui eu.
- Não estou interessado em que você revele a sua identidade, meu querido. Você dirá somente aquilo que quiser dizer. Quero apenas mostrar a você que não precisamos ficar fixados nos nossos desenganos. Podemos sair deles.
- Não tenho desenganos.
- Tem sim. E a menina? Ela cresceu em Roma? Tornou-se uma moça? Casou-se? O que aconteceu com ela?
- Suspira, reluta e se demora. Por fim:
- A desgraça. (Pausa) Esses malditos cristãos...
- Ela se tornou cristã?
- Me traiu.
- Você se casou em Roma? Por que você diz que ela te traiu?
- Porque ela se juntou àquela malta! E eu a repudiei, e a transformei numa escrava da minha casa. Que interesse você tem nessa história?
- Não, meu filho. Tenho interesse em você. Para poder te ajudar, para que você compreenda como esses problemas do passado ainda te prejudicam hoje. É preciso que você entenda bem isso: que não se pode fazer coisas dessas com um ser humano.
- Como não? Eles não falam tanto na cruz? Que têm que sofrer?
- Ela sofreu. Onde está ela hoje?
- Eu me casei com uma patrícia bela e dei-lha como escrava.
- A sua própria filha?
- Sim. Ela era muito bela. Daí, a minha mulher achou que ela não era apenas uma escrava, teve ciúmes e a envenenou. E eu enlouqueci de dor.
- Você vê então, meu querido, que existe no seu coração uma grande

capacidade de amar. A dor é um chamado de atenção...

– Eu a amava.

– Amava, não. Você a ama até hoje.

– Mas ela interpôs aquela cruz entre mim e ela. Aquela cruz maldita.

– Ela não interpôs, meu querido...

– O estigma da sua própria mãe. A cruz maldita! A cruz da vergonha! A cruz da maldição! E ela morreu segurando aquela cruz!

– E depois você também morreu... Foi para o mundo espiritual. E lá você encontrou-se com ela?

– Com os olhos dela. Tive medo. Corri e me escondi.

– Está escondendo-se até hoje. E veja: não precisava ter fugido dela, que o ama. E você também a ama...

– Quem é esse Cristo que enlouquece, que cega as criaturas todas? – pergunta ele, elevando a voz. – Enlouquece! Todos ficam loucos! Todos. Sacrifícios humanos, piras, holocaustos! Eles se jogam, se entregam, se doam. É uma loucura!

– É preciso ter muita convicção, não é, para fazer uma coisa dessas?

– Ruth era também uma louca.

– Ou foi você que não quis segui-la?

– Loucos! Loucos! Você precisava ver aquelas fisionomias loucas! Pareciam estar no paraíso, na hora do sacrifício... Só podiam ser loucos... Aqueles olhos! Aquela beatitude, aquela loucura diante do sangue que escorria e da dor que não sentiam! Ela tomou o veneno, segurou a cruz e morreu sorrindo...

– Que beleza de fé e de convicção!

– “Eu te amo, papai!” (Tem violenta crise de choro e repete, em pranto:) “Eu te amo, papai!”

– Perdoe, meu irmão. Foi necessário despertar isso em você para que você se lembrasse novamente de que é um ser humano. Não se desespere.

– Esse Cristo que me arrancou tudo! “Eu te amo, Papai!”

O Cristo é que deu a ela essa convicção para dizer a você que o amava, que o ama até hoje. Ele não tirou nada de você. Ela queria que você fosse também com ela. Acompanhasse também o Cristo.

– Por um momento eu pensei que ela ia transformar-se numa deusa e subir ao Olimpo,<sup>2</sup> a qualquer lugar. Uma deusa!

– Mas você não está mais fugindo dela, não é? Se você a encontrasse hoje, que faria? Suponhamos que você a encontrasse agora!

– Quem sou eu?

– Você é pai dela. Não deixou de ser o pai e ela não deixou de ser sua filha. Gostaria de estar com ela novamente?

– Eu... Um membro famoso da corte... Belo, jovem, destemido... Que participava de todas as corridas... Não estou preparado. Teria que dar tudo e não posso: o que sou, o que lutei...

– Não, meu querido. Você tem que renunciar é aos seus desenganos. Não somos nada diante daquele que nos amou e continua a nos amar. O exemplo que a sua filha deixou é válido até hoje. Você viu com que coragem ela enfrentou a morte sem ódios; pelo contrário: deixou uma mensagem de amor. Você não acha que isso é renúncia bastante? Por que você não aprende com ela a lição? Ela renunciou à vida com um sorriso nos lábios.

– Ela nunca se revoltou. Era uma escrava fiel. Servia na minha própria casa, a minha própria filha!

– Como se chamava?

– Não me faça dizer. Não, por favor.

– Seria bom para você. Está no seu coração. Ela precisa ouvir o seu nome dito por você.

– Seria um sacrilégio.

– Ela precisa saber que você a ama. Aliás, ela sabe disso, mas ela quer ouvir de você. Diga: “Minha filha, vem cá!”

– Que poder tem você?

– Não tenho nenhum poder, meu querido. Nenhum poder temos senão aquele que vem de Deus.

–... Que derruba uma rocha...

– Você não caiu; você está se levantando hoje.

– Que poder tem você? Quem são vocês?

– Somos daqueles trabalhadores menores que estão tentando resgatar companheiros como você, perdidos em ilusões, em desenganos, a fugir,

cegos... De quê? De fantasmas. A buscar posições, porque têm medo de andar junto aos irmãos que sofrem. Você também sofre meu irmão. Chega! Hoje é dia de começar uma nova vida. Confiamos seu espírito, neste momento, àquela que foi sua filha um dia e que não o esqueceu com o seu amor. Vá com ela. Vá em paz e que Deus o abençoe. Tenha confiança. Conte conosco naquilo em que for possível servi-lo.

– Não posso... Estou confuso!

– Você agora compreendeu toda a situação e por que estava fugindo. Não é preciso fugir mais. Você estava fugindo da sua própria filha! Por quê?

– Porque eu a matei! (Pausa) Que falei eu agora? Perdi tudo. Ou acho que não preciso de nada? Isso é uma ilusão...

– Também acho. Agora vai começar a realidade. E você vai reconstruir a sua vida, suas esperanças, seus amores. Não faltará apoio. Não lhe faltarão recursos. Confie em Deus. Confie em Jesus, a quem até agora você não havia compreendido. Aceite-o em nome da sua filha.

– Jesus... Que significa Ele para mim? Significa a Cruz, significa espinhos, significa fel.

– Não. Ele significa o consolo para esses espinhos, para esse fel que você vai ter que suportar agora, por causa dos seus próprios erros. Ele não cometeu erros... Ele quer apenas ajudar.

– Eu tenho uma filha!

– É verdade. E ela tem um pai...

– Ela é bela, muito bela! Quase uma menina... Meu Deus! Como pode o orgulho cegar um homem!...

Essa é a história. Não me sinto encorajado a acrescentar nem mais uma palavra, em respeito àquela dor bimilenar...

---

<sup>2</sup> Local onde, segundo a mitologia, viviam os deuses.

### 3. La Dama del Vestido Rojo

Esta é a história de uma mulher. Servia como elemento de contato, sedução e persuasão, habilmente manobrada por inteligentes líderes das sombras. Escondia nas dobras do passado um drama doloroso que, pouco a pouco, vai se desdobrando diante de nós.

Tomamos o diálogo a partir do ponto em que começa a regressão de memória.

Ela acaba de queixar-se novamente da “injustiça” que teria sofrido e da qual precisava vingar-se. O doutrinador lhe diz:

– Quero apenas lembrar a você, repetindo uma vez mais: você não sofreu aquilo inocentemente.

– Sofreu o quê? O que eu sofri?

– Ah! Não sofreu nada?

– Sofri foi inveja. Inveja é alguma coisa que eu tinha que sofrer? Inveja dos outros? Inveja, inveja...

– Você era muito bonita?

– Era, não: sou. As pessoas invejam os feios?

Observe o leitor o tempo presente: ‘sou’ bonita. O espírito tem de si mesmo a imagem distante.

– E você tinha posição? Era poderosa?

– Eu era uma artista.

– Ah! Aí está explicado o seu talento para expor as suas ideias, as suas convicções. Foi na Itália?

– Não foi.

– Espanha?

– Sevilha.

Nesse exato ponto ela mergulha no passado e começa a falar com

entusiasmo.

– Sevilha... Sevilha. Ora Viva Sevilha! (Bate os dedos imitando o som das castanholas). Minha vida! Minha dança! Minha dança, que era tudo para mim. La Dama del Vestido Rojo. Era assim que me chamavam. E com uma *rosa* (pronuncia com sotaque castelhano) aqui (mostra os cabelos) que eu dançava.

– E o que aconteceu?

– Não vê meus cabelos como são belos? Vê? São belos! É parte da minha dança.

– O que foi que houve? Conte.

– Dom Ramón... Dom Ramón, que era o homem mais rico. Eu dançava para ele. Ele ia casar-se comigo e dar-me toda uma vila. Uma vila! Para que eu dançasse só para ele. Tinha um palco bonito na casa dele para que dançasse só para ele e para os seus convidados.

– E daí?

– Daí, a inveja.

– Foi uma calúnia?

– Não. Não foi uma calúnia, foi uma taça.

– Que você bebeu?

– É... que eu bebi.

O doutrinador se penitencia de, às vezes, no afã de ir desvendando a trama, conduzindo o espírito relutante, antecipar precipitadamente conclusões que nem sempre são verdadeiras, como acabamos de ver: imaginou que ela houvesse sido vítima de uma calúnia e não. Fora um caso de envenenamento. Novamente precipitou-se o doutrinador, supondo que ela bebera a taça. Desta vez era verdade.

– Você morreu, então. É isso?

– É isso.

– Pois é, minha querida. Lamentamos que isso tenha acontecido.

– Você lamenta, é? Por amor, já matei uma noiva. Posso contar a história agora, porque agora já não me toca mais. (Fala com forte sotaque, intercalando palavras em castelhano). Dom Ramón tinha uma *novia* que era de alta família, mas dom Ramón gostou de mim. *Don Ramón me gusta.*

Dom Ramón me gostava e desmanchou o noivado. Ela, um dia, me convidou para sua casa. E eu fui. *La novia de don Ramón* tinha um coche bonito, dois cavalos pretos. Eu fui. Ela era traiçoeira. Deu-me uma taça... Isso não me toca mais.

Terminou ali uma existência cheia de esperanças, de alegrias, de sonhos. Seu único propósito durante anos e anos foi encontrar a noiva de dom Ramón para vingar-se. O doutrinador tenta dissuadi-la, procurando levá-la a um passado mais remoto, quando ela teria criado as matrizes das suas frustrações. Ela se recusa enfaticamente e termina por dizer que encontrou, afinal, a antiga noiva de dom Ramón.

– Encontrei-a aí, dentro de uma casa espírita; agora contrita... Boazinha, falando em carma de passado...

– E você quer se vingar?

– Primeiro quero ajudar para ela ser uma artista. Para ela sentir prazer. Mas aí, quando caiu... Quando eu dei a ela a primeira decepção... Ao invés de ela ficar... Isso que me aborreceu... Alguém chegou perto dela e deu para ela um livro aí, esse *Evangelho (segundo o espiritismo)*. Sabe o que eu fiz? Ela quebrou uma perna de jeito que nunca mais consertou. Ela hoje manca e uma artista não pode mancar. Ela puxa da perna. É quase imperceptível, mas eu sei que ela puxa.

– Você está satisfeita com isso?

– Estou, mas eu queria mais.

– Mas, filha, dá licença... Um momentinho, querida. Vamos um pouco mais atrás para ver por que aconteceu aquilo com você.

– Não tem nada que ir atrás. Você para por aqui mesmo.

– Vamos ver a razão de tudo isso?

– Não tem razão. A razão está na inveja! Toda mulher bonita tem uma parcela de inveja sobre ela. Se eu me mostrasse aqui, garanto que essas mulheres que estão aqui... Essas senhoras iam ficar com inveja. Se vissem como sou bela!

O doutrinador insiste na magnetização e prossegue, induzindo a regressão de memória.

Escoam-se alguns segundos em silêncio, até que ela começa a mergulhar

nas suas lembranças, à medida que surgem imagens do seu passado na revivescência dos seus dramas íntimos. A certa altura ela diz:

– Que é isso? Que você está achando? Está montando um cenário aí todo para mim... É um cenário? Por que essas mulheres todas de branco? Por que tudo isso? Essas mulheres vestidas de branco...

– Você também está aí?

– Estou. Leio a sorte das pessoas. Na fumaça.

– E o que você leu para a moça?

– Não li nada para a moça.

– O que aconteceu, então, aí entre essas mulheres de branco? Confie em nós.

– É, você tem razão. Eu li uma fumaça para ela. Que você quer que eu diga? Se eu li uma coisa para uma pessoa não posso dizer a outra.

– Quero que diga a verdade.

– É um segredo dela.

– Você não precisa me dizer o segredo. Diga apenas o que você fez.

– Se eu disser o que fiz, vou dizer o segredo dela.

– Sei. E daí, o que aconteceu? Respeito a sua discrição. Não vou pedir a você que fale, que revele aqui o segredo. Quero apenas que diga, por favor, o que aconteceu.

– Ela queria saber por que o prometido dela não vinha. Já tinha um mês. Então eu acendi o tripé e botei as essências. Você sabe o que é isso. E aspirei a fumaça. Então eu vi. Vi uma casa, parecia uma charneca, uma coisa assim. Tinha uma moça lá, muito bonita. E aí, eu vi o noivo dela, cortejando a moça. Eu disse para ela...

– O que foi que você disse?

– Disse isso que estava vendo.

– Foi só isso, então? Não. Não foi.

– E ela foi embora. Depois, ela voltou. Trouxe uma bolsa de dinheiro para mim. De ouro. Acho que era um... (hesita) Ela queria que eu desse a ela um filtro. Eu dei. Eu dei!

– Você deu, não. Você vendeu.

– Eu dei e ela o mandou numa ânfora de vinho para a moça.

- E ela tomou?
- Deve ter tomado...
- Deve ter...
- Deve ter, porque depois ela casou-se.
- E a outra moça?
- A outra moça... Ué! Era um veneno fortíssimo.
- Morreu, então...
- E sem deixar traços. Era a morte azul, sabe? Que fazia o coração misturar o sangue...
- Ou, por outra, você a matou com vinho (envenenado), não é?
- Eu não! Claro que não. Eu só dei para ela.
- Então, quando chegou à existência na Espanha, mais tarde, você acha que Deus lhe concedeu o direito de se vingar. E agora quer vingar-se novamente?
- Não. Quem se vingou não fui eu; foi ela que me deu para beber.
- Sei. Mas e quando você deu para ela?
- Eu não dei! – grita ela.
- Como que não? Não foi você quem preparou? Você poderia ter-se recusado.
- Mas todo mundo fazia aquilo!
- Então, está justificado, você não tem responsabilidade nenhuma?
- Mas você vive num mundo em que, se quer sobreviver, você...
- Mata! Quebra a perna! Não é isso? É assim, não é? Ilude. É isso, minha filha? Por favor, minha querida. Já é tempo...
- Eu estou errada?! – pergunta ela muito admirada.
- Eu acho que está, mas compete a você própria decidir. Não sou eu quem vai decidir por você. Minha opinião é essa.
- E os meus sonhos de moça? E meus desejos secretos? Tudo acabou numa taça de vinho...
- Mas você não observa que os dela também acabaram numa taça de vinho? Não é tempo de parar essa história de ficarem a se matar umas às outras? Hein, minha querida?!
- Você sabe o que me disse o meu chefe? Eu acho que ele tem razão. Ele

disse que o meu maior valor é uma frieza que tenho... Eu não sinto emoções.

– Você tinha...

– Não sinto emoções. Você vê. Não sinto.

– Não mesmo? Não se arrepende de nada?

– Fiz do meu coração um relógio.

– Mas como você sente ódio por ela?

– Ódio não é emoção.

– Ah, sei... É o quê?

– É um ódio frio. É um direito que acho que tenho.

– Sei... Que você acha que tem... E você pretende matar também essa moça? Continuar matando, então?

– Eu, matar? Nunca matei ninguém. Minhas mãos, que cuidam de rosas, não podem matar.

– Não deveriam ter matado.

– Nunca matei!

– Minha filha, escuta. Não estou te acusando e nem dizendo que você cometeu um erro irreparável. O erro existiu, realmente, mas não é irreparável. Mas, pelo amor de Deus, não prossiga errando. Você nunca sairá desse círculo vicioso se continuar assim. Você já viu o que aconteceu na Espanha, quando você perdeu a oportunidade de casar com aquele seu amigo; foi porque, anteriormente, você havia frustrado, com a morte, nas mesmas condições, outra moça que também tinha os seus sonhos.

– Não fui eu. Foi a rival que matou ela. Eu não.

– Minha querida, seja honesta consigo mesma. Aceite sua responsabilidade. Estamos aqui num momento de verdade, tentando ajudar você, mas é preciso que você se convença de suas responsabilidades. Como é que fornece um veneno para uma pessoa que o pediu para matar outra, você o dá e não tem culpa nenhuma? É verdade que a companheira a quem você deu esse veneno também tem a sua responsabilidade, mas você poderia ter conversado com ela, dizendo: “Minha filha, não faça isso”. Não? Suponhamos que ela tivesse sido realmente sua filha, uma parenta, uma mãe...

– Já me disseram isso. Me disseram... E por isso me tiraram os meus

poderes (mediúnicos). Eu tinha muitos poderes.

– Minha filha, o que você tinha não eram poderes, eram recursos mediúnicos. Você tinha a faculdade de se comunicar com os espíritos, mas isto não é para oprimir e para matar. É para fazer o bem. Os recursos foram retirados para que você não errasse mais ainda. Chegará o ponto em que você vai precisar voltar para cá, para a carne, e praticar a sua mediunidade a serviço do bem, para curar, para consolar, para amar. Não mais para odiar. Você quer fazer isso por nós? É o pedido que lhe faço aqui, como irmão, como amigo. Está de acordo?

Longos silêncios. Ela ouve recolhida. E depois, comenta:

– Eu perdi a fé nos homens.

– Filha, você contribuiu para isso, não é? Você não me aceita como um ser humano, como irmão?

– Vou lhe dizer uma coisa. Tenho encontrado tanta gente que tem me pedido, não para dar filtros, agora, mas para “dar um jeitinho”. As pessoas continuam as mesmas. Dentro da sua própria Doutrina (ela quer dizer dentro de certos círculos que se dizem espíritas) tenho encontrado gente que me pede para “dar um jeito”.

– Bem, minha filha. Isso quer dizer que você também continua a mesma, não é? Você também não conseguiu libertar-se dos seus enganos. Quem vai “dar um jeitinho” na sua vida senão você mesma? Aceitando as suas responsabilidades, procurando corrigir-se. Estamos aqui estendendo a mão a você. Não desejamos a sua humilhação, nem que você...

– Vou lhe dizer uma coisa. Trabalhei durante algum tempo. Eu estava fazendo iniciação aqui, num lugar que vocês chamam de... (ela cita nominalmente uma das cidades-satélite do Grande Rio e que, por motivos óbvios, não pode ser identificada aqui). Eu estava fazendo uma iniciação lá, num grupo. Só que lá eu era uma ‘vovó’, como eles me chamavam. E eu ajudava... Ajudei muita gente a... Nos seus amores.

– Sim, filha. Então ajude-se a si mesma. Você também tem os seus amores.

– Mas isso não era bem, o que eu fazia? As pessoas queriam! “Não interessa... Ele é casado... Não quero saber, eu gosto dele.” Então eu mandava levar uma roupa. Aí eu fazia uma imantação. Você não conhece

essas coisas...

– Conheço. Minha querida, enquanto isso, o seu espírito está parado, você está acumulando... (dívidas).

Ela interrompe para falar do seu novo trabalho:

– Agora estou fazendo um trabalho muito melhor!

– Não está, minha querida. Você está fazendo a mesma coisa, cometendo os mesmos erros, iludindo as mesmas pessoas.

– Mas se as pessoas te pedem as coisas... As pessoas estão te pedindo!

– Então, se te pedem para matar, você dá o veneno e diz: “Olha aqui! Pode matar!” É assim que a gente faz?

– O Evangelho não diz: “Pedi e dar-se-vos-á”?

– Sei. A morte, a dor, o sofrimento?

– Nunca entendi bem esse Evangelho que manda fazer uma coisa e quando você faz critica e diz que você está errado. (Altera a voz, já à beira do choro).

– Filha, o Cristo não mandou matar.

– “Pedi e dar-se-vos-á”! Grita ela. Então eles vêm, pedem e você não vai dar?

– Ele mandou você matar, mandou distribuir veneno?

– Eu não matei ninguém.

– Matou sim, minha filha. Vamos assumir a responsabilidade, por favor. Não se trata aqui de acusar ninguém; trata-se de mostrar que você tem de assumir as suas responsabilidades para poder resgatá-las. A lei exige. Você sabe disso, minha querida.

– Quanta gente ia lá e eu dizia que era um reencontro do passado. Era uma outra encarnação. Então, estava explicado por que ela podia querer aquele homem ou aquele homem querer aquela mulher. Eles sempre gostavam muito de passado, de saber do passado para justificar as coisas.

– Você gostou de dom Ramón mesmo, ou só porque ele te oferecia o poder?

– Eu gostei de dom Ramón. Gostei mesmo. Ele era bom. Ele me amava. Ele amava a minha beleza, a minha dança.

– Mas ele amava você como ser humano?

– Ele amava a mim, ele amava o que eu era. Amava tudo que eu tinha de bom. (A essa altura, já estava chorando). E eu era boa. Eu só queria dançar...

– Sim, minha filha. Eu compreendo. Não havia maldade em seu coração.

– Dançar a sevilhana... tão bonito! Ora...Viva Sevilha! – diz, chorando sempre.

– Escute! Você não encontrou dom Ramón no mundo espiritual?

– Não encontrei dom Ramón, porque fiquei com tanto ódio que, quando eu tomei aquela taça... De repente... Eu não entendi porque morri, mas não morri. E aí, quando vi, ela estava rindo na minha cara, dizendo: “Ele agora é meu *novio*.” Então, voei na garganta dela, e apertei a garganta dela, mas não conseguia matá-la, porque as minhas mãos passavam na garganta dela! (Continua chorando). Tentei envenenar a outra taça, mas não conseguia segurar as coisas. Eu não entendia e via aquele corpo que era eu, lá no chão... com a minha mantilha negra, tão bonita! E a rosa nos cabelos... Eu era jovem e era bonita. E nunca mais a deixei. E ela não foi feliz com dom Ramón, porque eu não a deixei. Fiz ela ficar louca, louca...

– E você se sente feliz com isso? Claro que não.

– Isso já passou há muito tempo. E não aplacou a minha tristeza.

– Pois é, e nunca vai aplacar, minha querida. E não é assim que você vai chegar a dom Ramón. Não é pelos caminhos do ódio.

– Ela teve um filho de dom Ramón, que eu fiz afogar (chora sem parar). Foi a única coisa que me fez sentir pena depois. Depois disso, saí de lá, porque ele sofreu tanto! Eu sempre amei dom Ramón! E fiz ele sofrer, porque tinha matado o filho dele... Naquele dia deixei a casa dele. Fui-me embora.

– E a criança? Você a encontrou? Onde está essa criança hoje? Você sabe?

– Não sei, não. Fiquei tão louca, porque se dom Ramón soubesse, ele ia ter ódio de mim. Sou tão infeliz! Sempre fui infeliz, sozinha... Nunca mais tive ninguém, depois daquela Sevilha. Ficava sempre com pena daquela criança que eu... fiz afogar.

– Minha filha, agradeço, do fundo do coração, a sua confissão tão emocionada. A sua dor, nós a respeitamos com todo o nosso carinho. Por

favor, agora, pare um pouquinho. Vamos pensar nessas coisas todas, tristes, que passaram, para corrigi-las.

– Será que um dia Deus me deixa ter aquele menino como meu filho?

– Claro. Claro que vai deixar. É certo isso. Conte com isso, mas é preciso que você dê condições, não é, minha querida?

– Mas os homens são tão maus... Todo mundo é tão mau!

– Sim, minha filha, mas a maldade está em nós, não está em Deus. Todas as criaturas são más? Não são. Há muita gente boa. Você mesma reconhece que dom Ramón era um homem bom.

– Dom Ramón era bom, era muito bom.

– Provavelmente você terá ainda oportunidade de ser esposa dele e, quem sabe, receber aquela criança de volta, e a outra moça que você sacrificou também, e conciliar tudo isso, numa só família. Quem sabe? Mas é preciso que você se prepare para isso. Não vai ser fácil; não vai ser de uma hora para outra, por um passe de mágica...

– Andei esse tempo todo procurando dom Ramón, mas nunca o acho.

– É claro, minha querida. Você está procurando pelos caminhos errados, você não está procurando onde ele está.

– Mas qual é o caminho certo? Qual é?

– O caminho é o do amor, não é o do ódio. Como é que você pode aproximar-se dele e dizer: “Estou aqui”?

– Mas eu não sei onde ele está!

– Sei, filha. Mas você vai chegar a ele e dizer: “Eu matei o seu filho”?

– Não está mais em Sevilha. Não há mais ninguém em Sevilha. Sevilha está tão mudada!

– Sei, minha querida. Mas ele é um espírito imortal, como você. Quanto tempo tem isso? Lembra-se do século? Que ano foi isso? Quantos anos você tinha quando morreu?

– Tinha dezoito anos. Eu era uma criança...

– Em que ano você nasceu?

– Eu? (Pausa). Não sei...

– Não sabe. Mas tem muito tempo, não tem?

– Tem. Vejo o número quinze.

– Século? Não importa. O certo é que se passou muito tempo e esses séculos todos, esse tempo, você continuou a odiar, continuou a perseguir pessoas, culpando essas pessoas pelos seus próprios erros. Não digo que elas sejam todas inocentes. Aquela moça também tem suas culpas, mas você agravou as suas, tentando eliminar a vida dela. Somos espíritos imortais. Respondemos pelos nossos enganos. Por favor, agora procure compreender tudo isso, deixe essas emoções tão bonitas do verdadeiro amor que você traz no seu espírito mostrarem o seu caminho.

– Tenho um número na minha cabeça: um, cinco, oito, seis.

– 1586. Pois é. Com dezoito anos, portanto, você estaria em 1604, já no princípio do século 17. Então, lá se vão mais de trezentos e tantos anos. Vê quanto tempo você perdeu odiando? Agora, minha filha, procura recuperar esse tempo amando. Amando de verdade, o amor superior...

– Mas estou tão sozinha! Todo mundo me explora. Não tenho ninguém. Perdi todos... Perdi todos, estou sozinha!...

– Você não está sozinha; está conosco. Você não nos conhece há muito tempo?

– Não estou com vocês; estou sozinha.

– Vai estar agora. Quer ficar conosco?

– Eu queria ver a mãe!

– Como se chamava a sua mãe?

– Angelita.

– Angelita! Que bonito nome! Quem sabe ela está à sua espera todo esse tempo, tentando comunicar-se com você? Era uma boa mãe?

– Era...

– Sabia rezar? Levava você à Igreja quando você era pequenina? Minha querida, ela continua a te amar também. Provavelmente está esperando por você. Quer ficar conosco, então? Você não é obrigada a ficar. Você é livre para partir, mas gostaríamos que ficasse pelo menos por algum tempo.

– E o que eu vou fazer da minha vida?

– Vai fazer o seguinte: agora você vai apenas descansar. Depois vamos conversar. Provavelmente vai ter oportunidade de estar com sua mãe.

– Por que essa doutrina esquisita, que todo mundo fala, mas ninguém leva

muito a sério? Por que eles não levam?

– Pois é, minha querida. Nós levamos, aqui, e tentamos ajudar... O pouco que a gente pode fazer, a gente faz. E estamos oferecendo a você o nosso carinho, o nosso coração, a nossa compreensão pelas suas dores. Você não vai ser desrespeitada aqui, nem magoada, nem maltratada. Tenha paciência...

– Eu queria um jardim para cuidar das minhas rosas...

– Você terá o seu jardim e terá oportunidade de estar com sua mãe. Vamos pedir a ela que receba o seu espírito para que você possa ter um pouco de paz. Depois voltaremos a conversar, está bem? Você me perdoa, minha querida, pelas dores que fomos obrigados a trazer à tona, no seu espírito, para que você pudesse chorar um pouco e saber que continua amando. Que você tem amor no seu coração. Pela sua mãe, por aquele companheiro, por aquela criança. Mas você vai também precisar aprender a amar aquela a quem tão duramente prejudicou. Não é? Aceite-a também, como sua irmã. Não vai ser difícil, porque você sabe amar. Você era criança ainda e o choque foi muito grande, a dor foi muito forte e a desorientou. Mas aceite a sua responsabilidade. Está de acordo?

– Estou sentindo um calorzinho. Quanto tempo que eu não sentia um calorzinho. (A anestesia voluntária do coração na frieza, que é uma fuga).

– Vai com os nossos companheiros aqui. Eu agradeço muito por você ter confiado em nós.

– Mas eles não vão me prender?

– Claro que não. Você é livre para ir a hora que quiser. O que estamos propondo é que você vá descansar um pouco.

– Mas agora que todo mundo sabe, não vão me prender numa cela?

Provavelmente essa ameaça foi empregada pelos seus mandantes para manter a pobre moça sob controle nas tarefas das sombras.

– Não, minha filha. Você já esteve presa na sua consciência mais de trezentos anos. Você precisa agora começar a trabalhar para resgatar-se dessas dores. Você confia em nós, não confia?

– Confio.

– Deus te abençoe. Fica conosco, então. Vai com esses companheiros.

– ‘Eles’ vão dizer que falhei. Mas eu estava tão cansada...

– Eu sei. Você hoje teve um gesto de coragem, de disposição para a luta. Sei que você é um espírito valoroso, uma mulher sensível, inteligente. Você vai compreender tudo isso muito bem e vai aceitar a nova situação.

– Eu já não estava com muita raiva dela mais, não. Porque depois que ela ficou... Que ela pegou esse livro, rezava e pedia perdão a quem tivesse ofendido... Todo dia, todo dia... Eu já não tinha mais aquela vontade de... Eu já tinha até me arrependido do que fiz à perna dela... Você me ajuda? Você parece um pai tão bom!

– Minha querida, você é uma criança que cometeu seus enganos. Agora vamos começar a refazer isso tudo. Nós a ajudaremos. Não faltará a você o carinho, a compreensão de espíritos muito melhores do que eu.

– Vocês me perdoem. Diz a eles para me perdoarem. Eu disse tanta bobagem.

– Nós perdoamos, minha querida. Não se preocupe com isso. Agora vá em paz e vamos pedir à nossa querida Angelita que vá ao seu encontro no mundo espiritual.

Ela corrige a pronúncia, repetindo o nome da mãe com a perfeita entonação castelhana:

– *Angelita.*

– Deus te abençoe! Vai!

## 4. O vinho

Vemos, nesta série, que os irmãos desencarnados trazidos ao grupo mediúnico recaem sempre numa das cinco ou seis categorias usuais, embora conservando certo colorido pessoal. O desta narrativa é do gênero autoritário, agressivo, habituado a mandar e não a obedecer. Acresce que estava irritadíssimo com a interferência do grupo na sua equipe, pois, a seu ver, estávamos “aliciando” seus trabalhadores. Na verdade, alguns dos seus auxiliares mais diretos já haviam estado conosco e resolveram não mais regressar à comunidade onde serviam aos escusos propósitos de seus mandantes.

Ele vinha, portanto, não “para responder perguntas, mas para fazê-las”. Reclama das nossas “preces incomodativas”, pois durante a semana toda nos mantivemos “ligados” a eles pelas vibrações da prece e do amor fraterno. Na sua opinião, de pessoa autorizada, porque era também (disse ele) um magnetizador e conhecia os segredos da mente, tais preces eram “perigosas induções hipnóticas” que, infelizmente, influíam sobre seus auxiliares por causa da fragilidade de suas mentes. Você sabe muito bem – disse ele – que temos de trabalhar com mentes mais fracas, senão não obedecem. Que o doutrinador tentasse, porém, magnetizá-lo para ver se conseguia! Jamais! Pois ele tinha suas defesas e conhecia os artifícios e a técnica empregada.

Desse tom mais áspero, mudou depois para uma abordagem mais acalmada, propondo uma espécie de pacto de não interferência. Achava que o campo de trabalho era suficientemente amplo para todos: seguiríamos com as nossas atividades, naturalmente modificadas, de forma a não criarlhes dificuldades e eles prosseguiriam com as suas.

Embora não nos seja prudente, aqui, entrar nos pormenores da sua filosofia de trabalho, podemos dizer que era também daqueles que preferem

ir diretamente a Deus, sem a necessidade de doutrinas “subsidiárias”, como a do Cristo, por exemplo. Se podíamos alcançar a própria “ciência divina”, por que perder tempo pelos atalhos? Além do mais, o Espiritismo – que ele insistia maliciosamente em rotular, com óbvia impropriedade, de “kardecismo” – tinha o grave defeito de ficar a suscitar complexos de culpa, que somente serviam para atrapalhar a marcha evolutiva do ser para Deus. O erro seria mero instrumento de aprendizado. “Errei, sim – diria o homem – mas sigo em frente”. Entendia ele que o espírita, preso à noção de carma, ficava parado, resgatando as suas pretensas culpas.

Por outro lado, não era preciso que os espíritos viessem às sessões de desobsessão para serem doutrinados. Isso também era um atraso, técnica já superada e que deveria ser prontamente abandonada.

Falou por muito tempo, admitindo, a custo, aqui e ali, a interferência e a paciente contestação do doutrinador. Estava um pouco mais sereno, mas ainda muito cômico da sua autoridade, da sua importância, do seu nível intelectual, e muito seguro de si. Voltou às ofertas de participação. Traçaríamos um plano de mútua assistência e cooperação, satisfatório a ambos os grupos, pois, insistia em dizer, havia lugar para todos. “Eles” eram mensageiros da verdade divina e naturalmente aceitavam aquilo que, no contexto da doutrina de Jesus, estivesse de acordo com o que chamava de “ciência divina”. Quando lhe foi perguntado o que não estava de acordo com a ciência divina dentro dos ensinamentos evangélicos, não soube responder com a mesma vivacidade e o mesmo brilho.

A partir desse ponto e após a prece habitual, começou a indução magnética. Sua reação é pronta e enérgica, pois sabe que se ceder, um pouquinho que seja, não saberá mais onde irá ter.

– Para com isso! Não sou criança! Você quer fazer o favor de agir como um homem age? Não quero que me trate assim! Isso é uma falta de respeito. Sou uma pessoa de posição. (A essa altura já vai cedendo). Que gosto esquisito na minha boca! O que você botou na minha boca? Que gosto estranho!... O que você está querendo provar com isso? Que é forte? Que é bom magnetizador? Isso eu já sei... Seus fluidos viscosos... Esse gosto na minha boca... Gosto de quê, isso? Esquisito... Gosto ruim, meio adocicado.

Está me fazendo mal. É algo líquido... É... Mas esse gosto deveria estar noutra taça; não na minha! É noutra taça que está esse gosto estranho, adocicado...

– Ah! Sim. Foi uma troca de taças, então, não é?

– Não sei... Sei lá do que você está falando!

– Estou apenas supondo. Havia, portanto, uma taça preparada para alguém, não é? É verdade? E você acabou tomando, não é?

– Que acabei tomando nada, menino... Não aconteceu nada. Você já está querendo me induzir a coisas. Você não vai comandar minha mente, não. Não vai!

– Quem está com você?

– Deve ser algum parente seu: sua mãe, sua irmã... Que gosto estranho! Continue. Não é você que está me conduzindo? Não está vendo o resto? Você fica aí me induzindo, me fazendo criar quadros mentais, quando não tenho nada aqui na minha frente. Ninguém. Você está tentando o quê? Mistificar, é isso? Tentando criar um quadro aí? Quer que eu diga coisas?

– Meu irmão! Você é que sabe. Eu não posso criar nada para você. O que está no seu espírito não posso mudar, meu caro.

– Não tem nada no meu espírito. Só tem esse gosto na minha boca.

– Tem a cena, também. É uma sala?

– Que cena!... Para com isso. Que dor aqui no pescoço... Que é isso? Tira isso daqui! Tira essa corrente daqui. Está me incomodando. Você não pode tirar essa corrente? Essa corrente aqui, que estou falando. Que corrente é essa? Tira isso daí. Deve ser essa corrente que está me apertando o pescoço.

– Você está sozinho aí? Onde é isso? É no seu palácio, na sua residência?

– Que palácio coisa nenhuma. Ai meu pescoço... Ai... Está me sufocando... Ai! Ah! Sim, é essa gola... Essa gola desse... Desse manto. Está muito em cima. Bem que mandei fazer isso com a gola mais baixa um pouco, mas fazem isso com esse cano vindo aqui em cima. O calor está me incomodando.

O doutrinador lhe fala pacientemente, tentando encorajá-lo ao relato; quando lhe diz que é seu amigo, ele responde:

– Que amigo, nada! Eu não tenho amigos aqui dentro. Não tenho nada a

mostrar nem a falar aqui. Você está enganado. Que veneno! É um licor... Quem tomar isso vai dormir o sono da tranquilidade. Claro que não tomei...

– E por que o gosto, então?

– Não sei. Não tomei. Uma taça. É um amigo que vai chegar aí. Vai chegar naquela porta ali. Vai entrar por ali. Essa é a pequena sala em que recebo as pessoas. Vai entrar ali. E vamos tomar um bom vinho para comemorar. Mas acontece que ele não sabe. ‘Aquele lugar’ tem que ser meu. Ninguém vai ocupá-lo. Simplesmente ele tem que ser removido. (Longa pausa cheia de hesitações). E daí... Daí... O maldito trocou a taça sem eu perceber! (Em seguida grita, indignado.) E agora está rindo aí na minha cara! Você não está ouvindo as gargalhadas dele? Enquanto me contorço aqui, ele ri! Olha como ele dá gargalhadas, o maldito! Está vendo como ele dá gargalhadas? Você ouve? Eu, ali, estou morrendo. Ele não sabe que isso não vai ficar assim! Vou persegui-lo. Tenho perseguido ele a vida inteira. E agora sei onde ele está. Só que para uma vingancinha diferente, estou dando corda a ele, para ele subir, subir, subir... Ele quer subir... Ele quer ser importante! Quando ele estiver lá em cima... Não sou eu que vou derrubar, não, meu caro. Não. São vocês aí mesmo. São os que estão em volta dele. Vão dizer que ele está louco. Vai cair...

– Sim, mas você não queria eliminá-lo?

– Eu tinha justas razões.

– Sei. Quais são essas justas razões? Você queria o trono?

– ‘Aquele lugar’ era para ser meu.

– Onde era esse trono?

– Onde mais? Onde houve tantos tronos?

Quando o doutrinador diz a palavra-chave, ele estremece:

– No Vaticano? Você queria ser então o sucessor do nosso Pedro? Governar em nome de Jesus? Não conseguiu dessa vez? Você acha que aquele irmão é o culpado?

– Ele é maldito. Maldito!

– E você conseguiu de outra vez?

– O que você não faz? Eu queria conseguir naquela época!

– E você acha que estava preparado para ser o representante de Jesus, na

Terra?

– Claro... Claro... Claro...

– Mas, eliminando um companheiro pelo veneno?

– Claro! Tudo era possível. Ele não me eliminou pelo veneno? E ele eliminou outros pelo veneno, como eu já havia eliminado outros. O veneno era o grande segredo.

– Sim... Disputando uma posição de pastor de almas...

– Você, com o veneno, resolvia todos os problemas.

– Resolvia mesmo? Por que não resolveu o seu, meu irmão?

– Resolveu o meu também, porque eu me vinguei depois.

– Tudo em nome de Jesus?

– Tudo em nome não sei de quê...

– É assim que disputamos as posições que somos destinados a ocupar?

– É, meu amigo... Você conhece muito pouco dos homens para falar assim. Você também usaria o veneno, se estivesse lá na ocasião. Se te dessem a ocasião e os motivos, você usaria o veneno. O poder... O poder era tudo. Só os poderosos tinham um lugar ao sol!

– A consciência não importa?

– Não. A consciência se compra. A consciência... Você se confessa, você...

– Quem perdoa?

– Você mesmo.

– Então, não é preciso ir a Deus...

– Deus está em nós, nós estamos em Deus...

– Então você tem poderes para se perdoar a si mesmo?

– O perdão é a ausência de culpa. Eu não poderia me sentir culpado por alguém que me assassinou. A culpa dele neutralizou a minha.

– Você, então, não deve nada perante as leis do Nosso Pai?

– Não. Pelo contrário: ele que me deve. Ele me tirou a vida. Só Deus pode tirar a vida.

– Sei. Você, então, era Deus para querer tirar a vida dele?

– Que é isso? Você está torcendo as coisas.

– Meu irmão, você assumiu a posição divina e resolveu tirar a vida dele.

Aí, ele trocou as taças...

– Aquilo ali é um antro de gente podre. Todos os que estão ali... Procura ver as fichas deles. Nenhum deles é melhor do que eu. Todos têm crimes nas consciências... E, no entanto, eles estão lá.

– Escuta, mas, então, você também tem. E você não precisa da misericórdia divina também?

– Deus já me perdoou, porque Deus não condena. Não tenho sentimento de culpa. Não tenho.

– Você acha, então, que não errou?

– Mas, como, se fui a vítima? Ele me matou e ainda riu; enquanto eu me contorcía ali, ele ria.

– Dentro da Igreja, dita do Cristo?

– Dentro da Igreja, numa sala reservada que eu tinha.

– Você era um Cardeal?

– Eu era alguém de direito.

– Vamos, agora, mais atrás, para buscar outras razões disso. Desejo que você descubra no seu íntimo – porque está aí dentro guardado – por que você abandonou a doutrina de Jesus. Por que você não a aceita? Isso é um episódio isolado que não esclarece sua posição.

– Não tenho nada contra Jesus.

O doutrinador insiste com certa energia na regressão, no desejo de ir até as raízes do problema; caso contrário, o companheiro sairia dali ainda sem estar devidamente convicto da necessidade imperiosa de reformulação das suas falsas posições.

Em breves instantes ele recai no contexto de outra encarnação e começa o relato:

– Faço vinhos. Dos melhores... (O vinho outra vez...) Todos os homens importantes vêm beber na minha casa, porque tenho o melhor vinho. Sou um homem rico. E tenho Raquel, que é linda. Ela é o meu sonho. Ela é a luz desta casa.

– É sua filha?

– Sim. E está prometida a um nobre. Farei os melhores vinhos...

– E o que aconteceu a Raquel?

– Raquel? Ficou louca! Foi um velho que a enlouqueceu. Contou histórias

loucas. Histórias de um louco. Raquel era prometida a um nobre mais rico. Isso ia dar força minha casa.

– E ela seguiu o Cristo?

– Cristo? Seguiu a loucura! Largou tudo, deixou a roupa, botou uma sandália, deu tudo de seu e foi viver entre porcos imundos, cuidando de leprosos, doentes. Não tenho mais filha! Nunca tive uma filha...

– E você nunca mais viu Raquel?

– Raquel? Quem é Raquel? Raquel foi um sonho! Eu perdi tudo. O noivo não me perdoou. Ele arrasou a minha casa. Tudo por causa de um pesadelo, de uma loucura! Está tudo rodando... Rodando... (Fica extremamente aflito e se queixa de uma desesperadora tontura.) E, então... Esse velho cansado... Raquel... Uma loucura! (Depois, com voz mais forte, novamente:) Preciso curar Raquel! Mande para ela um vinho, um vinho que iria curá-la para sempre, para sempre... (Chora de desespero, de impotência, de angústia. O doutrinador redobra sua atenção com ele, tratando-o com emocionada ternura. Desata-se, afinal, o dique das suas aflições em tumulto). Tenho que curá-la! Minha filha! Era o meu sonho, minha alegria! Está doente. É uma louca! Mande o vinho que ia curá-la...

– E o noivo dela, você encontrou depois, não é?

– É...

– E Raquel? Você nunca mais a viu? Vamos repassar essas vidas que se seguiram a essa.

– Você já teve uma filha linda?

– Imagino, meu irmão. É pura. É dedicada ao serviço do próximo. O que está errado nela, amar o Cristo e procurar seguir a sua doutrina, curando enfermos, abandonando as riquezas?

– É uma maluquice! Toda época de colheita eu a fazia rainha da vinha. Eu a coroava com as uvas e ela botava um vestido lindo, todo branco, e a coroa de uvas. Enlouqueceu!

– Mas, depois que ela ficou louca, como você diz...

– Eu a curei. Eu a libertei. Mande um vinho.

– Então, você a matou... Ela tomou...

– Não. Eu a libertei da loucura.

– Não fuja das palavras, meu filho. Você a matou. Acontece que o espírito sobrevive, você sabe disso. Não a encontrou, mais tarde, no mundo espiritual?

– Raquel? Raquel é um anjo.

– E se ela viesse aqui?

– Raquel é um anjo. Está no seio de Abraão. Não pode descer aqui.

– Ela não te abandonou, não deixou de te amar, como você não deixou de amá-la. Você gostaria de vê-la?

– Raquel? Quem é Raquel? Está tudo tão longe, está tudo fugindo! Estou longe... Longe... A ponte... A ponte. Estou lá, tão longe... Não posso passar! A Ponte... Não posso!

O doutrinador lhe diz uma última palavra de consolo, de estímulo e de esperança. Em seguida, ele é retirado.

Aí está, com toda a sua fantástica precisão, o mecanismo das leis divinas e os desastrosos resultados que colhemos quando tentamos ludibriá-las. O antigo comerciante de vinhos “libertou” sua amada Raquel da “loucura” de ter optado pelo Cristo. Séculos e séculos depois, em elevados pastos dentro da hierarquia eclesiástica, supostamente a serviço de Jesus, planejou eliminar um rival, um competidor, que ameaçava arrebatá-lo o chamado Trono de S. Pedro. Este, maquiavelicamente, manobra as taças, e quem morre, sob as gargalhadas do rival, é ele. Novamente o veneno no vinho e, ao longe, muito longe, por trás de todos aqueles horrores, a figura serena de Jesus. O crime na pequena câmara íntima acarretou séculos de perseguições mútuas. Teria sido o prelado que trocou agilmente as taças, aquele mesmo noivo que o arruinou por causa da perda de Raquel? Ficamos com a impressão de que ele confirmou isso, mas não podemos assegurar. É certo, porém, que o espírito havia localizado novamente na carne o seu antigo rival. Estava realizando junto do seu espírito um trabalho paciente de vingança, ajudando a promovê-lo, a fim de torná-lo bem importante para, em seguida, assistir à sua queda espetacular. E assim, o círculo vicioso das loucuras continuaria a abrir-se para o futuro...

## 5. À procura de Lídia

Aqui está mais um dinâmico e inteligente companheiro, inteiramente devotado à inglória tarefa de combater sem tréguas a doutrina de Jesus e procurar neutralizar, desviar ou conquistar com apurada técnica de envolvimento trabalhadores encarnados em atuação na seara espírita.

Excelente argumentador, dono de grande experiência no trato com os homens e de conhecimentos filosóficos e teológicos, debateu longamente com o doutrinador as suas ideias, procurando, primeiro, a adesão deste, em seguida, a sua neutralidade e, por fim, declarando-lhe hostilidade aberta, com a safra habitual de ameaças. Essa primeira parte do diálogo é ignorada aqui, por óbvios motivos de natural reserva. Era preciso, porém, ir buscar na sua memória integral as razões profundas do seu antagonismo ao Cristo. No processo da regressão por meio do magnetismo, foi difícil alcançar o estado de indução adequado, porque, sendo ele também conhecedor das técnicas empregadas e alertado previamente quanto às resistências conscientes que deveria opor, exigiu prolongado esforço de nossos Benfeitores Espirituais e do magnetizador.

Ao atingir, porém, a primeira etapa do processo regressivo, recaiu numa existência mais recente – supomos que no século 19 –, na França, onde viveu um doloroso episódio familiar, mas que não parecia ser – como não era – a causa do seu problema pessoal com Jesus. Esse episódio se posicionava, contudo, como mais uma pedra de tropeço no caminho de retorno ao passado que ele tinha que percorrer para chegarmos às raízes do seu desajuste maior. Deixamo-lo, pois, narrar o fato e demos prosseguimento à regressão.

Novamente ele se detém num episódio mais ou menos relevante, numa existência em Nápoles, na Itália, onde parece ocupar posição de certo relevo na Igreja, fascinado pelas riquezas da poderosa organização político-

religiosa. Mas o núcleo mais denso e doloroso do seu desatino não era ainda esse.

Proseguiu a regressão até que chegamos lá.

Vejam primeiro a tragédia vivida por esse pobre irmão atormentado, em Lisieux, na França, no século 19. O diálogo é reproduzido a partir do ponto em que certos nomes começam a assomar à sua consciência. Ele ainda esboça uma reação, mas acaba cedendo ao curso inexorável das lembranças, por mais dolorosas que lhe sejam.

– Não adianta... Não adianta ficar colocando nomes na minha mente. Nomes nada significam.

– Quais são esses nomes?

– Não adianta. Você é ridículo. (E depois de uma pausa:) Lisieux...

– Que está você fazendo aí?

– Estou procurando Annette. É minha filha. Annette...

– O que houve com ela? Por que você a está procurando? Quantos anos ela tem?

– Quinze.

Como sempre, são difíceis os primeiros instantes da regressão. O espírito ainda reluta, hesita e resiste. Procura fugir às lembranças, respondendo que não sabe ou não se lembra. O doutrinador precisa ser paciente, insistir com tato, descobrir novas colocações para certas perguntas críticas. Pouco a pouco, no entanto, a história começa a desdobrar-se.

– Que aconteceu com Annette? Por que ela deixou você? Ela foi para um convento?

– Sim.

– Por quê? Você não queria que ela fosse?

– Não.

– Por quê? Você não é católico?

– Não. Não creio nos padres, não creio em nada. Só creio no dinheiro. O dinheiro pode comprar...

– Que época é essa em que você está? Que ano?

– Não sei.

– Como é que não sabe? Se você diz que ela tem quinze anos... Quando ela nasceu? Então você não sabe quando sua filha nasceu?

– Annette precisa casar-se. Arranjei para ela um marido. Um marido rico. Preciso salvar minha honra. Preciso repor um dinheiro.

– O que foi que você fez, então, que está faltando esse dinheiro? Tirou de alguém?

– Tirei. Preciso que ela se case, senão é a vergonha e a desonra. E vou perder os meus bens.

O doutrinador leva-o um pouco mais à frente, no tempo, a fim de verificar o que se passou. O espírito começa a contar a história com maior desembaraço:

– Busquei Annette. Ela não pode tomar decisões sozinha, é menor. Eu a obriguei a casar-se. (A confissão é, evidentemente, muito penosa e sai aos poucos, com enorme dificuldade.) Ela estava linda! Ela não queria, porque amava outra criatura. Um pobretão! Não quero ver isso! Vê como ela está linda? Em seu vestido de noiva há rendas que mandei vir de Paris. Tem uma coroa que o noivo lhe deu para colocar na cabeça e prender os cabelos. Linda! Linda! E eu a conduzo, orgulhoso, mas, quem podia prever? Era uma menina... Escondeu um punhal e quando todos estavam felizes e quando se ia celebrar (o ritual do casamento), ela o enterrou fundo no próprio peito. Linda que estava!

– E você sentiu muito a morte dela, não é verdade? E viu que o dinheiro não tinha mais importância...

– Eu me senti o assassino.

– E como terminou essa existência para você? Alguns anos mais tarde?

– Eu... Foi tudo inútil. Fui ao meu superior e lhe confessei o meu crime e confessei a minha desgraça e ele perdoou-me toda a dívida. Fui para casa, coberto de remorsos. Em todo lugar eu a via. Ora a via linda, toda branca, ora a via linda, com o branco manchado de vermelho. Não pude suportar. Eu me revoltei contra tudo e matei-me...

– Olha aqui, meu filho. Compreendi perfeitamente esse drama tão doloroso...

– Se é verdade que existia um Deus, um Jesus, não poderia ter permitido

tal tragédia. Onde estava Ele que não lhe susteve a mão naquele momento? Onde estava Ele?

– Escute uma coisa. Preste atenção no que vou dizer. Muita atenção. Vamos agora mais atrás, no passado, para buscar as razões do seu problema religioso. Por que essa luta contra Deus e contra o Cristo?

O doutrinador insiste mansamente na indução, levando-o com paciência às suas esquecidas memórias. Em certo ponto, ele tem um sobressalto. Paramos ali.

– Onde você está, no momento?

– Onde estou? Onde estou?

Por força do magnetismo, ele se acha fora do tempo, em busca de si mesmo e da sua localização temporal e geográfica. Por fim, diz:

– Nápoli.

É um prelado. O doutrinador sente que ainda não é ali o núcleo principal, mas convém deixá-lo falar, para saber das razões pelas quais parou naquele ‘ponto’.

– Vejo ouro – diz ele. – Esse ouro todo me fascina. Essas igrejas cheias de ouro... E os fiéis me trazem... Está tudo confuso... Confuso.

– Sim, meu caro. Perdoa, mas não é ainda aí o problema que você enfrenta. Está mais atrás e vamos buscá-lo, por favor.

Prossegue a regressão no tempo, enquanto ele se queixa de que está confuso.

Segue-se uma longa pausa. Ele geme e parece hesitar em mergulhar nas profundidades do seu drama íntimo.

– Tire-me daqui! – diz ele. – Tire-me dessa confusão. Não consigo pensar. Você está fazendo uma pressão terrível na minha mente. Minha mente foi preparada para resistir.

O doutrinador trata-o com carinhosa firmeza, estimulando-o a prosseguir, enquanto ele insiste em dizer que não tem problemas. Finalmente, começa a surgir a história:

– Onde está Lídia? – pergunta ele. – Lídia!

– Por que você está procurando por Lídia?

– É minha mulher.

- Sim, mas o que houve com ela?
- Está doente.
- Ela saiu?
- Foram levá-la a um lugar. (E em voz enérgica:) Mas eu não permiti! Como ela saiu sem a minha permissão? Ora, são todos uns porcos sujos... Místicos. Se ela fosse à Sinagoga para purificar-se, ela também se teria curado. Ela precisava purificar-se.
- Já entendi. Então o Cristo curou a sua Lídia...
- É. Ela estava impura. Sabe o que é uma mulher impura? (Hemorragia.) E meses e meses impura. Nada a curava, mas ela não quis ir ao templo purificar-se. Devia ter ido.
- Sim, meu querido. Já entendi. Mas como ela se curou?
- Foi lá, não sei onde, com um desconhecido charlatão.
- E o que aconteceu?
- Bem, ele curou-a.
- E como foi a cura?
- Ela disse que Ele a olhou... Como foi a cura? Não sei...
- Como Ele fez? Ele a tocou?
- Não sei. Eu não quis saber.
- O certo é que ela curou-se. Ela tocou nas vestes dele?
- Ela curou-se. É possível. Ela é tão mística! Curou-se de um mal, mas foi acometida de outro. Curou-se de um mal físico, mas foi acometida de uma loucura. Seu espírito foi tomado, foi aprisionado. Ele aprisionou o seu espírito.
- O que você fez?
- Fui ao Templo e falei. Então eles disseram que ela deveria sacrificar quatro pombas, cobrir-se por sete dias e pronunciar seus votos nesse templo. Ela não quis. Então, eles me disseram... Você sabe como é que se tira um demônio? Com um chicote. Eu fiz. Ainda vejo os vergões em seu corpo...
- E você expulsou aqueles demônios?
- Não. Eu lhe bati. Ela e minha filha eram tudo o que eu tinha. Mas eu não fui cruel com ela; queria libertá-la do encanto daquele Nazareno

enlouquecido que se apossou do seu espírito. Foi Ele que aprisionou o seu espírito. Mas, não ficou aí. Eu lhe bati para expulsar o demônio e ela não deu um grito sequer. E a nossa filha me viu, ajoelhou-se e pediu por todos os profetas da Lei que eu perdoasse sua mãe. Eu as amava muito!

– Você não as amava; você continua amando-as. Elas não deixaram de existir.

– Mas cometi um engano terrível, porque a perdoei. Não expulsei os demônios. Não terminei. (Quer dizer, atendendo ao apelo da filha, interrompeu o espancamento e não concluiu a expulsão dos demônios, o que, a seu ver, foi um engano terrível.) E sabe o que aconteceu? Ela foi procurá-los, àquela gente... E um dia, quando voltei a casa, encontrei tudo vazio. Nem mulher, nem filha, nem lar. E não levaram nada, só a roupa do corpo. Deixaram os vestidos e as joias e as sandálias. Voltei ao templo e falei aos sacerdotes e eles puseram batedores (chora), mas não as encontramos. E tinha passado aquele terrível dia em que tudo escureceu de repente (a crucificação). Eu não compreendia nada.

– E você compreendeu depois a grandeza daquele espírito que ali esteve ao lado de vocês?

– Ele roubou minha filha, enlouqueceu minha mulher. O Rei de Israel não morreria numa cruz ignominiosa, coroadado de espinhos. O Rei de Israel não me dismantelaria o lar.

– Ele não veio disputar tronos. E não foi ele que fez isso. Por que você não foi com elas, então?

– Devo fidelidade à Lei (de Moisés).

– E o que aconteceu com Lídia depois, no mundo espiritual, onde vocês todos se recolheram, após terminada a vida na carne? Você tornou a vê-la?

– Lídia? Eu a vi uma vez, muito longe. Ela estava linda! E eu perguntei se ela havia recuperado seu espírito, expulsado os demônios. Ela respondeu que os demônios tinham ficado lá em casa: eram a maldade, a ignorância, as joias, os vestidos...

– Pois é, meu querido. Tantos séculos sofrendo, afastado daqueles a quem você amou, por uma questão de vaidade, de orgulho, ou, como ela disse, de ignorância?

– Eu a chamei para voltar para mim. Ela me disse que era preciso que eu me levantasse primeiro. (E, em voz alta e enérgica:) Eu me levantei! E não adiantou nada...

– Mas ela não quis dizer levantar-se em posições entre os homens. Ela disse levantar-se espiritualmente. Ela não pediu a você que conquistasse tronos.

– Se ela me amasse, não teria ido para Ele.

– Ela não deixou de amar você por ter também amado a Ele. É por isso que você o odeia?

– Ele roubou tantas mulheres, destruiu tantos lares! Fez com que tantos O amassem. Que tinha Ele?

– Tinha, não; tem até hoje.

– Que tinha Ele que assim arrebatava?

– Bem, vamos, então, parar aqui. Agora é preciso que você entenda que já é tempo suficiente para parar de sofrer essas ilusões, o afastamento daqueles seres que o amam e que estão aguardando você. Abandone essas ideias de que Ele roubou, de que Ele traiu, de que Ele desfez o seu lar. Pense que Ele atraiu para si espíritos que estavam preparados para receber a sua mensagem, enquanto você não estava e continua a recusar a mensagem do amor.

– Eu lutei contra todos eles. Engajei-me no exército do Templo, que deveria persegui-los, e os persegui, os ajudei, vi apedrejar muitos deles em praça pública.

– E isso satisfaz o seu orgulho, a sua vaidade? Aplacou a sua dor? Pelo contrário, afastou você cada vez mais daqueles seres a quem até hoje busca.

– Agora que você me diz isso, às vezes, quando eu chicoteava um deles, parecia-me estar chicoteando a Lídia. E continuo sem ela. É tudo tão inútil, assim, na vida...

– Você gostaria de reencontrar-se com ela?

– Lídia é um anjo! Ela estava vestida com um vestido brilhante! E coroada com uma luz estranha...

– E você, o que pretende fazer agora?

– Agora? Agora... Não sei. Você me tirou... Você me fez como um

agricultor que poda uma árvore. Você me tirou todos os galhos, os frutos, cortou-me todo, deixou-me um tronco nu e vazio.

– Sim, meu querido. A poda é necessária para que a árvore volte a produzir novas folhas e novos frutos. Aqueles que você trazia eram frutos amargos de desenganos, de aflições, de ilusões. Agora é uma nova vida, uma nova experiência, um novo ponto de partida para você. Fica conosco. Vem com os nossos companheiros.

– E tudo que fiz até hoje? Meu trabalho...

– Seu trabalho foi um trabalho inglório, de mentira, de ódios. Não é assim que você chegará à Lídia, meu querido. Não é por esse caminho. Não é por aí que vamos a Deus também. Não é assim que vamos reencontrar o Cristo.

– Nunca consegui golpeá-Lo. Agora reconheço isso. Estranho, não é? Parece que andei dando golpes no ar!

– Mas Ele não tem nada contra você. Todos esses séculos estive à sua espera. Permita-nos que agora, neste momento...

– Quem era esse Cristo estranho, que a todos atraía? Que ainda atrai a todos?

– A você também Ele atrai. Você também vai compreendê-Lo.

– É uma força como um centro de gravidade, que atrai tudo a si...

– Você também. Não O tema. Ele o ama tanto quanto a mim, quanto a todos nós, quanto à Lídia, mas é preciso que você faça um esforço para entendê-Lo...

– Tenho medo de queimar-me no Seu fogo celeste.

– Isso não vai acontecer. Tenha paciência, tenha coragem. Lá estará também a sua Lídia, a sua filha, para que você possa recomeçar em novas bases, compreendendo melhor o seu próprio espírito, perdoar aos seus próprios desenganos. Está bem? Concorda? Quer fazer a experiência?

– Tenho medo. Há noites em que tenho pesadelos. Vejo um chicote colado à minha mão. Faço tudo para soltá-lo e não consigo.

– É a sua consciência que reclama o reparo.

– Às vezes meu próprio braço se transforma num chicote. E é estranho... Que faço com esse vazio imenso? Não vejo estrada à minha frente. Que fiz eu? Que fiz eu, meu Deus? Onde estou, meu Deus? Para onde vou? Para

onde? Quem me recebe? Em que porta vou bater? Não tenho um amigo. Onde vou bater? (Chora).

– Escute. Você tem amigos. Aqueles mesmos companheiros a quem você não entendeu naquela época, estão aqui agora para o receber. Você tem a porta do Cristo, a porta do amor. Vem conosco. Confia em nós. Tem paciência. Este momento é difícil, mas depois você vai entender.

– Sou um mendigo. Sem lar, sem teto, sem amigos... Parece que, de repente, acordei de um pesadelo em que perdi tudo. Não tenho mais nada.

– Não é verdade isso. Você tem os amigos que não compreendeu naquela ocasião. Você tem o Cristo. Tem a sua Lídia. Não é verdade?

– Sim, mas não atraí a ira divina contra mim?

– Não. Deus é um Deus de perdão. É preciso que você também perdoe as suas próprias faltas para transformar esse arrependimento numa força construtiva, de forma a não ficar paralisado por mais de 18 ou 19 séculos. Não é isso?

– Eu me sentia tão limpo e, no entanto, veja como estou! Veja como estou: estas crostas escuras, estas escamas no meu corpo... Estou impuro, estou sujo! Quem me tira o demônio?

– Não existe demônio algum, meu querido. O demônio são as nossas próprias angústias, nossos erros... Você me aceita como amigo pelo menos até que você chegue aos seus outros amigos? Confia em mim?

– Sim. Preciso de alguém que me ajude. Estou aturdido, confuso, sozinho...

– Sozinho, não. Você não está sozinho. Estamos aqui com você. Você encontrará outros companheiros e, certamente, a nossa Lídia virá também para te ver.

– Ó meu Deus! Me ajuda...

Aí temos, pois, a dolorosa tragédia de uma incompreensão que se agrava, que se complica, que se alastra e que cega o espírito pelo largo espaço de quase dois mil anos.

Muito preso às estruturas da Lei de Moisés, nosso querido companheiro não conseguiu superar seus preconceitos, se não para aceitar ou seguir o Cristo, pelo menos para tolerar que a esposa, que Jesus curou, O amasse e

Lhe mostrasse sua gratidão, servindo à Sua causa. Essa é a primeira incompreensão, à qual inúmeras outras se seguiriam. Achou ele que Jesus apenas trocara uma doença por outra, curando-a do mal físico para transformá-la numa doente mental. Tratava-se, portanto, de um caso de possessão e o método para expulsar os supostos demônios era o espancamento cruel, tudo segundo as instruções emanadas dos sacerdotes da época. Ele, porém, comoveu-se ante o apelo da filha, no que, a seu ver, cometeu terrível engano, porque, ao interromper o bárbaro ritual da flagelação, achou que os demônios continuaram nela e acabaram arrastando-a e à filha para a comunidade daqueles que eram considerados os párias da época: os cristãos!

Concluiu, pois, que o Cristo havia roubado os dois entes que mais amava e, portanto, havia desfeito o seu lar. Daí em diante, todas as suas forças foram colocadas a serviço do ódio, da vingança, na qual procurou, inutilmente, através dos séculos seguintes, atingir aquele Nazareno que ele não entendeu.

Que tinha o Cristo, que todos O amavam? Quando Lídia, em espírito, lhe disse que o reencontro deles somente seria possível quando ele se levantasse daquele abismo de rancores, ele entendeu, novamente errado, que ela exigia que ele se tornasse grande. Saiu, pois, em busca da grandeza, em termos humanos, essa grandeza tola e efêmera, que o dinheiro abundante e as posições de destaque proporcionam. A tentação do poder atormentou-o desde então, seja ao contemplar o ouro da Igreja, dentro da qual passou a militar, seja ao lançar mão de dinheiro alheio, como em Lisieux, na França, onde sacrificou a filha de quinze anos e acabou cortando o fio da própria existência terrena.

De volta ao mundo espiritual, retomou, mais atormentado do que nunca e mais longe do que nunca de seus verdadeiros amores, a nefanda tarefa de combater o Cristo, a doutrina de Jesus e Seus seguidores. Talvez sonhasse loucamente em ser tão grande quanto Jesus para que sua Lídia o aceitasse novamente. Vê-se, pois, nessa tormenta de paixões desatreladas, o fio luminoso de um amor que persiste e que resiste até ao desespero mais terrível. Até que um dia desperta de um pesadelo que durou milênios.

Sente-se impuro, batido, abandonado, sem horizonte, confuso, aturdido.

É a hora da verdade. É o momento em que a gente para, contempla o passado, reorganiza o pensamento e estende o olhar pela linha do horizonte, até onde é possível perscrutar o futuro com os olhos da esperança.

Ele ainda não pode ver muito, mas seu coração começa a perceber que o futuro é Lídia, é o Cristo, é Deus, é a paz.

## 6. O batismo

Este é um daqueles companheiros truculentos e agressivos. Fala sem parar, em altas vozes, tentando impedir que o doutrinador tenha também a sua oportunidade de dizer alguma coisa. Por outro lado, falando continuamente, mantém-se no estado de fuga, de alienação, girando sempre em torno das suas ideias e das tarefas que procura realizar à sombra de poderosa organização espiritual. Lamentavelmente, para ele, nosso grupo mediúnico atravessou-se no seu caminho e pouco a pouco vai recolhendo alguns trabalhadores importantes. Diz ele, desabridamente e com a franqueza rude que o caracteriza, que, na terra dele (Espanha), situações como essas eram resolvidas logo com a tortura e com a fogueira. Queixa-se das nossas preces constantes, que criam em torno de nós certas proteções. Para que tanta prece? Falta de confiança “nas potestades”, diz ele. Ridículo! Além do mais, nunca estamos sós: há companheiros espirituais que nos acompanham; chama-os “babás”, tomando conta de nós.

Acresce que o grupo utiliza o Evangelho, a seu ver, para criar sentimentos de culpa, para humilhar, para prender a pessoa num passado já esquecido e superado. Se nos houvéssimos encontrado com Paulo de Tarso, por exemplo, teríamos paralisado o grande batalhador, fazendo-o fixar-se nos seus desacertos. O mesmo teríamos feito com Madalena, cujo passado não era nada recomendável, segundo ele. Teríamos, pois, bloqueado esses dois excelentes trabalhadores se suscitássemos neles o sentimento de culpa pelo passado.

O espírito alude, naturalmente, à técnica da regressão de memória, que utilizamos a fim de situá-los num contexto de realismo e dar-lhes a sacudidela que os acorda do torpor em que vivem a cometer desatinos.

Depois de muito deblaterar e contestar, com a veemência que lhe é característica, os argumentos contrapostos pelo doutrinador, começa a

sentir os efeitos da magnetização que lhe causa inexplicável mal-estar. Por isso, fica repetidamente a pedir a presença de um médico.

Tomamos o diálogo nesse ponto.

– Um médico... Preciso de um médico. Você foi buscar um médico? A minha mente. Estou entorpecido... O que é isso? Não faça isso. Tenho medo. Minha mente... Olha que horror! O que vocês fizeram? Hipnose... Minha cabeça... Não consigo. Estou confuso. Por favor! Onde está minha mente?

Por fim, acalma-se um pouco, enquanto o doutrinador lhe fala. Ele ainda se queixa que dois companheiros já foram recolhidos e que ele não pode, portanto, “sair da linha de frente”. Tem “lá” o seu trabalho, trabalho muito bom. Começa a ficar incoerente, desligado do tempo, espaço e consciência de si mesmo. O doutrinador procura levá-lo ao passado.

– Espanha? Que é Espanha? Passado? Que é passado? Não conheço essa língua.

Começa, afinal, a emergir a história, ainda fragmentária, arrancada aos poucos, quase que palavra por palavra.

– Algarves, diz ele. Que é isso? Algarves...

– O que aconteceu no Algarves? Como você se chama?

Alfonso. (É raro dizerem o nome.) Dom Alfonso. Prelado. (Longa pausa e, em seguida:) Não sei... As palavras... Não acho...

Está ainda com a dificuldade inicial de articular o pensamento para convertê-lo em palavras através do médium.

O doutrinador o estimula e lhe dá algumas instruções.

– Chove. Chove muito. Não acho palavras... Capela... Sozinho. Chove.

– O que você está fazendo?

– Liturgia. Preparo altar, batismo. Chove...

– De quem o batismo? Quem é a criança?

– Criança...

– É um menino ou uma menina?

– Não sei...

– Não sabe? Você vai batizar e não sabe?

- Chove muito... Não sei... Alguém ajoelhado, chorando. Uma mulher...
- Você a conhece?
- Não sei. É Aleta. Confuso...
- Por que ela chora?
- O batizado... Não quer. Sacrilégio...
- Por quê? O filho não é legítimo?
- Sacrilégio.
- Meu querido, todas as crianças são legítimas perante o Pai. De quem é essa criança?
- Aleta.
- Sim, mas e o pai? Quem é? Você o conhece? A criança morreu?
- Linda... Aleta. Roxo. Paixão. Igreja, capela, roxo...
- Eu entendi. Você tinha a ver com essa criança, não é verdade? É seu filho?
- Aleta. Menino. Na água...
- Foi ela que deu o veneno?
- Não. O batismo...

A dificuldade é realmente grande em colocar em palavras todo esse terrível drama de consciência que ele mal consegue esquematizar, vencendo resistências seculares. Como se percebe, ele era um sacerdote, seduziu uma jovem por nome Aleta e matou o menino com a água batismal previamente envenenada.

– Pois é, meu querido. Não se desespere. De fato, essa situação não é agradável de se recordar. É sempre penoso para nós admitirmos as nossas faltas, mas isso não nos obriga a ficar retidos no mundo das dores. Podemos voltar sobre nossos passos.

- Aleta... Perjura. Perigo. Aleta é um perigo. Ameaça.
- Ela é uma ameaça para você?
- Sim. Ela ameaça. Perjura. Inimiga da Igreja. Cristo... Sacrifício... A honra do Cristo. Álvaro... Irmão Aleta... Dom Álvaro... Vingar Aleta.
- E que fez dom Álvaro?

Ele responde baixinho:

- Inimigo da Igreja! Dom Álvaro. *Don Álvaro es enemigo de la Iglesia...*

Dom Álvaro, inimigo do Cristo... Eu, dom Alfonso, prelado *de la Iglesia*. *Veinte años*... Dom Álvaro. Aleta, *dieciocho*, Ameaça à Igreja. Chove... Está chovendo.

Quando o doutrinador tenta fazê-lo retornar ao momento presente, ele diz:

– Chove. Está chovendo. Não posso sair. Dom Alfonso... (A chuva na noite tenebrosa em que ele preparou o crime parece um ponto de fixação, de ancoragem para seu atormentado espírito naquele passado lamentável.)

– Dom Alfonso D’Agueda. Vamos? Onde?

– O tempo passa. A vida de dom Alfonso também termina.

– Dom Alfonso... Dom Álvaro... Aleta... *El niño*... *Varón*...

– Vem agora. Desperta!

– Desperta? Acorda? Sono... Desperta... Acorda... Cabeça tonta...

Como se observa, ele não apenas assassinou o filho, ao ministrá-lo o batismo, mas ainda tratou de eliminar, pelos processos então ‘legais’ da Inquisição, os dois testemunhos vivos do seu gesto tresloucado: Aleta, a mãe da criança, e dom Álvaro, irmão dela.

Suas primeiras palavras, ao despertar da regressão, foram:

– Meu trabalho! Meu trabalho de divulgação!

– E onde estão Aleta e dom Álvaro?

– Mortos.

Mas parece recair nas trágicas recordações, flutuando entre presente e passado.

– Aleta... *El niño*... *Bello niño*! Meu trabalho...

Só ao cabo de alguns instantes retoma a consciência do momento presente. Suspira e diz novamente com a voz firme e coerente:

– Isso é uma fantasia! Só pode ser... Qualquer coisa que você inventou. Você inventou isso! É o artifício do Evangelho. É o que eu falei. Pensa que vai me amarrar a uma culpa, é? (Conservou, na pronúncia, certo sotaque). Não vai. Isso já passou há tanto tempo que eles já devem ter tido outras vidas e estão felizes em algum lugar.

– E você está feliz?

– Estou feliz no meu lugar. Eles estão felizes em algum lugar no espaço...

Qualquer coisa, sabe? Estão lá... Onde você acha que quer chegar? (Em seguida, num tom normal, como se buscasse a opinião do doutrinador:) Eu não tinha o direito, não é?

– Não sei, meu querido. Não o estou acusando de nada.

– Eu não tinha o direito, está certo... (Volta a gritar). Mas você também não tinha o direito de mexer com isso!

– Não, meu caro. É a sua consciência que fala. Não eu. Ouça-a.

– Eu não tinha o direito.

– O que você acha? Você é que tem de achar. Não eu.

– Não tinha o direito. Matei os três. Não! Não! Eu não matei os três: só um! *El niño*... Os outros, foi o Tribunal; não eu. Não tenho nada que ver. Não me ponha essa culpa na consciência!

– Ninguém está botando culpa na sua consciência, meu querido.

– Não tenho nada que ver com isso. Tenho o trabalho do Cristo que eu preciso... Preciso... (Parece hesitar na conclusão, agora que confronta aquilo que diz com o que faz). O Cristo disse não matar! Não levantar falso testemunho. Não desejar a mulher do próximo. Não matar! Não matarás! (Está citando trechos do Decálogo, mas não se pode dizer que cita o Cristo erradamente, porque Jesus declarou repetidamente que não vinha destruir a lei, mas fazê-la cumprir.)

O doutrinador se aproveita da pausa que se segue para citar pensamentos de Jesus:

– “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” “Os meus discípulos serão conhecidos por muito se amarem.” “Amai-vos uns aos outros.”

E ele prossegue, já em pranto:

– “O que fizerdes a qualquer um desses pequeninos...”

– Peço a você, meu querido, que essa dor que traz há tanto tempo não o paralise nas tarefas do desengano, da mentira, da insistência no erro.

– Aleta, onde está?

– Você não precisa ficar lá, onde está. Lá você nunca vai encontrar a sua paz, a sua felicidade.

Os caminhos da realização espiritual às vezes têm que passar pela dor... Eles o perdoam, mas é preciso que você se apresente diante do Cristo com...

- Como assassino? – grita ele. “– Caim, onde está teu irmão?”
- Sim, mas também como a pessoa que deseja regenerar-se, que busca o perdão, que pede uma nova oportunidade. Hoje você está tendo aqui uma oportunidade que Ele lhe concede. Não eu. Não tenho poderes para isso e nem sou melhor do que você, mas você pode regenerar-se.
- Sou um Caim. Caim não tem chance.
- Como não? Judas teve chance. Você o citou no princípio de nossa conversa. Ele não se redimiou? Como você não pode? Por que não? Tenha confiança no Cristo. Dê-nos a oportunidade de ajudá-lo. Venha conosco. Repouse, medite e espere a sua oportunidade.
- O ardil... O ardil que você usa sempre pegou-me.
- Perdoe, irmão. Não foi com a intenção de o magoar, nem de o humilhar. Foi para o ajudar. A sua consciência é que o pegou. Não eu. Ela é que o chama ao dever, à realidade. Por que você vai mentir a si mesmo?
- Pegou-me... Pegou-me!
- Fique conosco, então. Nós o aceitamos como você é, meu irmão, porque também somos imperfeitos. Também temos faltas a resgatar. Também temos dores, mas não vamos fazer das nossas dores um instrumento da mentira.
- Não posso resgatar, não posso voltar... Ao passado. Já passou.
- Temos que caminhar na direção do futuro e não ficarmos presos ao passado. O que você realizou nesses séculos todos? O que você fez?
- O que eu fiz? Matei... Queimei... Torturei... Isso que eu fiz! Odiei, traí, persegui...
- Agora você está com outras disposições de espírito. Você quer realizar novas tarefas.
- Onde, como e quando?
- Comece hoje, agora. Não espere mais.
- Eu tinha uma tarefa. Senhor! Senhor! Tiraram-me a tarefa... Senhor, onde estou? Senhor! Perdi-me... Senhor! Não sei o caminho... Senhor!

Nesse ponto é retirado pelos nossos amigos espirituais e segue para repousar, meditar, planejar, sofrer, resgatar-se um dia. Um pensamento fraterno de amor por dom Alfonso e por todos aqueles que se envolveram

nesse doloroso episódio.

## 7. O milagre que não houve

O caso desse companheiro se reveste de características bem especiais, como veremos, a começar pelas suas ligações anteriores com dois dos componentes do grupo. Não é, pois, uma conversa entre estranhos, nem traz ele, de início, aquela explosão de agressividade e de irritação a que nos habituamos, em razão da própria natureza do nosso trabalho, que interfere com seus planos, contesta suas ideias, obriga-os a adaptações e, acima de tudo, retira trabalhadores que exercem tarefas críticas dentro do planejamento geral. Ele, não. Chegou calmo, razoável, apenas preocupado em isentar-se de culpa no “que havia acontecido”. O grupo passara por uma pressão maior por parte daqueles que procuravam intimidar-nos com o objetivo de levar-nos a abandonar o trabalho.

Dizia ele, honestamente, que não pudera omitir-se totalmente, o que é compreensível, pois fazia parte de um grupo, que juntos tomavam as deliberações. Não sabia até que ponto o companheiro que havíamos recolhido na semana anterior revelara a sua participação no esquema que haviam montado contra nós.

Por outro lado, captara o que chamava de “emissões mentais” do doutrinador, durante a semana, nas suas meditações. Segundo ele, o doutrinador chegara a conclusões bastante objetivas, identificando certas ligações anteriores.

Ao que se depreende das suas evasivas e da dificuldade que estava encontrando em relatar sua posição no caso, o famigerado esquema incluía certas pressões sobre a médium, pela importância da sua contribuição ao grupo. Eles sabiam muito bem que sem ela nosso trabalho estaria praticamente neutralizado. Nossa impressão foi a de que ele pediu aos seus companheiros uma oportunidade de negociar conosco, antes de desencadear uma ação mais drástica contra nós. Um bom sinal, aliás, que

evidenciava nele inegável capacidade afetiva, decência e lealdade, a despeito de todas as suas possíveis dissonâncias espirituais. Ele próprio se reconhecia como tal, avaliando com bastante realismo a sua psicologia. Dizia ter defeitos, mas assegurava ter sempre agido com cavalheirismo. “Afim de contas – dizia – somos civilizados”.

A questão, para ele, se colocava da seguinte maneira: nosso trabalho “não era bem visto”. Poderíamos continuar com o grupo, desde que introduzíssemos modificações em nossa linha de ação. Se a tarefa que lhe fora atribuída junto de nós alcançasse o êxito que esperavam, ele teria certas compensações que muito lhe interessavam. No entanto, lembranças agradáveis de um passado em que nos incluíamos, fizeram-no hesitar e recuar. Estava tentando, pois, a solução do entendimento, da negociação pessoal e amistosa. Sem desejar dar-nos conselho, propunha o abandono puro e simples da nossa tarefa. Tinha muita experiência da vida e era de opinião que certos sacrifícios e renúncias não compensam. De volta ao mundo espiritual, na revisão inevitável de nossos atos, haveríamos de lamentar o tempo perdido e ficar com frustração de não ter “aproveitado a vida”.

Deixou entrever que admitia, como o doutrinador lhe dissera, estar “dando voltas” para chegar a Deus, mas que importância tinha isso? Não vamos todos para Ele?

– Vamos – disse o doutrinador –, mas por que passar pelos pântanos?

Fez então uma longa digressão sobre o Cristo, tentando demonstrar que Ele também fora pelos pântanos, com seus sofrimentos, suas lutas, suas decepções e as asperezas todas daquela existência rude que levou.

– Uns vão pelos pântanos – disse ele –, outros pelas estrelas... Mas, que diferença faz?

O Cristo, na sua opinião, fora pelos pântanos, com o que o doutrinador não podia concordar. As dificuldades que o Mestre enfrentou entre nós não eram um desvio no seu roteiro evolutivo, como o espírito manifestante parecia crer. Por isso, o doutrinador lhe respondeu:

– O Cristo, meu caro, passa pelos pântanos, ilumina a lama e não suja os pés...

Mas ele trazia várias alternativas. Poderíamos, por exemplo, substituir o nosso médium por outro, pois havia muitos em melhores condições e desejosos de servir à causa do amor e da verdade.

Nesse tom prosseguiu o debate durante cerca de uma hora. Houve tempo para ele revelar a si mesmo, com bastante nitidez e franqueza, bem como inesperado conhecimento da psicologia do doutrinador, embora vendo-o através de certas deformações pessoais. Na sua opinião, o doutrinador era exageradamente emocional, arrebatado mesmo e muito místico na sua fixação no Evangelho. Quanto a ele, não. Era cristão, naturalmente, mas não um místico. Pregava o que chamou de “cristianismo funcional”, ou seja, pragmático, totalmente desprovido de misticismo. O Cristo, a seu ver, fora um homem de ação, usara o amor-energia, ao curar os infelizes que lhe pediam socorro. “Levanta-te, toma o teu catre e anda”, ordenara ao parálítico. “Eu quero! Cure-se”, disse ao leproso. Assim é que se age!

Nosso conceito de carma era outra enormidade. Nada disso de ficar preso ao passado, com sentimento de culpa, inibido a perder tempo. Era preciso dinamizar o carma.<sup>3</sup>

O doutrinador começou por aí a tarefa de levá-lo à regressão. “Onde foi e como foi que você concluiu que precisava dinamizar o seu carma?”

As primeiras lembranças que lhe ocorrem são ainda em estado de plena consciência e ele as relata com naturalidade. Acontece que o doutrinador conhece um pouco da sua história pessoal, durante o período em que, pertencendo à nobreza, ele fazia parte da corte de importante reinado da Europa. (O leitor há de perdoar-nos certas reticências aqui, pois é preciso preservar identidades.) Envolveu-se lá em complicações e acabou sacrificado, numa execução que lhe cortou o fio da existência terrena. Diz ele, agora, que poderia ter reagido de outra maneira para salvar a vida e, para isso, dispunha de meios, mas o que passou, passou.

Daqui por diante, reproduzimos o diálogo, tal como está nos *tapes*.

Referimo-nos primeiro ao relacionamento que ele e a médium tiveram naquela época, que ele diz ter sido “muito bom”. Em seguida, o doutrinador prossegue:

– Além dessa experiência, onde mais você a conheceu?

– Eu a conheci num outro tempo de que não me lembro. Engraçado. Parecia ser... Agora, você falando, me projetou uma cena... Interessante... Sim, devo conhecê-la de lá... Mas ela era muito voluntariosa. Ela sempre foi muito voluntariosa.

– Onde foi isso? De lá, onde?

– Não sei. De lá, num passado qualquer aí. Você não está falando em passado? Tenho um carinho por ela muito grande. Ela me foi uma irmã a quem eu devia proteger. (Pausa). Essas coisas devem ficar onde estão.

– Mas enquanto ficarem onde estão, meu querido, serão aquele catre que não queremos pegar para caminhar. Esse é o seu catre, um deles, que você deixou no passado.

– Não. Você está supervalorizando as coisas. É o seu temperamento emocional. Você tem que ser mais frio diante das coisas.

– Como é mesmo aquela história? Ela foi sua irmã, filha do mesmo pai e da mesma mãe? Onde foi isso?

– É, irmã mesmo. Não sei onde foi. Deve haver muito tempo. Vi a imagem, mas não sei. Só sei que eu parecia ser o chefe de um grupo qualquer. Acho que era a minha própria família.

– Ah! sim, você é que era o filho mais velho?

– Era. O pai morreu e ela era a irmã menor. Não sei o que aconteceu. Isso não vem ao caso. Não tem nada que ver. Que diferença faz?

– Você é um homem corajoso, experimentado. Não vai ter medo de lembrar-se de uma coisa dessas, que faz bem ao seu espírito.

– Isso até que é uma lembrança agradável.

– E por que você não pode dizer, então?

– Não tenho nada a dizer. Não quero lembrar isso, como não quero lembrar outras coisas. Não, meu amigo. Você não vai prosseguir, não.

– Quer dizer que aí ficou um problema. Esse é um dos leitos que você não tomou. Você está paralisado aí. Vamos buscar outro, mais atrás.

– Você já foi árabe alguma vez na sua vida? – pergunta ele, de repente.

– Provavelmente.

– Eu acho que sim... (Pausa). Você, hein? Então era você, não é? Você... seu cheiquezinho... Você foi algum árabe? Então devia ser você. Teria que

ser você... É melhor não procurar saber. Você é muito impressionado com o carma.

– Não. Tenho condições de assumir os meus erros, porque aprendi com o Cristo que é assumindo nossos erros que caminhamos. De modo que não tenho receio. Pode falar.

– Não tenho nada a falar, meu caro. Devia ser você.

– Que você fez, então?

– Nada. O passado está enterrado.

Supomos que o antigo cheique tenha tomado a jovem como esposa contra a vontade do irmão mais velho, mas ficamos sem saber da história. O doutrinador não julga conveniente pressionar para conhecer o fato, que não lhe parece relevante no contexto que estamos examinando. O que nos interessa conhecer, no momento, é a razão profunda da sua aversão ao Cristo, muito embora fantasiada de fidelidade ao Mestre, sob a forma de “cristianismo funcional”. Ele se diz cristão e está aparentemente convicto de que trabalha pela divulgação da verdade. Sabemos, no entanto, que atrás disso tudo escondem-se fantasmas terríveis do passado e que precisam ser trazidos à luz do consciente para que se veja que são apenas fantasmas e que, não obstante, precisam ser enfrentados num corpo-a-corpo entre a verdade e as nossas fantasias, ilusões e automistificações.

– Por que você se lembra do passado, então?

– Nada. Você provocou isso! (E depois:) Isso não faz sentido, meu caro. É uma invenção qualquer da minha cabeça.

– Ah! não convém que faça, não é?

– Não faz. Você pode estar sendo vítima de uma mistificação, sabe disso?

– Posso, é claro. De você mesmo? Você próprio está se mistificando?

– Uma mistificação do ambiente, do seu instrumento... Qualquer mente pode engendrar uma coisa assim.

– Bem. Esse episódio ficou aí sem resolver. Está ainda aí, dentro de você. Então você não dinamizou esse carma. Vamos buscar outro. Mais para trás.

Começa a bocejar e isso o embaraça sobremaneira, por ferir a etiqueta da alta sociedade que frequentou em tempos outros.

– Você me está provocando uma descortesia. Estar falando e bocejando.

Isso é horrível. Falta de boas maneiras.

Embora diga que não tem passado, logo a seguir declara:

– Esta areia quente continua incomodando-me os pés. Uma areia quente, muito quente... Que estou fazendo? Estou caminhando... Preciso chegar a tempo para as preces vespertinas na cidade santa (Meca).

– E você tem alguém com você?

– Não. Estou sozinho.

– Quem é você?

– Quem sou eu? Ora, isso não tem importância... Ali-Ben-Assuf... Preciso fazer as preces...

– Você tem irmãos e irmãs?

– Tenho uma família.

– É essa a existência na qual você teve a nossa companheira como irmã?

– Não sei.

– Por que você está colocado nessa situação? Qual é o fato dessa vida que interessa a você conhecer?

– A fé.

Essa resposta é extremamente reveladora. O problema fundamental desse espírito é a dificuldade em crer, em fazer da fé religiosa o componente emocional da existência, o roteiro evolutivo, a maneira de viver consigo mesmo e com o próximo. Vimos como há pouco argumentava elegantemente contra o que chama de “misticismo”. Queria um cristianismo pragmático, funcional... No seu trabalho, procurava antes o raciocínio, a firmeza calculada dos silogismos e a ginástica mental, do que uma ética para a vida. Enfim, um processo de fuga, como outro qualquer.

Tal atitude vinha de muito longe, como ainda veremos a seguir. Naquela existência, porém, no mundo árabe, foi-lhe dada a oportunidade de uma vivência com o islamismo, religião concebida como indiscutível manifestação de submissão à vontade de Deus e, portanto, estruturada na fé inquestionável (‘islã’ quer dizer submissão). Vimos o seu empenho e sua preocupação em chegar a tempo para as preces em Meca, enquanto percorria as areias escaldantes do deserto. O Corão prescreve não apenas normas de culto, mas de procedimento, de relacionamento humano, de

vida, enfim. Allah é o Deus supremo e único e Maomé o seu profeta. Nosso irmão teve nesse contexto a oportunidade de incorporar a fé às estruturas do seu pensamento, do seu espírito.

Prossigamos.

– E você não conseguiu? O Profeta era um homem de fé. Cometeu seus enganos, mas ele cria. Você o conheceu?

– Sou muito feliz... O Profeta? Sim, mas eu era moço, rico e bonito.

– E o que aconteceu?

A lembrança é evidentemente muito penosa, porque ele resmunga e hesita.

– Por favor – diz o doutrinador –, não perca a oportunidade de ir ao passado buscar as razões das suas fugas presentes e as razões pelas quais você está adiando o seu encontro com a verdade.

– Ninguém se deve entregar à fé, porque os homens são maus.

Mais um raciocínio de fuga e de desculpismo. Era preciso, pois, ir mais longe no seu passado para localizar o motivo pelo qual ele tivera necessidade de experimentar a fé em pleno desabrochar do islamismo.

– Naqueles séculos todos, desde a passagem do Cristo, você nunca conseguiu ter fé?

– Cristo?

– No tempo de Jesus, o que você fazia? Onde estava? Quem você era?

– Eu precisava de um herói. O Cristo nunca foi um herói. Era um fracassado. Eu era um mercador de vinhos.

– Você era judeu também? Romano?

– Não.

– O que aconteceu? Você o viu pregando? Você foi em busca dos ensinamentos Dele?

– Não sei. Tudo está tão confuso...

– O que aconteceu lá, que você não acreditou Nele?

– Porque Ele era fraco. Ele recusou meu filho. Recusou as oferendas que meu filho levou.

– Oferendas de quê? Dinheiro?

– Dinheiro, prestígio...

- E por que você mandou fazer as oferendas?
- Porque queríamos um milagre. As vinhas, naquele ano, não produziram. Uma praga... E nós queríamos que Ele fizesse um milagre...
- E o que foi que Ele disse?
- Ele disse ao meu filho qualquer coisa como deixar os bens da Terra, procurar a vinha do Senhor... Qualquer coisa assim. Aquilo foi uma ofensa! Ele fazia tantos milagres! O que custava fazer, aquele? Encher os barris...
- Você só viu Nele uma pessoa que podia dar mais algum dinheiro a você?
- Que mais Ele era?
- Você queria, então, comprar um milagre...
- Por que não? Comprava-se tudo em Israel.
- E você, de onde era?
- Chipre. Por que Ele não foi? Que custava a Ele?
- Meu querido, você quis comprá-Lo, não é verdade?
- Um Nazareno qualquer...
- A lição você não aprendeu, não é, meu caro? Até hoje você O detesta porque certa vez Ele não quis encher, com um “milagre”, os seus barris vazios...

Eis a história de um pobre espírito em busca da fé. Teve a maravilhosa oportunidade de ser contemporâneo de Jesus, embora tenha nascido, não em Israel, mas em Chipre. E o que pede ao Mestre? Não tinha aflições materiais, nem males físicos. Não precisou pedir a cura de uma filha ou da esposa. Nada quer, senão, que Jesus produza milagrosamente um bom vinho para os seus tonéis, anulando os efeitos de uma safra eliminada pela praga.

Acreditava, portanto, embora à sua maneira, na força de Jesus, mas subestimou lamentavelmente a ética do Mestre e pensou que poderia comprá-Lo como tantas coisas e gentes que estava habituado a comprar.

Jesus devolveu-lhe o filho, recusou seu suborno e o exortou a buscar a Vinha do Senhor e não aquela que as pragas consumiam num ano adverso. Em vez de absorver a lição, tomou-a como um insulto pessoal, uma humilhação. Não era ele um rico mercador de vinhos? E quem era aquele mísero Nazareno que lhe recusava um serviço pelo qual ele estava pagando

bom preço?

Se o tivesse atendido, o Cristo seria, a seu ver, um herói, e ele pensava precisar de um herói para crer. Ainda não compreendera, quase vinte séculos depois, que, na hipótese absurda de ter Jesus aceitado a sua oferta e se transformado aos seus olhos num herói eventual e transitório, ele também não o aceitaria. “Quem? Aquele mísero Nazareno de quem um dia eu comprei um milagre?” –, diria certamente.

O problema não era, pois, o Cristo, mas a sua posição ante o Cristo. Por isso, todo um rosário multissecular de transviamentos e de ignaras filosofias para justificar uma posição insustentável em si mesma, mas que, pelo menos, o justificava perante sua consciência desarvorada.

Tentou outros caminhos e falhou sempre. Nos últimos tempos (desde quando?), no mundo espiritual, na condição de desencarnado, engajou-se na tarefa ingrata de alistar-se nas fileiras dos que desejam apagar o Cristo do coração dos homens. Falava em nome Dele e pregava doutrinas que a muitos, infelizmente, parecem cristãs, mas que trazem terríveis deformações e venenos sutis. Fracassados de outros cometimentos, desejam uma vez mais utilizar-se do nome do Cristo para se apossarem de qualquer fatia de poder que lhes esteja ao alcance das mãos ávidas e das mentes desgovernadas.

Serão seres desprezíveis, dignos apenas de santo horror ou, no máximo, de nossa compaixão? Absolutamente. São irmãos em penosíssimo estado de angústia, a esconderem-se desesperados atrás de ardis, de artifícios, de meias-verdades, porque julgam não estar ainda preparados para o encontro face-a-face com a sua própria realidade interior.

Estão em fuga de si mesmos, e por isso é tão dramático e arrasador o momento da verdade, quando levados caridosamente e com o máximo respeito ao confronto com os seus núcleos de dor.

---

<sup>2</sup> A palavra carma está sendo utilizada aqui no seu sentido doutrinário de ação e reação. Como sabemos, a ação positiva, voltada para a prática do bem, suscita reação igualmente positiva, ao passo que a ação negativa provoca, necessariamente, reação negativa. Isso quer dizer que o carma não tem apenas sentido negativo de castigo, como supõem alguns. Como tenho dito e escrito numerosas vezes, as leis divinas que regulam o Universo, inclusive nosso comportamento, jamais têm caráter punitivo, e sim educativo.

## 8. O massacre

Esse é um daqueles destemidos espíritos, dotados de muitos talentos e experiência, infortunadamente, a serviço do mal. Tinha também seu código de honra e de cavalheirismo. Suas palavras iniciais foram, porém, de ameaça; dizia trazer um remédio para os nossos males, que pretendia extinguir nosso grupo mediúnico. Sabia muito bem das pressões terríveis que sofríamos em consequência do nosso atrevimento de pigmeus, ao tentar interferir nos seus planos e pôr em xeque a sua organização. Pouco depois, no entanto, confessa que, ao lamentar-nos, lamenta-se também, porque está vivendo o desespero da inação e a humilhação da impotência. Dirigia e controlava tudo. Comandava mentes de seres encarnados e desencarnados como um destro e firme cavaleiro domina seu cavalo. Ao simples impulso do seu menor desejo, fazia vibrar os cérebros que tinha sob seu poder. Já não sentia mais a mesma firmeza. As mãos tremiam e vacilavam e a sua instituição entrara em rápida desagregação. Disse-nos que não podia acreditar no que via, vagando pelos corredores abandonados. Resolvera, portanto, deixar por algum tempo a sua elevada posição de comando, para ir pessoalmente “inspecionar o trabalho de campo”, ou seja, o ambiente e as condições em que viviam aqueles míseros componentes de um grupinho insolente que ousava perturbar o andamento do seu trabalho. Estava, portanto, em desespero. Perdas importantes haviam ocorrido na sua organização. A da semana anterior fora irremediável, pois o grupo conseguira recolher importante personagem que eles consideravam uma espécie de “guia espiritual” da organização, se é que a expressão é adequada nesse contexto.

O nosso visitante daquela noite viera “para o campo” algo preocupado, mostrava-se agora literalmente aturdido, após a “inspeção”. Impressionara-o sobremaneira a resistência passiva dos componentes da nossa

modestíssima equipe de trabalho, o nosso destemor, que ele só podia explicar atribuindo-nos alta dosagem de irresponsabilidade ou de desconhecimento da seriedade da situação em que nos metêramos.

– Quem é você? – perguntou ele ao doutrinador. – Que monstro de resistência é você? Em que alicerces vocês se apoiam?

Quanto a ele, acabara de verificar que toda a sua obra, que lhe parecia tão prodigiosa, eram meros castelos de areia, e essa areia, no momento, lhe escapava velozmente por entre os dedos. Que fazer de nós, àquela altura? Todas as ofertas possíveis já nos haviam sido feitas. Recusáramos tudo. Estava, pois, confuso, desconcertado, desarmado.

– Vocês me ganharam – disse ele –, com uma simples excursão.

Pouco adiante, com a sua palavra precisa, a serviço de uma ágil e brilhante inteligência, ele nos disse:

– Conheci almas com muito menos problemas e dificuldades do que vocês e que aceitaram tudo.

Referia-se aos pactos sinistros que faziam com encarnados e desencarnados para obter apoio, colaboração ou, até mesmo, a neutralidade. Era tudo uma troca vil de interesses mesquinhos. Na sua longa experiência de negociar adesões, confessou-nos que recusara muito pouca gente pelo fato de trazer ainda no espírito restos de decência, de honestidade, de bondade – fatores sempre indesejáveis para os seus planos. Eram todos venais, interesseiros e inescrupulosos. Ante a franqueza dura e leal dessa exposição de misérias, o doutrinador ofereceu-lhe uma explicação do mistério que ele não conseguiu entender, a única explicação possível:

– Meu caro, é simples: para nós, o Cristo não está à venda.

E agora, que perdera aquele que, no seu dizer, fora “a alma do seu trabalho”, ele sentia-se a caminhar por uma prancha estreita ao fim da qual o esperava o mar desconhecido, onde ele, um condenado, tinha de atirar-se sem barco para navegar. Estivera pessoalmente com alguns dos seus companheiros no recinto a que haviam sido provisoriamente recolhidos pelos nossos benfeitores espirituais, a fim de receberem um primeiro tratamento de emergência e repousarem por breve tempo. Ficara perplexo com o que ouvira e com as atitudes deles, inclusive do seu precioso assessor.

Aproximaram-se, a seguir, de nós próprios, os encarnados. Visava principalmente ao doutrinador e à médium. Causara-lhe tremendo impacto o que chamou de passividade e resignação desta última. Ele viera para destruí-la, a fim de neutralizar o trabalho do grupo. Criou, nesse ponto, uma bela imagem para figurar o que lhe ia na mente. Imaginara encontrar uma parede de aço, a qual ele golpearia rudemente, num ímpeto arrasador, com toda a força de seu punho cerrado. E viu que o murro atravessaria a parede como se ali nada houvesse. E mais: o impulso do soco levaria também a ele e lhe causaria um choque que o desequilibraria. Ante a sua belicosa atitude, não vira nem o esboço de uma reação, nem o fugidio sinal de um temor. Como explicar aquela serenidade, aquela entrega total? Seria o mesmo que dar um murro no vazio! E fora como se houvesse dado, porque levava o choque.

Era – explicou o doutrinador – a resistência de quem cede porque ama, porque não teme; de quem confia Naquele que ilumina os nossos caminhos.

Ele desistira, finalmente, da agressão planejada. Eram manipuladores de mentes e não pessoas dadas à violência. Para as tarefas dessa natureza viam-se obrigados a recorrer a elementos mais rudes, como quem, no plano físico, contrata um pistoleiro profissional. Além disso – e esta nos pareceu a razão principal do seu recuo – permanecera nele um resquício de hombridade. Seu código de honra não lhe permitiria agredir um ser entregue àquela passividade e resignação, como que indefeso, e, ainda mais, uma mulher. Aquele destemor o deixara perplexo. Vivía horas de fantasmagórico silêncio interior, esvaziara-se a sua mente, não tinha mais planos, nem ideias, nem o que fazer, senão ouvir o eco de seus passos na solidão.

E, de repente, aos gritos e em pranto, desabaram as últimas fortificações do seu valoroso espírito:

– Fala-me de Jesus! Fala você que é um homem, para ver se eu entendo! Ele me falou (refere-se a um de nossos amigos espirituais), mas me pareceu um anjo falando de outro. Não entendo a sua linguagem. Onde é o caminho? E eu falei de Jesus pela boca de tantos! Quem é esse ser misterioso que me dá liberdade, mas me tolhe ao mesmo tempo, porque me domina? Não posso livrar-me Dele! Muitos estão vazios como eu e não

sabem... Ainda não sabem. Tenho a consciência em fogo!

Confessa, nessa torrente, que não tem como fazer estancar, que frequentemente procura pessoas drogadas para, unido a elas, poder esquecer um pouco as suas angústias, para ter momentos fugazes de euforia artificial. Diz conhecer do Cristo apenas o que estudou, leu e aprendeu nos documentos históricos; não O conhece pessoalmente. O doutrinador suspeita de que isso não seja verdadeiro, seja porque ele não queira dizer, seja porque, naquele momento, O ignore deliberadamente, em vista de ter varrido para os porões secretos do inconsciente lembranças aterradoras de um passado que rejeita. Esta versão parece a mais provável – e é a verdadeira, como veremos. Nesse ponto começa, irresistível, a regressão de memória.

Sigamos, daqui em diante, a transcrição do diálogo, tal como está nas fitas.

– Estou com a cabeça cheia de visões... Visões tenebrosas... Visões terríveis que me atormentam. São gritos, são dores. Gritos frenéticos... Desespero...

– E qual é a sua atuação nesse quadro?

– Eu me sinto, às vezes, como um caçador que surpreendesse um bando de aves inocentes e as abatesse todas de um só golpe, sacrificando-as para nada, porque nem para Ele mesmo elas serviam... (Refere-se ao Cristo). Uma matança que a ninguém aproveitou.

– É certo. Aqueles seres continuam a espalhar por aí seus gritos, seus lamentos. Quando a dor é para regenerar temos que aceitá-la, mas e a dor que nos aprofunda mais na dor?

O espírito chora e ouve. O doutrinador prossegue:

– Mas você não está aqui, por favor, em confissão, nem nós temos autoridade para submeter você a nenhum questionário, ouviu, meu querido? A nossa ideia, o nosso propósito aqui é apenas o de proporcionar o apoio espiritual, o carinho, o calor humano de que você precisa para que você próprio encontre o seu caminho, porque só damos valor àquelas coisas que nós mesmos suscitamos. Aqui não se impõe nada a ninguém, muito menos a um espírito da sua envergadura. Está de acordo?

Ele tem um pequeno riso nervoso e diz:

– Espírito da minha envergadura!... Quão pouco você conhece das pessoas...

– Não, meu filho. Estou sendo sincero. Sei que você errou, porque você mesmo reconhece. Não é preciso eu dizer. E errou gravemente. Cometeu enganos seriíssimos, mas a profundidade e a gravidade do seu erro decorrem, em grande parte, dos recursos de que você dispõe. Você utilizou mal os talentos concedidos pela misericórdia divina ao longo de todas essas vidas, mas é preciso lembrar que a experiência, o conhecimento, esses recursos todos ficaram no seu espírito. Com esses recursos você pode reconstruir a sua vida e as daqueles a quem você prejudicou. É verdade ou não é, isso? Então, quando digo que você é um espírito que tem envergadura estou sendo sincero e você sabe que isso é verdadeiro. Mas, pelo amor de Deus, não use esses talentos para corromper novamente, porque o principal corrompido é o seu próprio espírito. Quem mais sofre, quem mais atrasa na sua evolução é você mesmo. Agora, você tem que fazer o trabalho de regeneração das suas cercas caídas e, ainda, ir em socorro daqueles a quem você induziu ao erro. Mas tudo isso, meu querido, pode ser feito e vai ser feito, porque a despeito da sua incompreensão, o Cristo não deixou de amá-lo, de compreendê-lo, nem de aceitá-lo. Não precisamos dizer isso porque você o sabe. Esteja certo, porém, de que Ele não está interessado em puni-lo, em magoá-lo, em fazê-lo sofrer. Você já tem sofrimento bastante.

– Eu não entendo... Não entendo porque tantos se sacrificaram, por que tantos tiveram que ser abatidos, para que Ele vivesse, sobrevivesse, para que a Sua palavra...

– Mas quem foi abatido? Em Roma... Naquelas matanças todas?

– Não apenas lá, muito antes disso.

– Pelo mundo todo, na Inquisição, na Idade Média...

– Parece-me, às vezes, que Ele sempre foi maldito.

– É isso que lhe parece?

– Porque o seu próprio nascimento foi marcado pela mancha do sangue dos inocentes sacrificados. Quantos inocentes foram sacrificados!

– Você quer transferir a culpa de homens que falharam para o Cristo que veio redimir a todos nós?

– Mas quem vem para redimir, trazer uma mensagem de paz, rega o seu caminho de sangue?

– Ele regou o caminho de sangue? Como é isso?

– Deixou um rastro atrás. Um rastro de sangue.

– Ele deixou? Não. Por que deixaram esse rastro de sangue atrás Dele? Ele não derramou sangue de ninguém. Derramou o Dele próprio.

– Eu fui triplamente golpeado.

– Como assim? Explique isso. Deixe sair tudo.

– Desde o seu nascimento maldito. Oh, que terror! Por que as cenas me aparecem com tanta clareza? Por que a gente não se livra do passado? Por que essas imagens ficam como uma tortura dentro de você? E você fica repetindo... Repetindo as mesmas coisas, vendo as mesmas cenas, sofrendo eternamente uma tortura indizível!

– Não é eternamente. É até quando você quiser. Daqui para diante você pode mudar todo esse quadro, mas se você está ainda raciocinando no sentido de que o Cristo é que espalhou a desgraça, a miséria, o sangue... É claro que, se a um combate em que todos se estão massacrando vai um mensageiro da paz, ele também é massacrado. Mas é ele o culpado do combate? Pois se ele foi lá para apaziguar os ânimos!

– Você é advogado Dele, não é? Você O defende.

– Não. Ele não precisa de advogado. Ele não precisa da minha defesa. Estou defendendo você de você mesmo.

– Você já calculou quantos processos de dor você já examinou? Processos de dor e de angústia às custas do Nazareno, desde o Seu nascimento?

– Estou bem consciente disso. Muitas vidas passei a fazer isso.

– Inocentes foram mortos, massacrados. Por quê? Por quê?

– Por causa Dele? Quem mandou matar os inocentes?

– Parece que em todas as vidas eu nascia com um sinal maléfico qualquer, uma maldição...

– Não, não creio nisso.

– Uma maldição para que as coisas acontecessem.

– Não creio e você também não crê, porque você sabe muito bem que existe a lei de causa e efeito. Este universo é todo causal. Vamos voltar à nossa filosofia elementar (o espírito é muito versado em filosofia). Se você nasceu com as matrizes da dor é porque antes as criou, não é verdade?

– Dor e culpa. E incerteza. E isso tudo!

– Mas voltemos um pouco. Você insiste muito na matança dos inocentes. Vamos ver. Por que razão aquilo? Por que foi dada a ordem?

–Ele... Sempre Ele! Por que não escolheu outra cidade? Por que não escolheu outro povo? Por que tinha de ser o povo amaldiçoado pela Sua presença?

– Não. O povo não foi amaldiçoado. Ele deu àquele povo o privilégio, a satisfação e a honra de ter nascido ali. Vocês é que não o aceitaram. Por quê? Por que tiveram que marcar o nascimento Dele com um massacre?

– Ah! eu não posso lembrar-me! Não posso lembrar.

– O seu papel nisso foi muito importante?

– Sim, claro. Fui uma das vítimas. Tive meu próprio lar golpeado.

– Perdeu um filho?

Longa pausa e depois:

– É... Mas isso não seria nada. É uma compulsão que me obriga a falar.

– É bom que você fale. Tenha confiança em nós. Não vamos desrespeitar você por causa disso.

A história, afinal, em torno da qual ele vem fazendo voltas intermináveis, começa a desenrolar-se.

– Eu era jovem e estava em Palácio (de Herodes). Tinha uma jovem esposa.

– Você teve alguma influência na expedição dessa ordem? Na elaboração desse plano?

– Infeliz de mim!

– Você não contava que ela atingisse seu próprio lar. Quer dizer que falhou um mecanismo qualquer de proteção que você havia armado, é isso? Não sei se me estou antecipando.

– Fomos quatro... Não, fomos doze os que discutimos, os que aprovamos, os que arquitetamos.

- Tivemos aqui, há algum tempo, um dos seus companheiros.
- E naquela maldita tarde, de retorno ao lar, para as alegrias que me deviam esperar... A jovem esposa, o filho primogênito, que crescia forte, belo... O que encontro eu? Hein?! O que eu encontro? Uma pobre ave abatida e uma mãe enlouquecida, tentando colar aquela cabeça naquele pescoço. Você pode imaginar o que é isso? Tentando juntar aquele corpo, envolvendo-o em panos. Jamais esquecerei os seus olhos enlouquecidos. Não havia uma sombra de dor. Era só um estupor, uma incompreensão. E eu tive que vê-la tomar nos braços aqueles panos enrolados e colocá-lo no berço. Tive que assistir a isso.
- O que falhou, então? Você estaria em casa naquela hora?
- Não sei o que falhou.
- Como é que você tinha planejado para que seu filho escapasse?
- Minha casa devia ser respeitada. Não sei o que falhou.
- Você notou que estranha coincidência: que foram doze a resolver esse massacre e que doze seriam depois os mensageiros da paz?
- O espírito tem violento tremor e prossegue:
  - Tentando colar aquela cabeça! Quantas vezes tenho visto essa cena... Quantas vezes! Isso me tem enlouquecido.
  - Meu querido, você me disse que foram três situações. Que outras houve? Continue, por favor. Ponha tudo para fora.
  - Aí, meu amigo, fui golpeado duas vezes, na mulher e no filho. Ela enlouqueceu de dor.
  - E você continua achando que foi o Cristo o responsável por isso?
  - Depois que a separamos da criança, ela parecia outra criança, a embalar panos nos braços, dia e noite, dia e noite...
- Chora em altos brados:
  - Dia e noite, meu Deus! Agora me diga se eu posso entender esse Cristo que golpeia assim um coração.
  - Quer dizer, então, que foi Ele quem golpeou? Ele é que mandou matar o seu filho?
  - Ele e sua maldita seita... Eu vim, enfim, encontrá-lo mais tarde. Muito mais tarde. Não a Ele, mas à sua maldita seita! Em Roma. Que mais eu

poderia ficar fazendo lá (na Palestina)? Voltei para meus pais, com a esposa louca.

– Você era, então, cidadão romano?

– Eu era. (Pausa.) Fomos para Roma. A esposa sempre louca, mas feliz na sua loucura, porque não aceitava a realidade. E resolvemos adotar um pequenino, para dar-lhe de novo o seu filho.

– Era um menino?

– Sim. E esse, depois, mais tarde, meu amigo... (O esboço de um triste sorriso.) Ironia do destino...

– Tornou-se cristão? É isso?

– É. (Longa pausa e, depois, deliberadamente:) E eu mesmo o matei!

– E novamente o Cristo foi o culpado...

– Estou cansado... Estou muito cansado. Eu o amei muito. Fiz dele meu filho.

– Até que idade ele viveu?

– Até a idade em que um jovem pode decidir por si mesmo o que fazer.

– Escute: isso tem muito tempo. Portanto, você teve oportunidade, através de todos esses séculos, de encontrá-los em outras vidas.

– Acho que vivi esses séculos todos procurando o Cristo para degolá-lo. Sangue por sangue. E enlouquecer a sua mãe.

– Mas e o seu filho... Os seus filhos, aqueles dois? E a esposa? Você nunca mais os encontrou? Em nenhuma dessas outras vidas subsequentes?

– Não sei... Acho que não.

– Nunca teve notícias deles? Nem da esposa, nem dos dois filhos?

– Não sei... Tenho medo de lembrar-me disso. Eu participei de outra matança, procurando encontrar um cristão rebelde...

– Como é que foi isso?

– Ah! você sabe... Muito tempo depois, na França. (Seria a matança dos Huguenotes, no século 16?)

– E conseguiu seus propósitos? Continuou matando, não é?

– Acho que Ele sempre me escapou...

– Ele quem?

– O Cristo. Continuou a acumular culpas sobre minha cabeça.

– Ah! sim. Então a responsabilidade toda é Dele, não é? Todos os seus crimes, as pessoas que você matou...

– Sim, mas, às vezes, penso que Ele não deve ser isso.

– Às vezes você acha isso...

– Sim, porque... Ou então todos estão loucos, porque quantos se deixam matar, se deixaram e ainda se deixam... Não se revoltam. Por que não lutar para viver também, em vez de se deixarem matar?

– Mas, o que é viver? O espírito vive sempre.

– Qual o mistério? (Pensa naqueles que entregam suas vidas pelo Cristo.)

Longa pausa. Em seguida:

– Nestes últimos tempos parece que tenho ouvido a sua voz. Como se ela me chamasse de longe. Como se o tempo não tivesse passado. Ainda ouço o seu canto a embalar nosso filho.

– Como é que ela se chamava?

– Para que aumentar a dor? A lembrança vibra como uma punhalada em meu coração.

– Pois é, meu querido. Você até agora ainda não assumiu a responsabilidade da sua falta. Por isso ela continua a doer. Sem assumir essa responsabilidade você não pode corrigi-la. Você deve perante a lei do Nosso Pai. Você cometeu faltas. Todos nós cometemos faltas assim graves. Mas chega um dia em que nos sentimos cansados, como você diz. O cansaço não é de agora e não é físico. É um cansaço de sofrer, da desesperança, da dor que não tem fim. É preciso que você agora enfrente a dor que resgata, a dor que libera... Não é verdade?

– E agora fui apanhado nas malhas dessa rede.

– Não. Você não foi apanhado. Você continua livre para seguir o seu caminho. Você pode continuar a fazer as suas loucuras. Agora, a minha opinião, como irmão e companheiro, é a de que não é isso que lhe convém.

– Como mergulhar nesse mar se não consigo ver o fundo? (Pensa na terrível dificuldade de resgatar tantos e tão graves compromissos.)

– Sim, você não consegue ver, mas há quem consiga ver para você e vai ajudá-lo. Vamos orar, ou não?

– Sim. Ore, ore à vontade.

O doutrinador ora. O espírito retoma a narrativa.

– Há muito tempo eu não chorava. Você tirou-me tudo! Por favor, não me deixe ir tão vazio. Dê-me alguma coisa. (Refere-se à interrupção da tarefa que vinha realizando nas sombras e da qual conseguimos afastá-lo.)

– Você diz que tirei. Primeiro que eu não teria essa força, essa condição, para tirar algo de você. Sou um espírito também cheio de falhas; não sou melhor do que você, nem superior a você.

– Quero ter esperança. Dê-me esperança!

– É claro que você tem. É claro que continuará a lutar. E você sabe que há ligações muito profundas entre nós, porque, empenhado como você estava numa tarefa inglória, toda a nossa afeição, nosso desejo de servir, de despertar o seu espírito para outras realidades, concentrou-se por algum tempo de uma forma que parecia que éramos adversários. Nada disso é verdadeiro. Somos amigos, somos irmãos, somos companheiros de faltas, de erros. Fique conosco. Daremos a você aquele pouco que temos.

– E tudo o que eu perdi?

– Você não perdeu nada. Perdeu o desespero, o desengano; perdeu a falsidade, o rancor, o ódio de si mesmo e de todos os seres do mundo, inclusive do Cristo. Você ganhou, e recupera neste momento, o amor Daquele que, no seu ódio, você abandonou. Você ganhou; não perdeu. Siga conosco para que possa repousar e começar a refazer a sua vida.

– Ah! Estive na Alemanha, mas não entre aqueles que abraçaram a nova causa. Estava entre aqueles que prepararam a reação.

Refere-se, agora, ao período da Reforma Protestante, durante a qual o doutrinador vivera uma existência de participação ao lado dos Reformadores. Por isso, diz o doutrinador:

– Nem por isso nos tornamos inimigos, não é verdade? Pelo contrário. O Cristo nos concedeu a satisfação e o privilégio de vir a você para levar ao seu coração a nossa mensagem de carinho e de respeito, tanto eu, que estava também naquele contexto, como o companheiro maior que você conhece. A ele também devemos essa alegria, que todos nós elevemos ao Cristo.

– Coisa singular, posso dizer-lhe. Nunca fui atraído para combater os

chamados católicos. Porque encontrava tão pouca convicção em seu seio que muitas vezes me abrigava entre eles para combater a febre... Era a febre da Reforma, era a febre de tudo. Acho que me lembrava o fanatismo dos primeiros cristãos.

Não consegue desligar-se, ainda, do ódio aos cristãos primitivos.

– Você estava na Igreja de Roma ou na política?

– Na política, mas, de certa forma, a apoiava, indiretamente (à Igreja).

Familiarizado com a história do tormentoso período, o doutrinador identifica o espírito, que foi um dos poderosos nobres da época da Reforma. Diz-lhe baixinho o nome e é como se ele recebesse violento choque elétrico. Volta o doutrinador:

– Meu querido, por favor, não se preocupe. Tudo está bem. Você vê que somos amigos. Depois de tudo acontecido, algo existe atrás disso para que nos fosse concedida esta oportunidade de chegar até você e trazer você de volta ao nosso coração. Muito obrigado pela coragem que você demonstrou aqui nesta confissão tão penosa, tão difícil. Já é tempo de começar a reconstruir.

– Preciso que alguém arranque minhas mãos para que eu não golpeie mais, para que eu não mate mais!

– Não. Você não vai matar mais. Você vai ter a alegria de estar novamente com seus filhos, com a sua esposa...

– Corte minhas mãos! Corte meus pés, para que não me movimente mais no erro.

– Escute! Ninguém vai cortar as suas mãos aqui. Isso não cabe a nós decidir. Você terá que esperar o planejamento que for feito. No momento, você não está em condições, nem em posição de decidir nada definitivo a respeito do seu destino futuro. Agora não é hora disso. A hora é de parar para pensar e repousar. Mais tarde, você vai ter esse planejamento todo, cuidadosamente elaborado para que as suas provações e as suas dores sejam dosadas segundo suas condições de resistência.

– Ó meu Deus, como é dolorosa a odisseia do homem!

– É verdade. (Pausa.) Não faltará coragem a você para saltar nesse mar, como você diz. As lutas o aguardam realmente. Muitas dores, muitas

aflições, mas você terá forças para vencer, porque todas as dores serão dosadas e todas as provações serão planejadas segundo os seus recursos. E você terá, como sempre teve, o carinho e a compreensão do Cristo, bem como a presença dos seus amados. O trabalho é grande, mas você pode realizá-lo.

– Alguém colocou aqui na minha frente um cesto, um cesto vazio. De que deverei enchê-lo, meu Deus?

– Meu querido irmão, perdoe, não era nossa intenção feri-lo, nem magoá-lo, mas era preciso despertar o seu espírito para essas realidades das quais você fugia. Se fosse possível obter isso sem o fazer sofrer, nós o teríamos feito, mas você sabe que isso é impossível. Não temos esse poder.

– Ele estava dizendo (refere-se a um dos espíritos que orientam e apoiam o trabalho mediúnic) que eu pedi para levar algo. Então, que eu leve esse cesto. Ele está vazio, mas poderei começar a enchê-lo.

O espírito chora mansamente.

– Você tem aí um ponto de partida para a sua esperança no trabalho que o aguarda, que vai ter que realizar. Tenha coragem, confie em Deus e peça Àquele a quem você até agora não compreendera que o ajude a entendê-lo. Ele o compreende, Ele o aceita, Ele não o recusou. Nunca. Não o rejeitou nunca. Siga o caminho da paz. Deus o abençoe!

Levamos a Jesus nossas preces para que lhe dê as forças de que você necessita neste momento tão crítico da sua trajetória evolutiva. Que você tenha sempre forças para lutar e vencer o arrastamento das mazelas que todos trazemos em nós. Vá em paz, meu querido. Que Deus o abençoe.

E, por fim, a despedida em duas palavras, nas quais colocou toda a sua ternura e gratidão:

– Meu amigo!

Nosso respeito mais profundo ante a dor desse despertar aflitivo. Na dolorosa história desse companheiro, vamos encontrar o eco de nossos próprios erros e as agonias de muitos desenganos.

Ele era muito jovem, estava presente na Palestina e, infelizmente para ele, gozava de certas regalias junto à corte de Herodes que, como sabemos, entendia-se bem com os romanos. Compondo um grupo de doze pessoas,

ajudou a conceber o lamentável e tenebroso esquema do massacre que a história registrou como “a matança dos inocentes”. Herodes que, desvairadamente, mandara assassinar seus próprios filhos, cuja rivalidade temia, não hesitou em autorizar a chacina. Como não sabiam quem seria aquela misteriosa criança que estava destinada a ser o Messias, o recurso foi eliminar todos os meninos nascidos no decorrer do último ano. Um deles seria o temido líder que mal interpretadas profecias pareciam configurar como Rei de Israel, libertador da opressão romana e, portanto, pretendente ao trono de Herodes, o Grande. Eram poucos os que, àquela altura, sabiam que o reino daquele menino não era deste mundo.

Expedida a ordem fatal, nosso companheiro dirige-se tranquilamente ao lar, para as suaves alegrias da vida em família com a jovem esposa e o filho amado. Algo saiu errado, tragicamente errado, porque no aqodamento da matança ninguém cogitou de poupar aquela criança. É possível que nem ele próprio tenha pensado nisso, pois não cuidou de proteger o seu lar. Talvez nem tivesse lembrado, ao contribuir febrilmente com sua parcela de colaboração no plano sinistro, que ele tinha precisamente um filho naquela faixa de idade.

A esposa alienou-se da realidade para poder suportar o golpe, mas ele foi condenado a manter-se lúcido para viver a tragédia que ele próprio ajudara a desencadear. Lúcido, talvez, não seja o termo exato, porque também ficou, de certa forma, alienado. Na irracionalidade do seu desespero, precisava encontrar um culpado e pensou achá-lo no próprio Cristo. Para que Jesus vivesse, fora preciso matar implacavelmente os inocentes. Para que Ele crescesse e pregasse a Sua palavra, foram inúmeras as jovens mães que enlouqueceram de dor. A culpa era, pois, do Cristo e não dele.

Regressou a Roma com a esposa alienada e, para consolar-se da perda, adotou um menino, que matou com suas próprias mãos, ao descobrir um dia que, também ele, aderira àquela maldita seita cristã. Deveria ser, a essa altura, um envelhecido e amargurado patrício. A vida terminara em rancores e revoltas não solucionadas.

Daí em diante, no mundo espiritual e aqui na carne, em vidas sucessivas, todo o seu empenho, a sua ideia fixa, era perseguir e matar o maior número

possível de cristãos, na ilusória e terrível expectativa de que entre os sacrificados estivesse o próprio Jesus. Queria degolá-lo e enlouquecer-lhe a mãe. Se não podia matá-Lo, pelo menos destruiria Seus seguidores.

Muitas foram as oportunidades perdidas, muitas as decepções, e o rancor sempre a crescer. O Cristo, a seu ver, sempre culpado de tudo.

Observemos, porém, que em todo esse penosíssimo processo de alienação esteve presente o amor. À sua maneira, misturado ao ódio, ao desejo de vingança impossível, ele continuou amando a esposa e os filhos, embora cada vez mais afastado deles pelos seus próprios desatinos.

Durante a Reforma Protestante, no século 16, dispôs de muito poder político, social, econômico e religioso. Foi da alta nobreza germânica e, uma vez mais, perseguiu cristãos com a desculpa de que eram heréticos. Aliou-se à Igreja Católica para oprimir os protestantes, ou seja, servia-se de cristãos para perseguir cristãos.

Quanto à tarefa que estava desempenhando no mundo espiritual quando se aproximou de nós, devemos calar. Um aspecto, apenas, para anotar: foi precisamente o grupo de espíritos que sofreu suas implacáveis pressões durante a Reforma que teve o privilégio de socorrê-lo. Combateu-os tenazmente, enquanto pôde; rendeu-se, leal e nobremente, quando chegou a hora. Foi recebido com amor e respeito.

## **NOTA SOBRE “O MASSACRE”**

O espírito manifestante deveria ser realmente muito jovem quando estacionou, por dever de ofício, na Palestina. Ele fala da sua jovem esposa, e do filho primogênito que não teria mais do que um ano de idade, se tanto; caso contrário, não teria sido trucidado na matança, que visava às crianças de sexo masculino nessa faixa etária. Ao que imaginamos, esse companheiro teria, no máximo 28 anos, talvez 25 ou até menos. Diz ele que, ao regressar a Roma, voltou à casa dos pais. Dessa forma, com 60 anos de idade, ou pouco mais, já poderia testemunhar a existência de cristãos em Roma.

Após pregar durante cerca de trinta anos, Paulo foi sacrificado na capital

do Império, aí pelo final de 64 ou início de 65, como se depreende de atenta leitura de Emmanuel. Segundo a Enciclopédia Britânica, os Atos sugerem “o verão de 62” como última referência histórica ao Apóstolo dos Gentios. É de observar-se, no entanto, que em Atos 28:30 fica entendido que Paulo ainda viveu dois anos em Roma antes de ser executado, o que, aliás, Emmanuel confirma.

Isso tudo nos levou a concluir que o cristianismo chegou a Roma logo em seguida à crucificação de Jesus, e teve alguns ecos mais rarefeitos, até mesmo durante a Sua vida na Palestina, pois Ele próprio enviou por toda a parte o conhecido Grupo dos Setenta. É provável que a palavra do Cristo tenha atingido Roma mesmo antes da sua partida para o mundo espiritual.

Não é de estranhar-se, portanto, que já no ano 35 ou 36 houvesse núcleos cristãos em Roma, em condições de influenciar e obter a conversão até de pessoas da mais alta sociedade. Por essa altura, nosso companheiro estaria, no máximo, com 63 ou 64 anos, o que seria uma idade perfeitamente aceitável para a época. Augusto morreu com 77 e Tibério (assassinado), com 79.

Uma palavra sobre o tetrarca. O termo servira primitivamente para designar aquele que governava a quarta parte de uma província, como fez Felipe da Macedônia, pai de Alexandre, com a Tessália, e como era a Galácia antes da conquista romana em 169 a.C. Na Palestina, eram conhecidos pelo nome de tetrarcas os senhores feudais que se situavam abaixo dos etnarcas. tetrarca era, pois, um príncipe de menor expressão. Herodes, o Grande – o da matança –, foi tetrarca antes de se tornar rei. Dois filhos de Herodes também se tornariam tetrarcas mais tarde, após a morte do pai: Herodes Antipas, que ficou com a Galileia, e Filipe, com a Itureia e a Traconita. O filho mais velho, Arquelaus, não foi tetrarca e sim etnarca, da Judeia, Samaria e Idumeia. Herodes Agripa reuniu as tetrarquias, governando-as do ano 41 a 44.

O tetrarca a que se refere o nosso companheiro é, portanto, Herodes, o Grande.

## 9. As mãos de minha irmã

Não variou muito em relação à norma a apresentação inicial desse espírito. A mesma irritação de sempre, as ameaças, a arrogância, a truculência a que nos acostumamos no longo trato com os queridos irmãos desatinados pelas suas angústias. O que diferia nele era um certo aparato marcial, com o qual procurou logo de início nos intimidar. Vinha em companhia de ajudantes de ordens (ao incorporar-se, mandou que lhe passassem imediatamente o capacete). Em seguida, falou de suas muitas condecorações, insígnias e títulos, conquistados todos por atos de excepcional bravura na sua árdua “carreira” de líder das sombras, tenazmente aplicado à tarefa de manipular gente encarnada e desencarnada a serviço da campanha de desagregação da obra de Jesus.

Depois de bem estabelecida a sua importância e a sua elevada posição na hierarquia do Umbral, quis saber das credenciais do doutrinador. Examinou-o atentamente, fingindo-se muito admirado de que ele não ostentasse nenhuma condecoração ou insígnia. Em vista de sua posição e como não tinha tempo a perder, queria saber logo com quem falar, pois o pobre doutrinador não possuía as condições mínimas de *status* para falar com ele. Este confirmou a sua própria insignificância, mas, como não havia outro, propôs que falasse com ele mesmo.

– Você não fala com seus soldados? – perguntou-lhe.

– Não. A soldados eu dou ordens.

– Então, dê-me as suas ordens, foi a resposta.

– A primeira ordem é esta: ouça apenas; não fale!

Nesse tom seguiu a conversa com o orgulhoso e poderoso chefe, acostumado a ser obedecido e jamais a ser contestado. Ele apenas se dignara a vir até o grupo mediúnico por causa da premência de tempo. Vinha discutir os termos de uma trégua de três ou quatro semanas, prazo

suficiente, a seu ver, para implantar um plano que estava sendo ultimado. O grupo não precisava interromper suas atividades; apenas se comprometia a não interferir com “eles”. Na pitoresca linguagem do impertinente “general”, desligaríamos a corrente das nossas cercas, permitindo que seus trabalhadores tivessem livre trânsito por ali. Haveria respeito de ambas as partes. Nosso trabalho poderia prosseguir, cuidando de coisas diferentes, como a produção de fenômenos interessantes, nos quais “eles” se prontificavam a cooperar com a maior boa vontade. No mesmo tom conciliador, conservando embora o matiz arrogante da sua personalidade, se propunha a resolver os problemas materiais e pessoais dos componentes da nossa modestíssima equipe.

A resposta a essas ofertas tinha que ser, enfaticamente, *sim* ou *não*. E rápido, pois o tempo urgia e ele tinha mais o que fazer. Era uma pessoa objetiva, gostava de formular perguntas objetivas, e somente aceitava respostas igualmente objetivas. Aproveitando a “deixa”, o doutrinador lhe perguntou à queima-roupa, sem nenhum preparo ou expectativa:

– Você ama o Cristo?

Sentimos que ele sofreu o primeiro impacto, mas logo se recuperou do momentâneo desconcerto. Claro que não respondeu objetivamente. Escapou, após uma sensível pausa de hesitação, dizendo que a questão não estava em jogo. O doutrinador esperava a evasiva, é claro, mas lembrou a ele que, como ele acabava de verificar, nem todas as perguntas podem ser respondidas prontamente com um *sim* ou um *não*.

Passando, depois, da proposta de trégua – dentro dos seus termos, é claro – à ameaça, informou ao doutrinador que era uma pessoa “difícil e dura”, com o que desejava dizer, obviamente – e o disse –, que, na hipótese de uma negativa, teríamos que aguentar as consequências e sermos literalmente esmagados, porque “eles” tinham que passar de qualquer maneira com os tais planos.

A despeito de tudo, porém, o diálogo prosseguia e, talvez para acrescentar mais um toque de pressão e intimidação, lembrou sua última existência na Terra, quando tivera a oportunidade de servir junto do “maior homem do mundo”.

– Quem você acha que é? – perguntou.

– O Cristo – foi a resposta.

Riu. Nada disso. Seria, porém, tão grande ou maior do que Jesus. Era o maior idealista, o mais inteligente e, também, o maior caluniado, porque não fora compreendido: destroçaram-no antes que ele pudesse concluir sua “maravilhosa” obra, o que havia sido lamentável. Essa figura de impressionante grandeza vivera ainda há pouco na Alemanha e tentara criar uma raça nova... Não será preciso dizer quem era o ídolo do nosso companheiro daquela noite...

Enfim, o debate foi longo e realmente difícil, mas nosso arrebatado interlocutor já estava, a essa altura, mais contido nas suas explosões de orgulho e prepotência e começava a mostrar certo respeito por nós. Não foi fácil levá-lo à regressão, porque ele viera fortemente “equipado” e prevenido contra as nossas “artimanhas”. Além do mais, era realmente um espírito de personalidade vigorosa, dinâmica e experimentada. Resistiu bravamente, mas acabou cedendo.

A narrativa começa a partir do ponto, na conversa com o doutrinador, em que o espírito já se encontra magnetizado, no limiar do processo de regressão de memória. A primeira fala é do doutrinador:

– Tenha confiança em nós. Vamos recuar no tempo. Venha. Até aquele ponto onde você vai encontrar as causas do seu problema pessoal. Onde está o núcleo mais sério do seu espírito, aquele que lhe causa tantas angústias, tanto desespero, tanta agitação.

Seguem-se as sugestões apropriadas. O espírito já está em estado de transe anímico, algo sonolento e de voz um tanto pastosa. Geme, às vezes, e suspira. De repente, começa a expelir o ar pela boca, como se procurasse cuspir algo seco. O doutrinador pergunta o que está acontecendo e ele responde:

– Terra! Terra na minha boca!

Ele está caído no chão e, por isso, ao que parece, entrou um pouco de terra ou areia na sua boca. O doutrinador pergunta o que foi que aconteceu.

– Bateram-me.

- Quem bateu?
- Os soldados.
- Por quê?
- Meu corpo todo dói. Eu não estava fazendo nada.
- Eles não bateriam em você sem razão. O que foi? Onde você mora? Que lugar é esse?
- Está tudo tão confuso. Não sei... Bateram-me... Os porcos, esses porcos... Por causa “deles” eu não quis denunciá-la.
- Denunciar a quem?
- À minha irmã. Minha única irmã.
- É judeu, segue a Lei Antiga (Moisés). A irmã tornara-se cristã, mas, afinal de contas, continuava sendo sua irmã. Por isso ele a protegia e por isso foi espancado pelos que vieram buscá-la. Ele prossegue:
  - Ela foi enfeitçada por um velho que lhe falou do “Homem da Cruz”. E o velho a curou também. Ela sofria de uma doença nos olhos.
  - Ah! sei. Ela ficou boa, então, aceitou Aquele a quem você chama o “Homem da Cruz”, é isso? Aí os soldados vieram buscá-la. Para quê? Eles queriam matá-la ou prendê-la?
  - Era uma traição. Ela havia sido criada para servir no Templo.
  - Você é um sacerdote?
  - Não. Cuido dela. Somos só nós dois.
  - Depois disso aí, quando você foi batido pelos soldados, o que aconteceu? Vamos em frente.
  - Tive que matar um cão nosso, para que ele não os levasse até ela. (Ela estava, pois, escondida em outro lugar, que o cão conhecia). Eles então viram que eu sabia... Tomaram meus bens... A casa...
    - E a sua irmã? O que aconteceu com ela?
    - Foi para aquela casa, onde tratavam dos leprosos e dos doentes.
- Convertida ao cristianismo nascente, a moça foi servir na Casa do Caminho, em Jerusalém. Era lá que ela estava, pois, e os beleguins do Templo queriam aprisioná-la para obrigá-la ao cumprimento de seus votos religiosos perante a lei antiga.
  - Mas isso só depois. Eu a escondi. Fiquei sem nada, repudiado por todos,

nem uma casa onde me abrigar, nem um amigo. Todos me fechavam as portas.

– Sim, mas você poderia ter ido também para aquela casa, não é?

– Não... Foram eles que nos perderam.

– O que aconteceu depois com você? Continue.

– Revoltei-me. Fiz algo terrível. Devia estar enlouquecido. Não tinha nada. Um dia, fiquei escondido junto ao poço onde eu sabia que eles tomavam água. Mas preciso lhe contar o que aconteceu antes. Eu me encontrei, certa vez, na casa de uma pessoa que desejava muito minha irmã. E me disse que me daria meios de ir a Roma e começar outra vida e ele... Mas o preço era ela!

– Aí, então, é que você foi esperá-la junto ao poço?

– Sim. Quando ela veio, eu a chamei e ela apiedou-se das minhas vestes e de minha miséria e eu a enganei. Fugi com ela e vendi-a para aquela pessoa. Mas eu... Não me faça lembrar isso!

– Você não precisa me dizer aquilo que você não quer dizer. Por favor. O importante é que você...

– Ela era linda! Linda como a aurora. E ele deu-me tudo o que eu pedi e eu, então, parti para Roma. Pensei em quanto eu poderia ganhar, levando-a comigo. E eu a enganei outra vez.

Ou seja, depois de vendê-la ao pretendente e receber o dinheiro, arquitetou o plano de levá-la para Roma, onde pretendia continuar vendendo seus encantos.

Nesse ponto, grita desesperado:

– Eu a levei para Roma e fiz dela uma prostituta!

– Meu querido irmão. Não se desespere. Compreendo agora a profundidade da sua dor e a dificuldade que você vem encontrando durante todo esse tempo...

– Meu Deus! grita ele. Era minha irmã! Eu a vendi!

– Estou certo de que, após esse tempo todo que passou, ela perdoou você. Estaria e está disposta a recebê-lo novamente como irmão. Mas é preciso também que você, meu querido... A falta é grave, realmente. Não preciso dizer isso, que você compreende bem...

– Eu a martirizei até a morte. Ela deve ter-me odiado. Tenho medo dos olhos dela quando me olhavam.

– Mas, escute. Isso tem muito tempo...

– Não. Não tem. Isso está aqui! Isso me acompanhou a vida inteira! – diz, desesperado. – Está aqui, agora!

– Compreendo o seu remorso, a sua dor, mas é preciso que você entenda que por causa disso você não deve ficar mais 18 ou 19 séculos preso as suas angústias. Existe o perdão nas leis divinas, existem condições...

– Mas você não sabe... Não há perdão para mim. Você não sabe da sordidez em que vivi e a fiz viver. Enriqueci de novo. E você não sabe o pior. Ela contraiu uma doença terrível. E eu a expulsei um dia de casa.

– Meu querido amigo. Isso não nos leva a detestar você, nem a desprezar você.

– Ela passou a viver com os porcos, com os bichos. Agora diga se há perdão para mim!

– Há sim; claro que há.

– Não. Eu fui algoz, fui juiz, fui tudo. Eu... Não há perdão para mim!

– Você precisa aceitar a sua culpa como você já aceitou, mas precisa também aceitar a misericórdia de Deus...

– Deixe-me viver a minha vida! Quero viver a minha vida. Não posso nunca arriscar-me a encontrá-la. Não posso. Ela vai fulminar-me. Porque se ela não me fulminar com aquele olhar, eu mesmo me fulmino. Eu me matarei.

– Você não tem condições de matar-se. Você é um espírito.

– Não, não. Não há perdão para mim. Como vou repor tudo aquilo que eu tirei dela? Como vou repor sua própria vida, suas ilusões, seus sonhos, que eu destruí, sua pureza, que corrompi, sua bondade, que eu manchei. Eu a fiz odiar, eu a fiz... Eu fiz dela um bicho, fiz dela um objeto que usei, que empenhava para ganhar dinheiro.

– Mas você não acredita que Deus possa perdoar?

– Não. Eu, se fosse Deus, não perdoaria.

– Mas você não é Deus e Ele perdoa.

– Não me fale em perdão, que é uma ilusão.

– E se ela própria dissesse a você que não lhe tem nenhum rancor e que tudo isso passou? E se ela quiser ajudar você a se recuperar?

– Não posso voltar. Não posso repor tudo... Ela era como a estrela que você apanha e lança num charco. E como é que eu vou limpar toda a sujeira?

– Se ela era uma estrela, ela não se sujou; foi apenas o seu espírito que se envolveu em sombras. Ela pode ajudar com a sua luz a iluminar as sombras do seu espírito. Você sabe muito bem... Não lhe podemos iludir. Há muita dor à sua espera...

– O que você fez de mim? Onde estou?

– Escuta: como é que eu devo te chamar?

– Chamar? Chame-me Diabo! Chame-me qualquer coisa ruim.

– Não. Vou dar-lhe o nome que você merece: o de irmão. Você é um irmão que tem uma dor muito profunda e muito antiga. Respeitamos a sua dor e pedimos a você, num apelo muito sincero, muito humano, já que conviveu com essa dor tantos séculos, que comece a admitir a misericórdia de Deus.

– Dor, não! Isto não é uma dor. Isto é um inferno de fogo! Fogo e lama! É como um vulcão de lava quente, queimando, queimando...

– Um momento. Ouça. Maior do que tudo isso é a misericórdia de Deus, é o amor do Cristo, que não deixou de estender a mão a você e pedir que você também fosse ao encontro da sua irmã. Você precisa começar a se perdoar também, a admitir que também pode ser salvo dessa situação. Todos nós cometemos erros, falhas clamorosas de desentendimento, de desespero, de aflição e, no entanto, todos nós nos salvamos no tempo devido. Não através de sacramentos, de mentiras, de rituais, e sim através do nosso trabalho. E se o Cristo nos permitiu, nessa noite de hoje, que chegássemos até você, é porque Ele também continua a sua espera, tanto quanto a sua irmã.

– Isso é uma ilusão. Não. Não quero este seu mundo. Não quero! Não quero esta sua dimensão. (Teme a reencarnação.)

– Você prefere ficar no seu, nesse desespero? Então vamos fazer uma coisa... Espere, meu filho.

– Tenho medo!

– Vamos fazer um trato. Você fica conosco algum tempo, segue com os nossos companheiros para um lugar de repouso, de paz, onde você possa colocar tudo isso em ordem na sua cabeça, lembrar também os momentos de paz e de amor, as alegrias que teve... Porque também houve alegrias naquelas épocas em que você viveu esquecido dessas dores, mergulhado na carne. É possível até que vocês se tenham encontrado em outras vidas. E certamente vão encontrar-se no futuro. Um dia você vai estar na presença dela novamente. Você precisa estar preparado para isso. E nós lhe daremos a ajuda... O que você tem nas mãos?

– Não são as minhas mãos; foram as mãos dela. Quando ela morreu, quando foi encontrada morta, todos estranharam porque ela tinha marcas de pregos nas mãos.

– Ah! Como ela se chamava?

– Por favor, não me lembre! Por favor... Tenho medo.

– Escute, meu querido. Não precisa me dizer.

– Eu tive medo. Eram as mesmas marcas do...

Hesita em dizer o nome.

– Do Cristo, diz o doutrinador.

– Eu tive medo. E disseram que ela sorria e seu rosto estava limpo e seu corpo estava limpo. E não tinha mais doença!

– E você acha que ela não deseja encontrar-se com você? Claro que quer.

– Eu não quero encontrar-me com ela!

– Meu filho. Ela quer ajudá-lo. Você continua sendo o irmão.

– Sou um réprobo! Deixa-me com os meus iguais! Deixa-me!

– Um momento. Fiz a você uma proposta: de levar você para um repouso, em primeiro lugar. Depois vamos conversar. Depois desse descanso, dessa meditação que você vai fazer, voltaremos a conversar.

Chora abundantemente.

– Deixa-me com meus iguais. Deixa-me! Não, não quero!

O doutrinador tenta adormecê-lo.

– Não posso! Não tenho direito a ter sono.

– Tem sim, todos nós somos filhos de Deus.

– Não tenho direito à paz. Não tenho, não tenho...

Adormece e é retirado.

Aí está, pois, a aguda tragédia do remorso, da autopunição, do desespero mais fundo e desolador. O espírito atormentado de angústia mede a distância que o separa da irmã que ele martirizou e que morreu com as marcas do Cristo, a quem ela guardou no coração sem renunciar, enquanto viveu aquela tenebrosa agonia física e espiritual.

## 10. O mercador da Samaria

Sem nenhum preâmbulo, tomamos o fio do diálogo com esse companheiro no exato momento em que ele, já magnetizado e depois de reagir bravamente à indução, mergulha nas memórias de uma remota existência. É ele quem começa a falar:

– Está quente hoje. Muito calor...

– Onde você está?

– Estou na minha casa. Atendo aos meus fregueses. Sou um mercador. Vendo potes, óleos e vinhos.

– Você é muito rico, então?

– Sou. Vendo também tapetes, que mando vir da Pérsia. Peles, vendo peles. Moro aqui na Samaria.

– Você é samaritano, judeu ortodoxo ou de outra nacionalidade?

– Não ligo para essas coisas. Meu pai veio de longe.

– Você já havia nascido ou nasceu aí?

– Nasci aqui.

– O que aconteceu aí? Conte, por favor.

– Vendo vinhos, óleos, sedas, peles...

– Sua casa fica na beira da estrada? E você vê todos os que passavam por ali?<sup>4</sup>

– É.

– E em determinado dia passou uma pessoa muito importante para a sua vida, para o seu espírito. Que foi que aconteceu naquele dia? Como foi essa história?

– Não há histórias. Só escuto falar tanta coisa... E falar e falar...

– Um momento. Você não apenas ouve falar; você também O viu.

– Sim. E daí?

– E o que aconteceu quando você O viu?

– Não lhe dei importância nenhuma. Eu não O vi. (Pausa.) Sálvia, minha jovem esposa... Ela é muito jovem. Falam, falam e ela ouve o que essas mulheres falam. As mulheres falam muito. Elas se reúnem e falam. Deviam estar mais ocupadas. Não gosto que ela me ajude, porque ela é muito bela e, às vezes, descobre o rosto. Não gosto que a vejam. Foi aquela seda... Que veio de longe. Eu a presenteei a ela. Tinha uma substância qualquer, algo que a cegou. Ela deixou de ver.

– Não pode ser isso. Você quer dizer que você, um comerciante experimentado, deu à sua esposa um tecido que a cegou?

– Só pode ter sido isso. Que mais a teria cegado? Um dia ela apareceu cega. Daí, ela ouviu aquelas histórias. (Acerca das curas de Jesus.) Eu a proibi. Busquei os médicos de Jerusalém, levei-a ao Templo. Deram-lhe banhos e óleos e nada adiantou. Um dia em que pernoitávamos em Jerusalém, ela, como sempre, se associou com algumas mulheres que O conheciam e, contra as minhas ordens (diz isso com ênfase), foi atrás de uma lenda e de um homem que podia curar. Nenhum homem cura... Ela foi lá. (O relato sai aos pedaços, penosamente, como se ele ainda relutasse em aceitar os fatos e tivesse vergonha de reproduzi-los). Naturalmente, os remédios para os olhos... Tudo isso, você sabe, pode acontecer depois, não é? Efeito remoto. Ela voltou boa, mas cismou que foi o homem que a curou. Eu não queria que ela falasse naquilo porque estávamos hospedados na casa de um mercador amigo, muito rico e que, além de mercador, fornecia ao Templo e a pessoas do Sinédrio, e eu também servia a pessoas do Sinédrio. Voltamos para a Samaria, mas ela nunca mais foi a mesma. Vivia pelos cantos, os olhos perdidos no espaço, como se estivesse tendo visões. E toda pessoa que chegava, todo viajante, ela procurava saber, pedia notícias. E isso me incomodava.

– E Ele passou lá um dia?

– Ele passou. Eu não estava, porque tinha ido buscar uma partida de sedas. Acho que ela se foi...

– Nunca mais você a viu? Ela foi embora?

– Ela perdeu-se naquela multidão que O acompanhava. Eu a vi, sim, mais tarde. Depois que tudo havia passado. (Esses companheiros evitam menção

direta à crucificação.)

– No mundo espiritual, portanto, como espíritos, você e ela?

– Não. Eu a vi lá, em Jerusalém, depois que tudo tinha passado e que o criminoso havia sido justamente justificado.

– E o que foi que aconteceu? Você a levou para casa?

– Ela confessou-se cristã. Ela confessou-se.

– E você, o que fez?

– Eu queria... Eu deveria tê-la chicoteado, mas eu a amava muito. Então eu a defendi, dizendo que ela estava louca. E acho que estava mesmo louca. Aqueles olhos ficaram vendo visões. (Mediunidade?) Abandonou as sedas. Eu a levei de volta para casa e a trancava num quarto, mas quando eu não estava ela escapulia, para distribuir as nossas coisas, para levar alimentos a míseros leprosos. E um dia, eu... (Longa hesitação.) Um dia eu confrontei-a. Segurei-a pelos cabelos, bati-lhe com a cabeça na parede, chicoteei-a e, como ela nada dizia – pois acho que já nem mais me amava –, nem os deveres de esposa ela os queria cumprir... Só falava naquele Rabi, naquela visão, naquele reino estranho a mim. E dizia que os miseráveis, os pobres, os leprosos eram seus irmãos.

– Mas o que aconteceu, então? Você disse que a pegou pelos cabelos... Ela morreu?

– Não sei, porque depois de tudo eu a arrastei pela porta e a joguei do lado de fora. Arrastei-a por um pedaço da estrada e larguei-a, para que os irmãos dela fossem tomar conta dela.

– E você nunca mais soube dela?

– Não quis mais saber.

– Mas, meu querido, se entendi bem, é uma história ao mesmo tempo muito triste, muito dolorosa, mas na qual você, meditando bem, encontra muitas belezas também, porque você viu...

– Só loucuras... Só loucuras!

– Não. Escute.

– Como você pode enlouquecer de amor por um homem que morreu numa cruz? Que nem sabia vestir-se bem?

– Sim, mas Ele não restituiu a visão a ela? Ou você acha que foram os

sacerdotes com os seus bálsamos e seus óleos? Agora, sinceramente, que...

– Nunca quis saber.

– Não quer saber, ainda, agora?

– Que diferença faz?

– Muita.

– Já faz tanto tempo! E nunca tive o filho que queria, para continuar com a nossa tradição.

– Mas, de tudo isso, o culpado é o Cristo?

– Ele roubou-me o filho, roubou-me a felicidade, roubou-me os sonhos da juventude. Roubou-me tudo. Fiquei um homem rico, cada vez mais rico e cada vez mais só. Cada vez mais só... Isso me dava uma agonia que me matava.

– Sim, mas aquela vida também terminou um dia e você foi para o mundo espiritual. Como foi que terminou aquela existência? Você estava muito velho?

– Não estava muito velho. Você sabe, aquela seita espalhou-se como uma praga rasteira, como um fungo terrível. Houve uma época em que todos eram perseguidos, e eu procurava identificar em minha tenda aqueles que eram da seita. Eu os denunciava, para vingar-me. Nunca mais a vi. Ela era tudo para mim. Até hoje não sei se a matei ou não. Eu me sinto um assassino.

– Agora vamos voltar aqui, ao presente, trazendo essas memórias, mas principalmente, meu querido, a lembrança daquele espírito a quem você amou e, portanto, continua amando. Aquele espírito que sobreviveu e lutou por um ideal, que aceitou as suas punições e as dores pelo amor, não apenas de um ser, mas de um novo ideal de vida, que ela soube compreender e que você tenazmente recusou. Os séculos se passaram, ela caminhou e você não quis segui-la. Não porque ela foi roubada de você; mas porque você não quis ir com ela. Ela não se desinteressou de você. Pelo contrário, através desse tempo todo, tem estado em busca do seu espírito, e você sempre a fugir dela.

– Você me está causando uma coisa estranha! Sim, é verdade, é verdade. Ela veio ajudar-me. Rosa Malena. Eu menti. (Trata-se de uma história que

ele contou antes, na conversa, de uma existência que teria tido na Espanha, quando a esposa por nome Rosa Malena o teria traído e ele a atirou num poço.) Eu menti. Tão bela e tão pura. Mas eu continuava muito preso ao dinheiro. Tinha mágoa por causa do abandono. Sou um homem muito infeliz. Fui muito infeliz.

– Mas, meu querido, não é infeliz aquele que tem o amor tão puro de um ser que desde a primeira hora dedicou-se ao serviço do próximo na tarefa de divulgar a mensagem do Cristo. Ela certamente está a sua espera novamente. Por favor, não a decepcione outra vez. Fique conosco. Não te podemos prometer o impossível, mas talvez ela tenha condições de estar com você no mundo espiritual, onde vocês possam ter um reencontro e você possa compreendê-la de outra maneira. Pelo fato de ela amar o Cristo não deixou de amar você. Tanto é que voltou em outra vida para tentar recuperar o seu espírito.

– Rosa Malena não era minha esposa. Era irmã... Eu a repudiei porque era piedosa demais. Era rica e bela, mas vivia metida com os pobres sujos e queria que eu a ajudasse. E eu a expulsei de casa. Eu tinha um gênio terrível.

– Escute, meu querido. Isso agora são memórias que você precisa enfrentar para aceitar essa realidade do amor, da qual você foge. Não vamos exigir de você uma aceitação total, súbita e imediata de tudo aquilo que o Cristo pregou; você tem, ainda, um longo caminho de aceitação a percorrer.

– Por duas vezes eu a expulsei de minha casa...

– Dê uma oportunidade ao seu espírito e dê também uma oportunidade a esse ser tão dedicado a você, tão puro, tão amoroso, de o ajudar como irmã, como companheira, como amiga... Está de acordo?

Mas ainda há o que confessar e ele está disposto a ir até o fundo amargo da taça.

– Meu pai a entregou a mim no seu leito de morte. E eu a expulsei!

– Você não gostaria de estar com ela novamente?

– Como, se a expulsei duas vezes?

– Mas ela não o odeia por isso. Ela tentará outra vez e outra vez, porque aquele mesmo Cristo, ao qual tão bem compreendeu nos primeiros tempos,

nos ensinou a perdoar não apenas sete vezes, mas setenta vezes sete. Aceite o perdão que ela lhe oferece e vá ao encontro dela. Vamos ajudá-lo.

– Mas se ela era humana, por que não queria as alegrias e os prazeres humanos?

– Meu querido, as alegrias e os prazeres humanos não são incompatíveis com o amor a Deus e aos outros seres. Podemos, enquanto estamos encarnados, levar uma vida perfeitamente normal e servir ao próximo e procurar compreender os nossos problemas e a amar o semelhante, que somos também um deles. Está de acordo? Você fica conosco, então?

– Depois que você me reduziu a isto, para onde eu irei?

– Não é nossa intenção humilhá-lo nem trazer a você dores inúteis. Era preciso, porém, que você desse esse mergulho no passado para entender tudo isso de um outro ponto de vista, num momento de lucidez, de calma...

– Entender o quê? O Cristo continua golpeando-me.

– Não, meu caro. Ele está a sua espera desde aquela época. Você é que não quis segui-Lo. A sua amada, a sua Sálvia, O seguiu e tornou-se muito feliz. Por que você não quer ser feliz com ela? Não será isso orgulho seu? Você não pode descer do seu pedestal? Por que você não pode descer?

– Mas o Cristo é inatingível. É complexo.

– Não é, não. Como é que ela O aceitou?

– Eu não O compreendo.

– É porque você quer chegar a Ele pela inteligência, pelo intelecto, pela razão fria; ela chegou mais depressa do que você. Como é que ela O entendeu? Ela é mais brilhante do que você? Não. É mais amorosa. Você não percebe que o caminho do amor é mais curto? Por que você perdeu esse tempo, fez tantas voltas e deixou passar tantos séculos?

– Ela submeteu-se, deixou-se dominar.

– Não parece, não... Um ser que tem essa lucidez, essa calma, esse equilíbrio, está dominado? Está mais liberta do que você, meu querido. Ela é que está liberta. Você está preso aos seus rancores, às suas decepções, ao seu orgulho.

– Eu já tive vidas religiosas.

– Mas não amou o Cristo. Não é preciso que você agora se transforme de

repente num ser perfeito, mas comece a reconhecer as suas faltas, para que possa libertar-se disso. Dê uma oportunidade a sua amada de o ajudar. (Pausa.) Temos que interromper aqui a nossa conversa. Você, por favor, fica conosco, então. Se for possível, iremos depois ao mundo espiritual para estar com você e colocá-lo em repouso, pacificar um pouco o seu espírito, para que você possa entender tudo isso, está bem?

– Sim.

– Você me perdoa, sim? Não leve a mal algumas frases mais rudes que trocamos de início, porque...

– Sinto-me tão só...

– Você não está só. Está conosco. Aqueles mesmos companheiros que você, na época, não entendeu, muitos dos quais você talvez tenha até denunciado, como disse, são aqueles que querem ajudá-lo hoje.

– Sempre me senti tão só. Tive tantas mulheres e sempre me senti tão só... Falta-me algo. Falta-me ela...

– É isso mesmo. Falta o amor que você recusou, mas que está ao alcance da sua mão.

O espírito é retirado com uma palavra de carinho e de esperança e uma solicitação para que se dirija, em pensamento, à sua amada.

Essa história é a de mais um irmão desorientado que não conseguiu aceitar o Cristo, nem mesmo depois da cura da mulher que ele amava. Ao contrário, fixou Nele o seu rancor e cristalizou-se na incompreensão, enquanto ela seguiu a rota evolutiva, servindo à causa do amor ao próximo. Esse amor abrangente e transcendente incluía também o rico mercador da Samaria. Ele poderia ter seguido com ela, rumo às paragens da luz. Preferiu bater-lhe com a cabeça nas paredes e arrastá-la para a estrada, onde a abandonou. Voltou para as suas riquezas, seu orgulho, seus preconceitos e sua solidão. O Cristo era o culpado de toda aquela desgraça...

Séculos depois, quando ela retornou à carne, na condição de irmã, novamente o convidou para a sublime tarefa da caridade e ele, novamente, a expulsou de casa e voltou-se para as suas riquezas, seu orgulho, seus preconceitos e sua solidão... Finalmente, viera encontrar atenção e

carinho, calor humano e acolhimento justamente entre aqueles míseros seguidores do Cristo que ele combateu tenazmente durante quase dois mil anos...

---

<sup>4</sup> A Samaria, governada ao tempo de Jesus, juntamente com a Judeia, por Pôncio Pilatos, limita-se ao norte com a Galileia. Era caminho obrigatório de quem ia do norte rumo a Jerusalém.

## 11. Angélica e a fé

O companheiro espiritual cuja história relatamos a seguir é dos que se intitulam “servidores do Cristo de Deus, Caminho, Verdade e Vida”. Com voz rouca, quase afônico, respondeu com um “Amém” contrito à saudação inicial do nosso doutrinador. Vinha trazer afeto, compreensão, amizade, desejo de servir. E encontrara “cristãos armados”.

– Desarme-se – dizia ele. – Somos um só rebanho. Somos irmãos!

E prosseguiu, no tom pastoral de pregador:

– Vinde a mim, os que quereis servir, e eu vos proporcionarei oportunidade de serviço, enxada para arar o solo difícil do coração dos homens!

Aliás, só falava em tom oratório, como se estivesse perante um auditório atento e enlevado com a sua palavra. Com a mesma inflexão de voz, expressou os mais retumbantes elogios ao doutrinador, que fazia, na sua opinião, um trabalho tão procurado, tão bem aceito! Quanto a ele, era um orientador, um pregador. Viera em nome da verdade, da compreensão e da fraternidade, de terras distantes, onde disseminava a Verdade Divina. Fora convidado para pregar às multidões nesta banda do mundo e precisava de instrumentos adequados, ou seja, quem lhe captasse e transmitisse a palavra inspirada. Desejava a mão do doutrinador para com ela escrever e a boca do médium para falar por ela.

No decorrer do diálogo, declara-se ministro da Igreja presbiteriana, mas não deseja falar do passado. Daí em diante, seu tema fundamental, a dominante de toda a sua longa exposição oratória, é a fé. O homem somente se salva pela fé e pelo serviço ao Cristo. A reencarnação de nada adianta. Embora “eles” admitam a reencarnação, não veem necessidade ou conveniência de divulgar tais ideias. (Esta, aliás, é uma atividade bastante comum entre nossos queridos irmãos ex-sacerdotes.) O homem precisava aceitar a ideia da ressurreição da carne naquele corpo com o qual estaria

representado no dia do Juízo Final. Como reencarnação e juízo final são conceitos que mutuamente se eliminam, o doutrinador chamou sua atenção para o ponto, e ele, imperturbável, respondeu que se existia ou não o juízo, não importava; o importante era que o homem acreditasse nisso, ou seja, tivesse a consciência sempre alertada para o fato de que um dia seria julgado. Aceitando a existência do Inferno, por exemplo, ele se esforçaria sempre para agir mudamente. Mas, a grande ideia era mesmo a fé. Não pregava a doutrina da reencarnação porque ela “confundia” a cabeça do homem. O homem precisa é de fé. O resto é irrelevante. O amor, por exemplo, não suporta certos abalos da fé. (Veríamos, depois, a razão disso.)

Essa exposição toda vinha recheada de citações evangélicas aplicadas com invariável precisão e propriedade. Quando o doutrinador lhe pergunta se ele sempre foi cristão, ele responde que “renasceu” quando se tornou cristão: “Daí para trás não era eu. Todos nascemos em Cristo. Conto minha vida daí para cá, quando aceitei Jesus.” Esse importantíssimo evento está registrado com precisão na sua memória: foi em 1675, nos Estados Unidos.

– E você – pergunta ele ao doutrinador –, quando o aceitou?

– Na Galileia – é a resposta.

– Foi batizado? Foi confirmado?

Pouco adiante, na conversa, o tema recorrente da fé volta ao debate. O espírito insiste na tese da soberania absoluta da fé e o doutrinador lembra que Paulo colocou a caridade acima da fé no capítulo 13 da Segunda Epístola aos Coríntios. Como exegeta do Evangelho, evidentemente ele conhece o texto, mas declara que, ao escrever aquilo, o Apóstolo ainda se achava muito conturbado na sua fé e cheio de dúvidas. Era uma conversão recente a sua. O doutrinador lembra que a Epístola é bem posterior à conversão, escrita em plena maturidade e aceitação, quando se encontrava o autor já muito trabalhado pelas lutas e meditações. O espírito, porém, se mostra inabalável: acha que, na realidade, Paulo colocou a caridade em segundo lugar. Aliás, ele custou a chegar à fé; era preso aos problemas terrenos, pois, ainda na carta a Timóteo (e esta ele sabe que é realmente das últimas), pedia coisas materiais, como a sua capa, que ficara pelo caminho, guardada com um amigo.

O problema desse companheiro é, pois, algo insuportável para a sua consciência, que ele esconde atrás daquela brilhante fachada oratória que enfeitou, paradoxalmente, com um dos mais belos conceitos religiosos – o da fé! Qual seria a razão dessa posição? O que estaria atrás daquela barreira?

É no contexto dessas ideias que deve ser examinado o relato que se segue, reproduzido a partir do instante em que ele começa a regressão de memória. Antes, porém, o doutrinador precisa vencer certas resistências que persistem. Ante uma observação do espírito, pergunta o doutrinador o seguinte:

– Como é que foi essa história?

– É melhor não entrar nessa história. Você quer detalhes e eu não sei. Estou confuso. Não tenho certeza do que estou dizendo. (Nova e última tentativa de fuga.)

– Isso tudo está registrado em você. Os suspiros de amor, as confissões, as traições, as dores, as alegrias, as esperanças. Somos isso tudo, meu irmão. Somos seres humanos, criaturas falíveis. A imperfeição ainda está muito enraizada em nós, mas os nossos erros não são irremissíveis. Nós nos resgatamos em Deus. O Cristo nos mostrou o caminho e a reencarnação é o instrumento da nossa redenção. Não há juízos finais. Não há infernos. Não há castigos. Não há punições. Somos os artífices da nossa felicidade pessoal ou da nossa desgraça. Percebo que o seu espírito, tão amado e tão brilhante, está enredado em conceitos que falseiam a verdade. Você construiu em torno de você uma verdade que lhe convém, ou seja, a meia-verdade, e a meia-verdade é também mentira, irmão. Vai continuar enredado nela, dentro desse casulo? Você precisa sair, libertar-se disso, voar, voar para Deus. Você crê, você aceita o Cristo. Por que procura misturar o Cristo com as suas paixões e seus interesses pessoais? Por que procura arrastar outros irmãos para esse emaranhado de doutrinas que você sabe que não são verdadeiras? Um espírito que conhece, admite e concorda com a lei da reencarnação, não pode pregar o juízo final, a doutrina do inferno; não pode enganar aquele que deseja esclarecer-se. Você não transmite a luz, transmite a sombra com esses conceitos. E você tem luz para dar porque

conhece o Evangelho e porque ama.

– Não é uma história bonita...

– Meu filho, não precisa contá-la para mim. Não quero arrancá-la a qualquer preço. O que desejo é que você saiba que não precisa ficar preso a esse passado de desenganos, nem continuar a ser instrumento de interesses e paixões daqueles que o estão manipulando. Você obedece a interesses do seu grupo, na esperança de que, enquanto estiver lá, esteja protegido. Protegido de quê? Do amor? Da evolução? Do Cristo?

– ‘Eles’ sabem! ‘Eles’ conhecem o meu segredo. Não sei como souberam. Ela era uma moça muito jovem e bonita. Veio num navio e foi morar numa fazenda próxima. Chamava-se Angélica. Eu era casado. Tinha mulher e um casal de filhos. Eu me apaixonei... Ela vinha todas as noites... (Maravilha!) Pelas duas crianças, para ensinar a elas o Evangelho do Cristo, que ela chamava de catecismo. Eu não me interessava, mas passei a me interessar por causa dela. Passamos a nos encontrar no bosque. Ela, sempre com a Bíblia na mão, e eu, com o pretexto de quem desejava aprender...

– Meu querido, não precisa contar a história toda. Eu só queria que você se voltasse um pouco para o seu passado, a fim de entender o seu presente e buscar soluções para o futuro.

Mas ele prossegue, naquela invencível compulsão de falar:

– Eu tinha um barco. E um dia... Já não aguentava mais de paixão! Levei minha mulher para um passeio e a atirei na água... (Pausa.)

– Meu querido companheiro. Sabemos que a mágoa e o remorso têm mantido você nesse esquema de falsidades e de angústias. Não estamos aqui para o aprisionar, nem para o humilhar. Estamos aqui, em nome do Cristo, para estender-lhe a mão. Não porque sejamos perfeitos, meu irmão. Estamos cheios de erros e falhas; tropeçamos frequentemente nas nossas paixões...

Mas ele parece não ouvir e prossegue, inexoravelmente:

– É por isso que acabei indo para a Igreja dela, cantar no coro com ela. Lia a Bíblia... Cego! Louco!

– Mas duas coisas positivas existem nesses horrores. Você hoje reconhece, arrependido, a força do amor, e traz o conhecimento do Evangelho. Você

comprovou a existência do amor. Só que o baixou à condição de paixão. Quando era preciso renunciar, você seguiu os seus impulsos. O erro está cometido, é certo...

– Interessante que, agora que falei, me sinto aliviado! Não é mais segredo. Você também já sabe.

– O segredo vai ficar aqui. Respeito a sua dor, mas, como costumo dizer, o arrependimento precisa ser construtivo. Você precisa buscar aqueles espíritos novamente e servi-los com amor e dedicação...

– Matei minha mulher, fiz meus filhos órfãos!

– E você nunca mais encontrou o espírito daquela que foi sua esposa, no mundo espiritual, por exemplo?

– Eu fugia dela. Não tenho coragem bastante para isso! Ela era uma boa mulher.

– Você acha que ela te condena ou te perdoou?

– Não sei.

– E a outra? Angélica... A vida prosseguiu...

– O pai dela tinha outros planos para ela. No fundo, eu tinha medo de que ela desconfiasse. Eu lhe propus casamento...

– E as crianças, como é que ficaram?

– Com uma tia, que também acho que desconfiava. Não sei, parece que todos desconfiavam, que todos sabiam. E me refugiei na minha crença, a qual eu não podia aceitar, mas que me servia de refúgio. Ordenaram-me ministro. Meu primeiro sermão foi justamente no casamento dela. Maldita! Fez de mim um criminoso!

– Não, meu querido. Não é bem isso. O que fez você cometer esses desatinos foi a sua paixão, não foi ela. Meu irmão, o que podemos fazer aqui, neste momento, para te ajudar, para te servir?

– Não sei. Eu era uma árvore que estava de pé e você me cortou o tronco.

– Ela estava seca. Quando se corta uma árvore seca, ela brota outra vez, com novo vigor. É isso que vai acontecer com você.

– Estou com as raízes no chão e o tronco tombado. Que posso fazer?

– As raízes estão mergulhadas na vida. Nascerá um novo tronco e você poderá dar novos frutos, novas flores, abrigar pássaros, e dar sombra...

– Sombra para que ela viesse sentar-se embaixo com o seu marido?

– Você, então, a odeia?

– Como pode? Como se pode odiar quem tanto se amou?

– Se você pesquisar no seu passado mais remoto, vai descobrir por que razão isso aconteceu. Não somos criminosos por compulsão da lei divina; somos criminosos por escolha, por livre escolha. Agora, a lei divina é tão perfeita, tão pura, tão boa, que nos concede sempre a oportunidade da redenção e os meios de reparar os nossos erros. Mas se continuamos a atrair outros espíritos para aquele erro em que vivemos mergulhados, como vamos corrigir as nossas falhas? Se você permite uma sugestão de companheiro, de amigo: Pare um pouco com as suas loucuras. Examine a sua consciência. Expulse do seu coração todo sentimento de rancor, de ódio, de revolta. Volte-se para o Cristo. Desvista-se da sua pompa, da sua retórica. Fale com Ele como um ser que sofre e que espera o amor. Peça a Ele que o ajude a descobrir o caminho da paz. Sei que não vai ser fácil. Você tem que refazer muitas coisas, tem que retomar caminhos abandonados, tem que ir buscar cada um desses espíritos a quem prejudicou, para trazê-los de volta ao seu coração. São tantas as compensações, tão belas as esperanças e as certezas de redenção e pacificação, que vale a pena a dor do resgate, em lugar dessa dor em que você vive no momento; a dor estática, que nada constrói, que nos envenena de tal forma que em tudo aquilo que transmitimos aos nossos irmãos vai também um pouco do nosso veneno. Você me dizia, há pouco, que está cansado. É verdade. Cansado de enganar a si mesmo, cansado da dor, cansado de fugir, cansado da angústia, do desespero. Fique conosco, repouse, medite, recomponha o seu pensamento. Você poderá então planejar novas existências de redenção e de alegrias. Deus está em nós, e nós vivemos em Deus, como dizia o nosso Paulo. Está nos Atos. Está de acordo em ficar conosco?

– Nada mais me resta a fazer.

– Não, meu filho. Não estou pedindo que você fique de qualquer maneira ou que seja obrigado a ficar. Se quer seguir a alternativa do desengano, você é livre, meu querido. Mas você sabe que de outras vezes não deu certo. Estou-lhe propondo uma opção que sabemos ser positiva; a que você seguiu

deu nisso que se está vendo: um quadro de desolação, de dor, de saudade...

– De remorsos...

– Sim, mas com base nesse remorso você vai reconstruir uma existência, vai ao reencontro do amor, vai pedir perdão a quem prejudicou. O perdão está nas leis divinas. Deus nos perdoa sempre, mas a Lei exige o reparo.

– Estou cansado, muito cansado...

– Você tem algum rancor de mim?

– Não. Tenho rancor de mim mesmo. Como é que fui parar nisso tudo, assim, de repente?

– Fiquemos por aqui hoje. Você já tem aí bastante material para meditação e para reformulação da sua existência, dos seus pensamentos e da sua filosofia de vida.

– Eu agi como uma fera traiçoeira. Matei, traí. Você já carregou um crime na consciência? Não me esqueço dos olhos assustados das crianças, dos seus olhos arregalados... Era um casal. Oito e seis anos. O menino tinha seis.

– E você viveu até que eles se tornassem adultos?

– Eu os abandonei também. Fui para a Igreja. Fui ser ministro. Fui viver na *Rectory* (Casa paroquial). Eles me lembravam dela. Tinha medo do remorso. Tinha medo de me trair. Via o crime nos seus olhos assustados, como se tivessem medo de mim... Medo de mim, o próprio pai!

– Você nunca teve oportunidade de fazer algo por eles, no mundo espiritual?

– Tinha medo... Tinha medo de encontrá-los. Qualquer deles.

Ele chora, afinal, desatando as lágrimas que por tanto tempo reteve atrás daquela barragem de falsa fé. O doutrinador transmite suas últimas observações.

– Acredito que todos esses espíritos o perdoaram; a sua consciência é que ainda não o perdoou, mas é preciso que você se lembre de que o primeiro passo para a nossa recuperação não é a tolerância com os nossos erros, mas a decisão de nos perdoarmos também, para que o remorso não nos paralise. Estaremos com você, ao seu lado, nas suas dificuldades. Sempre que você precisar de ajuda para as suas fraquezas nos momentos difíceis, lembre-se de que o Cristo está ao alcance da nossa voz. Nenhuma prece fica sem

resposta. Se, às vezes, não somos atendidos da maneira que desejávamos, é porque não era a maneira que nos convinha. Você sabe orar?

– Oh! Não estou em condições.

– Não agora, mas você vai ter condições.

Para suprir a sua dificuldade compreensível, o doutrinador ora por ele, como se fosse ele próprio, expondo seus dramas e pedindo socorro, enquanto ele chora sem parar.

Ele somente consegue dizer uma palavra final:

– Obrigado. Muito obrigado!

Essa é a tragédia que o nosso caríssimo companheiro arrastou durante trezentos anos na sua consciência atormentada. Naquela noite de segunda-feira, após o emocionante diálogo com ele, manifestou-se ainda a nossa querida Angélica, a bela moça loura que, em tempos idos, ensinara catecismo às crianças do nosso irmão.

Serenamente, nos disse que, de certa forma, sentia-se culpada daquele drama terrível. Não porque tenha induzido nosso companheiro ao crime, mas não podia fugir à evidência de que a paixão que lhe inspirou foi, de certa forma, por ela admitida, senão consentida ou estimulada, como se evidencia naqueles encontros secretos no bosque, ainda que a motivação fosse o estudo do Evangelho.

Conseguira, agora, consentimento para retornar à carne, recebê-lo como esposo, tendo como filhos a antiga esposa sacrificada e mais os dois filhinhos, em cujos olhos assustados se escrevera o terror silencioso inspirado pelo próprio pai, que tão cedo na vida os privara da presença da mãezinha.

O futuro dirá se essas angústias se extinguirão, juntamente com as paixões e os desacertos, ou se, novamente, haverá falhas a corrigir em novas tentativas, um dia, três ou quatro séculos depois, quem sabe?

## 12. “Eu me servi do Cristo”

A narrativa começa no ponto em que o espírito, já magnetizado, começa a tornar-se sonolento e, temendo o mergulho no passado, tudo faz para desligar-se do médium.

– Estou com um sono terrível. Não estou com sono, estou hipnotizado, estou dominado. Você me dominou. Preciso sair desse aparelho, me desligar, me desimantar. Por que você botou essa coisa em minha volta? Essas ondas que você emite... Você me prendeu dentro delas. Você me prendeu... Está rodando... Que coisa horrível!

– Que tem você contra o Cristo?

– Não tenho nada contra o Cristo. Já ultrapassei essa fase.

– Por quê?

– Porque adotei a doutrina, já preguei a doutrina. Já representei o Cristo tantas vezes. Para que ficar parado, se você pode prosseguir?

– Sei. E quando Ele esteve aqui, onde você estava?

– Estou dominado! Que horror! Não vim aqui para ser dominado. Que você tem aqui dentro? Que tem este aparelho com que vocês dois me neutralizam? Sou um homem frio e vocês dois me neutralizam. Não tenho mais forças. Eu devia ter sabido disso.

– Escuta, meu querido, alguma coisa te fiz para te ferir, no passado? Prejudiquei você de alguma forma? Se isso aconteceu, quero pedir perdão, mas, por favor, aceite-me como seu irmão, seu amigo, aquele que deseja oferecer a você...

– Você prejudicou um sobrinho meu, muito querido.

– Ah, sim? Como é que foi isso?

– Você... (Cita o nome que o doutrinador teve numa encarnação no século XII, quando foi monge francês.) Você me faz flutuar... Me sinto flutuando. Não sei onde estou. Minha cabeça está flutuando. Uma nuvem,

uma nuvem! Estou dominado. Eu... Eu...

– Você sabe o que aconteceu depois, com aquele sobrinho seu?

– Não estou interessado...

– Sabe que ele foi, mais tarde, meu filho e que, antes, já havia sido também? Sabe por que nos desentendemos? Porque também havia doutrinas...

– Por que não consigo subtrair-me de sua influência?

– Porque ele estava tentando pregar doutrinas nas quais o Cristo parecia não ser mais necessário. Quem somos nós, para afastar Jesus dos nossos caminhos? Quem somos nós para tentar viver sem o Evangelho? Que foi que você conseguiu nesses séculos todos, tentando viver sem o Evangelho, achando que ele está superado?

– Não. Vivi o Evangelho muitas vezes. O Evangelho para você é uma farsa. A Igreja foi uma farsa, tudo falso. No fim, o que se queria era o ouro, a prata, a posição... Tudo falso!

– Meu querido, você continua a repetir o mesmo engano. Você está ainda na mesma posição.

– Propriedades ricas, decoradas, rebrilhando, para que os reis entrassem ali e admirassem, ajoelhassem e beijassem a nossa mão. (Parece que foi um dos Papas.)

– E os pés, também.

– Os pés, também.

– E você acha que aquilo construiu alguma coisa? Não é isso que o incomoda hoje?

– Foi por isso que me afastei de tudo.

– E você não está repetindo os mesmos enganos?

– Não. Eu, agora, busco uma verdade.

– Meu querido, aí está o seu engano. Tenha a coragem de afirmar. Que verdade? Fora do Cristo?

– A verdade, onde ela se encontra. Fé em Deus. Fora do Cristo.

– Não precisa mais de Jesus?

– Preciso de Deus.

– Isso significa, então, que você não quer mais o Cristo?

– Quem é o Cristo, senão uma figura? Você viu o Cristo?

– Eu vi. Você, também.

– É uma figura de retórica. Que quer dizer Cristo? Uma figura retórica.

O doutrinador insiste na regressão, enquanto o espírito resiste à ideia do levantamento das lembranças do passado distante que jazem nos porões da sua memória integral.

– Preciso voltar para casa... Quero ir para casa.

– Neste momento lhe fazemos um apelo, porque você é também o filho pródigo da parábola, que depois de muito errar chegou de novo à casa do Pai. Venha conosco.

– Tenho um trabalho que deve sair, ficar em evidência. Trabalho do esclarecimento, da luz, da verdade.

– Escute! As suas agonias de hoje são por causa daqueles erros do passado que você continua a repetir. Que verdade? Você não pode falar em verdade nesse local em que vive, meu querido. Ali é o domínio da mentira, da falsidade, dos desenganos. Não por maldade, o que existe é ignorância espiritual ou, então, interesse.

– Precisamos atuar, você não quer colaborar?

– Vamos falar de algo que já lhe perguntei. Onde estava você no tempo de Jesus?

– No tempo de Jesus? Eu não estava lá. Eu estava no Egito.

– O que você fazia no Egito?

– Eu era um mago. (Hesita) Eu... Eu... sabia da vinda Dele.

– E por que você não O aceita hoje? Você, a quem foi dada essa informação e que reconheceu nele essa figura, por que O nega hoje? Existe alguém acima Dele neste mundo nosso?

– Existe Deus.

– Sei. Mas digo em relação aos messias, aos mensageiros... Existe outro igual a Ele? Podemos prescindir Dele? A doutrina Dele já está incorporada ao nosso coração? A doutrina do amor e do perdão...

– Doutrina!... Nós temos o conhecimento.

– Conhecimento, meu irmão, não é sabedoria. Conhecimento é desengano, se não estiver ligado ao sentimento de afeição, de compreensão,

de caridade, de amor. Você sabe disso. O nosso Pedro dizia que “o amor cobre a multidão dos pecados”. E você, que é capaz de amar, por que não procura refazer o seu espírito, buscar nas profundezas do seu ser aquelas coisas boas que tem, as lembranças agradáveis, os amores, aqueles gestos de caridade?

– Um túnel escuro... Um túnel escuro.

É aqui a passagem para o passado. Quase sempre há uma espécie de “acidente geográfico”, se assim podemos nos expressar, a marcar os limites entre o território da memória consciente e os arquivos secretos: uma parede, uma barreira, um muro, um túnel...

– Vamos pelo túnel. Lá na frente você vai ver algo. Continue. Caminhe. Vamos. Venha comigo.

– Está confusa minha cabeça. Está tudo cinzento, uma nuvem...

– Onde você está? Quem é você?

– Eu sou o poder, sou a força, sou a decisão.

– Você é também a perplexidade, a angústia.

– Estou sentado num trono. Tenho o poder da vida e da morte nas mãos.

– Você acha que Pedro também teve? Você foi um digno sucessor dele?

– Posso assinar qualquer sentença. Os reis temem a mim. Sempre temeram a mim.

– Mas você serviu ao Cristo?

– Cristo? Eu me servi ‘do’ Cristo (destaca bem a pronúncia da partícula). O Cristo era uma imagem muito fraca.

– Mas você não acha que Ele foi o Messias? Não é Ele o emissário do nosso Pai?

Estou confuso.

– Por que, meu querido?

– Porque você me confundiu.

– Não, meu filho. Estou apenas mostrando o que está em você. Não estou inventando nada, não estou criando coisa alguma para você; estou mostrando a você o que está dentro do seu próprio espírito.

– É tudo uma confusão, uma loucura. Eu misturo tudo...

Como o espírito ainda não se fixou num ponto específico do seu passado, o

tropel das memórias reprimidas, que subitamente se desencadeou nele, coloca-o no centro de um verdadeiro tumulto interior. Aos poucos começa a fixar-se num episódio específico e diz:

– Ouço cantos, vozes, gritos. Tudo ao mesmo tempo.

– É. Sofrimento, dores, lágrimas. Mas você não vê também aí os seus amores?

– Ouço... Há um poço escuro e gritos vêm de lá de dentro. Que é isso? Sou um homem bom. Nunca cometi uma crueldade. Estou mentindo. Nunca tive um trono, quis um trono. Foi um engano.

– Sei que é difícil, meu irmão, enfrentar a consciência, repassar os nossos erros, mas às vezes é preciso um momento desses de introspecção para que nos vejamos sob a nossa luz real, aquilo que realmente somos.

– É esse Cristo que não diz nada à minha mente. É um nome sem expressão.

– O Cristo é um nome sem expressão para você? Por que você então utilizou-se Dele para oprimir?

– Não consigo entender o que é isso. Quem sou eu? Estou perdido. Quem sou eu? Onde estou? O meu nome? Estou perdido. O que eu faço? Perdi minha identidade. Isso foi um truque qualquer. Quem sou eu? Não sou nada!

Repete interminavelmente as mesmas perguntas, tentando reencontrar a identidade perdida e sua localização no tempo e no espaço. Atravessou as barreiras temporais e se debate, por algum tempo, numa total perplexidade, quase alienada.

– Você não está perdido, meu irmão. O Cristo não deixa nenhum de nós perdido. Somos ovelhas do seu rebanho e ele vai buscar um por um de nós. Ele nos permitiu que chegássemos até você para levar este recado de esperança, de consolo. Você também é um ser amado por nós. Estamos oferecendo-te uma oportunidade de voltar ao nosso convívio; não, meu querido, para usar o Evangelho como instrumento de poder e de opressão, mas para deixá-lo incorporar-se ao nosso ser. Você há pouco dizia, “depois de dominado todo o Evangelho”. Não queremos dominá-lo, queremos traduzi-lo em ações, em atos de pureza, de amor e de confiança. A palavra

do Cristo, as Epístolas do nosso Paulo, os Atos dos Apóstolos, a narrativa daquela epopeia de luz...

– Evangelho... Evangelho. O que é isso?

Ainda não sabemos nem praticá-lo direito, como estamos pretendendo considerar superado o Cristo? Quem somos nós, meu irmão? Quem é você? Quem sou eu?

Refere-se, agora, com um pouco mais de coordenação, à existência no Egito, onde teria sido um profeta:

– Eu sabia... Alguém me mandaria servir ao Evangelho.

– Você já teve essa oportunidade.

– É isso. Eu precisava ir para servir junto Daquela que eu predissera. Ia chegar o dia em que eu deveria ir e servir a Ele.

Como se observa, na sua remota encarnação no Egito, o espírito manifestante profetizou a vinda do Cristo e lhe foi dito que ele próprio havia sido indicado para servir junto Dele mais tarde.

– Você não o fez àquela época porque cometeu um engano. É possível que tenha feito um daqueles pactos, a que você chama de acordo. O problema, meu querido, é que não é possível continuar cometendo o mesmo engano século após século.

– Eu fui... Vi uma cena estranha: três homens e uma bolsa de dinheiro para comprar a vida de um homem, de um louco.

– Você contribuiu com o dinheiro ou apenas previu, ou melhor, anteviu?

– Não. Eu contribuí. Eu era um dos três...

O doutrinador não entende bem e pergunta:

– Mas você não disse que estava no Egito?

– Antes.

A história, então, é que ele viu mediunicamente a cena que se desenrolaria séculos depois, da qual ele participava como uma das duas pessoas que com uma bolsa de dinheiro comprava de um terceiro a vida de alguém que ele chama de “louco”. Viu, pois, a trágica transação com Judas e ele era um dos que pagou pela vida do Cristo, com o dinheiro do Templo, naturalmente.

– Ah! sim. Entendi agora. Houve uma existência em que você foi um

mago e previu tudo. Depois você veio a nascer no tempo Dele, é isso?

– É isso.

– Mas olha aqui, meu irmão. Isso não quer dizer que o Cristo tenha deixado de o amar, que ele o odeie ou que não proporcione novas oportunidades a você. Você terá novas oportunidades. A prova está em que Ele nos ajudou a chegar até você para levar esse recado Dele para você.

– Foi horrível.

– Sei, meu querido. Sei que isso perturba a sua consciência. Quero que saiba, porém, que você não deixou de ser nosso amigo, nosso irmão, nem ovelha do seu rebanho. Ele nos pede que cheguemos novamente até você e lhe ofereça, em nome Dele, nova oportunidade.

– Mas Ele era um homem, não um Deus!

– Sabemos disso. Isso muda a mensagem que lhe trazemos? Muda o sentido dela? Não continua sendo uma mensagem de amor, de esperança, de fé?

– Vejo alguém que me diz que falhei.

– Pois é, meu irmão. Você falhou uma vez, falhou muitas vezes, mas isso não quer dizer que vai continuar falhando. Você tem diante de si todas as oportunidades de reabilitação.

– Voltei outra vez para servir dentro (da Igreja) e falhei.

– Pois é. E está tentando falhar outra vez? Tentando novamente induzir companheiros a se utilizarem do Evangelho para conquistar posições, popularidade e fama? É isso, meu querido, que você está tentando fazer. É isso.

– Sinto algo frio, gelado, dentro de mim, como se tivesse mergulhado... É tarde!

– Isso que você sente gelado é o seu coração. Ele não se encontra totalmente gelado como você pensa. Porque além do carinho e do sentimento de afeição que você tem pelo nosso Ambrósio (um espírito tratado pelo grupo na semana anterior), há outros seres a quem você ama. Nunca houve um vulto feminino nas suas vidas?

– Tenho essa mulher que vejo toda envolta em luz, que me diz: “Vá. Você falhou outra vez.”

– Quem foi ela? Sua amiga, sua esposa, sua amada?

– Não sei. Está longe... Tenho medo de recordar.

O espírito certamente lhe aponta o único roteiro possível, rumo a nova tentativa: o da reencarnação que o ser comprometido tanto teme.

– Meu amigo – prossegue o doutrinador –, não tenha medo das decisões que precisa tomar. Este momento é importante para você.

– Vejo uma grade. Estou preso. Ninguém me ouve. Me tira daqui! É uma grade toda de ouro. Você me prendeu dentro dela! Ela está rodando. Estou dando um mergulho. Minha cabeça... Que coisa horrível!

Aí está o trágico perfil de uma agonia multissecular. O infeliz companheiro previu, no Egito antigo, a vinda do Cristo e foi avisado de que também estaria lá para servir junto do Emissário Divino. Chegado o tempo, renasceu e, envolvendo-se nas tramas político-religiosas da época, galgou posições de destaque no culto então dominante, pois trazia consigo uma sede incontável de poder e glória. Participou ativamente de negociações que resultaram na compra da traição. Foi um dos sacerdotes que entregaram ao pobre irmão Judas a bolsa que continha o preço da infâmia.

Depois disso, quando novas oportunidades se ofereciam, em renovadas existências, servia-se do Cristo em vez de servir a Ele.

A figura de Jesus sempre esteve associada, no seu pobre e atormentado espírito, ao terrível episódio da compra de uma vida e que lhe foi mostrado por antecipação desde o Egito. Os sucessivos fracassos consolidaram a frustração em vez de eliminar os seus terrores. Compreendeu, tarde demais, a grandeza espiritual Daquela cuja vida adquirira por trinta dinheiros. O recurso era a fuga de si mesmo e de tudo. Para isso, engendrou a doutrina pessoal de que tendo já “dominado”, ou seja, aprendido, tudo quanto havia a aprender nos ensinamentos de Jesus, e havendo pregado esses ensinamentos do alto das mais elevadas tribunas ditas cristãs, podia considerá-Lo mera figura de retórica e que, Sua sabedoria ultrapassada, nada mais tinha a dar-lhe. “Evoluíra” para a posição “superior” de agora. Dirigia-se diretamente a Deus e seguia “em busca da Verdade”.

Nos meios em que atuava, porém, entre várias organizações terrenas,

continuava a usar – sempre no interesse de suas deformações pessoais – o nome do Cristo, inspirando médiuns, oradores, psicógrafos. Por trás de tudo isso, a persistente e insaciável sede de poder, a técnica de corromper para conquistar, e, acima de tudo, como objeto final, a alienação total do Cristo, porque à figura excelsa do Mestre estava ligado o mais negro e lamentável episódio de toda a sua trajetória espiritual. Era essa lembrança tenebrosa que ele bloqueara do consciente, porque, esquecendo seu remorso maior, podia pelo menos fingir que vivia em paz. Era esse o núcleo que fora preciso desvelar, mesmo que fosse, como foi, à custa de verdadeiro abalo sísmico interior. Outras memórias terríveis guardava ele nos porões do ser... “Tenho medo de recordar”, disse, ao contemplar a longínqua e luminosa figura feminina que o segue amorosamente. Não se sentia com forças para mergulhar naquele outro poço fundo, escuro e cheio de gritos de desespero. Outros fantasmas tenebrosos o esperavam lá e ele temia.

Virá, a seguir, a longa série de encarnações dolorosas, novos testes, novas oportunidades e, talvez, novos fracassos, mas a vitória final estará alhures à sua espera, certamente junto daquela cujo vulto luminoso ele mal pode contemplar à distância.

## 13. Golpe de misericórdia

O companheiro espiritual a que se refere a presente história manifestou-se mansamente e com forte sotaque português, saudou-nos com farta distribuição de elogios, figurando-se como um ser humilde, consciente de suas limitações ante pessoas tão ilustres. Vinha oferecer seus modestos serviços, sua ajuda de servidor de Jesus e trabalhador do espiritismo, precisamente porque certas tarefas são mesmo atribuídas a espíritos de menores recursos. Resolveria pequenos problemas humanos, recomendaria remedinhos para as nossas mazelas, promoveria inesperada chegada de dinheiro para aqueles que dele precisassem, pois, como sabíamos, no mundo em que vivemos, infelizmente, é necessário dinheiro para praticar a caridade... Enfim, uma figura simpática, humilde e serena, que somente deseja ser aceito para servir.

Depois de algum tempo em que é deixado falar livremente, o doutrinador lhe pede com bons modos que assuma a sua verdadeira personalidade. Ele ainda negaceia, mas acaba cedendo, abandonando a farsa. Ri, algo desconcertado, mas logo se recupera e passa a uma súbita agressividade, em tom de voz inteiramente outro, já sem o fingido sotaque.

Daí em diante, a conversa ainda é deixada seguir ao sabor da sua vontade, a fim de que seja possível estudar melhor as suas motivações e a sua filosofia de vida. Sua posição é, em resumo, a seguinte: trabalha pela divulgação do bem, da verdade, da justiça. (Isso é quase um *slogan*, ao qual nos habituamos.) A prece deve ser uma força dinâmica convertida em ação. O erro não existe senão quando o admitimos em nossa consciência, pois ele é parte do nosso processo evolutivo, dado que aprendemos através dos acertos e dos erros (a perigosíssima técnica da meia-verdade!). Quando, por exemplo, alguém se coloca atravessado no nosso caminho e nos impede a passagem, devemos removê-lo sumariamente, sejam quais forem os

métodos. Deus colocou ali aquele obstáculo apenas para testar-nos. Não existe erro algum em liquidar o obstáculo. Quanto a ele, é um espírito liberado (rejeita a palavra redimido...). É um cristão liberal, pois o cristianismo tem falhas humanas, tanto quanto o espiritismo. O cristianismo do Cristo teria morrido com o Cristo; o que existe hoje é o cristianismo humano.

A essa altura, já se conclui que dispensa o Cristo, dado que todos nós podemos ir diretamente a Deus. Não vê, portanto, muito sentido em orar a Jesus, como de hábito fazem os espíritas, o que ele condena veementemente. Declara, a seguir, que até a ele muitos são os que oram, e ele atende a essas preces. (Teria tido alguma encarnação em que foi beatificado ou tido como santo, ou está apenas mistificando? Admitimos mais a primeira hipótese, mas não se força nenhuma declaração de sua parte.) Combate, também, nos espíritas, a lamentável tendência de viverem falando em culpa e em carma. É preciso, a seu ver, libertar-se desses conceitos de viver como ele, que, insiste, é um espírito liberado. O sentimento de culpa amarra as pessoas. O erro – volta ao tema – é apenas uma imagem na consciência; não existe em si mesmo. Sem sentimento de culpa, o erro não existe.

Nesse ponto já temos o seu retrato moral e podemos inferir a profundidade de suas angústias e o peso de suas culpas. É preciso ir buscar as razões ocultas desses desvios e desse doloroso processo de auto-hipnose.

Logo após a prece, na qual pedimos por ele e por nós, começa a magnetização e, em breves momentos, ele começa a perceber a formação de uma névoa em torno dele, como se fosse, no seu dizer, “uma teia de aranha, pegajosa”. Nesse ponto, quer retirar-se, propondo que cada um siga o seu caminho, realizando seu próprio trabalho e agradecendo a oportunidade da conversa que foi “muito iluminativa”. O sono começa a invadir a sua vontade e uma inesperada e aguda sensação de dor se manifesta no tórax, como se um punhal ou uma lança tivesse trespassado os seus pulmões. A dor se irradia pelo braço e começa a espalhar-se pelo corpo, do que ele se queixa, já bastante aflito e muito perplexo. Mas ainda insiste que não tem culpa alguma na consciência.

É a partir desse instante que reproduzimos o diálogo. A palavra inicial é dele:

– Que coisa estranha! Que é isso? Está doendo muito. É como se me transpassassem o pulmão com uma lança, mas nunca me aconteceu isso. Meus registros mentais não identificam... Não houve essa passagem na minha vida. Mas meu pulmão está afetado... O pulmão esquerdo. Mas meus registros mentais não têm nada disso catalogado lá. Sou um homem inteligente, meu caro. Você não vai me levar com facilidade, não.

– Como é que você explica, então, essa lança?

– Não sei. Meus registros mentais não detectam...

– Sim, mas seus registros mentais também não acusam a culpa e ela está aí.

– Que culpa? Estou sentindo uma dor. Isso não tem nada com culpa!

Interrompe para gemer e queixar-se de que está doendo cada vez mais e nada tem a lembrar, como sugere o doutrinador. Geme e se lamenta de que a espinha parece quebrada. A dor aumenta.

– Como é que você, na condição de espírito – diz o doutrinador –, pode sentir uma lança atravessada no seu corpo? É porque está na sua lembrança!

– Não. Eu não fui atravessado por lança nenhuma! Que absurdo! Alguma psicose em mim. É esse toque seu aí. Você tocou em mim e provocou tudo isso. Ai! Você é que foi culpado de tudo isso. Se você ficasse sentadinho ali no seu lugar... (Pausa.) Ninguém me atravessou com a lança. Ninguém se atreveria. Não em mim, um nobre. (Já está, pois, mergulhando mais fundo nas lembranças.) Um nobre romano, meu caro... Um nobre, membro da casa real, está entendendo? Ai! Está doendo. Que coisa absurda! Nunca ninguém me atravessou com uma lança. Ninguém se atreveria! Ainda mais pelas costas, quebrando a espinha e atravessando o pulmão. Sabe lá o que é isso? Só aqueles míseros cristãos é que sofreram isso. Eu não sou cristão. Você está entendendo? Ai! Não posso nem mexer a cabeça; está doendo aqui... Está me doendo! Onde está o nobre Calígula? (O doutrinador se mantém em silêncio.) Você conhece porcos? Ai! Porcos! É isso que os cristãos são: porcos! Porcos em manada que você mata para limpar o

chiqueiro daquele cheiro horrível! Você foi um porco desses. Seu Paulo foi outro porco! Cristãos a gente mata, está entendendo? Você está ouvindo? É isso que a gente faz!

– Mataram até o Cristo, não é?

– Claro! Precisavam limpar o Império dessa praga. Cristãos a gente mata! Em magotes... Que diferença faz como eles morram, não é? Que diferença faz?

O doutrinador faz uma pergunta que a intuição lhe sopra:

– Não havia entre eles alguém que você amou?

– Não. Nada. Eu nunca amaria um cristão.

– E uma cristã?

– Nem uma cristã. Nunca amaria uma cristã... Seria uma traição a todos os meus princípios. Nunca... (Pausa.) Você está vendo? Vê como sou jovem e belo? Minha túnica, você vê? Garboso... Estou aqui na tribuna de honra (no circo). Sou um nobre, meu caro. Um nobre. E um nobre não se mistura com essa gente fedorenta, que cheira mal. O cristão cheira mal. Depois, o quê? Não aconteceu nada! É mais um magote que está ali (na arena, para morrer). Mas por que estou falando em cristãos? Não tenho nada com eles... Eu estava falando em quê? Em quê? Minha mente está embaralhada. Que confusão! Não, não. Eu estava pregando uma doutrina... Perdi o fio. (Mistura, evidentemente, o teor da sua conversação de há pouco, com as lembranças da remota encarnação ao tempo dos Césares, no momento em que assistia da tribuna de honra a mais um sacrifício de cristãos.)

O doutrinador insiste:

– Quem é que você tinha lá, no meio daquelas pessoas que foram sacrificadas? Uma mulher? Como é que ela se chamava?

– Ninguém... Ninguém... Ela quem? Nenhum romano ama uma cristã; você usa uma cristã; se quiser faz dela uma concubina, está entendendo? É uma honra para ela, mas você não a ama. Não mistura o seu sangue com o dela. É uma praga...

Embora insista em que nada mais tem a dizer, prossegue, na compulsão de dizer a verdade:

– Sou filho único de uma nobre família. Aquilo é um bando de porcos... Só

que tinha alguém no meio deles com jeito de nobreza. Devia ter algum resto de nobreza. Ai, está doendo! Eu não a conheço. Não conheço aqueles olhos. Se era bonita? Que é isso? (Ao dizer-se filho único deseja caracterizar a rejeição da irmã que, ao se tornar cristã, deixou de existir socialmente.)

– Como é que ela se chamava?

– Não sei. Nem eu nem meu pai sabemos. Ela morreu... Morreu, simplesmente. E não sabemos como. Acabou... (Não quer admitir, ainda, que ela morreu ali na arena.) Foi isso. (Pausa.) Aqueles olhos me fitando... Ela havia ficado louca. Enlouqueceu. Eu jamais pronunciaria essa palavra. Sou órfão, está entendendo? Sou órfão. (Ficamos sabendo que a mãe também está ali, envolvida, e que também a rejeita.) Não me pergunte como ela morreu. Uma nobre, misturar-se com os porcos... Foi isso que ela ganhou. Foi isso.

– E você nunca mais a viu?

– Não quero ver nada. (Geme de dor, sentindo as pontadas da lança.) Precisou de um golpe de misericórdia. Era preciso que alguém desse um golpe de misericórdia. Era preciso... (Geme, grita de dor e depois:) Isso já passou, meu caro. Ficou no passado. A gente tem muitas mães. Outras mães, outras noivas, outras esposas. Você se esquece do magote de cristãos. Esquece...

– Escute, meu querido. Você não ficou órfão. A mãe nunca abandona um filho.

– Ela abandonou. Ela preferiu aquele mísero Galileu lá; preferiu misturar-se com aqueles porcos fedorentos. Cristão cheira mal! Ela recebia na sua casa... (Não conclui. Imaginamos que fossem pessoas importantes, talvez o próprio Calígula, de quem o espírito manifestante foi amigo pessoal.) Foi ela também que induziu a nobre Leila. Foi ela, ela que induziu. Leila Lavínia... nome lindo! Isto é uma loucura! Você está criando uma loucura. (Volta a gritar de dor e a queixar-se de violentas pontadas no tórax e do esmagamento na espinha. E segue a narrativa, implacavelmente:) Que horror! Preciso matar o Cristo e destruir essa doutrina. O Cristo precisa morrer outras vezes. Todos os cristãos imundos... Solte a minha mão, se você é um cristão! Imundo! Tenho nojo de cristãos... Me leve daqui! Ai!

Que dor... Mas não foi em mim que essa lança penetrou: foi nela! Por que estou sentindo a dor? Você está me induzindo a ter um sentimento de culpa na minha mente. É isso. Esse é o mal! Você está me induzindo. Essa técnica mórbida! (A admissão da culpa.) Era preciso dar o golpe de misericórdia... Não era preciso?

– Não sei, meu amigo. Você considera que foi um erro ou não?

Ele está claramente confrontando a sua filosofia com os fatos das suas vivências. Como se lembra o leitor, ele achava que erro só existe quando a gente admite a culpa na consciência.

– Não era preciso? Deus é a única realidade. Eu estou em Deus. Não tenho dores... (Repete isso várias vezes, tentando novamente o recurso da auto-hipnose.) Não tenho, não tenho... Ai! Está tudo quebrado... Tudo quebrado... Pare com isso! Tire essa pressão da minha mente, que você colocou aí. Tire essas teias... (Novamente reage e diz com voz firme:) Sou um homem e um homem não chora, está entendendo? Não se lamenta. Você está me reduzindo a quê? A um porco cristão? Você está se vingando.

– Vamos pedir, então, à sua Leila Lavínia e à sua mãezinha que lhe venham ajudar.

– Você pode orar e pedir para ajudar...

– E lembrar a você que elas não te esqueceram e que continuaram a te amar através desses séculos todos. Você é que fugiu delas e não elas de você. Está entendendo?

– Para com isso... Para! Isso tudo é ilusão, meu caro. Eu já fui até um Papa, meu caro. Já fui tudo isso. De que me adiantou? Não cheguei a Deus, que eu procurava. Meu caro... Meu caro... Ai... Ai... A minha biga! A minha biga! Quero passar por cima desses cristãos com a minha biga! Quebrar costelas, quebrar espinhas, quebrei ossos, quebrei tudo! Passei com a minha biga. Passei por cima deles com a minha biga! Por quê? Por que, meu Deus? Os ossos todos quebrados! Mas eu não estou quebrado... Não posso chorar, não sei chorar. Não posso! Tenho medo. Não faz assim...

– Escuta, você é meu irmão e meu amigo. Você tem medo de quem? Da sua mãe? Tem medo da Lavínia? Elas te receberão... Tenha coragem.

Repete baixinho, como uma criança perdida e apavorada:

– Tenho medo... Matei tanto!  
– Meu irmão, isso passou e você vai ter oportunidade de desfazer tudo.  
– Fantasmas! Fantasmas... Cristãos gritando! Não sou cristão! Jurei que nunca seria cristão. Serei sempre um acusador do Cristo, porque ele destruiu tudo o que eu mais quis.

– Não, meu querido. Quem destruiu foi você mesmo, não o Cristo. Pergunte a elas se elas se consideram destruídas.

– Meus sonhos de jovem... Fiquei sozinho naquele palácio. E meu pai batendo a cabeça pelas paredes em desespero. Enlouqueceu. Fiquei sozinho... Não tenho mãe. Todos estão mortos. Só eu, aqui, sozinho, nessa casa. Sozinho... Quero estar cego, quero estar surdo... A biga! Sou um herói, sou um herói! Eu matei!

Em seguida, o espírito informa que foi servir Roma, na Palestina, e prossegue:

– Ganhei muitas condecorações.  
– Quem você conheceu lá, naquela época?  
– O tetrarca.  
– E também aqueles que trabalharam junto com Jesus?  
– Não me misturo com essa ralé.  
– Mas você conheceu alguém da ralé?  
– Eles todos são gentinha, são estrangeiros... Inferiores. Mas agora quero ficar aqui. Não quero voltar mais.

– A Roma? Por quê? Tem que haver uma razão.  
– Não vou tomar este navio. Eu não vou! Não quero voltar lá! – diz já em alta voz, quase em pânico. – Só tenho que pensar nas minhas conquistas, na minha carreira. Não quero voltar.

– E então você ficou, não é?

Ele hesita e titubeia. O doutrinador não está entendendo direito o que se passa na sua mente. Só depois a coisa se esclarece. Ele teme prosseguir a narrativa porque acontecimentos terríveis tem ainda a relatar e se “toma o navio” (que, de fato, o levou de volta a Roma) não conseguirá fugir à verdade dos seus tremendos desenganos. Ele explica o seu dilema num jogo de palavras algo cifrado, mas que faz pleno sentido no contexto em que se

acha no momento:

– Eu... Não... Eu voltei, mas não vou voltar outra vez. Você não me vai fazer voltar lá agora! Não vou voltar! Não quero voltar! (Voltar por meio da regressão.)

O doutrinador fica pacientemente a insistir, oferecendo seu apoio. Ele prossegue, a despeito de si mesmo.

– Eu... (Pausa.) Foi horrível! Este tropel de cavalos... Eu estou num albergue, você sabe, pois só quero chegar amanhã à cidade. (O leitor, naturalmente, sabe que Roma não é porto de mar e que os navios deixavam os passageiros em cidades costeiras. O resto da viagem era por terra.) Só amanhã, mas a notícia da minha volta já se espalhou, e no meio da noite este cavalo... É o Salústio. Ele entrou, ajoelhou-se aos meus pés, pôs a cabeça no chão, entre as mãos. Batia a cabeça e chorava, e chorava... “Meu Senhor Demetrius”, disse ele. Eu quis saber o quê. Estava impaciente, quase a chicoteá-lo. Isso não é atitude para um escravo: acordar-me assim no meio da noite! Fi-lo ficar de pé, sacudi-o e ordenei que falasse e ele disse que a desgraça tinha entrado em nossa casa.

– Como assim?

– Na minha ausência, a minha jovem irmã conheceu um louco representante daquele... Um homem que não teve nem medo de enfrentar a César. (Refere-se evidentemente a Paulo de Tarso, que teve uma audiência com Nero, como se sabe.) E elas foram ouvi-lo. Eles usavam um manto para se esconder, quando iam aquelas mulheres. Numa expedição – não minha, porque eu estava... (fora de Roma). Diz Salústio que elas tinham vindo acorrentadas. Ele as viu, a ambas.

– Eram duas irmãs?

– Não. A minha mãe e a minha irmã. E ele disse que só havia uma salvação: que eu fosse depressa ao Palácio pedir por elas. Eu achei que ele estava louco e o joguei no chão, com raiva. Quase o pisei! Onde já se viu? A minha mãe e a minha irmã!... Nunca! Jamais! Elas têm sangue patrício! Mas ele estava tão aflito! Eu disse que de manhã seguiríamos. E fomos. Mas, estava tão cheio... Soldados... Houve qualquer coisa em Palácio e eu não pude entrar cedo. Quando consegui, me disseram que César não estava em

Palácio. Tinham ido todos para aquele maldito lugar.

– Para o circo.

– Fui correndo. Não poderia ser... Salústio disse que tínhamos tempo. Eu trazia muitas medalhas e César sabia. Recebeu-me em seu camarote... (Interrompe por um breve instante, muda de tom e fala gravemente:) Isso era uma honra! Você sabe que era uma honra? No camarote de César! Sentado ao lado de César!... (Interrompe, novamente, sacode-se num espasmo violento e diz com voz seca:) Estou cego! Não vejo! (Ao que parece, trata-se de mais um mecanismo psicológico de autodefesa: ele não quer ver). Não vejo! Meus olhos não veem!

– A sua mãe e a sua irmã foram sacrificadas, então?

– Não. Eu não vi isso! Não vi ninguém! (E repete, aos gritos, que não viu ninguém). Só aqueles cabelos... Aqueles cabelos que lhe cobriam o rosto curvado. Fiquei louco de dor e agonia... Sabe o que eu fiz? Decidi que iria queimar todo pregador que encontrasse... Em óleo... Em óleo! E queimei alguns! Em óleo! Em óleo! Para sentirem bem a dor que eu senti. O meu ódio... Você sabe o que é queimar em óleo?

– Meu filho, isso tem muito tempo, mas as marcas daquele ódio e também daquele arrependimento ficaram em você. Hoje você não faria mais aquilo.

– Eu via fantasmas, eu via! Depois do primeiro que ajudei a sacrificar, voltei para casa, aquela casa vazia, porque a minha irmã e a minha mãe não estavam – e me pareceu ver a minha mãe. Era um fantasma... Aqueles olhos me olhavam e ela dizia: “Meu filho! Meu filho! Não manche mais as suas mãos... Deixe que meu sangue lave as suas mãos”. Que horror! Uma patrícia não falaria isso! Não pediria um favor... Eu disse: “Não, mãe. Vou me vingar.” Cada vez que eu fazia um sacrifício desses ou outros, ouvia aquela voz que me dizia: “Meu filho! Meu filho! Pare!” Um dia fiquei desesperado, porque perdi um desses malditos. Ele ia fugindo e eu o apunhalei. Então – você acredita? –, quando ele ia caindo, quem eu vejo amparando-o? A minha mãe! Ela me olhou, chorando, e disse: “Meu filho, olhe!” E vi o meu punhal cravado no coração dela. Fiquei louco... O que é ser um homem? Aprendi que ser homem era ser rígido, era ser forte, era ter o peito condecorado, era vencer, era ter um trono, era carregar uma coroa

de louros... Que é ser um homem?

– Ser homem é o que você vai ser agora. Você vai ao encontro da sua mãe, que há tanto tempo o aguarda. Ela não se esqueceu de você. Não o abandonou.

– Ela deve estar ainda com aquele punhal.

– Não está. O punhal está em você. No seu remorso, nas suas angústias, nos seus desenganos. Agora você para um pouco para pensar. Dê ao seu espírito uma oportunidade de se recuperar, de refazer as coisas que fez errado. Vem conosco. Fica conosco algum tempo para descansar e colocar tudo no lugar. Oportunamente, quando for possível, a sua mãe virá te ver, está bem?

– Mande embora esses fantasmas! Esse tropel sempre se repetindo na minha cabeça. Às vezes sinto o cheiro dessa fumaça do óleo queimando. Me dá náuseas, me enjoa, me dá vômitos, me sufoca! Mas isso é só um pesadelo, não é? É um pesadelo!

– Você acha? Quer fugir de novo? Você há pouco perguntava o que é ser homem. Um homem é aquele que enfrenta as suas deficiências, os seus erros, os seus enganos e luta contra isso.

– Para onde vou? De onde eu vim? Já não sei mais... Não sei... De repente, se apagou uma coisa, como se o trecho de um caminho tivesse desaparecido. Não sei mais voltar. Estou confuso... Tenho medo...

O doutrinador diz uma palavra final:

– Então você vem e fica conosco algum tempo. Vamos te ajudar. Você me perdoa se a nossa conversa aqui, às vezes, foi um pouco áspera e difícil. Não foi falta de respeito, nem de compreensão, nem de amizade por você. Foi necessário despertar o seu espírito para essas coisas que você precisava considerar. Não nos leve a mal. Somos todos amigos e irmãos. Agora você segue com os nossos companheiros aqui presentes. Vai em paz! Vamos orar por você. Deus te abençoe. Ninguém te detesta, ninguém tem ódio por você.

– Estou vendo... Onde estou? Onde? Salústio! Eu o vejo! Mas... Que faz ele aqui? Ele já morreu há tanto tempo! Salústio... Dar a mão a ele?

O médium estende lentamente a mão e o espírito é retirado.

Não é difícil visualizar a cena terrível, com todo o impacto daquela tragédia. Chegou tarde demais ao César, mas dali, da tribuna de honra (era uma trágica honra e uma dolorosa ironia!), assistiu ao trucidamento das duas criaturas a quem amava e que não via há tanto tempo. Estavam sendo sacrificadas impiedosamente, humilhantemente, duas patrícias romanas, à vista de toda a nobreza e do povo ignaro, naquele sórdido espetáculo de barbarismo. Ainda as encontrou com vida e as sacrificou com o golpe de misericórdia, a que se referia anteriormente.

Depois disso é o desvario completo, alucinado, implacável. A dor que sentia no pulmão perfurado era, portanto, a daquele punhal que, cravando-se nas costas do pobre condenado que tentou escapar de ser fritado vivo, foi localizar-se, na visão espiritual, no coração de sua mãe.

Essas lembranças terríveis levam-nos a entender por que criou todo um sistema filosófico de “liberação” através da rejeição deliberada da culpa, porque o erro só existia para ele quando admitido pela consciência.

Não esqueçamos, porém, que, no seu íntimo, preservou-se o amor por aqueles dois seres, um amor que resistiu à passagem dos séculos, à avalanche de atrocidades, aos rios de sangue e lágrimas que ele fez verter exatamente na tola pretensão de vingá-las.

Quem foi mesmo que disse que o ódio é amor que enlouqueceu?

É isso.

## **NOTA SOBRE “GOLPE DE MISERICÓRDIA”**

Não seria surpresa se houvesse ocorrido aqui um fenômeno de anacronismo, ou seja, “confusão de data, quanto a acontecimentos ou pessoas”, segundo ensina o professor Aurélio Buarque de Hollanda, em seu Dicionário. Em plena regressão de memória, deslocado, portanto, para fora da dimensão tempo, o espírito poderia baralhar a sequência dos fatos. Não é este, porém, o caso aqui.

Em primeiro lugar, precisamos lembrarmos-nos de que, a partir de Augusto, que governou do ano 27 a.C. ao ano 14 da nossa era, até Adriano, de 117 a

138, todos os imperadores romanos foram conhecidos pelo título de César, que fizera parte do nome do primeiro deles: Caius Julius Caesar Octavianus (a quem se chamou Augustus), nascido no ano 63 a.C.

Dessa forma, quando um espírito se refere ao César, pode ser qualquer um dos doze que exerceram aquela brutal parcela de poder durante 165 anos.

Observemos, a seguir, que o nosso companheiro poderia perfeitamente ter sido contemporâneo de Calígula e de Nero, embora entre esses dois tenha governado Cláudio. A sequência é a seguinte: Calígula nasceu no ano 12 de nossa era e foi imperador (César) de 37 a 41, quando morreu assassinado, com 29 anos de idade. Sucedeu-lhe Cláudio, que governou de 41 a 54 e também morreu assassinado, dizem que pela sua própria esposa (e sobrinha) Agripina, mãe de Nero, que mandou servir-lhe cogumelos venenosos. Nero, nascido no ano 37, foi imperador (César, também) de 54 a 68. Suicidou-se com a ajuda de Epafrodito, o último vassalo, que o acompanhou até o fim.

Depreendemos, portanto, que o espírito, cuja história aqui é relatada, amigo pessoal de Calígula na juventude, viveu o suficiente para conhecer Nero, bem como o episódio em que o destemido Apóstolo dos Gentios enfrentou, com bravura inflexível, o poderoso César, a quem apelara, aí pelo fim do ano 64 ou princípio do 65, como narra Emmanuel, em *Paulo e Estêvão*. Para isso, teria bastado ao nosso companheiro viver cerca de 56 anos – admitindo-se que tenha tido aproximadamente a mesma idade de Calígula – para cobrir todo o período do ano 12 até o ano 68, em que morreu Nero. É o que parece correto inferir, pois a matança coletiva e sistemática dos cristãos começou em Roma após o incêndio que, iniciado na manhã de 19 de julho de 64, quase destruiu toda a cidade.

Não seria difícil ao nosso companheiro ter acesso à tribuna de honra do circo. Ele era patrício romano de fina estirpe, fora amigo pessoal de Calígula – do mesmo tronco familiar de Nero –, era oficial condecorado do Exército e tinha conexões importantes no Palácio. Nero sabia, certamente, de quem se tratava e, sem dúvida, o conhecia pessoalmente.

## 14. “Quem sou eu?”

O espírito cuja história é narrada a seguir também era o remanescente de uma sofisticada comunidade das sombras, que se desmantelara depois que seu líder resolvera abandonar sua tarefa. Esse irmão permanecera por lá, vagando pela escura região em ruínas. Não tanto porque desejasse teimosamente continuar a sua tarefa, embora isso também estivesse em seus planos, mas, principalmente, porque, nas suas próprias palavras, fora “cortado o fio mental que o ligava àquela realidade”. Estava agora perdido, alienado, vivendo um tempo de ficção científica, sem presente, nem passado, nem futuro. Parecia ter-se chocado subitamente com uma realidade nova que não podia entender. Onde estivera antes? O que era “onde”? O que era “antes”? Quem era ele? Repetia obsessivamente uma pergunta só: “Onde estão os outros?” Os companheiros com os quais até então convivera, eram o seu mundo, a sua realidade, o seu vínculo consigo mesmo. Sem eles, e as formas-pensamento que os sustentavam, ele era um ser sem identidade, sem rumo, solto no tempo e no espaço. Mas, o que era tempo? E o que era espaço? E onde estavam seus amigos? Onde? E onde estava ele?

Pouco a pouco a história foi-se desdobrando em fragmentos esparsos e algo desconexos, mas que iam, lentamente, compondo o quadro de desolação de sua mente em caos. O último acontecimento de que se lembrava era a morte de Lucrecia Bórgia, mas quando fora isso? Ontem? Há um século?

O doutrinador tenta pacientemente localizá-lo no tempo, dar-lhe uma identidade, buscar-lhe um nome, situá-lo no espaço físico e mental. Lucrecia, aliás, Lucrezia, filha do cardeal Rodrigo Bórgia, depois papa Alexandre VI, vivera entre 1480 e 1519, morrendo, pois, com apenas 39 anos, após uma vida aventureira, nos cimos do fausto, do poder e da beleza. Ao que hoje se sabe, foi uma figura histórica bastante caluniada e

deformada. Sua família marcou uma época. O companheiro que ora se manifestava como espírito, fora, ao que nos dizia, chefe da Guarda do papa. Tinha acesso fácil ao pontífice e o considerava, com justeza e compreensível orgulho, a figura mais importante da época, abaixo de Deus, de quem era representante incontestável na Terra.

Como se chamava? Parece que era Licinius... Ou era Lúcio? Não sabia ao certo. A princípio dizia que era jovem, belo, nobre e rico, mas, depois, confessou que mentira. Era apenas um soldado sem *status* especial, que amava, ou melhor, cobiçava uma jovem lindíssima, de alta nobreza e muito rica, predicados que, reunidos numa só mulher, colocam-na no centro vital de muitos e contraditórios interesses. Ele simplesmente a queria para si. Se ela o amava? Isso não tinha a menor importância. As mulheres, na sua opinião, foram feitas para servir e não podiam ter vontade própria. Quanto às barreiras sociais da diferença de nível, o papa as removeria, obrigando os pais da moça a entregá-la ao jovem comandante da Guarda.

O baralhamento da sequência, no tempo, é total. Seu primeiro marco temporal fora a lembrança da morte de Lucrezia, portanto, em 1519. Rodrigo, o pai, isto é, Alexandre VI, morrera em 1503, quando foi sucedido por Júlio II, “l'uomo terribile”. De modo que quando ele diz que vai falar com o papa, não sabemos se está pensando em Alexandre ou Júlio, a quem teria continuado a servir na Guarda. Se se trata de Alexandre, então, ele está com a sequência quebrada, lembrando-se de uma época em que o pai de Lucrezia ainda ocupava o chamado “trono de S. Pedro”. Essa parece ser a hipótese mais aceitável, porque sua mente confusa está ainda fixada num acidente inexplicado de uma carruagem, em que a sua amada perdeu a vida. Ao que conseguimos apurar, ele comandava um grupo de soldados que emboscava a carruagem para agarrar alguém, parece que uma mulher. Inexplicavelmente, a moça a quem ele cobiçava estava lá também. Os cavalos se assustaram, o cocheiro perdeu o controle e a moça morreu. Nosso irmão encontrou em poder dela uma riquíssima placa de diamantes, montada com uma cabeça dela esculpida em ouro maciço. Esse era um dos seus segredos, pois todo esse tempo ele guardara consigo a joia, na esperança de um dia presenteá-la à moça, em restituição.

Primeiro dissera que ele, muito rico e poderoso, mandara fazer a joia. Só depois confessou que a pilhara no acidente fatal para a sua amada. Diria depois que teve também um riquíssimo crucifixo de ouro cravejado de pedras. Outra pilhagem oportuna. Era, pois, um aventureiro típico daquela época brilhante e tumultuada por incontroladas paixões humanas.

Insistia, porém, em falar com o papa. O papa era todo-poderoso e resolveria os seus problemas. O doutrinador esforçava-se por restituir-lhe a noção de tempo. Meu Deus! Quatro séculos e meio haviam-se passado e para aquela pobre criatura nada acontecera nesse amplo intervalo, em termos humanos. O papa já morreria... Ele não sabia? E ele se perguntava, alienado: “O que é morrer? O que são quatro séculos? O que é o tempo?” Mas aquilo era uma loucura! Ele poderia ir a Roma a qualquer momento que desejasse e estava certo de encontrar lá o papa para atender prontamente aos seus caprichos.

Colando pacientemente os pedaços, conseguimos reconstituir o fragmento de história que aí ficou, mas a alienação persistia. Somente podia falar com certa coerência do seu trabalho na comunidade espiritual ora destroçada. Sua tarefa consistia em “levar as matrizes”. O que isso significa e o que se esconde atrás dessa misteriosa expressão é algo terrível que não cabe aqui comentar.

Tratava-se, pois, o nosso querido irmão, de um dos casos mais estranhos e curiosos que nos foi dado observar em uma longa série de problemas humanos. Dentro da alienação em que vivia há 450 anos, habilíssimos manipuladores de mentes haviam conseguido uma clareira de lucidez suficiente para fazê-lo servir à causa das sombras, como instrumento cego e automático de trabalho na campanha sistemática contra a obra do Cristo.

Como conseguiram recrutá-lo? Ele mesmo explicou: Prometeram-lhe levá-lo àquela jovem, a quem ele continuava a desejar obsessivamente. Ela seria o prêmio de sua tarefa. Ignoramos o lapso de tempo que ele serviu como um robô a essa causa, em busca do seu prêmio, que, aliás, seus mandantes jamais poderiam conceder, pois não estava no seu poder fazê-lo. Jamais, porém, era uma palavra sem sentido para o autômato humano que fora retirado do tempo. O que eram quatro séculos ou vinte séculos?

Convém acrescentar que essas lembranças da Roma Renascentista foram espontâneas, ainda que tumultuadas e confusas. Não fora necessário induzi-lo à regressão através da magnetização. Era preciso, não obstante, buscar alguma ordem naquele caos interior, eventos passados mais remotos que lhe trouxessem de volta a consciência do tempo, do espaço e da identidade pessoal. O único jeito disponível seria fazê-lo regredir a uma existência anterior, a uma época em que suas memórias, ora ocultas, montassem um cenário coerente, racional, dentro dos conceitos normais de tempo, espaço, de realidade, enfim.

É, pois, a partir do momento em que ele começa a mergulhar em outras vivências que o diálogo prossegue, tal como transcrito a seguir:

Começa a narrativa, ou melhor, a sua vivência, gritando com alguém:

– Fora daqui! Fora daqui! Cão! Como se atreve? Aqui quem manda sou eu! Sou senhor absoluto!

– Com quem você está falando?

– Com esse cão que está ali.

– Quem é você?

– Quem sou eu? Como se atreve? Se você penetrou aqui, como é que me pergunta quem sou eu? Eu é que tenho que perguntar quem é você. Tirem esse cão da minha frente! Tirem-no, executem-no! Eu quero lá saber disso?

– O que ele veio pedir a você?

– O que ele veio pedir... Que vêm os cães pedir? Que pedem os cães? Ele veio pedir por uma vida, de um outro cão da raça dele.

– E você não deu?

– Claro que não!

– Quem é você? Você tem esse poder?

– Eu tenho.

– É um deus?

– Não sou Deus, mas é como se fosse.

– Por que está sentado num trono?

– Porque posso decidir entre a vida e a morte.

– Por que está sentado num trono?

- Claro. Que me pertence por direito.
- E onde é isso? Em Roma?
- Onde mais? Vil plebeu...
- E como se chama essa pessoa que veio aí pedir?
- Já disse que é um cão e os cães não têm nome.
- Têm sim. Os cães têm nome. Você tem cães?
- Melhores do que esse. São uma manada... Uma manada só, com um nome só.
- Cristãos.
- Cães podres.
- E você conhece a mim também?
- Deve ser outro cão podre que vem pedir por ele também.
- E você negou a vida que ele te pedia e poupou a dele?
- Claro que não.
- Ah! Mandou matar os dois...
- Eu não mandei matar os dois... Mandei torturá-los, para que morressem aos pouquinhos, para saberem que dentro do meu círculo o traidor que é apanhado...
- Mas alguém traiu você?
- Eles. Aliaram-se aos cães.
- Eram cidadãos romanos, então?
- Claro. Os cães não têm nome. Ele aliou-se aos cães; agora tem uma sigla e uma corrente, que todos eles se ligam por uma corrente.
- Você então mandou torturar.
- É preciso.
- Mas você não sabe, meu querido, que esse poder que tem é transitório, que isso passa, e que depois você vai prestar contas dos seus atos perante o Nosso Pai?
- Como se atreve a falar assim comigo? Petulante! Posso mandar torturá-lo. Posso mandar matá-lo, também. Você não quer um espetáculo?
- Isso pacifica você? Você tem medo dos cristãos? Você teme o quê, meu irmão? Seres pobres, infelizes do ponto de vista social, mas movidos por uma paz interior muito grande que falta a você... Você não tem paz... É isso

que você persegue neles? A paz que eles têm? Você acha que torturando, matando, vai alcançar a felicidade?

Ele ouve em silêncio as observações do doutrinador que, do século 20, na pequena sala de um apartamento, no Rio de Janeiro, fala com um voluntarioso e duro imperador romano, sentado no seu trono, a dar expansão aos seus rancores contra os humildes e valentes seguidores do Cristo.

Inesperadamente, ele muda de tom e se queixa:

– Que coisa confusa! (Em seguida, tentando ser mais razoável:) Os cristãos são loucos. Você precisa entender. É preciso limpar esta cidade da loucura. Outros já tentaram. É preciso acabar com a imagem daquele louco maior que criou essa loucura, essa insurreição civil.

– Mas, entre aqueles a quem você ama, também existem cristãos, não é verdade?

– Não sei para onde você me está levando. Sinto que estou flutuando daqui para ali, daqui para ali... Para acolá...

– Bem. Nessa existência, então, você esteve sentado num trono e fez aquilo que as suas paixões ditaram; fez o que bem entendeu.

– O trono é tudo...

– Mas, a sua vida na carne chegou ao fim, não é verdade? Vamos adiante.

Enquanto ele repete que o trono é tudo – a ânsia do poder! –, o doutrinador procura levá-lo docemente para o futuro.

– Que foi que você realizou de positivo nessa vida? Levou para o mundo espiritual aquele poder? Lá você continuou a exercê-lo?

– Deixa-me ir... Minha cabeça dói. Deixa-me ir... Preciso ir.

– E o teu amigo Alexandre? Onde está nisso tudo?

Ele diz baixinho, sussurrando como se mencionasse terrível segredo:

– Alexandre! Você o conhece? Você é amigo dele? Então você é meu amigo! Alexandre... Grande esperança... Ele também terá o poder nas mãos. Quem nasce para o poder ninguém lho tira.

– Ninguém? Nem a morte?

– Não. Você continua poderoso. (O que é tragicamente verdadeiro, em muitos casos.)

Novas induções de seguir em frente, no tempo. Subitamente, ele recai na condição atual, com a mesma pergunta do início do diálogo:

– Onde estão todos? Onde estão todos?

– Compreendeu, meu querido, o que se passou com você? É isso.

– Tive escravos... Eu os fiz açoitar, eu os mandei para as galés...

– Mas, escute: não existe nessas vidas todas que você viveu e das quais recordamos aqui algumas, nem um gesto de afeto, nenhum sentimento de ternura, nenhum desejo de ajudar, de curar uma chaga, de dar um pão a quem tem fome, de servir a uma mãe, a um filho?

– Ajudar...

– É, ajudar. Dar um pouco de amor, de afeto, de segurança, de compreensão. Claro que tem, meu caro. Não somos essencialmente maus. Cometemos erros, mas a bondade está em nós; a bondade é a luz que Deus colocou em nós, para que a desenvolvêssemos...

– Sim, é verdade. Eu um dia perdoei uma mulher! Porque trazia um filho e o amamentava no seio.

– Qual o erro que ela havia cometido? Qual o crime?

– Não consegui condená-la. Era uma nobre. Oh! A praga... A praga!

– Ah! Sim, era uma cristã...

– A doença... A epidemia...

– Você então a mandou em paz?

– Eu estou louco? Não a mandei em paz. Mandei encarcerá-la.

– E ela saiu de lá com vida, ou você nunca mais soube dela?

– Não soube. Não posso saber de tudo, não é?

– Meu querido, essas dores todas, essas canseiras, essas loucuras, um dia têm que chegar a um fim, não é verdade? Porque com essas atitudes e com essas paixões nada construímos, a não ser mais aflições. Que foi que você fez nesses séculos todos senão aumentar a separação entre você e aqueles a quem ama?

– Matei! Roubei! Torturei! – grita ele e repete baixinho: – Seduzi mulheres jovens, para atirá-las à vergonha, ao abandono... Meu Deus! Quem sou eu? Quem sou eu?

E fica a repetir essa pergunta terrível, de mil maneiras e entonações

diferentes, aos gritos ou aos sussurros, no mesmo aturdimento.

– Você é um irmão muito querido que conseguimos, com a graça de Deus e pelo amor do Cristo, trazer aqui hoje. Não se desespere. Tudo é possível àquele que crê e que ama...

– Sou um monstro... Sou um monstro de loucura!

– Mas você pode redimir-se, também. Trabalhar, abandonar esses ódios e paixões.

– Como? Como?

– Não abandone as esperanças; somos todos filhos de Deus.

– Não existe mais a minha Roma... Não existe mais o meu Palácio... Eu estou louco, não é?

– Não.

– Um louco que não sabe o que diz, um louco que diz incoerências. Onde estão todos? Foi esse silêncio que me enlouqueceu!

– Escute, meu querido. O silêncio era necessário para você pensar um pouco. Antes você não tinha nem tempo para pensar. Teve que ser deixado sozinho por algum tempo...

– Disseram que eles mataram o Cristo no alto dum monte, não é? No alto de um monte para que todos vissem... Para que todos vissem... E a terra tremeu! – diz, já em pranto. – E o Sol escondeu-se de vergonha... Dá-me uma lança para que eu me mate mil vezes! Lanças, punhais, clavas! Me tira dessa estrada sem destino, sem lugar, sem paragem! Que horror! Que tortura! Isto é um inferno... É o inferno e tenho medo! Os demônios me torturaram... Os demônios... Essas visões... Essas visões loucas. Me dá minha capa, preciso do escuro, dá minha capa!<sup>5</sup> Para que me esconda. Ninguém me vai encontrar. Ninguém...

– Vai sim. Nós o encontramos e a sua consciência nunca deixará de te encontrar.

– Ninguém vai se vingar de mim?

– Você é que vai ter que fazer o seu trabalho de recuperação. Você não é uma criança, não é um débil mental, é um espírito inteligente que conhece as leis. Não vamos iludir você, dizendo que o seu trabalho é fácil. Você tem muito a realizar, mas não faltarão recursos para fazê-lo.

– Por que essas visões confusas aqui na minha cabeça?

– São as coisas que você traz na sua mente, na sua memória, na sua lembrança.

– Tudo isso é tão doentio... Tenho medo... Tenho medo. Já não sei quem sou, onde estou...

– Mas sabe quem foi, os erros que cometeu. Esses erros, por favor, você vai evitar cometê-los novamente. O que você foi não importa muito, importa quem você vai ser daqui para frente, como vai ser, o que vai fazer.

– Quem eu fui... Quem sou eu?

– Você cometeu um erro que muitos cometem e que consiste em identificar-se com o poder transitório, que nos é dado para servir, não apenas aos outros, mas também a nós, aos nossos interesses espirituais, não às nossas paixões, nem para oprimir, para maltratar, para condenar. Nenhum poder temos senão aquele que vem de Deus e, se utilizamos mal o poder que recebemos, a consciência nos cobra depois. É isso que desejo que você compreenda. Ninguém aqui te condena, senão a sua própria consciência. Ninguém te castiga. Você precisa realizar o seu trabalho através da dor, do sacrifício. Trabalho longo, penoso, difícil, mas você tem condições de realizá-lo. Você terá assistência, ajuda de seus companheiros espirituais...

Ele interrompe e diz um nome:

– Marcos... É um amigo. Onde está ele? Meu amigo... Ele era meu amigo. Onde? Em Roma.

– E quem era você?

– Por favor, não me pergunte. Estou tão perdido que não sei quem sou, quem fui.

– Sim, mas eu desejaria saber quem foi Marcos. Quem sabe poderia te ajudar a encontrá-lo?

– Marcos... Marcos... Onde está ele? Você o conhece?

– Talvez. Não sei... Marcos é um nome bastante comum.

E agora, afirmando:

– Você o conhece... Marcus Petronius. Ele está perdido para mim. Ele era jovem, belo, inteligente... E bom, o que era raro!

– E quando foi isso?

– Não sei... Minha cabeça não me diz nada.

Volta a cair no desespero e grita:

– Meu Deus! Se eu conseguisse saber o que se está passando na minha cabeça! Se as coisas não fossem assim tão vagas, imprecisas! Imprecisas...

– Talvez eu te possa ajudar. Escuta. O que está acontecendo é que você se está recordando, ao mesmo tempo, de episódios de várias existências passadas, nas quais você cometeu muitos erros. Não se aflija demasiadamente, porque todos temos erros no passado, mas todos temos condições de nos redimir...

– Mas eu não sei nem se um nome é de amigo ou de inimigo. Não sei... Tira-me desta tortura!

– Escuta: você me conhece também?

Pausa. Talvez busque na memória algo perdido, longínquo, fugidio e que, no entanto, está ali, nalgum lugar naqueles porões escuros e confusos.

– Você... (Silêncio.) Parece... Parece que você não me é estranho, mas, ao mesmo tempo... Estou tão confuso na minha cabeça;

– Sei. Mas você sente em mim alguma hostilidade?

– Não.

– Você confia em mim?

– Tenho que confiar em alguém. Estou perdido.

– Não, meu filho. Não é assim. Não desejo que você confie em mim porque acha que tem que confiar em alguém. Se você não confia em mim, é outra coisa. Quero, porém, que me dê um crédito, uma oportunidade de te ajudar. Estou aqui para te servir

– O que você vai fazer?

– Vou pedir a você que acompanhe os nossos irmãos aqui presentes, que levarão você para um local de repouso.

– Para onde?

– Meu filho, você não está preso, nem condenado, a não ser pela sua própria consciência. Deus te dará as condições necessárias para pacificar o seu espírito. O Cristo está presente hoje e continuará presente para todo o sempre no Seu Evangelho, nos Seus ensinamentos, na Sua sabedoria.

Aprenda a orar, a pedir a Ele os instrumentos de trabalho de que você necessita para se redimir. Você é um ser experimentado, tem inteligência, tem conhecimento. Pode também servir, ajudar, estender a mão ao que sofre. Mas volte-se para o Cristo. Peça ajuda.

Não sei quem é o Cristo. É apenas um nome para mim.

– Não importa. Ele sabe quem é você.

– Meu Deus! Como andei perdido tanto tempo!

– É verdade, mas agora você se encontrou, não é?

– Como, se eu não entendo ainda as coisas?

– Sim, vai levar algum tempo; mas nos dê um pouco de crédito, confie um pouco em nós porque, como lhe disse, você não está preso.

– De que tamanho está a minha cabeça, que pode conter tanta coisa?

– O espírito guarda indelevelmente tudo o que se passou com ele. Se não se sentir bem no nosso ambiente, no meio para onde vai ser levado, você é livre para partir, mas, pelo amor de Deus, fique lá um pouco.

– Partir para onde? Não sei onde estão todos...

– Meu querido, o que importa agora é cuidar do seu espírito, das suas dores, das suas lutas. Você vai ter que desaprender algumas coisas para poder reaprender outras. Você não está perdido, abandonado, esquecido da Providência Divina; é um irmão de todos nós, um companheiro.

– Eu vou encontrar meus amigos?

– Claro que vai. Não aqueles amigos que te prometiam coisas que não podiam dar, mas os teus amigos verdadeiros, teus irmãos de coração, os seres que te amam. Nessas existências todas que você viveu, é claro que teve companheiros, teve esposas, teve filhos, teve mães, irmãos.

– Tive mãe...

Com que frequência a mãe é a primeira e terna lembrança ao se emergir de um inferno de aflições e de loucuras!

– Eles todos continuam a viver..

– Mas, onde estão todos? Estou tão sozinho... Por que todos me abandonaram?

– Não, meu querido, você é que os abandonou. O ódio assusta... A prepotência nos afasta de Deus, dos nossos amigos, daqueles que nos amam.

Muitas vezes eles estão ao nosso lado, mas as paixões, a cegueira espiritual, não nos permitem vê-los. É isso. Está de acordo comigo? Agora você vai...

– Tenho medo...

– Não precisa temer. É claro que muitas dores te esperam, muitas dificuldades, mas também muitas esperanças. Depois dessas dificuldades que tem a vencer e das dores que tem a passar, você vai encontrar a paz. Mas não te iludas, meu querido, o caminho da paz é o Cristo. Ore e peça a Ele. Não precisa de nenhuma prece especial. Dirija-se a ele como um companheiro menor, um irmão menor, uma criatura que precisa de compreensão, de carinho. Fale com Ele das suas mágoas, das suas dores, dos seus desenganos, das suas aflições. Ele compreende, Ele ama, Ele te ajudará a curar as suas chagas, as suas mazelas. Em todos nós a luz do amor está presente, porque ela desce de Deus, e somos todos filhos de Deus. Portanto, você tem por onde começar...

– Gosto da sua voz falando assim. Você está construindo uma matriz para mim, não é? É uma matriz.

– Meu querido, estou procurando apenas mostrar a você o caminho, mas não quero condicioná-lo a seguir este ou aquele caminho, porque a escolha é sua..

– Sinto a minha mente mais calma, mais pacificada.

– Reunidos e unidos num só pensamento aqui, pedimos ao Cristo que te ampare e te receba.

– Não posso fazer escolha porque ela já se decidiu. Não tenho nada a escolher. Tenho que aceitar.

– Não, meu querido. Você vai seguir por aí, não porque tenha que aceitar, mas porque você quer aceitar, porque está cansado daquela vida de loucuras, porque vai começar uma vida nova. Não é porque você tem, meu querido, é porque você quer.

– Estou cansado... Cansado...

O espírito é, finalmente, desligado do médium.

Melhor do que qualquer comentário que pudéssemos elaborar desse dramático episódio, dirá a mensagem que recebemos, a seguir, também pela psicofonia, e que aí fica transcrita. Diz ela:

Graças a Deus, meus amigos. Mais uma vez, graças à bondade infinita de Nosso Pai e à paciente misericórdia de Jesus, concluímos mais um trabalho de atendimento, vimos as cartas vivas da dor nas páginas eloquentes, onde a ilusão escreveu dramas pungentes que nos confrangem o coração fraternal. Agora, como nunca, as lições do Mestre são as mesmas palavras que são “espírito e vida”, e vivificando esses corações dilacerados pela angústia, produtos dos próprios erros alimentados pelas ilusões enganosas das posições transitórias do mundo, vêm encontrar a força renovadora que lhes servirá de alavanca, na qual os espíritos cansados se apoiarão para reencenar a jornada gloriosa em direção ao bem maior, jornada esta que um dia abandonaram, ainda infantilmente atraídos pelo brilho enganoso das joias da vaidade que o mundo sempre agitou à frente dos orgulhosos, que, não fortes o bastante, por elas se sentiram atraídos e se afastaram da rota difícil. Mas o Senhor nos disse ser o Caminho, a Verdade e a Vida; ser a porta, através da qual encontraríamos os campos felizes das realizações espirituais.

Por isso, meus irmãos, somos chamados a esses trabalhos, em nome do Senhor, trazendo novamente, por amor a Ele e em nome Dele, as verdades com que nos brindou o coração, a esses irmãos hipnotizados pelo poder, pela sede do brilho, para que agora, em lhes sendo apresentada a proposição feita ao moço rico, que tinha bons propósitos mas diminuta convicção espiritual, possam eles, agora, forjados na experiência da dor, depois que o sofrimento gravou sulcos profundos em seus espíritos, compreender, finalmente, que nenhuma riqueza do mundo vale a paz da consciência tranquila, a alegria do dever cumprido, a satisfação perene do serviço.

Guardemos em nosso coração que o Senhor nos prometeu estar conosco todos os dias e assim tem sido com todos nós, com os que já compreenderam e procuram segui-lo, tanto quanto com aqueles que ainda se encontram enganados e que tentam um afastamento impossível, porque a atração do amor maior acaba sempre vencendo a nossa teimosia, pois também somos amor e para ele criados.

Quanto nos deu o Mestre em sacrifício, em sabedoria e em amor para que compreendêssemos por essa dádiva, meus irmãos, esse amor e essa sabedoria, pelo sacrifício do Cordeiro Santo de Deus que até hoje segue

conosco! Continuemos nós, por nossa vez, fiéis aos compromissos assumidos, com a certeza de que só o serviço traz a compensação segura da consciência do amor em nós, porque quando o sentimos verdadeiramente o companheiro que até aquele momento era para nós “o outro” passa a ser nós mesmos. E por ele nos dispomos à renúncia de nós mesmos, para que venham também provar do banquete sublime da comunhão com as forças do bem e do amor, que, de mais alto, seguem os nossos passos, amparando-nos, protegendo-nos, guiando-nos para a grande aurora do dia em que ressuscitaremos dos erros para a Verdade, do ódio para o Amor, das trevas para a Luz.

Muita paz e que o Senhor permaneça em nossos corações.

Só uma pergunta final: pode uma pessoa, um espírito, permanecer alienado da realidade durante quatro séculos e meio? Não diríamos que isso é possível, mas temos que reconhecer que isso é um fato.

---

<sup>2</sup> Ele mencionara, na primeira parte do nosso diálogo, a capa que o abrigava no escuro e no que ele acreditava ser o anonimato. Na fuga, enfim.

## 15. Domênica, Horatius e a ponte

Ele era o líder de importante e ativa organização espiritual, composta de elementos de uma elite intelectual, devotados a tenebrosas tarefas de envolvimento, em busca de domínio sobre gente encarnada e organizações humanas.

Durante meses o grupo mediúnico trabalhou junto de sua comunidade, mas ele, a princípio, não se alarmou. Estavam seguros demais de si mesmos, dos seus métodos, dos seus conhecimentos, dos seus recursos. Deixavam-nos brincar, como nos disse, como crianças que acabam de ganhar brinquedo novo. Até que, um dia, importante assessor seu, conhecido na sua comunidade pelo nome de Capitão, veio ao grupo e resolveu mudar o rumo de sua vida. Deixou de regressar ao seu posto.

Na semana seguinte tivemos, pois, a visita do Chefe. Estava possesso, indignado, mal podia falar de tanto ódio. Trazia ameaças terríveis, desafiou-nos até para o desforço físico, se o “libertássemos” do “controle” que havia sobre ele, ou seja, a segurança do médium e dos nossos benfeitores. Queria uma decisão, de homem para homem, pois veio para acabar com tudo naquela noite, arrasando tudo. Fez ameaças à família do doutrinador e acabou recorrendo até ao apelo, humilhando-se no pedido de que fosse deixado em paz com o seu “trabalho”.

Após cerca de uma hora de diálogo um tanto áspero e difícil começou a haver um pouco mais de entendimento. Vinha agora a parte mais crítica da tarefa, que era a da magnetização para a indispensável regressão de memória, pois era preciso localizar as matrizes do seu desespero e da sua fixação contra o Cristo. Nesse ponto também não teve receio, de início. Estava seguro das suas defesas, pois era profundo conhecedor das técnicas de aplicação de magnetismo. Eram mesmo sua especialidade, pois através delas é que manipulava companheiros encarnados e desencarnados. Disse

ao doutrinador:

– Nesse ponto ainda tenho muito a te ensinar.

O trabalho prosseguiu imperturbável, até que ele começou, após longo tempo, o solilóquio que reproduzimos a seguir, tirado diretamente da fita magnética:

– Você botou algum rádio para tocar aí? Para com esse barulho nos meus ouvidos! Desliga isso aí! Barulho terrível... Gritos, choros misturados com cânticos... Uma barulhada terrível... Espadas que retinem... E chicotes... Para com isso! Para! Ah! Que horror! Não adiantam essas imagens. Eu não vou falar delas. Não vou... Mas são ordens. O que você acha que a gente tem que fazer? (Daí em diante a narrativa fica explícita. Era oficial romano e estava incumbido de descer às catacumbas, comandando um grupo de soldados para aprisionar os cristãos.) Desentocar esses ratos... Ratos que estão lá, que entraram pelas tocas para cantar lá embaixo, para rezar lá embaixo. Está entendendo? Ouviu? É como um rato. Entrou nas tocas, no chão... E lá eles cantam, lá eles rezam e lá eles batizam as pessoas. Você não entende essa gente. São como detritos, que você tem que lavar, tirar e arrastar para fora, compreende? É isso sim. (Pausa.) Loucura! (Em seguida, transmite as ordens e as instruções aos seus comandados:) “Vamos lá! Vamos lá! Prestem bem atenção. Vocês finjam que também querem conhecer a nova seita e aí a gente entra e conhece os caminhos lá dentro e depois que estiver lá embaixo, naqueles túmulos fedorentos, escuros e sujos, a gente então os desentoca, amarra um no outro e os traz numa fila.” Para cada um há um prêmio de duas moedas de ouro... Cada um que você trazer.

– Quantos você trouxe? – pergunta, afinal, o doutrinador.

– Ah! Muitos...

– Então você recebeu muitas moedas. E quem foi que você trouxe que, de forma especial, impressionou você?

O doutrinador vale-se aqui de sua intuição, mas há um bom suporte lógico para elaborar aquela pergunta. A memória do nosso querido irmão não iria saltar por cima de quase dois milênios para cair numa batida de rotina nas escuras catacumbas romanas. Alguma coisa houve ali e entre os

prisioneiros, certamente, havia alguém importante para ele naquela noite especial.

– Domênica!

– Quem era ela?

– Não tinha que estar lá. E estava.

– E o que foi que você fez com ela? Entregou-a também aos guardas?

– Eu tinha que entregar. Eram vários soldados que eu comandava.

– Você a conhecia?

– Domênica...

– Você a amava.

– Era a minha prometida.

– E que aconteceu com ela depois?

– Ela foi uma das tochas naquela festa, naquela orgia terrível!

– E você estava lá, também, naquela orgia?

– Eu não podia fazer nada. Não podia salvá-la. Ela não quis. Fez-me jurar. Ela teria que abdicar daquela maldita seita. Eu podia tê-la salvado, sim.

– E por que não a salvou?

– Para não me comprometer. Eu estava juntando aquelas moedas todas para o nosso casamento. Queria ficar rico para ela.

– Mas ela não quis essa riqueza, não é? E o que aconteceu mais tarde?

– Eu matei mais. Eu tinha que... A minha dor, a minha raiva, o meu ódio...

– Matando mais você conseguiu aplacar a sua dor, o seu ódio?

– Eu tinha que me vingar. Queria ver correr o sangue... Correr sangue... Às enxurradas. Cortava os pedaços para ver correr sangue, igual se faz com uma ave que você mata para sacrificar aos deuses. Você corta o pescoço e deixa o sangue correr para poder libar aos deuses! (Diz isso aos gritos.) E eu fiz libações com o sangue deles.

– Você era um oficial?

– Eu era um oficial e tinha um futuro muito brilhante.

– E esse futuro se realizou depois? Você conseguiu a posição que queria?

– Fiquei rico, porque havia uns ricos entre aqueles porcos e o imperador me dava os despojos.

– Continuemos. E daí?

- Daí, o que você quer? Tinha que vingar meus sentimentos!
- Está bem. Você se vingou, matou e ficou rico, mas depois chegou também ao término da sua existência, não é isso? (Parece não ouvir o doutrinador.)
- Sabe como é que ela era? Tinha os cabelos dourados, lindos, que caíam nos ombros. Uma boca bela... Olhos doces. Sabe de que cor eram os olhos dela? Cinzentos... Cinzentos. Conhece alguém de olhos cinzentos?
- É uma cor muito rara para os olhos.
- E os olhos dela mudavam de cor, você sabe?
- Era bonita, hein?
- Havia dias em que eles estavam esverdeados; outros, completamente cinza. E ela destruiu isso tudo por causa de um maldito carpinteiro que morreu numa cruz como um ladrão vulgar.
- Pois é. Devia ser um ideal muito profundo, não é? Com muita convicção, muita fé.
- Não. Ela foi iludida. Ela era jovem.
- Mas, se ela foi iludida, por que você não a salvou?
- Porque ela não quis.
- Não quis e você teve receio de se comprometer. Você já me disse. Mas, me diga uma coisa, meu irmão. Você a encontrou no mundo espiritual, depois daquela existência? Ou nunca mais a viu?
- Para que você quer saber?
- Isso é importante porque eu queria saber se ela abandonou você.
- Eu a vi uma vez, mas havia um abismo entre nós. Eu não podia chegar lá, porque faltava um pedaço de chão... Ela disse que eu tinha que voltar para colocar um chão sobre aquele abismo. Você sabe, entre mim e ela havia um rio de sangue. Um rio de sangue! E eu não podia passar. Então, eu precisava construir uma ponte. O Cristo foi uma praga que veio para o mundo! Acabou com tudo. Louco mesmo! Domênica...
- Preste atenção. Aquele episódio está passado. Ficou lá na Roma Antiga, mas traumatizou o seu espírito por muitos séculos...
- Horatius, eu...
- Então, Horatius, por causa daquilo você não se tornou um réprobo, um

miserável, um desgraçado, um esquecido da sorte e de Deus. Você continua sendo um filho de Deus e Domênica o ama. Mas chega de loucuras. Em vez de construir a ponte sobre esse rio, você está jogando mais sangue nele, meu filho!

– Foi isso que eu fiz, que você falou aí. Engrossei mais as águas. Eu... Eu... Mas não entendo... Eu disse a ela que queria fazer a ponte e aí ela disse que eu precisava defender as ideias do Cordeiro. Mas fui defender e complicou mais.

– Complicou porque você cometeu outros enganos.

– Não, não, não. Eu mandei sacrificar, sim, muita gente, mas que era contra o Cordeiro. Eu... Eu tinha que decidir contra os hereges (Inquisição?), os hereges...

– Você continua, porém, a engrossar o rio. Vamos, agora, voltar ao momento em que você está aqui diante de nós, e diante do Cristo e diante de Deus. Agora não é hora mais de mentiras, nem de enganos. É hora da verdade. Você não foi abandonado pelo Cristo. Domênica também não o esqueceu. Então, meu filho, nesse ambiente em que você esteve vivendo ultimamente conseguimos fazer uma ponte até você para que o pensamento dela chegasse até o seu coração, a fim de provar a você que ela continua a amá-lo.

– Eu vi os olhos dela...

– Agora você vai ter uma entrevista com ela para que tenha certeza de que não pretendemos destruí-lo. Estamos fazendo isso com ela, que está junto de nós, ouviu?

– Isso é uma loucura e você é o responsável. Você causou uma interferência na minha corrente mental. Eu a ouvi dizer: “Horatius, vem comigo...” E não posso, porque há um rio de sangue entre nós. Sei que não vou, não tenho nenhuma ilusão; não vou porque tem um rio. E o trabalho que eu estava fazendo para construir a ponte, você destruiu.

– A ponte fomos nós que construímos, não foi você. Você estava é aumentando o abismo. Meu querido, por que ela não foi antes a você? Porque não havia ponte... Ela estava lá, em pensamento, mas você não a aceitava. Só depois que construímos a ponte é que você viu os olhos dela,

de que tanto gostava... Aqueles olhos cinzentos. Esse dia em que você os viu, como estavam eles?

– Belos... Azuis... E eu, de repente, me senti jovem, formoso. (Tem um sorriso triste e acrescenta:) Mas isso tudo é uma loucura! Não, meu caro, a Lei... Devo muito à Lei. Devo. E ela se entregou a Ele há muito tempo. Devo e não tenho moedas para pagar. E, para juntá-las, eu teria que ser escravo de um corpo doente, talvez, escravo...

– Escuta. Não vamos enganar você, dizer que será tudo um mar de rosas. Não vai. Vai haver sofrimentos, vai haver dor, mas também o trabalho da reconstrução. Você é um espírito bem dotado de recursos, desde que você os utilize bem. Por favor, não aumente esse rio de sangue que ainda tem aí. É preciso que você agora passe a resgatar aqueles a quem sacrificou. Ajude àqueles que sofrem...

– É um horror! Você sabe o que tem dentro da minha cabeça, da minha mente? Você não sabe... Você sabe de umas torturas que se faziam, de jogar os hereges dentro de um poço? Fui eu quem deu essa ideia...

– Com serpentes?

– Não, com água, para afogá-los.

– Mas isso não quer dizer que você vai continuar cometendo loucuras. Chega um ponto em que você começa a se redimir. Você conta com o apoio dela e a compreensão do Cristo, que também o ama, que nunca o abandonou.

– Mas tenho os meus pupilos. Não posso deixá-los lá. Tenho que voltar.

– Espere um momento. No estado em que está, você não tem condições de ajudá-los.

– Como não? Eu sou forte, tenho minha mente.

– Sei, mas e o coração? Você não tem condições nem de ajudar a si mesmo, como vai ajudar os outros? Primeiro, você precisa reconstruir o seu mundo espiritual.

– Onde está o meu amigo? (O Capitão).

– Está conosco. Você fica, então?

– Ele estava comigo naquela noite. Estávamos juntos. Sempre estivemos juntos.

– E vão continuar juntos, mas, por favor, não façam mais loucuras, ouviu, meu filho?

– Você não sente o cheiro? O cheiro do sangue... Horrível!

– Você agora vai seguir com os nossos companheiros, para repousar e arrumar as suas ideias, a fim de ter, eventualmente, um encontro com ela.

– Encontro com ela? Eu não posso ter um encontro com ela. Não construí a ponte; não posso passar, meu caro.

– Ela o ajudará a fazê-la.

– Posso cair nesse rio. Não vou conseguir chegar a ela.

– Vai sim. Não será fácil, mas é possível. Terá nosso apoio e a assistência que precisar, mas não se iluda, o trabalho tem que ser seu.

– Você conhece aquela história do homem rico que morreu e foi para o seio de Abraão? Pois é. É aquela distância. Os que estão lá em cima não podem descer; os que estão aqui embaixo não podem subir. Eu estou aqui embaixo.

– Todos nós estamos aqui embaixo.

– Não posso subir. Eu fui julgado e condenado.

– Pode sim, todos podem. A sua consciência realmente o acusa de muitas coisas, mas Deus dará a você todas as condições e o Cristo não faltará a você. Ore e peça ajuda.

– Minha mente era uma usina, acesa, iluminada; agora está em confusão, com tudo às escuras. Houve uma pane, um descuido... qualquer coisa.

– Um momento. Enquanto a sua mente está assim, você dá uma oportunidade ao seu coração.

– Minha mente era uma casa de máquinas...

– Era, mas o conhecimento adquirido você não perde; você poderá utilizá-lo para o bem; mas, por enquanto, você vai ficar privado dele, para que não recaia em novos enganos. Deixe desenvolver o sentimento de afeição que você traz no coração pela sua amada. Venha conosco. Nós o levaremos a ela.

– Não, não posso ir a ela. Não tenho ilusões...

– Agora você vai em paz, com os nossos irmãos espirituais, que vão tratar de você com muito respeito e carinho. Não tenha receio. Pedimos o seu

perdão pelas dores que fomos obrigados a suscitar no seu espírito.

– Não deixe, por favor, que a minha mente se apague! Estou perdendo o controle... É como se as luzes se fossem apagando uma a uma... Eu... Não posso... Está apagando... Estou perdendo o controle da memória. Por favor... Por favor...

O espírito é adormecido e retirado.

Aí está mais um exemplo de como um episódio isolado e de natureza puramente pessoal, que muitos diriam suscitado pelo mero acaso, pode causar um impacto que vai ressoar durante milênios e provocar desajustes tão profundos e dolorosos.

As linhas mestras da história, que poderia ter uma sequência feliz, terminou em tragédia.

Horatius amava Domênica, a moça de olhos cinzentos e cambiantes. Era ambicioso e sonhava com glórias, riquezas e poder. Para oferecer à noiva o conforto material que o dinheiro proporciona, entregou-se à nefanda tarefa de caçar os pobres cristãos que se reuniam nas catacumbas romanas, último refúgio de uma classe perseguida. As ordens “de cima” eram para “desentocar aqueles ratos” indesejáveis e exterminá-los. O incentivo fixado era o de duas moedas de ouro para cada um deles aprisionado. Saíam das sombrias e profundas catacumbas amarrados uns aos outros e seguiam direto para a prisão e, dali, para o suplício.

Numa dessas investidas, Domênica, a moça de olhos cambiantes, estava entre os “ratos sujos na toca escura”... Ela também rendeu a Horatius as duas fatídicas peças de ouro, e nem ela desejou ser salva (salva?) à custa da renúncia à sua fé no Cristo, nem ele teve coragem suficiente para expor-se, na tentativa de subtraí-la ao suplício. Ela, como os seus desventurados companheiros, serviu de tocha humana para iluminar as orgias dos “grandes” da época. Eram besuntados com betume e pregados a uma cruz ou a um poste, onde ardiam, enquanto os poderosos se divertiam pelos jardins, rindo, comendo, bebendo, alucinados, inconscientes, insensíveis...

Horatius ficou sem a noiva, mas continuou a enriquecer e a matar, fazendo verdadeiros rios de sangue, rio que mais tarde ele veria no mundo espiritual

a escorrer grosso e escuro no fundo do abismo que o separa até hoje da sua amada.

O culpado disso tudo? O Cristo, naturalmente, iniciador daquela “maldita seita”, que veio ao mundo como “uma praga”, viveu como “um carpinteiro maldito” e morreu como “um criminoso vulgar”...

Mais tarde, Domênica lhe pediu que voltasse à carne e procurasse propagar as ideias do Nazareno, a quem ela amou e compreendeu desde cedo. Ele veio. Como campo de trabalho, optou pela Igreja e, da sua posição e da sua imunidade, entendeu que adotar a doutrina de Jesus implicava eliminar todos aqueles que não concordassem com o Mestre, como ele próprio não concordara antes, e ainda não o aceitava, a não ser na exteriorização das aparências. Exterminou os chamados hereges e chegou mesmo a inventar um novo suplício: o poço.

Depois de tudo isso, e novamente de volta ao mundo espiritual, viu que a distância entre ele e sua Domênica aumentara, o abismo se aprofundara e o rio de sangue engrossara perigosamente. Daí, o desespero total, a convicção de que jamais poderia cruzar aquele rio tenebroso de sangue e de lágrimas, para alcançar a amada e contemplar-lhe novamente os olhos cinzentos.

Mas nem assim abandona a desabalada corrida ao encontro do desatino, cada vez mais profundo. Convence-se de que a sua tarefa de agora, no comando de um poderoso e bem adestrado grupo de companheiros tão desvairados quanto ele, acabará finalmente por possibilitar-lhe construir a ponte e cruzar o rio.

O Cristo? Não importa. Teria mais poder do que ele, o Nazareno e, então, iria buscar Domênica...

## 16. Dolores

O companheiro cuja história contaremos a seguir exercia importante função no segundo escalão de certa comunidade das sombras, onde havia sido desenvolvida uma boa tecnologia de controle de mentes encarnadas e desencarnadas, dentro de um vasto e bem elaborado plano de trabalho. Quando procurou o grupo mediúnico, seu líder já havia sido convencido a abandonar a tarefa inglória e mudar o rumo da sua vida, milenarmente infeliz e atordoada, em que somente agravou culpas e acumulou enganos.

A comunidade ficou totalmente desarticulada, mas houve quem desejasse assumir o comando, reconstituir as equipes e recomeçar as tarefas a partir daquele caos. Foi esse o companheiro que nos visitou na semana anterior. A despeito de sua disposição, de seu inquestionável valor e da agressividade inicial da sua atitude, também ele cedeu à amorosa e firme acolhida do grupo mediúnico e resolveu abandonar os seus planos de retomada. O irmão de que trata este capítulo, ficou na desolada comunidade, cheio de esperanças, firme no seu propósito de colaborar com o novo líder na recomposição das equipes. Em lugar de regressar com a boa-nova, o companheiro escreveu-lhe um bilhete lacônico, dizendo que havia decidido “trilhar outros caminhos”, deixando-o livre para fazer de si mesmo o que desejasse.

Frustrado, pois, nas suas derradeiras esperanças, o nosso querido irmão tornou-se compreensivelmente indignado e em verdadeiro estado de desespero e rancor, e compareceu ao nosso trabalho disposto a tudo para vingar-se do “fracasso” dos seus companheiros. Sua indignação e revolta eram tantas que a sua gaguez habitual quase o impedia de falar, mas seu pensamento, embora fixo na obsessão da vingança, era coerente, lúcido e muito bem elaborado, demonstrando excelente poder verbal.

Confessara-nos, com lealdade, que seu mundo desabara. Tinha lá seu

trabalho, sua posição e até mesmo uma companheira, a quem amava e da qual, naquele momento em que nos falava ali, não sabia do paradeiro.

Sua vingança dirigia-se, obviamente, à pessoa do doutrinador, a quem atribuía toda a sua desgraça e o desmantelamento do seu grupo. Para atingi-lo na exata medida, planejara desencadear uma crise doméstica, pois declarou possuir na família do doutrinador pessoas a quem estava intimamente ligado há muito tempo. Conhecia os esquemas cármicos de cada um e, segundo confessou, nem era preciso muito esforço – bastaria “uma ponta de alfinete ou mesmo de espinho” para dar início ao processo desagregador. Não cometemos a imprudência de considerar a ameaça como simples bravata. Sua indignação era autêntica, estava convicto do direito à vingança e, quanto aos “encaixes” cármicos para a dor, todos nós os temos – basta um alfinete bem manipulado por alguém que conheça o ponto a ser ferido.

Quanto a ele, pessoalmente, nada tinha a resgatar perante as leis divinas, porque sempre viveu entre lobos, limitando-se a retribuir o mal que lhe haviam feito pelos tempos afora. Eram “elas por elas” e, portanto, entendia que nada tinha a resgatar. No caso presente, atribuía ao doutrinador a culpa pela sua desgraça pessoal e, portanto, tinha direito à forra, nada ficando a dever por qualquer atitude que tomasse. Além do mais, essas cobranças têm que ser feitas enquanto a gente pode e está ali, junto das pessoas que nos feriram. Se deixarmos para depois, pode acontecer que a oportunidade se perca.

Eis, em resumo, sua trágica filosofia de vida, consolidada ao longo de muitas vidas de sofrimento, de revoltas e de vinganças, pois nunca chegava às raízes da sua problemática para descobrir as causas que provocavam todos aqueles efeitos em cadeia.

Sobre uma existência na Espanha – cremos que a última –, não foi preciso recorrer ao processo da magnetização, com vistas à regressão de memória. Ele se lembrava perfeitamente dos fatos, com todas as suas minúcias. E como lembrava! Com que desesperado ódio, que mal lhe permitia falar! Com frequência atingia, na sua aflitiva gaguez e angústia, os limites vocais do médium e a voz se perdia num ruído incompreensível.

O diálogo começa com uma fala do doutrinador:

– E você nunca teve um amor? Nunca ninguém te amou? Sempre viveu sozinho, perdido, assim, no mundo, vingando-se e sendo vingado? Suas vidas foram todas vividas nessa agonia? Nunca houve um momento de paz? Nunca teve uma existência em que sentiu o reconforto de uma família, as esperanças de um filho, o carinho de uma esposa, a afeição profunda de uma mãe? Sempre foi assim?

– Tive. Tive isso tudo, mas acontece que os homens, seus irmãos, invadiram um dia o meu lar e acabaram com tudo. Que tal você acha isso?

– Conta-me essa história, por favor.

– Não. Não vou contar história, que não lhe vai adiantar nada saber.

– Para mim vai adiantar muito, porque me interessa conhecer o seu problema para que possamos te ajudar, mas vai adiantar principalmente para você, porque por alguma razão isso te aconteceu. Você acha que foi assim gratuito, que você não tinha culpa nenhuma?

– Deve ter sido, não é? Deve ter sido...

– Deve, mas você não tem certeza, não sabe, não pode afirmar...

– Não quero entrar no mérito dessa questão!

– Pois é, meu filho. Exatamente porque foge do mérito da questão é que você nunca poderá entender. Enquanto você fugir não vai entender. O que acontece é o seguinte: você, naturalmente, levava uma existência em que estava tentando corrigir-se, praticar o bem, criar uma família decente e ter filhos sadios, inteligentes, normais, uma esposa amorosa... Tudo isso entendemos, mas você já pensou se, no passado – não estou dizendo que seja o caso –, você fez a mesma coisa com outro lar, que você tenha invadido, derrubado tudo e destruído famílias?

– Eu fiz isso, sim, mas depois. Eu me vinguei, está compreendendo? Me vinguei...

– Você ficou feliz, então?

– Você não fica feliz com uma vingança, porque ela não vai reconstruir o que você perdeu. Isso eu admito. Uma vingança não deixa ninguém feliz, mas você se sente compensado.

– Não... Se você não se sente feliz, como vai sentir-se compensado? Está

contraditório...

– Porque o outro passou pelo mesmo. Então ele está sentindo o que você passou. Compreende?

– Compreendo, mas vamos voltar ao nosso problema. Digamos que, no passado, você tenha feito coisa igual. Então a lei de Deus, a lei do Nosso Pai, resolveu levar essa lição a você, cobrando uma falta que você cometeu.

– Ah!... Cobrar uma falta de mim e quem pagou foi a minha Dolores, que nada tinha que ver, que era um anjo de candura e de virtudes e de tudo? É? Foi isso?

– Espera aí, meu filho. Vamos devagar.

– Muito bem... O seu sentido de justiça!

– Espera, meu filho. Tenha paciência comigo. Nós vamos chegar lá. Não se exaspere.

– Não estou exasperado de jeito nenhum.

– Pelo que vejo, você tinha uma grande afeição, um grande amor e um grande respeito pela sua Dolores. Vocês tinham filhos, também?

– Tínhamos.

– Onde foi isso?

– Onde você encontra uma Dolores?

– Na Espanha.

– Claro! Onde mais?

– Sei. Ela era católica? (Não responde.) Não importa. Era um ser nobre e puro, não é verdade?

– Era. Isso mesmo. Era.

– Você acha que ela aprovou o seu gesto, vingando-se...

– Deve. Deve ter... Eu não estive com ela depois disso. Como é que vou saber?

– Quando foi isso? Foi no século passado? Em que época foi isso?

– Não quero falar disso.

– Tem muito tempo, não é?

– Tem algum tempo...

– Um século ou mais?... Quero apenas ter uma ideia. E você nunca se encontrou com ela no mundo espiritual? Ela nunca se comunicou com

– Você, nunca te procurou? Você nunca mais a viu, nem espiritualmente, nem em sonho?

– Não... Vivi muito tempo mergulhado no meu ódio e na minha revolta e no desejo de só vingar.

– Sei. Mas ela nunca te disse que você só vingasse. Ela mandou você vingar?

– Ela não teve tempo! – grita ele. – Como ia ter tempo? Ela foi trucidada por ordem daquele maldito... (A voz se embarga e ele não consegue concluir.)

– Você diz que ela era uma criatura amorosa e pacificada, um espírito nobre, e você, mergulhado no ódio, meu querido, separou-se dela pelo ódio. Não digo que você fosse agradecer aquele que mandou trucidá-la, é claro. O sentimento é legítimo, mas não justifica um novo crime, meu filho.

– Mas eu era um homem honesto, compreende? E tinha um lar honesto. E sabe por que eles fizeram isso com ela? Porque ela era virtuosa.

– Mas como foi isso? Por que isso? Conte-me essa história direitinho, por favor. Tenha paciência. Que foi que aconteceu? Por que você diz que fizeram isso porque ela era virtuosa?

– Porque ela não quis concordar com uma traição, indigna de uma mulher honesta, que amava o seu marido... Ainda tem mais essa.

– Amava, não. Ela continua a te amar. Ela não se esqueceu de você, nem te abandonou. O problema, meu querido, é que ela seguiu evoluindo na vida espiritual, caminhando para Deus, e você, mergulhado no seu ódio, nas suas vinganças, nos seus rancores, afastou-se cada vez mais dela. Ela não deixou de existir. Continua a viver como espírito, continua a esperar por você. Por que você quer ficar para trás, vingando-se, quando pode ir ao encontro dela? Esses seres de quem você quer hoje vingar-se (parentes do doutrinador), causando dissabores, estavam também lá, naquele episódio? Na mesma época? Eles foram causadores disso?

– Eu não quero voltar ao passado, não, porque isso é muito desagradável!

– Pois é, meu querido. Será mais desagradável ainda se você continuar levando esse ódio para o futuro. Você continuará a carregar esse mesmo rancor, essas mesmas aflições, essas mesmas angústias. Sempre planejando

vinganças, sempre desejando maltratar os outros. Cada vez que recebemos uma dessas punições, desses reparos, dessas dores, é porque anteriormente também desobedecemos à lei. Naquela vida, na Espanha, você foi um cidadão honesto, estava interessado em levar uma vida limpa, criar os seus filhos, como disse, mas você não tem conhecimento da razão desse crime que cometeram contra você. Alguma coisa você fez para merecê-lo.

– Eu lhe digo uma coisa. Nunca aceitaria... Tomei ódio dos títulos de nobreza, porque conheci nobres tão podres por dentro! Eu jamais aceitaria um título.

– Você nunca foi nobre?

– Ora... Fui, mas o que me adiantou?

– Então você acha que todos os nobres são seres inferiores?

– Conheço muitos que passam por boas pessoas, aí no que vocês chamam a história. E sei que boas biscoas foram...

– Mas porque eram nobres ou porque não seguiram as leis do Nosso Pai?

– Você já ouviu falar na Casa de...,<sup>6</sup> não já?

O doutrinador confirma e cita um nome que, afinal, localiza a tragédia no tempo, aí pela primeira metade do século 16. A pessoa a quem ele se refere foi da alta nobreza espanhola. Homem poderoso, severo, duro mesmo e até cruel, que sacrificou implacavelmente milhares e milhares de pessoas aos seus e aos interesses de seu rei. Morreu aos sessenta e cinco anos, tendo conseguido sobreviver o último ano de sua existência alimentando-se exclusivamente de leite humano. Por isso, o historiador americano Will Durant escreve que ele “viveu um ano a poder de leite e cinquenta a poder de sangue”.

Voltemos, pois, ao fio da narrativa.

O espírito retoma o diálogo:

– Estou perguntando que informação você tem dele?

– Não me lembro exatamente do episódio. Sei que foi uma figura importante na história da Espanha. Você o conheceu pessoalmente?

– Sei que era uma boa biscoa de devasso, de tudo que não prestava – diz ele no limite da voz. (Pausa.) – Que Deus o tenha nos infernos, queimando no fogo eterno! (Chora.)

– Isso, meu querido, não vai minorar a sua dor; ao contrário, somente vai avivá-la cada vez mais.

– Tenho vontade de bater com a cabeça até estourar, para ver se desapareço – gaguejou ele aos gritos, desesperado e em pranto. – Eu... eu... sou um desgraçado! (Mal pode falar.) Des-gra-ça-do...

– Não. Não é. Você é um filho de Deus igual a nós. Espera um momento. Relaxa um pouquinho. Vamos orar. E você vai ficar aí para acompanhar a nossa prece. Depois voltaremos a conversar. Calma!

O doutrinador ora, enquanto o espírito faz o médium ofegante permanecer em expectativa.

– Senhor! Permita-nos que neste momento em que a Tua paz desce sobre nós, possamos ofertá-la como bálsamo e lenitivo a esse coração tão sofrido, tão angustiado, tão marcado pela tragédia e pela dor, de modo, Senhor, que a luz se faça em seu espírito. Verificamos nós, que desejamos servi-lo, pela dor que sofreu por amar, o quanto é grande em seu coração generoso o potencial maravilhoso do amor, de vez que todas as suas lembranças, todas as suas dores e as suas esperanças se concentram, neste momento, após tantos e tantos anos, ainda e sempre, no espírito amigo e carinhoso que no passado foi a sua Dolores, e que continua a seguir com lágrimas, com esperanças e com amor o seu espírito atormentado. Ajuda-nos, Senhor, hoje, na tarefa que Te suplicamos uma vez mais, de conseguir desimantá-lo desse doloroso processo de angústia, para devolvê-lo na pureza íntima do seu amor, ao espírito de sua amada companheira. Ajuda-nos a servi-lo com humildade, com respeito, com todo o nosso carinho.

Faz-se uma pausa. Em seguida, o doutrinador lhe pergunta:

– Está sentindo-se melhor? (Ele acena que sim.) Graças a Deus! Escute, meu querido. Não leve a mal nossas pressões iniciais. Todo o nosso trabalho se resume em levar a cada um de vocês uma mensagem de compreensão e de afeto. Sei que, às vezes, esses espinhos são tão dolorosos, estão implantados tão profundamente em nosso ser, que dói muito tirá-los, mas é preciso a dor dessa operação sem anestesia, para que possamos entender as nossas próprias dificuldades e começar a vislumbrar um pouco de esperança. Você não está abandonado, desprezado, nem perdido. Você não é um

desgraçado, nem infeliz: é um ser que sofre. E continuará a sofrer até que se decida a entregar-se a Deus e pedir a ajuda do Pai para os seus problemas. Não é dominando, vingando-se e causando dissabores àqueles que o fizeram sofrer que você vai aplacar a sua dor; pelo contrário, vai aumentá-la, vai prolongá-la no futuro, vai distanciar-se cada vez mais daqueles a quem você continua a amar, e que continuam a amá-lo. Por que, em vez dessa vida desesperada, você não dá uma oportunidade àqueles que o ajudaram? Àqueles verdadeiros amigos que são seus... Está de acordo?

– Vivi muito tempo fugindo, com medo de nem sei o quê... Eu me filiei a essa casa de trabalho porque eles me garantiram que iam desencavar o paradeiro do miserável que me desgraçou a vida. E para que eu pudesse cobrar totalmente a minha dívida.

– Você conseguiu encontrá-lo?

– Você me impediu. Quando tive informações precisas, você surgiu na frente, com uma bandeira estranha, e começou a dificultar tudo.

– Então seu objetivo era só vingar-se, persegui-lo... Escute. Vamos fazer uma coisa. Vou pedir a você que relaxe bem os músculos para ser possível fazer uma regressão, a fim de que você possa entender o seu problema com esse irmão nosso. Não estou justificando, nem desculpando a ação que ele cometeu contra você. Estou apenas tentando mostrar a você, meu querido companheiro...

– Ele foi meu primo... Muito pior!

– Sim, mas vamos ao passado. Vamos ver porque chegou a esse ponto.

Segue-se o processo de indução e a esperada resistência do espírito, que tem sempre boas razões para temer o mergulho na verdade, nos porões da memória oculta. Não nos esqueçamos de que ele é competente e hábil manipulador de mentes e que, portanto, conhece as técnicas empregadas e tem condições de resistir à indução. O apoio espiritual nesse ponto é indispensável.

Ele começa a queixar-se de confusão mental. Desse ponto retomamos o diálogo.

– Tem um nome na minha cabeça, mas não consigo formar. Não consigo. É vago...

O doutrinador o estimula pacientemente.

– É um lugar... (Longas pausas, prolongados silêncios.) Não sei onde estou. (E, de repente, com a voz perfeitamente normal, enérgica, firme e sem gagueira alguma:) Estou praticando o lançamento do disco, é claro. Preciso ganhar do meu irmão. Ganhar o jogo. Somos gêmeos, mas ele é muito diferente de mim. Ele é mais belo. Joga melhor o disco. Mas eu sou mais astuto. Somos muito ricos; nosso pai é muito rico.

– Só os dois irmãos? O que você fez, então?

– O que eu fiz? Ora... Meu irmão casou-se antes de mim.

– Tem uma bela esposa...

– Muito bela! Você não vai gostar de ouvir isto!

– Não, meu querido. Não se trata de gostar, trata-se de contar a sua história.

– Você não vai gostar de ouvir isto! Acho que ela é uma esposa bela demais para ele. Meu irmão é mais belo, é mais adestrado, mas eu sou mais inteligente. Ora, o que aconteceu... Sua esposa apaixonou-se por mim. Ora, você não vai gostar de ouvir isto!

– Conte a história da maneira pela qual você está lembrando. Vamos!

– Nosso pai morreu. E, então, dividiu-se a fortuna; mas o meu irmão, muito confiante... Eu queria casar-me com ela, mas não podíamos, não é?

– É claro. O que foi, então, que você fez?

– Um dia, em que jogávamos o disco... Nós... Bem... Nós jogávamos... Depois nos refrescávamos e tomávamos sempre uma taça de vinho. Só que, um dia, ele tomou uma taça de vinho e não se sentiu bem depois.

– Tinha veneno, não é?

– Não... Não foi veneno. Os médicos disseram que ele estava cansado e o coração não...

– Ah! Ele morreu, então?

– Claro...

– Mas, que coincidência! Só a taça de vinho dele que estava envenenada; a sua não?

– É claro que não. (Sorri.)

– Mas, era da mesma garrafa?

- Era, meu caro, mas quem colocou o vinho nas taças fui eu.
  - E ele morreu do coração?
  - Foi isso que disseram.
  - E você se casou com a viúva?
  - Claro.
  - E ficou com a fortuna...
  - Sem dúvida.
  - E vocês foram felizes?
  - Alguma coisa...
  - O que você quer dizer com “alguma coisa”?
  - Porque... (Hesita.) Porque ela acabou perturbando-se e... eu tive que declará-la louca.
  - E você ficou com todo o dinheiro?
  - É. Sem a esposa, não é?
  - E você se casou outra vez?
  - Só muito mais tarde.
  - Ela já havia morrido?
  - Já.
  - E você foi feliz nesse segundo casamento?
  - Eu já era velho. E daí que não tinha mais os calores da juventude. E era rico.
  - Você quer dizer que ela – a segunda esposa – se casou com você por interesse?
  - Provavelmente.
  - E o que aconteceu depois?
  - Nada! Foi uma boa esposa.
  - Isso tem muito tempo? Você tem ideia da época que foi? Onde foi isso?
  - Onde se jogava muito o disco?
  - Na Grécia.
- Ele tem um choque e diz:
- Esparta... Ó Esparta!
  - Então você sacrificou o seu irmão, ficou com a esposa dele e depois sacrificou-a também, não é verdade? É isso?

– Sacrificou, você diz?

– Sim; você não a internou como louca? E lá ela morreu, não é?

– Na verdade, não era agradável vê-la sofrer.

– Por que ela ficou louca? Ela descobriu o seu crime?

– Porque ela ficou com remorso.

– Ela participou também do seu erro?

– Sim. Mas eu a libertei da loucura. Sabe como? Com outra taça de vinho...

– Esse era o seu irmão gêmeo, não é verdade? Agora você vai voltar para aquele tempo em que você viveu na Espanha com a sua Dolores. Vamos! Vem cá outra vez.

Reage aos toques magnéticos, contorcendo-se e pedindo que não faça aquilo. Volta à gagueira aflitiva. A voz clara e a palavra fluente duraram apenas o tempo em que esteve posicionado, regressivamente, na existência em Esparta, na Grécia.

– Não faz assim comigo! Você está me dando choques... O que você quer ver?

– É você, meu querido, aquelas personagens do seu drama na Espanha. Por que razão aconteceu isso? Veja se identifica as pessoas, os espíritos.

Pausa. Em seguida:

– Você quer dizer que a minha Dolores foi a mulher do meu primo? (Relaciona o primo na Espanha com o irmão gêmeo, na Grécia.)

– Não quero dizer nada, meu querido. Você é que vai dizer se é verdade ou não. Não quero te induzir, não quero te dominar. Não pretendo fazer nada com você que você não queira. Você é que tem que decidir isso; não eu.

– Eu matei meu irmão. Isso se chama fra-tri-cí-dio, não é?

– É verdade. Então, depois, passados alguns séculos, muitos séculos, as leis do Nosso Pai exigiram de você um resgate semelhante. Sua esposa é sacrificada e alguém destrói o seu lar. Você não estabelece aí uma relação entre um episódio e outro?

Pausa.

– Se isso não é um truque qualquer que você arranjou, eu destruí o lar do meu irmão. E o meu primo destruiu o meu lar.

– Precisamente. É isso!

– O meu primo era o irmão que eu matei!

– Provavelmente. Não sei. É provável. Isso não posso afirmar. Agora, o que desejo apenas é que você, por favor, compreenda bem o mecanismo das leis divinas, para que não saia odiando e vingando-se de criaturas que, muitas vezes, estão relacionadas conosco, em nossos próprios erros passados. Não é verdade?

– Mas eu não posso fazer nada agora. O que está feito, está feito.

– Espera um momentinho... Não pode fazer nada, não. Você não pode desfazer aquilo que fez errado. De fato, o erro está cometido, mas você não é obrigado a cometer novos erros, que vão mais tarde trazer outros resgates dolorosos. Aí você não sai mais desse círculo vicioso. Você viu que as leis de Deus somente permitiram que naquela vida na Espanha você tivesse sua família sacrificada, porque antes você fez a mesma coisa com outra família, com a família do seu próprio irmão.

– Mas a Dolores não me traiu.

– Nem a outra traiu o seu irmão, traiu? Ou foi você que a induziu à traição? Ela era, também, uma esposa leal, no princípio. Ela gostava dele. Por que você a induziu ao erro? Escuta, meu querido. Não quero que você fique envergonhado perante nós. Estamos aqui num ambiente de seriedade, de muita paz, e é hora de você abrir seu coração, como fez. Você disse que isso podia ser um truque. Realmente podia. Mas fui eu quem inventou essa história? Ou ela está no seu próprio espírito? Deixo a você a oportunidade de meditar sobre isso. Não estou, também, fazendo isso aqui junto de você para que você deixe de exercer a sua vingança sobre aqueles meus familiares contra os quais você se voltou para me ferir. Não estou implorando, nem pedindo, nem forçando você a deixar de fazer isso. Você é livre para fazer o que quer. Mas, não se esqueça, meu irmão, que respondemos por todos os nossos atos, os bons e os outros.

– Eu não vou fazer nada a eles.

– Eu esperava isso desde o princípio, mas queria que você compreendesse isso, não por mim, mas por você mesmo. É o que acaba de acontecer. Você já verificou que a vingança não resolve nada. Naquela vida na Espanha, se

houvesse aceitado a dor que te causou a perda da sua esposa querida, sem vingar-se, você teria resgatado um compromisso muito importante para o seu espírito. Vingando-se, você retribuiu, você reabriu o ciclo das aflições. Agora, chega de vingança. Aquele a quem você odeia é realmente o seu irmão.

– Então você me fez um benefício, não deixando que eu fosse atacá-lo!

– Acho que a sua conclusão está certa num ponto. A questão é que não fui eu que fiz isso. Nosso Pai permitiu que chegássemos a você antes de você cometer um novo desatino. Não valho nada nisto aqui. Nenhum de nós é importante, nenhum de nós deseja humilhar, nem tornar ninguém infeliz. Desejamos, apenas, mostrar que as leis de Deus são muito sérias e que temos que respeitá-las para sermos felizes. Compreendendo isso, agora, como compreende, você pode ir ao encontro da sua Dolores, que o aguarda. Mas vai com o coração limpo. Não leve a ela uma nova vingança, e sim um coração que deseja recuperar-se para merecê-la novamente, numa outra existência de paz, em que vocês possam ser felizes. Está de acordo? Muito obrigado por ter confiado em mim. Foi a partir daquele ponto que você começou a perceber as coisas com maior clareza. Agora, vai em paz. Vai repousar, para que possa mais tarde recomeçar a sua caminhada. De fato, você não pode desfazer os seus erros, mas pode refazer a sua vida. Está entendido?

– Abominei tanto o meu primo e, afinal de contas, não sou melhor do que ele!

– Não. Não se trata de dizer aqui quem é melhor, quem é pior. Trata-se de ver que são dois espíritos em luta. Ele, quando passou por aquela aflição na Grécia Antiga, provavelmente tinha também seus compromissos espirituais. Caso contrário, nada daquilo teria acontecido. Então, meu querido, agora é hora daquela palavra do Cristo: “Reconcilia-te com o teu irmão antes da tua oferenda”. Você começa aqui, neste ponto, uma nova existência. Muitas lutas te aguardam, mas não faltará apoio para realizar o seu trabalho de recuperação. Provavelmente, vocês terão – você, o seu irmão, a Dolores e o outro espírito também – oportunidades de conviver novamente. Tenha bem presente essa lição tão importante da vida que é a responsabilidade

pelos nossos atos, e a mensagem de amor fraterno que o Cristo nos ensinou:  
“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Está bem? Vai em paz. Deus  
te abençoe!

– Obrigado...

---

<sup>6</sup> Por razões óbvias, quando menos de respeito e de caridade, mantenhamos oculto o nome.

## 17. A promessa

Esta é a história de um espírito culto e inteligente, que desempenhava, na hierarquia das sombras, elevado cargo de liderança, comandando setor de atividades importantes, cercado de assessores, de homens de ação e de pensamento, dispostos a tudo. Veio ao grupo mediúnico para colher, em primeira mão, as informações e as impressões pessoais de que necessitava para importantes decisões. Trouxe, também, como de praxe, veladas ameaças, numa tentativa de intimidação. A alternativa era a nossa adesão aos seus planos ou, no mínimo, nossa neutralidade, para que não interferíssemos com eles. Os “relatórios” elaborados pelos seus observadores de confiança apresentavam um quadro difícil e caracterizavam a célula mediúnica como um grupo hostil, que era preciso neutralizar a qualquer preço.

Houve um longo e muito vivo diálogo, desenvolvido, porém, em termos corteses, entre duas pessoas que se respeitam. O manifestante colocava-se filosófica e religiosamente entre aqueles que não precisam mais do Cristo, por havê-lo ultrapassado, considerando que os ensinamentos de Jesus nada mais tinham a lhes ensinar. Além de tudo, se temos Deus, para que recorrer a intermediários como o Cristo, embora na prática sempre procurassem falar em nome Dele?

Infalivelmente, essa posição é indício veemente de uma frustração, de um ressentimento não resolvido. Era preciso ir buscar o núcleo dessa problemática para chegar às origens, às raízes, de tão dolorosos desenganos. Isso não foi fácil, obviamente, porque habituado a comandar e a controlar mentes encarnadas e desencarnadas, o espírito sabia também como defender-se de induções e de envolvimento magnético. Não obstante isso, foi possível aos benfeitores espirituais alcançarem, pouco a pouco, o escuro e denso território das suas memórias proibidas.

O diálogo é, pois, reproduzido a partir do momento em que ele começa a ceder à influência magnética. Tem ele um problema de rouquidão que se recusa a identificar. Certamente, ali está, portanto, um ponto crítico que é preciso explorar.

Vejamos.

– Mas você não me disse ainda – diz-lhe o doutrinador –, qual o problema da voz.

Após uma pausa e, tentando fugir uma vez mais do assunto, refere-se a um companheiro que ele conheceu em pleno apogeu da glória artística, há alguns séculos, em Florença:

– Como é que alguém pode decair assim, não é? Poderia ser um grande artista, um grande homem, um grande tudo.

– Ele é um grande artista; continua sendo. A questão é – você sabe muito bem – naquela vida em que obteve tanto destaque, ele se perdeu espiritualmente. Agora, na obscuridade, está se recuperando. É isso que você teme? A obscuridade? O anonimato? A dor? Vamos mais para trás. Vem!

– Você acredita nessas mágoas do passado?

– Vamos buscar as razões do seu problema.

– Como você quer buscar razões de algo que não existe?

Atitude comum essa, de defesa, quando o espírito nega o passado porque lá é que estão enterrados os seus mais terríveis fantasmas íntimos, suas mais desoladoras aflições, seus erros e desenganos. O doutrinador prossegue com a indução e a magnetização. Ele reage, reluta, mas vai, pouco a pouco, afundando, e faz um ou outro comentário, como este:

– No poço do tempo, meu amigo, eu domino.

– Então – diz o doutrinador –, você não precisa ter medo. Vamos.

– Você não vai me fazer descer como se estivesse na ponta de uma roldana, porque tenho forças para comandar.

Passam-se alguns segundos em silêncio, enquanto se aprofunda o processo de magnetização. A reação vai enfraquecendo, enfraquecendo, até tornar-se nula, num longo e repetido gemido. Mergulhou, afinal, no tenebroso

túnel do tempo. É longa a viagem regressiva. Segundo as instruções que lhe são transmitidas, ele deverá ir até o ponto crítico das suas memórias, aquele que mais poderosamente concorreu para desencadear o processo de sua alienação espiritual. A compulsão de falar acabará por vencer as resistências. Ainda fala no bloqueio magnético que ele próprio se impôs, a fim de evitar cruzar as fronteiras do desespero. As memórias indesejáveis ficam atrás de um “paredão”, ou nas profundidades de um “poço” escuro, ou ainda, do outro lado de um “túnel” tenebroso. São muitos os mecanismos e as imagens que assumem tais bloqueios. Voltemos a ele.

– Coloquei um bloqueio magnético – diz ele. – Você não vai conseguir. Não vou devassar minha vida íntima.

– Você não precisa devassar, meu filho; o que precisa é entender, penetrar nesses arcanos, nesse poço. É lá que estão os seus problemas. É preciso trazê-los para a luz do dia, para a sua consciência de vigília. É preciso parar de fugir, enfrentar o seu passado, resolver com coragem, com disposição, aquilo que precisa ser resolvido. Dê esse passo que está faltando ainda para livrar-se das suas ilusões. Você pode sair de onde está e fazer outras coisas. Não precisa ficar preso a esses enganos, a essas paixões, a essas decepções. Vamos. Estamos aqui para te ajudar, mas a parte que compete a você fazer, você precisa fazê-la. A oportunidade é esta. Não a recuse. Não a rejeite. Somos amigos e irmãos, e desejamos te ajudar. O que foi que aconteceu? Pode falar. Isto não será usado contra você. Você próprio é que vai julgar o que lhe competirá fazer e decidir. Por que o trauma com relação ao Cristo? Onde foi que aconteceu isso? Por que e como foi que se passou?

Ele geme fracamente, de tempos em tempos, enquanto o doutrinador insiste suavemente na regressão e no estímulo à palavra falada.

– Por que você acha que todo mundo tem um caso com o Cristo? Eu não tenho. O que é o Cristo? Um feiticeiro mais modernizado.

– Qual foi, então, a feitiçaria que Ele fez para você? Que foi que Ele fez, que você ficou magoado?

– Não creio nisso. (A seguir explica no que está descrendo.) “Eles” estão contando aí que alguém cortou a orelha do Malco e “ele” a colocou no lugar. Isso tudo é história.

– Você estava lá? Você o conheceu?

Diz que não. Em seguida, corrige:

– Eu estava. (Começa, por fim, a narrativa, aos pedaços, hesitante.)

– Onde?

– Em Palácio. Tinha que receber minhas ordens. Tenho muito orgulho dessa águia (símbolo do exército romano) a que sirvo. Os homens que servem a essa águia não têm medo, não se submetem.

– E que ordem você recebeu?

– Para acompanhar a crucificação.

– Você era um centurião?

– Sim.

– E o que você achou daquilo tudo?

– Ora... Três bandidos que não mereciam tanto... Tanta atenção como lhes deram.

– Você, então, estava presente quando Ele morreu?

– Estava. Eu vi quando aquela velha curou-se de uma cegueira. Mas eles todos eram mentirosos...

– E, depois da crucificação, o que foi que aconteceu? Vamos para frente. Que aconteceu com você?

– Retornei ao lar provisório naquela maldita terra. O mal de um soldado é que ele não pode escolher para onde vai, senão jamais a teria escolhido.

– Você foi para casa. E o que aconteceu?

– Não encontrei ninguém.

– Você tinha esposa e filhos?

E ele, em voz baixa, como se temesse a divulgação de um terrível segredo:

– É preciso que ninguém saiba! Porque se souberem o que eu guardo em casa... Não posso... “Eles” me tirarão... Porque “eles” têm uma lei que... “Eles” têm muito medo das doenças.

– E o que você tem na sua casa?

– Uma filha doente, mas ninguém sabe, porque senão a teriam mandado para aquele vale pestilento. Você não vai contar para ninguém? Você não pode falar. (Em seguida, levantando a voz, gritou ameaçador:) Se falar eu te corto o pescoço! A menina era leprosa e se descobrissem, a mandariam para

o vale (a Geena), para morrer à míngua.

– Sim. Eu sei disso. Mas você disse que chegou em casa e não tinha ninguém. Que aconteceu?

– Não pense que você vai conseguir coisas de mim por causa desse segredo! (A essa altura, o espírito acha-se completamente regredido no tempo, vivendo as cenas e as emoções da época, e conversando com o doutrinador como se ele fosse uma criatura viva e presente em Jerusalém).

– Eu sei, meu querido. A sua esposa voltou com a menina?

– Ela voltou.

– E o que aconteceu?

– Algo inexplicável.

– E o que aconteceu?

– Algo inexplicável.

– Foi naquele mesmo dia em que ele foi crucificado?

– Sim. Não pode ser, porque... Se bem que... Eu não sei. Porque fui convocado nesses dias e não regressei a casa.

Como se sabe, era época de festa religiosa e a cidade ficava cheia de forasteiros, de movimento e agitação, o que exigia um esforço redobrado de policiamento e vigilância, para evitar tumultos e agitações de rua. A tropa romana ficava de prontidão, o que ele confirma, a seguir.

– Não regressei a casa porque era preciso haver prontidão geral para evitar as confusões nas ruas, conter a população frenética, manter a ordem.

– Sei... Mas, depois disso, você voltou para casa e encontrou a sua filha curada, é isso, não é verdade?

– Inexplicável. Eu havia dito a todos que lhe havíamos mandado para Roma, para uns parentes, a fim de que ninguém soubesse.

– Mas você não sabe por que ela ficou boa? Como ficou boa? A sua mulher não contou?

– Ela disse, mas eu não posso crer. Ela disse que tão desesperada estava... Porque todos falavam que aquele homem podia curar... (Levantando a voz novamente:) Nunca deixei... Nunca a deixei procurá-Lo! Claro! Eu jamais deixaria! Rebaixar-nos, imagine! Ela disse que teve que ir, porque se iam matá-lo, depois de morto, Ele não poderia mais curar. Então, ela teria que

aproveitar aquele dia, aquela hora. Tomou a criança nos braços e correu. Envolveu a criança. Diz ela que chegou no momento em que os soldados pregavam-No e que ela, egoísta, só pensando na criança...

– Egoísta?

– Sim, disse ela, que não se interessava pelo homem que ia morrer, mas pela vida que ela queria salvar.

– Mas você não a viu lá?

– Eu não a vi; eu não estava no trabalho direto (ou seja, ali, naquele local). Estava incumbido de manter a ordem. Tínhamos um círculo de isolamento. Ela estava na multidão. Ela disse que teve que cobrir bem a criança para que o soldado não visse o que ela trazia, mas ela era patrícia (romana). Eles a viram e deixaram-na romper o cerco, porque ela dizia: “Meu marido está lá, do outro lado, e eu preciso falar com ele.” Eles deixaram-na passar e ela... Mas isso tudo é uma tolice...

– Sei, mas continua.

– Ela disse que chegou no momento em que Ele estava sendo pregado. Ela ajoelhou-se, apertou a criança ao colo e disse, aflita... Como posso me lembrar das frases que ele me contou? “Nazareno, sei que tu vais morrer, mas se tu és grande como dizem, tem compaixão de mim, que não sou aqui uma patrícia, mas uma pobre mãe aflita. Salva minha filha! Salva-a e eu a darei a ti, ao teu Deus. Eu te faço oferenda da minha própria vida, mas limpa-lhe o corpo!” Ela disse que o homem virou o rosto e que duas lágrimas caíram e que Ele não falou, mas ela ouviu dentro de sua cabeça que Ele dizia: “Vai, mulher, em paz. Tua filha será limpa!” Ela disse que se levantou assustada, porque os soldados já paravam e ouviam. Apertou mais a criança ao colo, correu de volta e o soldado lhe perguntou: “Encontrou seu marido?” E ela: “Não precisa mais. Vou esperá-lo em casa.” Mas disse que não teve coragem de tirar o manto que cobria a criança. Correu todo o caminho, e quando chegou, viu que estava limpa e lhe sorria. Ela compreendeu que Ele tinha cumprido a sua palavra e que era preciso que ela cumprisse a dela. As duas eram tudo o que eu tinha!

– Mas esse é, então, o ser a quem você odeia, meu querido? Esse ser que curou a sua filha, que atendeu a uma prece da mãe desesperada, que era sua

esposa? Por que você o odeia?

– Eu a preferia doente e minha, do que curada e perdê-la.

– Você a perdeu?

– Sim, perdi. Porque a mulher meteu na cabeça que tinha que ser cristã. Vestiu-se e vestiu a criança como simples nazarenas. Não se podia ser cristão...

– Mas elas morreram? Desapareceram?

– Eu servia à Águia. Tinha que ser fiel.

– Então, você abandonou mulher e filha, é isso?

– E as repudiei.

– Escute: você nunca mais esteve com esses dois espíritos? Nunca mais as encontrou? Nunca mais teve notícias delas duas?

– Tive medo, porque tantos morreram; mas eram todos anônimos, e eu tinha medo de um dia encontrar numa vala qualquer os seus corpos.

– Mas isso não aconteceu, não é? Que foi que aconteceu? Você as encontrou um dia?

– Cruzei a minha espada sobre o símbolo da águia e jurei combater a famigerada malta dos cristãos até que o solo de Roma estivesse limpo e, na poeira, não restasse a marca de um pé cristão!

– E a sua mulher e a sua filha? Que aconteceu com elas?

– Prefiro ignorá-las. Não tenho mulher e não tenho filha. Não tenho ninguém. Só tenho um elmo...

– Escuta! Como é o seu nome?

– Não tenho nome, também. Sou um ser que vaga...

– Estamos aqui hoje para que você pare de vagar e vá ao encontro daqueles seres a quem você continua amando a despeito de si mesmo. Você não as esqueceu; elas também não se esqueceram de você e vocês podem reencontrar-se.

– Quantos morreram e foram encontrados nas valas?

– Não estou falando dos corpos, mas dos espíritos. Vamos, agora, para frente, no tempo, compreendendo e lembrando-se de tudo isso que você acaba de contar. Para frente, a este momento, aqui, agora.

– Quem era esse Cristo que assim sacrificava a todos? Quem era esse

Cristo que condenava todos os seguidores a uma morte infamante? Será que Ele nunca se satisfez? Precisava de tanto sangue?

– Quem derramou o sangue? Não foram vocês? Não foi você? Foi o Cristo? Você acha que sua filha e sua esposa aprovariam esse procedimento seu? Claro que não. Elas continuam a te buscar. Você nunca mais as encontrou, nem nas vidas subsequentes, no mundo espiritual ou aqui na Terra? Vamos para o futuro.

– Não... Não sei...

– Sabe, sim. Como não? Você gostaria de encontrá-las? Não? Não gosta mais delas?

– Isso tudo ficou no passado. Para que reviver?

– Sim, mas você não as ama? Não queria sua filha de volta? Curada?

– Sou uma alma solitária.

– Não. Não é. Você tem muitos espíritos ligados a você.

– Tive outras esposas, outras filhas...

– Sim, mas e aquelas duas? O que aconteceu com elas?

– Não sei.

– Sabe, sim. Sabe muito bem.

– Devem estar nas paragens dos anjos. Se os anjos existem...

– Você não se interessa mais? Não gostaria de estar com elas?

– O Cristo as tem.

– Quer dizer que os anjos estão com o Cristo... Isso você reconhece. Meu querido irmão, escute o que vou dizer. Chega de sofrimentos, de aflições, de desespero, de solidão. Agora é hora de parar e buscar realizar os interesses do seu espírito.

– Tenho amigos; não estou só.

– Não. Não são amigos. São companheiros de desatinos.

– Mas meus amigos, eu não os condeno à morte, como o Cristo condenou.

– Não, meu querido. O Cristo não matou ninguém.

– Todo cristão devia morrer.

– Quem matou os cristãos?

– Nós matamos.

– E que tem o Cristo com isso, com as paixões e os desatinos dos homens,

se Ele veio aqui exatamente para trazer a mensagem do amor, e Ele provou o amor, curando a sua filha no momento em que estava sofrendo? Por que você não procura entendê-lo? Aquele mesmo afeto, o mesmo carinho...

– Conheci um homem, numa das minhas vidas, que se dizia representante do Cristo e que matou muitos.

– Muitos se disseram representantes do Cristo e cometeram erros. Escuta. Aquele mesmo Cristo que curou a sua filha continua à sua espera. Ele não te condena.

– Agora é tarde. A distância é muito longa (entre ele e a esposa e a filha).

– Não é tarde e a distância pode ser reduzida. Vamos fazer uma coisa. Você vai ficar conosco hoje para descansar, meditar um pouco...

– Não toque em mim! Não vê o meu corpo? Não vê o que eu procuro esconder?

– Não importa. Você é um irmão nosso.

– Tenho chagas... Tenho feridas... Tenho lepra... Mas não tenho o Cristo para curar-me.

– Como não tem? Já pediu a Ele? Já tentou?

– Vê como essas feridas coçam. (O médium começa a coçar-se desesperadamente. O espírito encontra-se, pois, situado cronologicamente numa existência em que também sofreu as agonias da terrível doença que, na antiguidade, marcava as pessoas com o estigma da maldição, da segregação e do abandono total.) Como essas feridas incomodam! E como procuro esconder!

– Dê-me aqui sua mão. Vamos te curar, em nome do Cristo. Escuta. Calma!

Geme desesperadamente, aflitivamente, coçando-se sem parar. O doutrinador toma-lhe ambas as mãos, transmitindo-lhe fluidos curadores.

– Peça ao Cristo que te ajude. Peça a ele!

– Por que você me fez revelar isso? Ai... Ai...

– Vamos fazer uma prece. Fique quietinho. Escuta, presta atenção.

Enquanto o doutrinador ora, ela vai se acalmando, pouco a pouco...

– Morde como um bicho. Como se tivesse mil formigas... Mil formigas... O Cristo cura as feridas. O Cristo... O Cristo cura as feridas...

Ele chora.

– Está curado, em nome do Cristo! Está ou não? Veja bem. Olhe as suas mãos.

– A minha voz... A minha voz! (Recuperou-a.) Não tenho mais as chagas... Não tenho mais...

– Meu querido. Essa cura é mais um testemunho da bondade de Jesus...

– Meu hálito cheirava mal...

– Agora você usa esse mesmo hálito purificado para dizer a ele: “Muito obrigado, Senhor!” Só isso. E vai em paz com os nossos companheiros.

– Como posso chamá-Lo? Senhor? Não seria sincero na minha boca!

– Como você quer chamá-Lo, meu amigo?

– Não sei. Eu O combati.

– Mas Ele não te combateu. Ele não te pede nenhum esforço especial de gratidão; o que Ele pede é que você se cure espiritualmente, como estão curadas as suas chagas perispirituais.

– E o que vou fazer agora? Você me tirou a minha obra. Você me reduziu a nada.

– Não te reduzi... E não te restituímos a saúde do corpo espiritual?

– Estou confuso.

– Fica conosco, então, para repousar um pouco. Depois voltaremos a conversar. Você vai pensar em todas essas coisas.

– E os meus valores?

– Eram valores falsos, meu querido irmão. Agora você vai colocar tudo isso numa outra perspectiva. Você terá oportunidade de estar com os seus amores, também. Apresentar-se diante delas curado de suas mazelas físicas. As mazelas espirituais levarão algum tempo.

Ele chora e começa a orar pela primeira vez:

– Senhor! Tende compaixão de mim... Tende compaixão deste corpo cansado...

– Obrigado, irmão. Estamos te dando passes para você relaxar e adormecer. Obrigado! Deus te abençoe! Muito obrigado!

Eis aí a comovente história de um desatino que durou milênios, até que,

naquela noite abençoada, o aturdido irmão sentiu-se encorajado a dirigir-se ao Cristo, chamando-O Senhor, para pedir misericórdia e compaixão que Jesus nunca lhe negou. Que terrível colheita de angústia por causa de um momento de revolta, de orgulho e de incompreensão...

## 18. A menina no fundo do barco

Esse companheiro não se apresentou agitado nem agressivo, mas também não era daqueles que procuram mistificar com fingida doçura de voz e de palavras. Mostrava-se seguro de si e se declarava pronto para um “diálogo fraterno”. Não havia motivo para “parlamentação”, uma vez que seus planos estavam seguindo como desejavam os componentes da sua equipe. Vinha apenas conversar. Trazia informações e vinha colher outras tantas. O tratamento era ameno e, no seu dizer, com toda a “lhaneza”, revestido dos melhores “propósitos fraternos”.

Quanto às informações que desejava, não porque não dispusesse de registros e fichários; é que, uma delas, de vital importância para o seu trabalho, não fora ainda expressamente formulada na mente do nosso doutrinador, pois se referia a uma atitude ou decisão a ser tomada em futuro próximo.

Depois de todos esses rodeios e circunlóquios, faz a pergunta mais especificamente:

– O que pretende o cavalheiro fazer daqui por diante? Qual o próximo passo que pretende dar?

A resposta foi simples e breve:

– Seguir o Cristo, tanto quanto nos permitem as nossas imperfeições.

Retrucou que já esperava coisa semelhante, partindo de quem partia, mas isso era muito vago, porque seguir o Cristo ele também seguia, pois há maneiras pessoais de fazê-lo. De sua parte, por exemplo, na condição de espírito em que se encontrava, não tinha mais paixões humanas – tinha ideais. Quanto ao poder, era uma necessidade, digamos, operacional, em vista das coisas importantes que precisava realizar. Quem tivera mais poder do que o Cristo? Que seria de nós se não lhe fossem outorgados tantos poderes? Pois era a mesma coisa. Ele, espírito, também utilizava os poderes

de que dispunha para servir. Tinha condições, por exemplo, para proporcionar paz e felicidade àqueles que o serviam.

É claro que esse linguajar eivado de metáforas e eufemismos precisa ser entendido no seu exato significado. A experiência em lidar com eles acabara criando nos ouvintes um mecanismo de ‘tradução’ automática e simultânea. Ao dizer que tinha poderes para proporcionar paz e felicidade aos que serviam à sua causa, estava apenas confirmando que comprava adesões a troco de favores. Mostrou-se, pois, muito agastado com o doutrinador, quando este lhe disse que não podemos dar aquilo que não temos: paz ou felicidade.

Esquecido o incidente, prosseguiu dizendo que não compreendia por que razão, sendo o nosso doutrinador um espírito sempre engajado em movimentos reformistas, recusava-se agora a reformar conceitos inteiramente superados na doutrina espírita, com o que se colocava na retaguarda. O doutrinador argumentou que as reformas de antanho tinham por finalidade precisamente a preparação do trabalho de agora, que estava divulgando conceitos básicos da vida, como imortalidade, reencarnação, comunicabilidade entre espíritos e homens encarnados.

Nosso companheiro, porém, dotado de brilhante e ágil inteligência, estava quase sempre muito bem preparado para contra-argumentar. Não. Não queriam ‘eles’ reformar a doutrina nos seus conceitos fundamentais, mas, sim, reformular a atitude do homem perante a doutrina. O homem deve levantar-se, crescer espiritualmente, utilizando-se da força e do poder da sua inteligência, pois, como diz a Doutrina, o espírito é o “princípio inteligente do universo”.

O exercício da mediunidade de incorporação era, a seu ver, um método grosseiro e superado de trabalho. Ele, por exemplo, não prejudicava o médium, porque não trazia vibrações deletérias, como tantos outros, mas havia muitos que as tinham. A psicografia era algo muito mais refinado, de mente a mente.

O homem precisava deixar a servidão, comandando seu destino e suas emoções pela força da inteligência. Não podia ficar “amarrado ao carma”; era preciso “dinamizar esse carma”, expressão dezenas de vezes repetidas em

outras tantas conversações dessa natureza. Era preciso “transformar o carma numa força atuante” e isso somente seria possível fazer com a inteligência. Nada de ficar de cabeça baixa, parado na vida, chorando erros. Não! Os atos positivos anulariam os atos negativos do passado. Sofrimento é passividade. Até o amor precisa ser dinamizado. Saudade de entes queridos? Sim; mas recordação alegre, feliz, de quem viveu momentos de felicidade com aqueles seres, e não de tristeza pelo que não se gozou. A inteligência precisava comandar também o coração. O próprio cristianismo devia ser racionalizado. O Evangelho é inteligente, o homem é que não sabe como racionalizá-lo. Foi dinamizando a mente de cada um que o Cristo conseguia que os doentes se curassem, ou seja, com seus próprios recursos. Sem os poderes e a ajuda de Jesus, aqueles pobres infelizes de parca inteligência não tinham como curar-se, pois não sabiam de que maneira “dinamizar” os seus carmas. Tanto é que precisavam ter fé para obter a cura. O próprio Cristo dissera que se tivéssemos fé do tamanho de um grão de mostarda seríamos capazes de remover montanhas. “Fé em vocês mesmos”, dizia o espírito. A tarefa ‘deles’ consistia, pois, em incentivar esse aspecto, despertar no homem a consciência de sua própria força.

– Nós vamos dar ao homem condições para transportar montanhas – declarou enfaticamente.

Em linhas gerais, essa era a temática da sua filosofia, destilada de um diálogo de mais de uma hora. Declarou mesmo que dava “esclarecimentos sobre questões evangélicas em reuniões de estudo” em alguns grupos, pois era preciso preparar a inteligência do homem para a segunda vinda do Cristo, conforme prometida, “o Cristo-espírito, não o homem, o Cristo-anjo, o Cristo-transcendente”, que, por certo, precisaria de homens inteligentes, “libertados” de erros passados por meio da tal “dinamização” do carma.

Aí está, pois, o rápido perfil filosófico do querido irmão. Obviamente, ele tinha problemas sérios de aceitação do Cristo, de Seus ensinamentos e da doutrina espírita, a despeito de sua declaração formal de servidor da seara cristã. Não passou despercebido, também, que tinha uma fixação qualquer na questão dos chamados milagres, pois deixava supor que Jesus nada mais

fizera senão ajudar as pessoas a se curarem a si mesmas a poder de recursos de inteligência. Ademais, por que razão essa monocórdia cantilena sobre as virtudes superiores da inteligência? Por que a fuga deliberada ao passado em que tudo isso se traduzia, afinal de contas?

– É preciso preparar o advento do Cristo – diz ele. – Acho muito estranho que você, que sempre foi um reformista, não queira agora aderir ao movimento. É preciso preparar... Você acha que o Cristo virá naquela forma grosseira, aquele corpo, ali, roçando no homem comum? Não. O Cristo virá de forma transcendente, não mais daquela forma grosseira. Temos que preparar o homem para aceitar o Cristo-princípio-inteligente, o Cristo-espírito, não o Cristo-homem, meu caro. É o Cristo-anjo... Estou falando alguma coisa que não está nas Escrituras? Temos que esperar o Cristo evangélico, o Cristo transcendente. É isso... Não. Não mais aquele Cristo andando de sandálias, nas margens daquele lago, misturado com leprosos mal-cheirosos. Aquela gente tinha um mau cheiro que era um horror! Que mau cheiro! E aquele calor horrível! Aqueles panos envoltos naquelas mulheres... O novo Cristo não vai passar por essa humilhação, por essa degradação da sua condição de ser angélico. Está compreendendo? Não vai mesmo. Nada de Filipes... Nada disso! Filipe? Quem é Filipe? É o novo Cristo que renasce no coração do homem: O Cristo-inteligência. Só as faculdades ditas intelectuais vão sobreviver nessa era; as outras não, porque as outras... Sabe o que elas conseguem fazer? Elas rebaixam o homem...

Como se verifica, mesmo no correr desta exposição de suas ideias, já começa a mergulhar nas suas recordações: a referência ao lago, ao calor, à pobre gente maltrapilha não se apresenta na sua palavra como produto puramente imaginário, sacado aqui e ali de páginas literárias; elas trazem aquela íntima convicção que somente a lembrança pode emprestar. O doutrinador deixa-o desfiar seus conceitos, entre os quais fragmentos de lembranças começam a emergir. A voz já está algo pastosa e sonolenta, mas ele acha que, agarrando-se às ideias que adota no presente, conseguirá escapar daquele mergulho “perigoso” no passado.

– Porque, você veja bem, chega um espírito dementado numa sessão de doutrinação. Desequilibrado, vibrações desarmônicas, exalando um cheiro

psíquico nauseabundo... É por isso que os médiuns têm náuseas... Então, incorpora-se, como vocês dizem, no corpo do médium. Sabe lá o que é isso? O choque vibratório que aquela combinação de fluidos proporciona? E depois? (Hesita, gagueja, repete e continua:) Depois... Depois da reunião ele vai estar cansado, doente. E o que você conseguiu? Nada. Ai... Não posso falar... Nem meus olhos abertos estou conseguindo manter.

Insiste, porém, em que o doutrinador não tem condições de induzi-lo e insiste em convidá-lo a participar do trabalho de preparação do homem para o Cristo-inteligência, o Cristo-força etc. O sono magnético o domina, afinal. O doutrinador o induz à regressão. Ele ainda resiste por algum tempo, até que começa a falar, ainda aos poucos...

– Você volta para Cafarnaum sozinho, meu caro. Sozinho para lá. Você que viveu lá... Eu não sou de lá. Sou de Chipre, meu caro. Vai para Cafarnaum sozinho. Eu não vou junto com ninguém. Aquilo lá está muito mudado. Já não é mais o mesmo lugar. Como é que se ia de Chipre para Cafarnaum? Você nem sabe. Como você ia? Só de barco? Tem certeza? De que barco você ia? Não lembra. Havia barcos e barcos... Aquilo é um bom lugar, mas eu só guardo as lembranças felizes, como te disse. Eu sou feliz... Vai sozinho. Não tenho nada que ver com Cafarnaum. Vai sozinho, meu caro. Não estou aqui para isso, não. Minha casa é outra. Minha casa está protegida contra isso. Cafarnaum... O que era Cafarnaum? Não perdi nada lá. Sou de Chipre, moro em Chipre. Não tenho nada que ver com Cafarnaum. Que tenho lá? Só vou lá para vender, para comerciar, mais nada...

Sem dúvida alguma ele teve oportunidade de ver lá o Cristo e ouvir a sua pregação ou a de seus seguidores, porque fica a repetir que só vai lá para comerciar, e prossegue:

– O que eu aprendi lá? Não vou, não. O que a gente vai fazer em Cafarnaum? Na praia? Por que na praia? Tira essas crianças daí. Por que as crianças? Não posso... Minha função é... Eu tenho que... que debandar a multidão. Não posso deixá-los aí aglomerados. Isso é manobra política, alta traição... Tenho que debandar... Diabo de Cafarnaum... Que lugar horrível! Vocês são todos uns loucos... Quem é essa criança aí no fundo do barco? É

sua filha, não é sua filha? É sua filha! É sua.

Rejeita as lembranças, o local, o amigo, e até a menina que vê deitada no fundo do barco. Quando, porém, o doutrinador lhe pergunta como é que ela se chama, ele responde logo:

– Míriam. (Fica a repetir o nome e continua:) É sua filha. Que olhos grandes, bonitos! Olhos pretos, grandes... A peste... A peste...

– Ele a curou?

– Não curou ninguém, não! Não tenho filha! É sua filha! Míriam. Saudade da minha Míriam... Aqueles olhos grandes... Míriam. Quem é Míriam? Míriam... É uma conspiração contra o tetrarca. Míriam! Cure a Míriam! Cure a Míriam! O que tem ela? Ela tem essas manchas. O que são essas manchas roxas?... Manchas nela... Tira essa confusão da minha cabeça! Manchas roxas... Ódios... Lágrimas... Mas eu não posso. Quem é Cristo? Um homem do povo. Eu não sou homem do povo. Ele é um feiticeiro... Míriam... Eu devia dar parte Dele. Ah! Que confusão na minha cabeça... Só vejo Míriam e os seus olhos grandes. O que você quer com isso? Você vai para Cafarnaum. Você vai...

E agora, então, a história verdadeira:

– Você vai. Você leva a Míriam.

– Levo. Com todo o prazer.

– Você leva a Míriam... Que confusão na minha cabeça! Estou lá e estou aqui... Estou lá e estou aqui... (Ao mesmo tempo que revive um episódio remoto, tem consciência residual do momento presente, em que está ali a discutir com o doutrinador). Você leva a Míriam.

– Sim, levo. Para quê?

– Não posso levar. Não posso ser visto. Leva. A Rute está desesperada. Leva a Míriam... Quem voltou? A Míriam?

– Ela voltou?

– Sem as manchas... A Míriam sem as manchas. Que horror! A minha filha! Cafarnaum... Que horror! Que cena é essa? Estão passando um cinema aí para mim. Quem é esse homem? Não tenho nada com esse homem. O próprio discípulo Dele O negou. Só porque Ele curou a Míriam? Feiticeiro. Feiticeiro é que cura. Ele não podia! Não tinha ordem do rei... E

o que Ele faz ali? Você está querendo que eu lembre o quê? Que eu fique com remorso?

– Não. Quero que você se lembre que Ele te amou e amou a sua filha. Curou-a. Restituiu-a a sua Rute. Por que você O detesta?

– Quer que eu tenha remorso? Por que, então, você O está mostrando ali, no meio daquela gente? Mas o ‘outro’ lavou as mãos. Eu é que vou fazer alguma coisa?

– Ele fez por amor. Não fez para te cobrar.

– Devo à Míriam. Mas eu perdi a Míriam. Perdi a Rute. A Míriam e a Rute.

– Onde estão elas hoje?

– Com Ele.

– E por que você não vai também? Vamos ao encontro delas?

– Deixaram-me por causa Dele.

– Não deixaram. Você é que não quis ir, meu irmão. Até hoje. Elas estão à sua espera.

– Não tem eco...

Sente o coração vazio, pois durante muito tempo programou-se para sufocar o afeto, a fim de que brilhasse a inteligência, atrás da qual passou a esconder-se das suas frustrações emocionais e de angústias milenares.

– Você não tem mais nenhum amor pela Míriam e pela Rute?

– Onde estão Míriam e Rute? Só um nome. Não vibram em mim. O amor morreu. O amor é uma razão... O Cristo condenado... Eu assisti a tudo. E não disse a ninguém que Ele curou a Míriam. Não diria nunca. O Cristo... Estou perdido! Você me dobrou, hein? Você me dobrou!

– Não. Você apenas reconheceu a existência do amor. Você é meu amigo ou não é?

– Onde está Jesus? Onde está Ele? Onde está que não vejo? Onde está Ele?

Não ficamos sabendo, ao certo, qual a posição desse companheiro no contexto da época. Seja como for, depreende-se do que disse que foi um comerciante de recursos e certa influência social, pois menciona o tetrarca,

a quem parece ter tido acesso, e também deixa perceber certa familiaridade com Pilatos, “o outro”, que lavou as mãos. Seria, talvez, um judeu não muito ortodoxo, originário de Chipre, já com alguns recursos, pois deixa perceber, também, que não veio, como o seu companheiro de diálogo, em qualquer barco. “Há barcos e barcos”, disse ele. Ante a doença da filha, uma praga terrível e incurável, pediu ao amigo que, como ele, era também de Chipre, para levar a menina a Jesus. Ele não “poderia ser visto” fazendo aquilo, envolvendo-se com aquela gente miserável, maltrapilha e malcheirosa. Provavelmente levava a filha a Cafarnaum, mas dali até o Cristo não queria ir, por causa da grossa camada de orgulho. Gravou-se para sempre na sua retina espiritual a cena da sua querida Míriam de olhos negros, grandes e belos, deitadinha no fundo do barco. Ela ficou curada, é certo, mas ele diz que perdeu Míriam e Rute, a esposa, que se converteram ao cristianismo nascente, enquanto ele ficava com seu orgulho, seu *status* social, sua fortuna, seus negócios. Enfim, a história de sempre. E as agonias de sempre na angústia que nascia como espinhoso cactus, a separar aqueles que estavam prontos para seguir o Mestre Nazareno daqueles que viam Nele apenas um aventureiro vulgar, um feiticeiro barato, um subversivo perigoso, inimigo das mais sagradas instituições humanas: a riqueza, as rígidas crenças religiosas da época, o brilho e a pompa do poder efêmero.

Ele é tão grande que muitos foram os que somente puderam contemplá-Lo na longa e distante perspectiva dos milênios. Coisa curiosa, porém: aquela gente mísera, coberta de andrajos, faminta e desprezada, aqueles párias humildes identificaram logo Nele algo de puro e belo, que não podiam definir com a mente, mas que foram capazes de amar de todo o coração.

## 19. O espelho da alma

Esse companheiro apresentou-se com enorme relutância inicial em fazer-se entender. Não porque não fosse bem articulado, inteligente e experimentado; muito pelo contrário. Sofrera, porém, o que poderíamos chamar de um choque emocional minutos antes, ao ser introduzido no recinto do grupo mediúnico para a incorporação. Fora recebido por um dos nossos queridos irmãos maiores, aquele que durante o curso de alguns anos nos proporcionou a mais assídua presença, a firmeza da sua orientação, a serenidade imperturbável do seu amoroso espírito. Era precisamente esse companheiro nosso que em tempos remotos fora amigo pessoal daquele que nos incumbia receber naquela noite. O inesperado reencontro causou tremendo impacto em nosso angustiado irmão, tumultuando suas emoções e comprometendo irremediavelmente o esquema de trabalho que trazia para discutir conosco, pois, como sabemos, eles elaboram cuidadosamente o roteiro básico das ideias que pretendem apresentar e de como apresentá-las.

Recuperou, porém, algo do seu abalado autocontrole e foi expondo, aos poucos, a razão da sua presença entre nós naquela noite.

O grupo mediúnico estava interferindo no seu esquema de trabalho e era preciso neutralizá-lo a qualquer preço. Coubera-lhe essa missão delicada, onde e quando outros haviam falhado. Queixava-se ele de que se certo companheiro por nome Josué ainda estivesse com eles, não haveria mais problemas – teriam sido prontamente resolvidos, mas infelizmente ele seguira outros rumos... Estavam agora diante de um quebra-cabeça terrível. Todo o quadro estava já armado, mas sobrava-lhes nas mãos uma peça crítica, a última, que não havia como encaixar para completar a obra. Por mais que a virassem e revirassem, que tentassem todos os recursos, a pecinha teimosa recusava-se a adaptar-se. Essa colorida linguagem simbólica, que com tanta imaginação e frequência empregam, queria dizer

simplesmente que não estavam conseguindo envolver nos seus tenebrosos esquemas determinada pessoa-chave, que rejeitava todos os tipos de abordagem: ameaças, ofertas, engodos, posições, tudo. O Grupo que ele dirigia estava, pois, algo aturdido e os seus chefes exigiam ação rápida, eficaz e radical. Urgia tomar determinadas providências para as quais havia um curto prazo fatal.

No entanto, ele não fora a melhor escolha para a missão, porque justamente ali, naquele grupo renitente e impertinente, fora encontrar, à sua espera, muito sereno e amável, o companheiro de outras eras, a quem, inclusive, disse ele, devia um favor pessoal.

Nesse ponto ele deixou de falar no assunto que o trazia a nós, para voltar ao tema obsessivo do seu próprio desconcerto, ali, naquela noite, precisamente por causa do reencontro.

Ao identificá-lo, teve o primeiro choque, mas resolveu seguir em frente. Conversaram amistosamente – tudo isso, lembre-se o leitor, no mundo espiritual, momentos antes do início da sessão. Nosso companheiro ouviu-o pacientemente, amorosamente, segundo o seu jeito muito característico, e o irmão que chegava ficou como que fixado na serenidade imperturbável daqueles olhos. Descreveu-os como um lago tranquilo e profundo.

– Há muito tempo – disse-nos ele – eu não olhava para um espelho. E ante aquele espelho me vi completamente vazio...

Acrescentou que levara “um choque ao contrário”, explicando que o choque, em vez de o estimular, revigorar, provocou nele um “esfriamento” interior. Compreendia, afinal, porque chamavam o Cristo de Cordeiro. Aqueles olhos tinham a serenidade e a paz que boiam no olhar de um manso cordeiro.

Após essa confissão, retomou o assunto que o trouxera a nós, embora voltasse, aqui e ali, a referir-se ao reencontro com o antigo companheiro. Estava indiscutivelmente desconcertado. Comandava, porém, “uma brigada” no mundo espiritual. Tinha, pois, autoridade, conhecimento e valor; o problema é que o tal “choque” fizera-o “entrar numa frequência diferente”. Segundo o plano que havia elaborado, iria fazer o rude papel do truculento e, literalmente, “virar a mesa”. Via agora que não tinha mais

condições para isso. Por outro lado, discussão filosófica de nada adiantaria; já havia sido tentada, sem resultado, inúmeras vezes. Que fazer?

Resolveu “abrir o jogo”. Essa história de “Cristo e Evangelho é coisa ultrapassada”. Evangelho era, atualmente, assunto para os bastidores, para a retaguarda; a palavra do dia era ciência, que deveria ser colocada na vanguarda. Aliás, “se já temos o Consolador, para que o Cristo?”. A moral do Cristo estava bem para aquela época, aquelas mentalidades mais primitivas, limitadas e medrosas. Agora não. Além do mais, o Evangelho escraviza e paralisa as pessoas com a sua insistência nos aspectos “passivos” da personalidade humana, como “humildade, servilismo, covardia”. O homem tem que ter confiança em si mesmo, levantar a cabeça e ir em frente, cheio de vigor. Isso sim!

O assunto específico de que vinha tratar conosco não podemos aqui revelar, mas esse era o tom geral da sua personalidade e os destaques da sua filosofia de vida e de ação.

Não foi necessário aplicar-lhe o habitual processo de regressão de memória, pois o reencontro com o seu antigo companheiro levou-o de volta, num segundo, ao seu passado remoto, saltando por cima de bloqueios habilmente preparados. Vieram à tona da memória todos os detritos que se revolviam confusamente nas profundidades do seu ser, a despeito da “lavagem cerebral” a que confessa ter-se submetido espontaneamente.

O que se segue é a transcrição do diálogo depois do que ficou acima resumido. A palavra inicial é dele.

– Não vou te contar o que eu mesmo não sei mais. Eu me desliguei disso tudo. Meu amigo, também passei por uma programação, porque quando cheguei lá tinha o cérebro tão em fogo que me quis submeter. Eu quis!

– Por isso que digo que você está em fuga. Você não aguentou mais aquelas lembranças. Por quê?

– Pois é. Você deve ser um super-homem. Você aguenta tudo!

– Não. Não é verdade, mas se a gente não enfrentar os erros, como é que vamos corrigi-los? Esquecê-los, como se não existissem mais?

Ele se queixara, pouco antes, de ter sido traído, e o doutrinador procura lembrar-lhe de que ele também traiu alguém anteriormente. Ele deseja,

então, saber que traição teria cometido Jesus para ser traído por Judas... Com essa pergunta artificiosa e artificial, confirma o seu desrespeito ao Cristo, sua ojeriza à Sua doutrina e uma fixação negativa nesse ponto crítico, que é preciso esclarecer. Prosseguimos pacientemente. Ele continua a negar que tenha qualquer rancor do Cristo.

– Tenho outro programa na mente... Não adianta você usar esses recursos, porque só vai obter esse programa que tem aí.

– Pois é, mas você precisa de outro, porque esse aí não te conduziu a nada.

– Olha, meu amigo, você quer que eu te fale uma grande verdade, com a maior sinceridade? No fundo, não acredito em nada disso, não aceito nada disso, mas preciso de um trabalho, preciso de ação. Então, vou fazendo e vou fazendo, porque isso tudo é bobagem: o Cristo ou qualquer outro, qualquer outra palavra, qualquer outra religião, tudo, no fundo, é a mesma coisa. Em que isso modifica ou melhora alguém? Pronto! Falei. Está satisfeito de ouvir? A minha verdadeira posição é essa. Desencanto total.

– Sim, mas como você justifica, explica e entende o seu desencanto pelo Cristo?

– Por tudo, não é só pelo Cristo. Até por essa imortalidade infeliz, miserável, de que não posso nem fugir! Quantas vezes já quis acabar, deixar de ser, de pensar, para ser uma pedra, uma coisa qualquer... Mas você não pode destruir a si mesmo. Você não consegue. Até isso! É uma imposição. Nunca quis ser eterno! É uma imposição!

– Sei. Então você não concorda com Deus também?

Pausa. E como se não tivesse ouvido a pergunta:

– Que lucro eu com isso? Que lucro eu em ser imortal? A não ser dia e noite ser perseguido por pensamentos. E você faz, você se movimenta e...

– E o remorso está lá.

– De que me vale a imortalidade, se não posso lucrar, gozar com ela?

– Pode sim, meu amigo. Desde que você mude a sua orientação.

– Não. Não pode, meu caro. É uma imposição: ou você fica aqui ou volta para um corpo; você sai do corpo ou fica aqui; ou volta. Não tem saída. É isso!

– Tem sim. Como é que o nosso irmão, seu amigo, encontrou a saída para

a paz?

– Que saída? Isso tudo é uma loucura!

– Ele não tem a paz?

– Isso é a sua palavra que me está dizendo.

– Não. Você é que me disse, não eu.

– A imortalidade é um peso. Louco do homem... Há tanto homem que quer ser imortal, aí mesmo... Que quer ficar a vida inteira! Se pudesse, não morria. Não sabe que quando morre é muito pior! Ser imortal é isso: é carregar um peso... É encontrar pessoas que você pensava que perdera de vista há séculos. É isso que é a imortalidade. Quantas vezes quis tomar um narcótico, algo que me fizesse esquecer, que me fizesse morrer, perder o senso... (Não tem mais fôlego para deblaterar e para um pouco para respirar. Seu desespero é algo comovente, doloroso, aflitivo.) A pior coisa é você ter uma mente que não morre – prossegue depois.

– Não, a pior coisa é você usar a sua mente de maneira errada.

– O seu corpo morre e a mente fica. Você pode estar morto do lado de cá, como às vezes me sinto, mas a sua mente está ali, vibrando, pulsando e você não foge dela, você não se livra dela! (A voz baixa de tom e se apresenta chorosa:) Escuta o que estou te dizendo: você nunca se livra de si mesmo! A gente pensa que... A gente se engana, todos nós. Pensamos que somos grandes, que vamos conquistar o mundo, que vamos ficar por cima, que vamos ficar no alto da torre e todo mundo embaixo, ajoelhando-se, porque somos grandes! A gente não sabe que isso não adianta nada. Nada! Um dia a gente morre e vê que não conquistou nada. Queremos ficar conquistando e um dia queremos apenas deixar de ser! Quantas vezes eu quis deixar de ser... Quantas vezes pedi a ‘eles’ (seus chefes): “Deem-me um remédio! Quero não ser!” “Fracos, você é fraco.” Era isso que eles me diziam. Que fez o Cristo por mim? Cadê a paz que ele me prometeu? Cadê? Onde está Ele? Deve estar no seu sétimo céu, não sei que céu... Deve estar lá, não é? Deve ser muito feliz...

– Deve ser, não, Ele é. Mas Ele disse, também, que “os homens querem a paz, mas não buscam as coisas que trazem a paz”. Você a buscou alguma vez? Você procurou apenas a guerra, o conflito, a luta, a vaidade, a paixão.

Como é que você quer, em troca, a paz?

– Meu amigo, tive tantas experiências, busquei tanto... Busquei... Não sei o que busquei! Era difícil. Meu amigo, sempre fui um homem, só um homem... Só. Todas as minhas experiências...

– Sei. Falharam. E você está induzindo outros aos mesmos erros, assumindo as suas responsabilidades e uma parte das alheias? Você não percebe que está se complicando cada vez mais, em vez de se libertar? Por que você transfere a culpa das suas faltas ao Cristo? Se você está aqui, hoje, conversando conosco, é porque Ele permitiu que você chegasse até nós e que nós chegássemos até você. Não estamos aqui para te condenar, para te censurar, para te julgar, e sim para estender a mão a você, dar uma oportunidade ao seu espírito.

Você falava há pouco dos tempos que são chegados. É verdade. E há tempo ainda de você fazer alguma coisa pelo seu espírito. Não se atire de cabeça para baixo na escuridão das trevas...

– É tudo ilusão, meu amigo. Diz para ele aí que é tudo ilusão!

– Escute: você acha que o nosso irmão aí está iludido?

– Não sei... Não sei... (Volta a chorar.) Batalhei meu amigo. Fui um daqueles que vocês dizem ‘da primeira hora’. Mas era tudo uma ilusão! Ele disse: “Ide e pregai!”, e a gente saía pelo mundo e ninguém queria ouvir! Era só humilhação, repúdio, opróbrio e eu era apenas um homem! Opróbrio, humilhação, escárnio! Quantas vezes cuspiram na minha cara!

– Até na Dele cuspiram... Por que na sua não poderiam?

– Achei que Ele tinha falhado. Disse: “Ele falhou!” Pois Ele falhou mesmo. Por que nos mandou assim? Eu, às vezes, parava e me perguntava...

Não tem coragem de prosseguir; o pranto o sufoca, ele se perde em recordações.

– Meu querido – volta o doutrinador –, não há razão para ficar desesperado. O chamado continua de pé, as portas continuam abertas para você. Fica conosco uma vez mais...

– Não, meu amigo. Não estou querendo me justificar. Saí daquela vida e voltei em outra em que disse: “Vou ser diferente. Não vou nem ser cristão. Não quero conhecer isso.” Fui para Roma, fui poderoso, vivi com os

poderosos, fui rico, amei muito, mas não encontrei... (O choro mal o deixa falar, aos arrancos, palavra por palavra.)

– Escute: você, que teve o privilégio de receber do próprio Cristo o comando da pregação, o mandato do amor, lembre-se: o fato de você haver falhado não quer dizer que tenha que falhar o resto dos tempos. Você pode recomeçar. Nossos corações estão abertos para você. Venha conosco por algum tempo...

– Meu amigo, eu só queria que você me dissesse uma coisa: onde está a sinceridade, a honestidade? Passei por todos os lugares. Estive em Igrejas de várias denominações. Estive com ele, com aquele amigo que estive aqui... (Refere-se ao companheiro dele que na semana anterior o grupo havia recolhido, grande pregador da Igreja anglicana).

– Pois é, meu querido, mas você sempre usou as Igrejas como fonte de poder e projeção, não como fontes de amor. Quando Ele disse a você “ide e pregai!”, a você e aos demais companheiros que estavam lá, não foi para sair conquistando posições, e sim para levar a mensagem do amor. E você, que teve esse privilégio, acha que Ele te recusou? Ele que é culpado das suas dificuldades?

– Muitos ouviram, meu amigo. Muitos. Você pensa que Ele disse isso para um grupinho seletivo, ali, separado?

– Aqui, conosco, já estiveram outros companheiros que falharam. Nós também falhamos.

– Mas me diga, então, onde está o sentido da vida? O sentido disso tudo? Quando cheguei e me vi naqueles olhos, de repente me vi tão vazio... Sem nada, sem nada... Mas onde está o sentido, a consistência das coisas, a substância?

– Você sabe. Está no amor, está no Evangelho, está na busca da paz.

– Estive dentro do espiritismo. E você pensa que encontrei lá honestidade, sinceridade? Não. Você também não encontra!

– Mas isso quer dizer que não há ninguém honesto, nem sincero? É o espiritismo o culpado, é o Cristo o culpado de nossas fraquezas? A gente encontra aquilo que busca, não é, meu filho? Você não quer assumir a responsabilidade que cabe ao seu espírito para começar uma nova

trajetória?

– Um dia, na França – recomeça ele, ainda em pranto –, eu estava tão desesperado, sem saber de que lado ficar, sem saber para quem apelar, cada vez mais confuso, porque se brigava pelo Cristo, uns contra, outros a favor... Mas, se era o mesmo Cristo, se era o mesmo Deus, que diferença fazia? Fiquei tão desesperado um dia (hesita), que cortei minha própria garganta... Cortei, porque pensei que ia morrer.

O doutrinador o convida a ficar com os nossos amigos espirituais, descansar e pôr em ordem as ideias. Ele, porém, parece não ouvir. Retoma o fio das recordações:

– Ah, meu amigo. Mais de uma vez tive a minha família arrasada, destruída. Tanta coisa...

– Meu irmão, não estou propondo a você ficar rememorando as tragédias com que fomos corrigidos pela Lei e não aceitamos a correção. Vamos buscar um pouco de paz dentro de nós mesmos. Todos somos capazes de encontrá-la em nós. Você tem também amores, tem outras esperanças que não são essas.

– Mas eu sei lá onde está! Não é lá que está! Não é nos amores, não é na família. Não... Eu sei... Porque está Nele! – rompe-se, afinal, o dique represado há quase dois mil anos – Está Nele... Mas não posso conquistá-lo. Não posso! Eu me perdi!

– Não, meu amigo. Você pode, Ele está em você. Você que conheceu a mensagem em primeira mão, que bebeu a água pura na fonte, tem toda ela no coração.

Ele chora como uma criança perdida:

– Sou apenas uma criatura e uma criatura que sofre e que não encontra... Tenho olhos e sou cego, porque vejo, mas continuo cego, meu amigo. Vejo aquilo...

– Como eu dizia há pouco, você precisa perdoar-se a si mesmo, para que o arrependimento seja construtivo.

– Meu amigo, quero dar um grito e ouvir um eco responder... (A terrível necessidade de amigos, pois vive entre muitos companheiros de desatinos, mas não tem amigos verdadeiros; só interesses que se somam ou se

chocam.)

– Mas você não me respondeu ainda, se vai nos dar a oportunidade de servi-lo.

– Servir?

– Sim, nós queremos servi-lo.

– Mas, sou eu quem deve servir.

– Antes você precisa de ajuda. Depois você vai ajudar. Aceita a nossa ajuda.

– Meu amigo, quero sair desta confusão. Quero descansar esta mente em fogo. (E, por fim, em voz baixa, quase num murmúrio:) Eu quero Jesus! Mas não sei como procurá-Lo... É por isso que eu te disse, é por isso que lutava. As religiões nunca me mostraram. Então, que diferença fazem elas?

– Meu querido, você está pensando em termos de dogmatismo e nós estamos te mostrando o caminho do Evangelho, do amor. Esquece as religiões. Vem conosco. Nosso companheiro vai te levar. Muito obrigado pela sua veemente e dramática confissão. Aceite o nosso respeito muito profundo pela coragem que você teve aqui hoje. Vai com o nosso irmão. Vai em paz, repousa um pouco. Depois voltaremos a conversar, está bem?

– Houve uma época em que fui feliz. Eu era jovem, pobre e gostava tanto dos passarinhos, dos cães, dos gatos, dos animais. Eles nunca me traíram. Os homens, sim.

– Não. Você está fixado numa doutrina que é falsa. O que acontece conosco é uma resposta àquilo que fizemos. Você sabe disso. Você acabou de dizer que os que buscam a pompa não sabem o que os aguarda. Portanto, as traições que você sofreu foram provocadas por você mesmo. Aceite-as para que você possa começar a buscar o outro caminho, o caminho da volta. Nós estamos aqui. Nunca deixamos de estar. Com as nossas falhas, nossas imperfeições, mas tentando seguir Aquele que é o nosso Mestre.

– Escute, meu amigo. É a última coisa que te falo nesta noite. Para quem não tem uma consciência tranquila, a vida é um inferno, é uma verdadeira fuga.

– É, mas agora você não vai fugir mais. Vai conquistar a sua tranquilidade de consciência através do trabalho da regeneração. Não vai ser fácil, você

sabe muito bem, mas você terá todo o apoio daqueles que o amam.

– Onde quer que você se esconda o inimigo está ali...

– É, porque está dentro de nós mesmos. Vá, agora, em paz!

Esse foi, assim, um daqueles que, depois de colocar as mãos no arado, olhou para trás e recuou. Não sejamos muito rigorosos com ele. Não foi o único que falhou. Afinal, como ele afirma, era apenas um homem, uma criatura que sofre. O impulso generoso de servir ali estava, bem como o desejo de proclamar por toda a parte a sabedoria atemporal daquela extraordinária personalidade de quem recebeu o mandato do amor, mas os testemunhos estiveram acima das suas pobres forças humanas. A humilhação, a incompreensão, o repúdio e, por fim, o desencanto consigo mesmo, a decepção, a fuga, a revolta, o desvario. No fundo, porém, a constante daquela consciência atormentada e o chamado permanente do Cristo a falar da distância dos milênios: “Ide e pregai!” Ele quis servir desde a primeira hora e foi fraco ante a adversidade dos testemunhos que a tarefa exigia. Quis servir depois, buscando o Cristo por toda a parte, mas não podia deixar de ver, também, o interesse pessoal, a desonestidade aberta, a falsidade, e até a opressão, em nome de Jesus.

Nessa procura, se perdeu, mas a vida continuava, os pensamentos lá estavam, e mesmo a “lavagem cerebral” a que se submeteu voluntariamente foi apenas um paliativo para permitir que ele mergulhasse no atordoamento da atividade, qualquer atividade, mesmo que não acreditasse nela, contanto que o fizesse esquecer-se de si mesmo. Talvez, se pudesse apagar o Cristo do coração dos homens, faria calar a voz que o chamava ao cumprimento do dever para consigo mesmo. Talvez... A essa altura, não sabia mais, nem esperava mais nada, senão aturdir-se, para esquecer que perdera séculos e séculos na busca inútil.

Depois de tantos desatinos, foi encontrar a sua imagem vazia e patética no reflexo do olhar pacificado de um daqueles companheiros de antanho que, tomando junto com ele o arado, não voltou a cabeça para trás e seguiu em frente. Em algum ponto do caminho, Jesus promoveria o reencontro com o amigo, com o passado, com a paz, com a fé, com o amor.

## 20. As três dracmas

O principal ingrediente do trabalho mediúnico de resgate é o amor – tão puro quanto possível, misturado à ganga das nossas imperfeições ou degenerado em ódio. Creio poder dizer, por extensão, que o diálogo com os companheiros desatinados pela dor secreta alimenta-se da emoção. Jamais é uma troca fria de palavras sem sentido; movimentam-se por detrás da mera expressão verbal do pensamento paixões candentes, e muitas vezes percebemos nas pausas e nos silêncios o tumulto que se agita nas profundezas daquelas almas atormentadas.

Ao abrirmos cada sessão, nas noites de segunda-feira, nunca sabíamos ao certo que colheita de emoções, de imprevistos e de impactos nos estava reservada, mas estávamos sempre certos da infalível proteção divina, da constante presença do Cristo, através de dedicados trabalhadores da sua seara. (“Onde dois ou mais se reunirem em meu nome, aí estarei eu entre eles.”)

O episódio cujo relato aqui se apresenta sob o título de “As três dracmas” caracterizou-se por excepcional carga emocional, não apenas pela força da liberação de tremendas pressões interiores milenarmente reprimidas, como também pelo inesperado envolvimento do nosso doutrinador. Quanto às identificações, o leitor já conhece a nossa posição e compreende as razões que nos induzem ao silêncio, mesmo porque o interesse da narrativa está no seu denso conteúdo humano, ao qual nomes, datas e menção a pontos geográficos e históricos nada acrescentariam.

Seja dito que o nosso doutrinador tinha uma vaga intuição da identidade do manifestante, mas seria imprudência encetar um diálogo desses com ideias preconcebidas que poderiam facilmente levar-nos a trilhas falsas e até perigosas. Convém destacar neste breve texto introdutório o admirável brilho dessa inteligência, a força do seu caráter e o notável senso poético da

sua linguagem figurada.

O espírito experimenta considerável dificuldade de incorporar-se. Respira pela boca, em largos e profundos haustos, como se lhe faltasse ar. Durante o tempo em que o doutrinador pronuncia as palavras de saudação inicial, ele se debate aflitivamente. Esperamos que se acomode à organização mediúnica, a fim de não atropelá-lo para falar antes que para isso tenha condição.

Quando, afinal, consegue assumir os comandos da situação, manifesta-se em agudo estado de cólera, chamando o doutrinador de cão infiel e ser abjeto, e ordenando-lhe imperiosamente que se curve para falar com ele. Como certos pormenores são de vital importância nessa fase de tateamento, o doutrinador procura manter-se atento e, ao mesmo tempo, sereno, sem nenhum sinal exterior de tensão e, por isso, nota dois aspectos aparentemente irrelevantes, mas que provarão ser de enorme importância para destravar aquele complexo mecanismo psicológico que mantém o espírito preso às suas aflições: em primeiro lugar, apesar de sua fúria, ele não considera o doutrinador como seu inimigo – “Inimigo não posso dizer que você seja” –; em segundo lugar, é evidente que a tonalidade da voz do doutrinador faz ressoar nele uma corda qualquer, secreta, que o agita, a despeito de si mesmo, e que será preciso descobrir ao longo do diálogo.

– Você é um ser abjeto – diz ele –, se posso falar assim... Que devia estar curvado. Ser abjeto! Não me fale! Não use comigo nada do palavreado que estou acostumado a ouvir porque já o conheço!

As ameaças continuam e ele previne ao doutrinador que se prepare “para enfrentar o que você por muito tempo desejou”. Pouco adiante acrescenta: “Esta noite vai ser memorável para você”. O timbre da voz, no entanto, é o tema recorrente. Se ele pudesse faria calar o homem que lhe fala:

– Há certos seres – diz ele – aos quais é preciso cortar a língua, porque para nada ela serve. Precisa ser cortada.

E mais adiante:

– Essa voz... Essa voz que é impossível de ser tolerada...

O doutrinador prossegue o diálogo pacientemente, aguardando a

oportunidade e tratando de sondar com muito tato e carinho as profundezas das suas aflições e as razões do seu desalinho espiritual.

– Há várias maneiras de se atingir (uma pessoa) – volta ele a insistir. – Pode-se atingir com uma fala macia, como a sua, que pode ser tão cortante como um chicote.

Pouco a pouco, vai-se esvaziando de sua cólera inicial e começa a ser mais razoável. Fala de sua importantíssima obra, da sua posição espiritual:

– Sou uma alma que serve, que ama, que ampara, que socorre, que esclarece, que ilumina e guia – diz, mais calmo e convicto da justeza do seu trabalho.

Às vezes deixa escapar uma frase ou outra de desalento ou desencanto, mas está longe de ceder. Quando o doutrinador lhe fala de sua capacidade de realização, exortando-o a colocá-la a serviço do bem, ele responde, algo dúbio:

– Falta provar a mim mesmo que posso vencer.

Atribui, porém, o fracasso da sua obra, no plano terreno, às insuficiências humanas. “O homem é uma decepção constante”, diz. O doutrinador lembra que “os homens somos nós”.

Aos poucos, vai-se desdobrando o painel das suas motivações mais profundas.

– O seu Cristo já está morto para muita gente.

Na sua concepção, se não fosse assim haveria uma só ideia, um só pensamento, o Dele, e todos o seguiriam. Acontece que a mensagem do Cristo, no seu entender – e aqui está novamente o habitual *slogan* dos equivocados –, essa mensagem “rebaixa o homem” e “Deus quer que o homem se levante, sacuda a poeira dos seus erros e continue”.

– De qualquer maneira? – pergunta o doutrinador. – Oprimindo?

– Como puder! – é a resposta.

Quanto à sua posição pessoal, tinha a sua gente, que o Senhor lhe havia confiado, e competia-lhe liderá-la. Acreditava-se, portanto, um pastor do porte do Cristo, a quem o Pai confiara uma missão em paralelo. Não há dúvida de que acreditou ser possível igualar e até superar o Cristo, como ainda veremos.

– Sou um líder. Tenho amor pela minha obra. Não é orgulho. Muitos me chamam, me invocam, confiam em mim. A muitos tenho ido aplacar a sede. A minha verdade não aprisiona, ela liberta, clareia.

O mal estava com os homens, que tudo corrompem, porque são “enganosos, venais, têm interesses e paixões”. Os homens...

Quando o doutrinador lhe diz que ele “está fugindo do passado com medo do futuro”, ele tem uma frase inesperada, em tom baixo, de desalento:

– Você faz as coisas mais profundas parecerem simples na sua boca.

Lentamente, muito lentamente, vemos a força sutil e invencível do afeto e do respeito a despontar numa ou noutra expressão que ele deixa escapar. Não é respeito pela posição de hipotética superioridade do doutrinador, e sim, respeito pelo ser humano, ao qual um dia a amizade o uniu.

À medida que o doutrinador vai colocando suas observações repassadas de uma ternura inexplicavelmente pessoal pelo espírito, este vai-se desarmando:

– Você me faz sentir tão tolo como alguém que estivesse querendo aprisionar o ar, diz ele.

Que bela expressão! A essa altura, o doutrinador já tem confirmada no seu espírito o que de início era apenas uma intuição acerca da identidade do querido companheiro. Só não sabia onde, quando e como haviam sido amigos. Ante certos conhecimentos que o doutrinador revela, ele pergunta, já quase completamente serenado:

– Andou lendo a meu respeito?

Era verdade. Por um desses inexplicáveis *flashes* de intuição, sem dúvida implantado do mundo espiritual, o doutrinador havia adquirido recentemente uma biografia dele para estudar-lhe a personalidade, na esperança vaga, e àquela altura altamente improvável, de algum dia encontrar-se com ele.

– Você me tem em conta muito alta – diz ele. Sou simplesmente um homem falível.

Quanto àquela personalidade histórica que ele viveu, reconhece agora que foi um equívoco. Fora o *simum*<sup>2</sup> que cobrira de areia os olhos de muitos. Via-se agora diante de um mar imenso, não tinha barco para navegá-lo e ali

mesmo já se afogara.

– Não quis barco; confiei nos meus próprios pés. Achei que podia caminhar pelas águas e atravessá-las, mas não pude.

É nesse ponto que confirma seu desejo de imitar e superar o Cristo. Quando o doutrinador o convida a voltar sobre seus passos para reconstruí-los, ele tem uma daquelas perguntas desconcertantes:

– Por que você me obriga? Quer que me desnude?

Além do mais, confessa que, ainda que tivesse barco, não teria remos e não seria possível remar com as próprias mãos.

Confessa, a essa altura, que o doutrinador o desviou do objetivo que o trouxe ao grupo.

– Você veio – diz o doutrinador – para conversar com um velho amigo. E você pensou que o odiava.

– Vim aqui porque não tinha mais nada a fazer... Porque era inevitável. Porque a força mesma das coisas me forçou, me impeliu.

E fica a se perguntar, em voz baixa, em prolongado solilóquio:

– Foi coragem? Ou foi covardia?

Nesse ponto, oramos e, ao terminar, ele começa a revelar algo de mais profundo:

– Por que o Cristo tinha que nos fazer tão pequeninos?

A seguir, uma confissão reveladora:

– Não sou mais... Já não sei mais o que sou. Entrei aqui tentando ser algo que já não era mais.

Novamente, esse valoroso e amado companheiro comprova o seu profundo sentimento de lealdade e coragem moral. Demonstra, por outro lado, uma atitude frequente no espírito que comparece a uma sessão desse tipo. Não que lhes seja habitual entrarem já derrotados. Longe disso. Ao se incorporarem ao médium, ainda não renunciaram à luta, que é a essência daquilo que procuram realizar. Ao contrário, são muitos os que vêm fazer uma tentativa a mais, das muitas que fizeram, um esforço, às vezes sobre-humano, para continuarem a ser o que pensam que são. Colocam nas frases iniciais da sua fala todo o impacto da veemência e até da agressividade. É a marca iniludível do desespero, o debater impotente do peixe que já foi

colhido nas redes do arrependimento ou que se deixou relutantemente apanhar pelo gesto inequívoco de amor fraterno. Quando ele comparece ao trabalho mediúnico, as suas perspectivas de resgate são boas, embora não infalivelmente certas. Depende muito da maneira segundo a qual se desdobra a conversa e de como ele sente no doutrinador as respostas, muitas vezes inarticuladas, às suas ânsias e ao seu secreto desejo de paz.

A conversa, nesse ponto, é perfeitamente amistosa. O espírito fala das decepções que aguardariam o doutrinador no mundo espiritual, ao verificar o verdadeiro conceito que certos homens, a quem procurou servir, formulam acerca do seu trabalho pessoal.

– Meu irmão – diz o doutrinador –, isso é suficiente para me fazer mudar o rumo? Trabalhamos para os homens ou para Deus, que a todos nós traz em Seu coração? Você sabe que vivemos Nele. Não podemos fugir de Deus. A opinião dos homens é irrelevante se estamos convencidos de que nosso trabalho é de Deus. Se o Cristo fosse considerar a opinião dos homens nem teria vindo aqui. Também as palavras dele foram distorcidas. Você vai dizer que estou tentando me comparar com Ele. Não é. Você acabou de dizer que Ele é grande demais para nós e, no entanto, não é grande demais para nos amar.

O espírito ouve em silêncio e oferece algo ao doutrinador. Algo pequeno, contido na mão direita fechada e voltada para baixo. Este é um momento da mais transcendental beleza nesse tocante episódio. Ouçamos o que tem ele a dizer:

– Eu, um dia, recebi estas três dracmas. Você não conhece essa passagem.

O doutrinador pensou que as moedas tivessem algo a ver com o peixe que o Cristo ordenou que se pescasse para pagar o tributo.

– Não sei se posso dizer que estas são aquelas moedas – diz ele. – Não sei... Mas estas... Teriam sido aquelas? Não... Estas três dracmas recebi de alguém que está aqui.

Diz as palavras, separando-as por longos silêncios, nos quais suas emoções adquirem uma consistência que fazem daquele um momento solene, um marco de uma jornada, término de uma longa caminhada e início de outra ainda mais longa e infinitamente mais bela. Não. Não era em pagamento de

uma taxa. Era para que um dia ele as devolvesse.

– Não sei porque guardei toda a vida essas três dracmas – diz ele, como se falasse consigo mesmo. – Eu as recebi no dia em que escolhi outros caminhos, como um selo de amizade, para que eu as devolvesse um dia... Estranho, não é, que eu as tenha guardado?

– Não – diz o doutrinador. – Não acho estranho, não. Acho muito belo, muito comovente.

– Porque deveria devolver estas três dracmas, dizia... ele (note o leitor a pequena hesitação no ponto em que aparece a reticência), no dia em que eu reencontrasse o caminho.

– Que beleza!

– Beleza? Não sei...

Seguem-se longos minutos de silêncio e luta íntima, como se ainda relutasse e hesitasse. Por fim:

– Não. Isto tudo é muito difícil!

– Sei que é difícil – diz o doutrinador. – Quem dissesse a você que é fácil estaria mentindo. E não vou mentir a você. É difícil, sim, mas é preciso.

– O que é preciso? Que eu devolva as três dracmas?

– Não. Que você se devolva a Ele.

– Que eu devolva as três dracmas? – repete. – Posso dividi-las. Quem sabe elas pertencem a cada um de vocês?

Ainda reluta. A verdade integral ainda não veio à luz.

– Quem sabe? Mas é esse o problema? Isso aí é apenas um símbolo. Não é isso. Não são as dracmas que ele deseja.

– Onde estavam as três dracmas? – volta ele ao solilóquio. – Impossível que as tenha carregado tanto tempo. (Para.) A impressão que vocês me estão dando é a de que este é um momento solene.

– E não é?

– Eu não sou nada.

– Nenhum de nós é nada, mas todos temos a potencialidade da perfeição. Todos chegaremos lá um dia, como outros já chegaram.

– Fui o simum que passou e formou muitas dunas, cobriu muitos cadáveres, sufocou muitas esperanças. Você sabe o que é o simum?

Continuarei a ser um simum.

– Não. Nisso não concordo com você. Absolutamente. Você está esquecido das ligações com todos aqueles que o amam? Que não deixaram de amá-lo e que vão ajudá-lo agora?

– De que maneira? Se entre mim e eles há todo um deserto... Há um deserto e não tenho camelos. Você sabe que existe um deserto entre mim e eles. Uma distância, é isso que quero dizer.

– Distância existe, sim, meu querido. Como existe entre nós e nossos companheiros que vão lá na frente. Não pense você que estou na frente, não. Estou aqui com você, com outros...

– Mas, meu amigo, sempre que surge uma caravana, ela nunca chega toda ao destino. Muitos ficam. Muitos ficam pelo caminho. Poucos conseguem atravessar.

Chamamos novamente a atenção do leitor para a beleza transcendental da sua linguagem, a segurança com a qual se utiliza de símbolos e de imagens de alto poder sugestivo, a poesia das suas expressões, a sinceridade da sua autoanálise, o desencanto consigo mesmo e até o profundo e inesperado senso de humildade no reconhecimento do erro.

Subitamente ele interrompe o curso do diálogo e pergunta:

– Você não quer guardar as três dracmas?

O doutrinador estende-lhe a mão e o espírito deposita-lhe algo (invisível) ali. E fala, sem muita convicção, como se acabasse de cumprir penosa tarefa de maneira não de todo satisfatória:

– Assim já me desobrigo.

O doutrinador julga que as dracmas invisíveis deverão ser entregues a algum amigo espiritual presente, que teria vindo por causa do nosso amado irmão. Ele confirma que sim, o seu amigo estava presente. Para que teria vindo?

– Para chorar a minha vergonha? Para olhar para mim e dizer assim: “Contempla o teu fracasso!”

– Isso é vergonha? Abrir o coração e encontrar amigos? Ninguém vai dizer isso a você. Não seria justo. Você não está fracassando hoje. Hoje é que você começa a libertar-se.

– Não falo do fracasso de hoje. A minha gente perdeu-se pelo deserto porque o guia ficou muito deslumbrado com o Sol. Você conhece o sol do deserto. Ele pode deslumbrar mesmo. Apesar de tudo, continuo (sendo) Chefe.

Falam de pontes para cobrir abismos e, em seguida, o doutrinador lhe diz:

– Você teve muitos séculos para meditar sobre essas coisas. Tenho um sentimento de profunda reverência pelas angústias que você experimentou, mesmo no atordoamento da ação, dos seus planejamentos, das suas tarefas, porque, no fundo do seu ser, sempre esteve presente aquela insatisfação, o desejo de seguir com os companheiros. E você, a pensar que estávamos lá longe, quando estamos aqui com você.

– Seguir com os companheiros, como? Quando eu tinha tantos para levar comigo...

– Você vai levá-los, mas será pouco a pouco. Você vai retornar sobre seus passos.

– Já lhe disse que a minha caravana perdeu-se no deserto.

– Não. Ninguém se perde de Deus. Somos todos ovelhas do mesmo rebanho.

– Fui o simum que levantou a areia e cegou muitos olhos.

– Foi. E daí? Não é mais. Todos nós tivemos o nosso deserto, o nosso simum, e o trabalho que fazemos aqui, junto de você, é exatamente este, meu querido, porque da caravana do Cristo alguns ficaram para trás. E não podemos deixá-los, porque os amamos. Então, voltamos sobre os nossos passos. Não são muitos passos, são poucos, porque, entre nós e Ele, a diferença é tão grande que, entre nós e você, a diferença é nenhuma. Por isso voltamos para buscar aqueles que se retardaram. Por que você não pode vir conosco se vamos buscar os seus?

– Você me trouxe aqui quando eu já não tinha mais forças. Por isso me estou entregando a esta conversa. Não adianta mais. Não tinha mais forças para continuar.

Refere-se ao esvaziamento da sua organização, empenhada em dar combate à obra de Jesus. Alguns dos seus mais dedicados companheiros haviam sido recolhidos e dentro dele permanecera apenas o desencanto de

séculos muitos de luta inglória, de tensões, de vitórias parciais que eram apenas adiamentos temporários e de grandes derrotas íntimas.

– Não tenho para onde ir. Não vou mergulhar outra vez nesse mar. Ainda não sou leve o bastante para caminhar sobre as águas. Vou afundar. Não tenho barco e não tenho remos. (Faz uma pausa e diz:) Já fui tão grande! Você já viu o espetáculo de uma montanha a desmoronar-se? Ver toda ela por terra? E você olha assim e não há mais elevação. Só uma planície e destroços... A terra toda revolvida... A montanha que desmorona não pode mais reerguer-se. Falta a força das moléculas que a mantinha ali. Aquela força de atração desintegrou-se. Não há mais maneira, e seria uma loucura você começar por um grão de areia para formar novamente uma montanha. Levaria a vida inteira, séculos, para reconstruir, quando a montanha já caiu. Não vou mergulhar outra vez nesse mar!

O espírito contempla, obviamente, a magnitude da tarefa reconstrutora, a possibilidade de voltar para refazer tudo a partir do pequeno grão de areia inicial. Mas, ante aquele areal em que se converteu a sua montanha desmoronada, por onde começar? Como levantar montanhas com grãos de areia movediça? Desintegrou-se a força que os mantinha unidos...

– Se a montanha caiu – argumenta o doutrinador –, é porque era falsa, era transitória.

– Não. Não era. Houve um abalo, um terremoto, qualquer coisa.

– Ela durou algum tempo. Se caiu, não era obra de Deus. Você se lembra da palavra de Gamaliel? Se a obra é de Deus, não podemos destruí-la; se é dos homens se destruirá. Não adiantam as nossas paixões; um dia ela cai. E você é o ser que crê.

– Gamaliel era um velho que perdeu também as suas ilusões. Ele estava iludido.

E, de repente:

– Onde você colocou as dracmas?

– Não eram para dar ao seu amigo?

– Mas você não as deu...

– Quer que eu dê? Tome, dê você.

O doutrinador lhe devolve as moedas (para ele, invisíveis) e o espírito as

recebe de volta.

– Três dracmas – diz ele a contemplá-las. – Nada valem hoje.

– Estas valem mais do que todos os tesouros da Terra, porque trazem você de volta à paz espiritual que vai ter que ser construída.

– Não existe paz. Nenhum homem jamais terá a paz.

– Tem sim. Eu tenho, você também pode ter. Ele nos doou a paz. Estão em nós os recursos para construí-la.

– Nós todos estamos vivendo uma loucura. Este momento não existe!

A sensação de irrealidade nos assalta, às vezes, quando o momento que vivemos nos parece tão absurdo, tão fantástico, que se reveste das características de um sonho bom ou de um pesadelo, segundo a categoria das emoções que experimentamos nele.

O doutrinador observa:

– Acho que nunca houve tanta realidade como neste momento, em que você teve a coragem de enfrentar as suas próprias esperanças. Eu te agradeço, meu irmão, do fundo do ser...

– Esperanças? Que esperanças?

– Você não tem? Não está desesperado, aquele que está em Deus. E você está em Deus.

– Não tenho esperanças, nem desesperanças. Você não vê que tenho tranquilidade? Tenho a tranquilidade, meu amigo, da fatalidade, que conheço e que preguei. Por isso estou aqui, porque estava escrito que estaria aqui, porque não adianta lutar contra o destino.

– Você está aqui porque no seu passado construiu este momento. Não é destino. Nosso destino nós é que o condicionamos. As nossas ações de hoje são as reações do futuro.

– Você fala uma linguagem muito estranha.

Nesse ponto ele apresenta mais algumas observações e manifesta desejo de retirar-se, prometendo voltar, pois, no momento, alega nada ter mais a conversar. Diz que nada se deve esperar, porque nele não há o que despertar.

É natural que pressinta as tormentas que começam a agitar-se nele. Queixa-se de que não se está sentindo bem. Algo se processa dentro dele

que não entende.

– Não acredito no que se está passando aqui, neste recinto. Não posso crer. Quem sou eu? (A típica confusão de identidade, quando a individualidade começa a mergulhar no campo do atemporal em busca do passado).

Fica a repetir a pergunta e, depois:

– Aquela montanha... (Longa pausa.) Quem sou eu? Você não me leva lá... Você não me leva lá.

O tom é mais o de um pedido do que de uma negativa, quase uma súplica, mas a regressão é uma necessidade inadiável neste ponto. O estranho, neste caso, é que a regressão o leva não a uma vida anterior, mas a um estágio em que ele se encontrava no mundo espiritual, desencarnado, pois era precisamente ali que se localizava o que chamamos de núcleo da sua problemática. E, assim, começa ele a pensar alto:

– De repente estampou-se isso na minha frente. Para que eu olhe? Para quê? Ver a minha imagem refletida? Está vendo as águas? Elas se movimentam. E vejo formas ali dentro. Vejo alguém chegando: um belo jovem, com uma túnica branca, junto a uma figura cujo rosto está coberto. Entregam a esse jovem um pergaminho... Um pergaminho que é o símbolo. Ali estão as instruções.

O espírito revê o momento mais crítico da sua carreira evolutiva: aquele em que é investido da missão de realizar determinada tarefa de grande importância entre os encarnados. É hora de calar-se o doutrinador, tanto quanto possível, porque o espírito precisa daquele solilóquio, a fim de que o fluxo das suas ideias se alimente das suas memórias, no recolhimento e nas longas pausas que separam uma frase da outra e até uma palavra da outra. É um momento quase místico, profundamente tocante, quando a alma se desnuda e fica sozinha diante de si mesma, sob o intenso foco luminoso da verdade. É um momento de respeito, de seriedade, de ternura, quando ela precisa de apoio e compreensão. Ela só pode fazer isso, devassar ante outras sensibilidades a sua intimidade, se confiar totalmente nas pessoas ali presentes. Por isso as testou sob todos os aspectos, desde as rudes ofensas iniciais, até a palavra final de perplexidade, passando pelo desencanto e

pelas especulações filosóficas. Nesse caso, como em tantos, o espírito assegura-se de que o doutrinador não se escandaliza com os desacertos, pois também tem os seus próprios, tanto quanto não aplaude e admira aquilo que ele diz ser a sua glória ou a sua grandeza. Em suma: o irmão está diante do irmão e, portanto, pode desvelar a sua intimidade.

Prossigamos.

– O pergaminho... As instruções... para que o jovem leve. Mas é pergaminho ou não é? Não é. (Ainda tenta fugir.) Estranho! Por que está enrolado?

Esse é um belo simbolismo para expressar a dificuldade que tem o espírito em realizar, na carne, as tarefas que traz consigo, não na consciência da vigília e sim no “pergaminho enrolado” do inconsciente, sob forma de matriz invisível, que ele deve e pode materializar na ação. Mas também pode falhar, seja não a realizando, seja distorcendo-a, seja utilizando a autoridade espiritual de que vem investido para promover suas ambições e não o bem-estar do irmão que precisa de esclarecimento, de socorro, de ensinamentos, de assistência, de orientação.

E ele repete:

– Por que está enrolado? Você está vendo?

– Você sabe o que ele contém – diz o doutrinador, quase num sussurro, para não interferir com o fluxo das recordações.

– São instruções... Instruções para levar para os homens! – grita ele, enquanto a crise se desencadeia e aprofunda em todo o seu ímpeto. Rompe-se o dique, afinal:

– É *O livro da vida*, dizem eles... (E, em voz mais baixa:) É *O livro da vida*... (E volta a falar em altos brados:) É *O livro da vida*! Você não está ouvindo essa frase que está vibrando? Este eco... aqui dentro? “Ide e pregai! Ide e pregai!” (O último já é dito em pranto desesperado, quando fica a repetir dramaticamente o suave comando do Mestre, que em tempos idos ele próprio ouviu, entre outros. Sua aflição é indescritível e impossível de ser contida.)

– Não posso ouvir. Está vibrando na minha cabeça! “Ide e pregai!”

Repete a expressão em variados tons de dor. Chora e se contorce,

enquanto o doutrinador procura acalmá-lo com expressões de carinho e sustentação.

– Onde está o pergaminho? Onde está? Que fiz dele? O que eu fiz dele?

Fixa-se por algum tempo nessa nova pergunta, que repete entre soluços de desespero.

– Onde está? Eu perdi... Onde? Onde?

– Escuta: você vai ter oportunidade de retomar a sua tarefa.

– Não posso! Não tenho tarefa. Onde está o pergaminho? Ele era tão luminoso! Era um pergaminho luminoso... Não! Isto é uma loucura! Que um raio me fulmine! Que um raio me fulmine neste instante! Tirem-me o entendimento! Tirem-me o senso todo! Tirem este fogo! Tirem-me este fogo daqui! Este fogo que queima... Tire!

E repete as expressões sob muitas formas e tons, aos gritos e aos sussurros, em pranto, sempre, desesperado. E depois:

– O pergaminho!... O pergaminho!... Estou só.

Quando o doutrinador lhe pede a mão para fortalecê-lo na crise, ele se recusa.

– Não posso – diz ele num sopro quase inaudível. – Não posso.

E após alguma hesitação, em que repete a sua recusa, diz, afinal, ao doutrinador, causando a este terrível impacto:

– As três dracmas... são suas dracmas!

Segue-se um silêncio denso de emoção e ternura. O doutrinador também não tem o que dizer, porque, a esta altura, nada mais seria capaz de fazer senão misturar suas lágrimas às do amigo e irmão que os séculos lhe devolveram. Por fim, ele retoma:

– Que loucura! Como é que se morre? Como é que se acaba?

– Somos imortais e o amor também é imortal.

– Eu perdi o direito a isso. Não sou digno. Não fui digno Dele.

– Nenhum de nós é digno Dele. Não é só você, meu querido. Nenhum de nós. Quem de nós poderia chegar a Ele e dizer: “Eu sou digno de ti, Senhor!”?

– Eu não fui digno... Não fui digno. Ó meu Deus... Ó... O pergaminho... O *livro da vida*... Eu achei que podia...

A tarefa que lhe foi confiada, ao que se depreende, não era superior as suas forças e a sua capacidade, mas, ao extrapolar as diretrizes que trouxe (as instruções), tomando as rédeas nas mãos, o suporte espiritual lhe foi retirado e ele perdeu o controle da situação. Seus guias tentaram por inúmeras vezes recuperá-lo. Não faltaram advertências, mensagens e instruções, mas elas se perderam como pequenas sementes de trigo no muito joio que o semeador descuidado plantou para tantos colherem. Portador de uma mensagem transcendental (*O livro da vida*), investido da respectiva autoridade espiritual e contando com o apoio de Mais Alto, deixou-se fascinar pelos recursos de que dispunha e, em vez de mero veículo da Mensagem, passou a alimentar a ilusão de ser maior do que Aquele que o enviara, pela segunda vez, com o chamado sublime: “Ide e pregai!” É esta a essência do seu drama: “O guia ficou muito deslumbrado com o sol”, disse ele.

O doutrinador não sabe mais o que dizer. É momento, pois, de orar:

– Ó Senhor! Termina aqui uma longa jornada de agonias e começa uma nova jornada de esperanças. Aqui está o nosso amado companheiro. Recebe-o, Senhor, nos teus braços...

Num fenômeno que ocorre, às vezes, o espírito começa a ter ânsias terríveis de vômito seco, como se expelisse as tenebrosas substâncias que por tanto tempo envenenaram seus sentimentos e toldaram a sua visão espiritual. É um estado de aflição indescritível. Ele se debate e continua a expelir os fluidos pesados que o afligem. Em seguida, desprende-se, deixando o médium, como se pode imaginar, terrivelmente exausto e aturdido.

Este é o diálogo. Com um mínimo de retoques, sem glamurização.

Como o leitor certamente entendeu, o manifestante e o doutrinador foram companheiros de pregação da mensagem de Jesus nos tempos heroicos do cristianismo nascente. Um dia, porém, separaram-se, porque um deles preferiu outros caminhos, outros rumos e experiências. Continuavam amigos, mas não é difícil imaginar a pungente melancolia daquela despedida, e as dores que pousaram no coração do que ficava.

Era preciso marcar aquele momento de alguma forma, com um simbolismo que um dia (um dia!) servisse para demonstrar que os vínculos entre os espíritos são indestrutíveis, inquebrantáveis, por mais voltas que dê o mundo, por mais que a vida se desdobre pelo Universo a fora. Então, o que ficava, remexeu o alforge surrado e pobre à procura do símbolo. Possuía pouco, quase nada, porque a recomendação do Amigo Maior era indiscutível: não levariam prata nem ouro – apenas o bordão, a sandália, a túnica pobre. Comeriam do que lhes fosse dado, porque esse era o único salário material daquele trabalho sem fronteiras, no território bravo do coração dos homens. “O trabalhador é digno do seu salário”, disse Ele, para que não se envergonhassem os seus pobres arautos da comida que aceitassem.

Da velha bolsa, ele retirou três moedinhas e entregou- as ao amigo.

– Leva isto, meu caro.

E, como se profetizasse:

– Você me devolverá essas três dracmas no dia em que reencontrar o seu caminho.

O outro sorriu um sorriso melancólico e pensou consigo mesmo. “Isto nunca há de acontecer, mas para que desapontar o amigo que continuo a estimar?” E, por isso, limitou- se a dizer:

– De acordo. Um dia... quem sabe?

Deus sabia. Partiu dali e andou por muitos caminhos. Era um espírito empreendedor e dinâmico, inteligente e dotado do senso poético da vida. Os homens o seguiam, naturalmente, porque era um líder nato.

Não se sabe por onde andou e o que fez durante algum tempo. Um dia, porém, séculos mais tarde, julgou estar pronto para a tarefa mais crítica da sua vida. Seria também um teste, pois ele ansiava por alcançar os companheiros que haviam seguido pela estrada principal, a despeito de suas asperezas. Dentre eles, alguns haviam caminhado muito e uma distância maior se colocara entre eles e os outros. Muitos, porém, estavam apenas a um dia ou dois de marcha e com um esforço maior seria possível alcançá-los e, então, seguiriam todos juntos. Mas, como a tarefa era também um teste, havia o risco de falhar, dado que esse ingrediente imponderável está sempre

ali presente, na contextura do ser humano. Ele achou que podia realizar o trabalho redentor. Suas feridas estavam cicatrizadas. Foi-lhe assegurada a indispensável cobertura espiritual para que ela se realizasse, segundo cuidadosos planos de vastas conseqüências. O treinamento foi intensivo, o preparo espiritual rigoroso, pois a responsabilidade era grande.

Chegou, afinal, a hora da investidura. Em nome da equipe com a qual ele trabalhara no planejamento da missão, o mentor veio entregar-lhe o pergaminho luminoso que continha as instruções programadas. Recebeu-o com emoção indescritível, num momento de solene e expectante doação. Incumbia-lhe levar de volta à Terra *O livro da vida*, que os homens haviam novamente posto a serviço de suas paixões mais tenebrosas. A doutrina do amor precisava começar por toda a parte a carreira interrompida.

Renasceu com as dificuldades próprias aos missionários, viveu os primeiros anos na obscuridade humilde, entretido na luta áspera da sobrevivência, entre aquela gente que lhe competia atrair, arrastar para cima, quando começasse sua escalada espiritual. Ao contrário disso, ele resvalou e caiu com eles. O primeiro teste a falhar foi o da riqueza. Foi a primeira (e grave) de muitas (e graves) concessões. Provavelmente, seus mentores espirituais ainda nutriam esperanças a respeito dele, mas começavam a ficar apreensivos.

Pouco depois, começou a verificar que trazia consigo o dom da liderança e que, quando ordenava, os que estavam à sua volta cumpriam as ordens. Descobriu que era maravilhoso assistir à conversão de sua vontade em atos. Daí em diante foi praticamente impossível conter-se e, em breve, em lugar de discípulos e companheiros empenhados em disseminar a luz, tinha guerreiros atrás de si.

Desapontados, os mentores espirituais recolheram às regiões superiores o pergaminho luminoso que continha uma nova transcrição de *O livro da vida*.

Vencera nele, contra a melhor expectativa dos seus amigos e a dele próprio, aquele ingrediente negativo, sempre presente na estrutura do ser distanciado da perfeição.

Do ponto de vista humano, regressou vitorioso ao mundo espiritual e, por

isso, diria ao doutrinador mil e tantos anos depois: “Eu fui tão grande!”. Mas, reposto na verdadeira posição espiritual, também diria minutos depois daqueles mil e tantos anos, ao mesmo doutrinador:

– Fui o simum que levantou a areia e cegou muitos olhos...

Ao retornar, nessas condições, entre a grandeza humana e a miséria espiritual, viu que crescera a distância que um dia pretendia reduzir entre ele e os seus companheiros. Agora mesmo é que não poderia tão cedo alcançá-los. Talvez nunca... nunca mais... E mesmo que o conseguisse, como se apresentaria diante deles? Com o estigma do fracasso? Com a humilhação da derrota? Lendo nos olhos deles, não a censura, nem a repreensão, mas o desapontamento? E nas palavras impronunciadas, a vibração da compreensão, mas também da melancolia, pois é sempre triste assistir ao espetáculo da falha no irmão em quem se depositou tão larga parcela de esperança.

Esse episódio teve, como de hábito, uma sequência que o encerrou. Ou melhor, que encerrou uma fase para abrir outra.

Como o leitor deve saber, o trabalho de resgate desses companheiros segue determinada estratégia. O grupo mediúnico começa a trabalhar primeiro nos arrabaldes, recolhendo, na medida do possível, os obreiros de menor influência. À proporção em que esses vão sendo neutralizados, comparecem os mais destacados e, finalmente, o chefe resolve ir, pessoalmente, para a última e desesperada tentativa, quando tudo vale, desde a rude agressão verbal até a sutileza da oferta de acordo, passando, antes, pela ameaça velada ou aberta.

Já a essa altura, porém, a estrutura da organização está cedendo aqui e ali. Faltam dirigentes menores e já se vagaram vários comandos importantes. À falta de ordens, a disciplina se desmorona, pois se trata habitualmente de um grupo tremendamente heterogêneo de espíritos, unidos exclusivamente pelo medo e pelo interesse de preservarem-se do temido encontro com a realidade.

Por outro lado, o próprio ambiente “físico” em que vivem, entra igualmente em processo de desagregação, pois não estão mais ali as mentes

que o criaram e sustentavam. A desordem e o pânico se instalam rapidamente e, não raro, a revolta também, de toda aquela multidão agoniada, difícil, contida a duras penas sob férreo regime disciplinar.

Uma vez afastado, afinal, o líder, a organização entra em colapso. Os remanescentes não recolhidos escapam em busca de outras instituições ou ficam a vagar sem rumo e sem objetivos, como robôs desarranjados.

Era esse o estado daquela organização, até há pouco poderosa, na noite que se seguiu à dramática e emocionante conversa com o líder que a sustinha e dirigia.

O grupo mediúnico teve, ainda, duas visitas daquela instituição: a do assessor principal do chefe e a da esposa deste, uma jovem voluntariosa, habituada a ter satisfeitos todos os seus caprichos. É óbvio que a fúria com que se apresentaram concentrava-se toda no doutrinador, que teve de exercitar com redobrado cuidado sua paciência, tolerância e amor fraterno para suportar bem as impetuosas agressões verbais.

Certamente, seria instrutivo reproduzir aqui os diálogos sustentados com ambos, mas é preciso manter o livro dentro dos limites razoáveis.

Lembramo-nos, porém, da impetuosa imaturidade da esposa. Evidentemente ela estava desesperada ante a partida do marido que tudo abandonara inexplicavelmente, depois de tantos séculos de fidelidade à sua inexpugnável instituição, mas, naquela torrente inesgotável de reclamação agressiva, notava-se muito da sua inconformação em perder suas regalias principescas como primeira-dama daquele estranho universo. Não sabia nem vestir-se sozinha, confessou-nos. Tinha à sua volta um exército bem adestrado de escravas para servi-la e transformar em realidade seus menores desejos e caprichos.

No seu desespero, e ainda não convencida de que todo o poder que sustinha se lhe esvaíra das mãos, ameaçava o doutrinador com um estranho recurso: colocaria na sua vida uma mulher, para transviá-lo de seus deveres domésticos e outros, o que, certamente, não se realizou...

Quanto a ele, o assessor, sua atitude era de comovedora fidelidade ao líder, o que é perfeitamente compreensível. Amava-o como a um pai e o respeitava como o chefe infalível de tantas campanhas memoráveis, pois o

seguia há muitos e muitos séculos. Uma coisa em especial o aturdiu: nunca soube que o chefe guardava aquelas três dracmas em algum lugar secreto do seu reduto mais íntimo. Provavelmente, mesmo que ele as houvesse encontrado algum dia, não saberia por que ali estavam. O segredo daquelas dracmas pertencia a duas criaturas apenas neste mundo, mas o fato de tê-las conservado um deles significa claramente que ele guardava também no coração a esperança de um dia poder devolvê-las ao seu legítimo dono, ainda que fosse quase dois mil anos depois. Era dura a condição a ser preenchida: a retomada dos caminhos. E ele perdera o rumo e o roteiro da volta! Só se aquele mesmo companheiro viesse buscá-lo e reclamasse as suas dracmas...

Ele veio, com a graça generosa de Deus e o suporte amoroso de Jesus.

---

<sup>7</sup> Vento abrasador que sopra do centro da África para o Norte (Dicionário Aurélio).



Esta edição digital foi convertida com base na primeira edição. O texto principal foi composto em Goudy Old Style 11/14,4, as notas de rodapé em Times New Roman 9/14,4 e os títulos em Wedding Nightmare 27/41. Clarissa Penna realizou a revisão, André Stenico elaborou a capa e Bruno Tonel desenvolveu o projeto gráfico do miolo.

Setembro /2020